UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

DANILO ALEXANDRE GALHARDO

**Lugares do Passado: abordagens geográficas e arqueológicas para o estudo
de sítios pré-históricos no noroeste paulista**

Versão Corrigida

São Paulo, SP
2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

DANILO ALEXANDRE GALHARDO

**Lugares do Passado: abordagens geográficas e arqueológicas para o estudo
de sítios pré-históricos no noroeste paulista**

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências (Geografia Humana).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Padovesi Fonseca
Coorientadora: Prof.^a Livre Docente Neide Barrocá Faccio

São Paulo, SP
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo

G146l Galhardo, Danilo Alexandre
Lugares do Passado: Abordagens Geográficas e Arqueológicas
para o Estudo de Sítios Pré-Históricos no Noroeste Paulista /
Danilo Alexandre Galhardo; orientadora Fernanda Padovesi
Fonseca. - São Paulo, 2019.
312 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Arqueologia Pré-Colonial. 2. Paisagem. 3. Cultura
Material Ameríndia. 4. SIG. I. Fonseca, Fernanda Padovesi,
orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância da orientadora

Nome do aluno: Danilo Alexandre Galhardo

Data da defesa: 05/12/2019

Nome da Profa. orientadora: Fernanda Padovesi Fonseca

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23/01/2020

Fernanda Padovesi Fonseca

Nome: GALHARDO, Danilo Alexandre

Título: Lugares do Passado: abordagens geográficas e arqueológicas para o estudo de sítios pré-históricos no noroeste paulista

Tese de doutorado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana, da Universidade de São Paulo – USP, FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Aprovado em: 05/12/2019

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sílvia Corrêa Marques

Profa. Dra. Juliana Aparecida Rocha Luz Zago

Profa. Dra. Sara Raquel Mendes Cura

*“Aos indígenas no Brasil,
guerreiros de ontem e hoje.”*

Agradecimentos

À CAPES pelo incentivo à pesquisa e ao Departamento de Geografia da USP.

À professora Fernanda Padovesi Fonseca, pelo aceite da orientação, e por ter sido gentil e competente em todos os momentos.

À professora coorientadora Neide Barrocá Faccio, que faz parte da minha vida acadêmica desde seu início, em 2004, na FCT Unesp – Presidente Prudente, SP. Eterna gratidão por sua paciência e generosidade.

À minha família, pelos momentos de descontração, carinho e boa comida da mãe Rosely na paz do interior de São Paulo.

Agradeço pela parceria, na feitura dos mapas, de Ruy Monteiro e Eduardo Pereira, amigos desde os tempos da empresa WALM.

Aos amigos do Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem em Presidente Prudente – SP, pelas ajudas na curadoria das peças, análises e discussões.

Ao grupo de pesquisa coordenado pela Professora Fernanda, alunos e professores que, com suas exposições e debates, jogaram luz sobre minha pesquisa, ajudando a compreender com criticidade a relação dos mapas nos mais diversos campos da Geografia.

Ao professor Luiz Oosterbeek e ao grupo de arqueólogos e profissionais do Centro de Estudos Politécnicos em Mação (CEPMAC), Portugal, pelo aceite ao estágio e pelas inúmeras contribuições à essa tese.

Aos servidores da Prefeitura de São Paulo na área de Educação e à própria gestão da Prefeitura, pelo incentivo e permissão ao estágio no CEPMAC, Portugal.

À Mariana Ferreira, Rodrigo Santos, Rafael Machado, Larissa Figueiredo e Henrique Erdei, pela leitura cuidadosa da tese, no auxílio de normas e detalhes técnicos e, por fim, pelos “brilhantes desenhos” dos artistas Larissa e Henrique.

Aos amigos Juliana Luz Zago, Rodrigo Santos, Renata Garcia, Márcio Bredariol, Renata Novais, Carem Scapin, Brendo Camargo e Flávio Santos, pelas conversas, risadas e bons momentos de ócio.

Resumo

Neste trabalho estudou-se as paisagens e as coleções artefatuais de seis sítios arqueológicos pré-coloniais ameríndios: Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B, localizados na região noroeste do Estado de São Paulo, nos municípios de Pontes Gestal e Cardoso, bacia do Rio Turvo/Grande. Para o estudo dos contextos culturais foram utilizadas as potencialidades dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG), da Arqueologia da Paisagem e das Cadeias Operatórias de produção artefactual. Os objetivos estiveram centrados à percepção de padrões paisagísticos e de tecnologias de produção artefactual. Os resultados dessa pesquisa de doutorado indicaram que os sítios em questão, já muito impactados por ações antrópicas da agricultura moderna, estão associados ao Sistema Regional de Povoamento Ameríndio Aratu-Sapucai, com elementos técnicos de grupos ceramistas Tupiguarani presentes, em pequenas parcelas, nas coleções cerâmicas, indicando tênue influência ou contato de distintos grupos ameríndios no norte paulista, em uma escala de tempo e espaço não precisados. Essas características culturais de contatos entre Aratus e Tupis, não raras, aproximam esses contextos arqueológicos no noroeste e norte paulistas de outras zonas brasileiras, especialmente do Triângulo e sul mineiro.

Palavras-chave: Arqueologia Pré-Colonial, Paisagem, Cultura Material Ameríndia, SIG, Cadeia Operatória, Aratu-Sapucai e Tupiguarani.

Abstract

In this research we studied the landscapes and artifactual collections of six Amerindian pre-colonial archaeological sites: Turvo 1, 2, 3, 4, 5A and 5B, located in the northwest of São Paulo, Pontes Gestal and Cardoso, Turvo / Grande River basin. For the study of cultural contexts the potentialities of Geographic Information Systems (GIS), Landscape Archeology and Artifactual Operation Chains were used. The objectives were centered on the perception of landscape patterns and artifactual production technologies. The results of this doctoral research indicated that the sites in question, already heavily impacted by anthropic actions of modern agriculture, are associated with the Aratu-Sapucai Amerindian Regional Settlement System, with technical elements from Tupiguarani pottery groups present in small collections in the collections. ceramics, indicating the slight influence or contact of different Amerindian groups in the north of São Paulo, in a scale of time and space not needed. These cultural characteristics of contacts between Aratus and Tupis, not infrequently, bring these archaeological contexts in the northwest and north of São Paulo closer to other Brazilian zones, especially the Triangulo and southern mineiro.

Keywords: Pre-Colonial Archeology, Landscape, Amerindian Material Culture, GIS, Operative Chain, Aratu-Sapucaí and Tupiguarani.

Lista de Figuras

Figura 1: Localização dos sítios arqueológicos pesquisados.....	21
Figura 2: Os processos de articulação entre os conhecimentos geográficos, arqueológicos e os SIG.....	34
Figura 3: Lascamento unipolar.....	47
Figura 4: Lascamento bipolar.....	48
Figura 5: Principais partes de uma lâmina.....	55
Figura 6: Classificação de Lâminas.....	56
Figura 7: Urna com tampa Aratu-Sapucai.....	69
Figura 8: Vasilha dupla Aratu-Sapucai.....	69
Figura 9: Distribuição das tradições arqueológicas (tipologia de sítios) na área do baixo Rio Grande.....	79
Figura 10: Recorte e destaque “tapuyers” no “Mapa da costa este da América do Sul, de Pernambuco ao estreito de Magalhães”. Autor: Pieter Van Der Aa (1706).	93
Figura 11: Caminho dos Goiases.....	100
Figura 12: Plano projectico de hú novo estabelecimento de Índios da Nação Cayapó situado na margem do Rio Fartura e denominado Aldeia Maria 1ª, etendo por oráculo a Sua Igreja N. Snr.ª da Glória como sevê do n.º 1º”, guardada no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa.....	104
Figura 13: Planta de Aldeia Jê, século XVIII.....	105
Figura 14: Atribuição de Isa Adonías a Colombina, Francisco Tosi (1751). Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa: Proximidades do Baixo Rio Grande. Vide a área do “Certão do Gentio Cayapó”.	110
Figura 15: Sobreposição SIRGAS 2000 e a “Certão do Gentio Cayapó”.....	112
Figura 16: Mapa etnohistórico de Nimuendaju (1987 [1944]) e a localização dos sítios arqueológicos pesquisados.....	114
Figura 17: Mapa Etno-linguístico do Planalto Central e Adjacências. 1700 d.C.....	115
Figura 18: Localização dos sítios arqueológicos Turvo, noroeste paulista.....	122
Figura 19: Sobreposição Sirgas (2000): “Mapa de vegetação. Estado de São Paulo ano 1910”.	124
Figura 20: Litologia no baixo rio Grande e na área dos sítios arqueológicos Turvo.....	132
Figura 21: Pedologia na área dos sítios arqueológicos Turvo.....	133

Figura 22: Altimetria no baixo rio Grande.....	134
Figura 23: Altimetria na área dos sítios arqueológicos Turvo.....	135
Figura 24: Declividade no baixo rio Grande.	136
Figura 25: Declividade na área dos sítios arqueológicos Turvo.....	137
Figura 26: Orientação das vertentes no baixo rio Grande.....	138
Figura 27: Orientação das vertentes na área dos sítios arqueológicos Turvo.....	139
Figura 28: Distância entre os sítios e os cursos de água mais próximo.....	140
Figura 29: Dispersão espacial dos artefatos nas áreas dos sítios Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B. Vide padrão retilíneo da distribuição artefactual, junto aos carregadores.	144
Figura 30: Dispersão espacial dos artefatos nas áreas dos sítios Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B. Vide padrão retilíneo da distribuição artefactual, junto aos carregadores.	145
Figura 31: Dispersão espacial dos artefatos nas áreas dos sítios Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B. Vide padrão retilíneo da distribuição artefactual, junto aos carregadores.	146
Figura 32: Dispersão espacial dos artefatos nas áreas dos sítios Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B. Vide padrão retilíneo da distribuição artefactual, junto aos carregadores.	147
Figura 33: Sítio Arqueológico Turvo 1: Implantação na paisagem.	151
Figura 34: Instrumento n.29 Turvo 1.	155
Figura 35: Núcleo n.47 Turvo 1.....	156
Figura 36: Núcleo n.9 Turvo 1.....	157
Figura 37: Seixo utilizado n.10 Turvo 1.....	158
Figura 38: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto	161
Figura 39: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto	162
Figura 40: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto	162
Figura 41: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto	162
Figura 42: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto	163
Figura 43: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	163
Figura 44: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	163
Figura 45: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	164
Figura 46: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	164
Figura 47: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	164
Figura 48: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	164
Figura 49: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	165
Figura 50: Vaso Profundo, boca constrita, contorno direto	165
Figura 51: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	165

Figura 52: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto	166
Figura 53: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto	166
Figura 54: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto	167
Figura 55: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto	167
Figura 56: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto	167
Figura 57: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto	168
Figura 58: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	168
Figura 59: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	168
Figura 60: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	169
Figura 61: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	169
Figura 62: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	169
Figura 63: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	170
Figura 64: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	170
Figura 65: Vaso profundo, boca ampliada, contorno infletido.....	170
Figura 66: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	170
Figura 67: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	171
Figura 68: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido.....	171
Figura 69: Sítio Arqueológico Turvo 2: Implantação na paisagem.	172
Figura 70: Núcleo n.18 Turvo 2.....	177
Figura 71: Lasca n.30 Turvo 2.....	178
Figura 72: Nucleiforme n.79 Turvo 2.....	179
Figura 73: Sítio Arqueológico Turvo 3: Implantação na paisagem.	181
Figura 74: Instrumento n.355 Turvo 3.	183
Figura 75: Instrumento n.112 Turvo 3.	184
Figura 76: Nucleiforme n. 356 Turvo 3.....	185
Figura 77: Lasca n. 354 Turvo 3.....	186
Figura 78: Vaso profundo, boca ampliada, contorno direto.....	187
Figura 79: Tigela Funda, boca ampliada, contorno direto	188
Figura 80: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto	188
Figura 81: Sítio Arqueológico Turvo 4: Implantação na paisagem.	190
Figura 82: Núcleo n.88 Turvo 4.....	193
Figura 83: Lasca n.351 Turvo 4.....	194
Figura 84: Lasca n.350 Turvo 4.....	195
Figura 85: Nucleiforme n.286 Turvo 4.....	196

Figura 86: Instrumento n.142 Turvo 4.	197
Figura 87: Instrumento n.11 Turvo 4.	198
Figura 88: Instrumento / núcleo n.253 Turvo 4.....	199
Figura 89: Núcleo n.117 Turvo 4.	200
Figura 90: Instrumento / núcleo n.302 Turvo 4.....	201
Figura 91: Lâmina n.6 Turvo 4.	202
Figura 92: Lâmina n.130 Turvo 4.	203
Figura 93: Lâmina n.1 Turvo 4.	204
Figura 94: Lâmina n.2 Turvo 4.	205
Figura 95: Instrumento n.315 Turvo 4.	206
Figura 96: Tigela rasa, de boca ampliada, contorno direto	208
Figura 97: Tigela funda, de boca constricta, contorno direto	209
Figura 98: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	209
Figura 99: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	209
Figura 100: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	210
Figura 101: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	210
Figura 102: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	210
Figura 103: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	211
Figura 104: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	211
Figura 105: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	211
Figura 106: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	212
Figura 107: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	212
Figura 108: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto e borda direta inclinada interna com incisão contornando o lábio.	212
Figura 109: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	213
Figura 110: Vaso profundo, de boca constricta, contorno direto	213
Figura 111: Vaso profundo, de boca constricta, contorno infletido	213
Figura 112: Vaso profundo, de boca constricta, contorno infletido	214
Figura 113: Vaso profundo, de boca constricta, contorno infletido	214
Figura 114: Vaso profundo, de boca constricta, contorno infletido	214
Figura 115: Vaso profundo, de boca constricta, contorno infletido	215
Figura 116: Sítio Arqueológico Turvo 5-A: Implantação na paisagem.....	216
Figura 117: Núcleo n.18 Turvo 5A.....	218
Figura 118: Lasca n.13 Turvo 5A.	219

Figura 119: Lâmina n.3 Turvo 5A.....	220
Figura 120: Sítio Arqueológico Turvo 5-B: Implantação na paisagem.....	224
Figura 121: Nucleiforme n.31 Turvo 5B.....	227
Figura 122: Núcleo n.150 Turvo 5B.....	228
Figura 123: Lasca n.330 Turvo 5B.	229
Figura 124: Nucleiforme n.35 Turvo 5B.....	230
Figura 125: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e.....	232
Figura 126: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e.....	232
Figura 127: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto e	232
Figura 128: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e	233
Figura 129: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e	233

Lista de Fotos

Foto 1: Colinas amplas e vertentes suaves na área dos Sítios Turvo.....	125
Foto 2: Parcelas de vegetação preservadas nas imediações dos cursos de água.....	125
Foto 3: Visada a partir da margem esquerda do rio Turvo, nas proximidades do sítio Turvo 2.	125
Foto 4: Cultivo predominante de cana-de-açúcar, com fundo de vale ao fundo.....	125
Foto 5: Córrego da Onça, próximo ao Sítio Turvo 4.	126
Foto 6: Planície de inundação próximo ao Sítio Turvo 3, local onde a equipe evidenciou presença de argila.....	126
Foto 7: “Ilha verde” em meio a plantação de cana e afloramento de rochas ígneas.	127
Foto 8: Lixiviação no solo.	127
Foto 9: Núcleo unipolar de silexito do Sítio Turvo 2.	128
Foto 10 e Foto 11: Lasca unipolar de arenito silicificado do Sítio Turvo 4.	128
Foto 12: Seixos e cristais de quartzo encontrados com facilidade na região dos sítios Turvo.	129
Foto 13: Curso de água entre os sítios Turvo 5A e 5B, presença abundante de suportes sobre seixo.	129
Foto 14: Cristal de quartzo componente da indústria lítica do Sítio Turvo 2.....	129
Foto 15: Seixos da indústria lítica do Sítio Turvo 4.....	129
Foto 16: Vide aspecto do latossolo presente na região com rochas ígneas, fragmentadas pelo maquinário agrícola.	131
Foto 17: Vide aspecto do latossolo presente na região.....	131
Foto 18: Caminhamento sistemático para marcação de peças em superfície.....	142
Foto 19: Vide marcação das peças em superfície.....	142
Foto 20: Trincheira padrão aberta na área dos sítios, em zonas com maior concentração de material em superfície.....	142
Foto 21: Perfis e cortes que evidenciam a homogeneização e revolvimento do solo nas áreas dos sítios.	142
Foto 22: Fragmentos cerâmicos em superfície.....	143
Foto 23: Diminutos fragmentos de cerâmica trazidos à superfície devido a ação antrópica recente.....	143
Foto 24 e Foto 25: Fragmento de borda.	160

Foto 26 e Foto 27: Fragmento de Fuso. Sítio Arqueológico Turvo 1.	160
Foto 28 e Foto 29: Fragmento de Parede com furo de suspensão.	160
Foto 30: Fragmento de bordas com incisão ou entalhe contornando o lábio.	160
Foto 31: Fragmentos paredes de vaso conjugado. Sítio Arqueológico Turvo 1.	161

Lista de Tabelas

Tabela 1: Categorias indústria lítica Turvo 1.....	151
Tabela 2: Classe de peças cerâmicas. Sítio Arqueológico Turvo 1.....	159
Tabela 3: Tipos cerâmicos.....	159
Tabela 4: Categorias indústria lítica Turvo 2.....	173
Tabela 5: Classe de peças cerâmicas. Sítio Arqueológico Turvo 2.....	180
Tabela 6: Tipo cerâmico do Sítio Arqueológico Turvo 2.....	180
Tabela 7: Categorias de fragmentos encontrados no Sítio Arqueológico Turvo 3.....	187
Tabela 8: Tipos cerâmicos do Sítio Arqueológico Turvo 3.....	189
Tabela 9: Categorias indústria lítica Turvo 4.....	191
Tabela 10: Categorias dos fragmentos cerâmicos evidenciados no Sítio Turvo 4.....	207
Tabela 11: Tipo cerâmico do Sítio Turvo 4.....	207
Tabela 12: Frequência da espessura das paredes de cerâmica do Sítio Turvo 4.....	208
Tabela 13: Categorias indústria lítica Turvo 5-A.....	217
Tabela 14: Tipos de categorias evidenciadas no Sítio Turvo 5-A.....	221
Tabela 15: Tipos de decoração presente no Sítio Turvo 5-A.....	221
Tabela 16: Categorias indústria lítica Turvo 5-B.....	224
Tabela 17: Tipos de categoria de fragmentos cerâmicos evidenciados no Sítio Turvo 5-B.....	231
Tabela 18: Tipos de decoração Sítio Turvo 5-B.....	231

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Sítios registrados nos municípios que compõem a bacia do baixo rio Grande, nos estados de São Paulo e Minas Gerais.....	80
Gráfico 2: Tradições ceramistas na bacia do baixo rio Grande paulista e mineiro...	81
Gráfico 3: Tradições cerâmicas inferidas na bacia do baixo rio Grande paulista.	82
Gráfico 4: Tradições cerâmicas inferidas na bacia do baixo rio Grande mineiro.....	82

Lista de Quadros

Quadro 1: Contextos culturais datados no baixo Rio Grande.....	83
Quadro 2: Datação por Termoluminescência dos Sítios Pesquisados.....	121
Quadro 3: Laminação de amostras líticas.	153
Quadro 4: Laminação de amostras líticas.	174

Sumário

Introdução.....	21
1. Interfaces necessárias: teoria e metodologia	24
1.1 Geografia e Arqueologia: a paisagem como conceito relacional.....	25
1.2 O Sistema de Informações Geográficas rumo a uma cartografia geográfica renovada.....	32
1.3 A Paisagem como objeto de totalidade	36
1.4 Metodologias para análise da paisagem e dos artefatos líticos e cerâmicos associados	38
1.5 Estabelecendo recortes para o estudo da paisagem.....	44
1.6 Análises líticas e cerâmicas.....	47
1.6.1 O material lítico lascado e polido.....	49
1.6.2 Análise cerâmica	57
2. O panorama arqueológico e histórico regional: possíveis origens, dispersões e permanências.....	60
2.1 A Tradição Aratu.....	67
2.2 A Tradição Arqueológica Aratu na bacia do baixo rio Grande e suas interações	73
2.3 Os documentos escritos: fontes históricas e etnohistóricas	89
3. Características geoambientais na área de estudo	119
3.1 Trabalho de campo na área dos sítios arqueológicos	141
4. Os sítios arqueológicos pesquisados: as paisagens e seus artefatos associados	150
4.1 Turvo 1	150
4.1.1 Líticos	151

4.1.2 Cerâmicas	159
4.2 Turvo 2	172
4.2.1 Líticos	173
4.2.2 Cerâmicas	180
4.3 Turvo 3	181
4.3.1 Líticos	182
4.3.2 Cerâmicas	187
4.4 Turvo 4	190
4.4.1 Líticos	191
4.4.2 Cerâmicas	207
4.5 Turvo 5-A.....	216
5.5.1 Líticos	217
4.5.2 Cerâmicas	221
4.6 Turvo 5-B.....	223
4.6.1 Líticos	224
4.6.2 Cerâmicas	231
Considerações Finais	234
5. Referências bibliográficas	238
Anexos.....	254

Introdução

Essa pesquisa de doutorado teve seu embrião nos projetos da Arqueologia Preventiva (Processo IPHAN n°. 01506.0001186/2009-15 na área da Usina Guariroba) que delinearam e aplicaram métodos e técnicas para a investigação e resgate dos sítios indígenas pré-históricos: Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B, localizados nos municípios de Cardoso e Pontes Gestal, SP (Figura 1), sob coordenação da arqueóloga Neide Barrocá Faccio, da FCT Unesp Presidente Prudente, SP (FACCIO et al. 2011; FACCIO et al. 2011/2012).

Figura 1: Localização dos sítios arqueológicos pesquisados

Fonte: Base Cartográfica Continua 1:250.000 (IBGE). Org. O autor (2018).

Os resultados dos trabalhos de campo mostraram-se muito profícuos à verticalização da pesquisa no nível de doutorado, pois existiam questões latentes à serem aprofundadas, dadas as características de implantação dos sítios na paisagem, a tecnologia de produção dos artefatos líticos e cerâmicos, predominantemente típicos da Tradição Indígena Aratu-Sapucaí (associada aos Jê do planalto central brasileiro), mas com presença de elementos cerâmicos que indicavam contato e/ou trocas com os vizinhos Tupi, bem como, a proximidade espacial e temporal dos contextos culturais Turvo.

Dessa forma, buscou-se na literatura especializada fontes textuais e apoios cartográficos, históricos e etnohistóricos, que pudessem oferecer subsídios às contextualizações humanas no passado e do meio físico-biótico no norte/noroeste paulista e Triângulo Mineiro, uma vez que essas sociedades agricultoras ameríndias estavam em estreita relação com o ambiente circundante e avanços mais concretos teriam como premissa a tentativa de “recompôr” a paisagem de outrora, pois as áreas dos sítios e as próprias paisagens adjacentes foram muito modificadas por ações antrópicas, especialmente após a segunda metade do século XX e a implantação de maquinários agrícolas pesados.

Nesse contexto, também foram necessários procedimentos de campo e laboratório que objetivaram estudos paisagísticos *in loco*, com trabalho de campo na área dos sítios e entorno e pesquisas de laboratório, com foco na paisagem atual e sua composição, em estudos tecnológicos e nas cadeias operatórias de produção dos materiais inorgânicos, como os líticos e as cerâmicas, importantes peças-chave para entender a relação desses índios com o meio e seus recursos, pois se apropriaram e utilizaram diferentes matérias-primas e fontes.

Ademais, nesse bojo, foi preciso entender a relação complementar (ou não) na produção artefactual entre as áreas dos sítios (relações inter-sítios), eventuais pontos de coleta e de manufatura utilizados e o estudo da distribuição espacial desses artefatos intrassítio, na tentativa de reconstituir as formas originais das aldeias.

O auxílio do Sistema de Informações Geográficas (SIG), de mapas históricos e atuais, de imagens, das pesquisas *in loco*, no campo e no laboratório, permitiram análises multiescalares e multidimensionais da paisagem cultural, assim, buscou-se relacionar os vestígios presentes nos sítios, não apenas com o entorno e prováveis áreas de captação e uso das matérias-primas, mas expandi-lo, a medida que era necessário uma articulação maior com a região, por exemplo, com o intuito de

entender a presença, densidade e duração da Tradição Aratu na região e de outras filiações culturais vizinhas.

Desse modo, foi interessante delimitar a área de estudo além do norte/noroeste paulista e englobar partes do Triângulo Mineiro, fazendo-se o recorte de investigação por toda a Bacia do Baixo Rio Grande, lado mineiro e paulista, regiões que, de acordo com a revisão bibliográfica, apresentam ligações e continuidades no tempo e no espaço quando o assunto é ocupação indígena e contexto extrarregional – contatos entre distintas culturas (FERNANDES, 2001; AFONSO, 2005; AFONSO; MORAES, 2007; RODRIGUES, 2014; FAGUNDES, 2015; LUZ ZAGO, 2017).

Os capítulos da tese foram organizados e expostos de modo a facilitar o entendimento dos procedimentos teóricos e analíticos utilizados, buscando na sinergia multidisciplinar entre a Geografia, a Arqueologia e a Cartografia empreender avanços para o estudo do processo de ocupação, uso do espaço e interações entre grupos humanos, tomando-se como recorte central os Sítios Turvo, suas paisagens culturais e seus artefatos associados. Desse modo, os capítulos são assim apresentados:

No **capítulo 1**, sob discussões conceituais de espaço e tempo, busca-se conectar as ciências geográfica, cartográfica e arqueológica para o ponto central e de convergência da pesquisa: O estudo das paisagens culturais dos Sítios Turvo e do potencial oferecido pelos seus vestígios materiais.

No **capítulo 2**, a pesquisa de documentos e mapas históricos, etnohistóricos, de trabalhos acadêmicos, empresariais e de órgãos competentes mais atuais permitiu situar o recorte de pesquisa e áreas adjacentes no espaço e no tempo, de acordo com seus processos de ocupação e interação entre grupos, desde o período pré-histórico, por meio das características dos vestígios materiais remanescentes até o conhecimento de “*ethos*” históricos, conferidos pelos portugueses e *neobrasileiros* aos ameríndios durante o período colonial até o início do século XX, quando foram vistos pela última vez na região.

O **capítulo 3** apresentou o trabalho de campo não interventivo desenvolvido na área, e dados da literatura especializada, como escopo às características físico-bióticas das paisagens estudadas e seu processo de modificação, conferindo assim, bases mais sólidas para as apresentações e interpretações vindas a seguir, no **capítulo 4**, e que mostram os resultados dos estudos das paisagens e dos artefatos dos sítios arqueológicos Turvo.

1. Interfaces necessárias: teoria e metodologia

A relação do espaço e do tempo nas pesquisas geográficas e arqueológicas é indissociável, sendo assumida conscientemente ou não. As sociedades em suas relações com o meio adaptaram-se de forma a desenvolver técnicas e hábitos que melhor suprissem suas necessidades e escolhas. Ao longo do tempo, o conhecimento acumulado e a produção material, de geração em geração, transformaram o espaço natural e o cultural, bem como as sociedades e suas relações. As descobertas no que concerne a natureza humana, dadas no tempo e no espaço, trazem pronta inteligibilidade do porque as sociedades modernas vieram a ser como são.

Em cada momento da vida, o homem cria uma estrutura material para produzir sua existência. Esta estrutura é composta pela história pretérita, pelos acontecimentos do presente e pelo embrião do novo (DEUS, 1995, p.109).

Santos (1996, p.72-74), discorrendo sobre o objeto e o enfoque da Geografia, aproxima as ciências geográfica e arqueológica, pois vê a existência dos objetos como sistemas dentro de um elo de criação humana que liga o passado, o presente e o futuro. As duas ciências se aproximariam pelo aspecto relacional entre o homem e o meio, os objetos criados de modo ideacional pelo trabalho humano carregariam tanto traços culturais (conhecimento da sociedade que os produziu) como materiais do meio. A Geografia se inclinaria pelo estudo do conjunto de condições características de diferentes épocas, mas a partir do presente podendo ir até o passado histórico. O autor *ibidem* ainda assinala que os geógrafos também trabalham com os objetos do presente, deixando subentendido que à Arqueologia importaria mais um caminho do passado ao presente, já que o objeto seria o único vestígio da ação humana. E, ainda, podemos adicionar que a diferenciação entre as disciplinas recai na complexidade das relações sociais estudadas e os resultados alcançados pela Geografia, já que os arqueólogos (pré-historiadores) não podem observar diretamente o comportamento da população que eles estudam e devem, por meio das técnicas e metodologias próprias da Arqueologia, durante as escavações, curadoria e análise dos artefatos culturais, recuperar dados que os auxiliem na interpretação socioespacial, utilizando-se de inferências por analogia dos comportamentos humanos no presente (TRIGGER, 2004).

Santos (1996), portanto, associa os diferentes tempos, tanto na pesquisa geográfica como arqueológica; ele assume que o objeto é fruto da materialidade das ideias e encontra-se dentro de uma dialética contextual, na qual: “[...] para ambas, o objeto é, primeiro, um dado, cujo exame permite, depois, a construção intelectual de sua realidade” (SANTOS, 1996, p.73). O autor em contexto examinou o conceito de espaço geográfico como dimensão da totalidade social, sob realidades socioeconômicas complexas e dinâmicas; trouxe luz à discussão de espaço e técnicas dentro da Geografia, no entanto, Fonseca (2007, p.86) alerta que essa concepção teórica-empírica tem contado pouco com representações cartográficas para se desenvolver.

As palavras de Santos (1996) acima trazem um cabedal de possibilidades à pesquisa, porquanto podemos acrescentar que um objeto ou dado, seja ele geográfico ou arqueológico, será mais bem compreendido se forem tomadas posturas interdisciplinares, as quais incluem o saber-fazer cartográfico, fazendo do mapa a peça imprescindível e integrada na análise e interpretação e não apenas um mero recurso ilustrativo e/ou instrumento assessório de localizações.

1.1 Geografia e Arqueologia: a paisagem como conceito relacional

Seria na Europa, sobretudo durante o Renascimento, que a concepção de paisagem como modelo estético ganharia corpo (CAVALCANTI, 2014; BESSE, 2006, 2014; CLAVAL, 2004; SALGUEIRO, 2001). Para Claval (2004, p.13-15) o termo paisagem é claro, surgiu no século XV sob a forma de *landskip*, que figuraria como representação de parte da natureza, e enquadrada seria percebida pelo observador como se ele estivesse diante de uma janela, por exemplo. A pintura estética, também ajudou a propagar a ideia de paisagem estática, ou seja, “aquilo que a vista alcança”¹ (BESSE, 2006).

Besse (2014, p.249-250), ao explorar a historiografia do conceito (europeu) de paisagem, observa que há uma linha de convergência entre uma abordagem fenomenológica da paisagem e outra direcionada mais a linha jurídica e política. Esta,

¹ Milton Santos (2008, p.67-68) mostra compreensão similar ao afirmar que “[...] tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca.

com base na distinção de B. Jackson (2003), poderia ser relacionada à ideia de “paisagem política”, cujos resultados estão ligados sobremaneira às decisões de um poder central e tem escala mais ampliada; enquanto o primeiro caberia ao que chamou de paisagem vernacular, paisagem habitada, e a escala seria reduzida para o palco do local: “Esse tipo de paisagem personifica nossa existência (o nosso estar no mundo) [...]” (BESSE, 2014, p.251).

A concepção pitoresca de paisagem foi produto *da* e *para* a libertação da paisagem do concurso divino “[...] tornando-a objeto de conhecimento e abrindo caminho à sua manipulação e transformação com diversos fins” (SALGUEIRO, 2001, p.39). As expedições marítimas durante os séculos XVI, XVII e XVIII e a expansão comercial ajudariam na percepção de outras formas relacionais de cultura e natureza, isto é, diferentes graus de apropriação e transformação da natureza pelo homem. Todos esses novos horizontes trouxeram questões geográficas e prepararam as condições para o desenvolvimento das ciências (ANDRADE, 1985).

Os descobrimentos marítimos, ampliando o horizonte territorial dos europeus, estimulariam consideravelmente o desenvolvimento da cartografia – técnica de grande utilidade para os geógrafos – e de livros de viagem em que eram descritos, em geral com evidente fantasia, os costumes e as paisagens das terras descobertas e a serem exploradas (ANDRADE, 1985, p.8).

De acordo com Gandy (2004, p.75-76), Humboldt e Ritter, os pais da Geografia moderna, já conceberiam as paisagens como a interação entre natureza e cultura, a ordenação e classificação tomariam a natureza em primeiro plano², mas já haveria considerações sobre os aspectos materiais das sociedades e determinados tipos de paisagens. Nesse bojo, após a segunda metade do século XIX, seriam crescentes as indagações, e ainda haveria frequente dicotomia, entre paisagens naturais e paisagens culturais – “[...] essa associação da paisagem e da cultura foi, em inúmeros casos, radicalmente reexaminada [...] foram poucos os estudos que conseguiram transcender a dualidade entre natureza e cultura” (GANDY, 2004, p.75-76).

Em diferentes contextos espaço-temporais, o tema paisagem foi certamente o mais recorrente entre as matrizes clássicas da Geografia moderna (E. Reclus, P. Vidal

² Para Humboldt, em sua obra “Cosmos” de meados do século XIX, as paisagens naturais seriam marcadas pelos padrões observados (conjunto de gêneros e espécies), de acordo com combinações como a zonalidade e altitude, ou seja, características climáticas e geomorfológicas.

de La Blache, J. Brunhes, M. Sorre, P. George, J. Tricart e R. Hartshorne) (MOREIRA, 2014). Em linhas gerais, essa Geografia científica que nasce próxima da virada dos séculos XIX-XX, carrega um forte antagonismo entre fragmentar-se (entre o viés que se inclina mais às características físicas do meio, unindo-se às ciências da natureza, e a outra dedicada sobremaneira aos aspectos sociais em determinados espaços) ou recuperar a sua visão holística e integral, desenvolvida pelos mestres Humboldt e Ritter (MOREIRA, 2014, p.16-20).

Segundo Moreira (2014), os estudos geográficos levados a cabo pelos mestres da Geografia Clássica, dentre eles está F. Ratzel³, variam consideravelmente em métodos e interpretações e não podem ser reduzidos em pechas, como “escola francesa” – possibilista e “escola alemã” – determinista⁴. Para o autor op. cit. seria apropriado pensar em matrizes geográficas (pensadores que influenciaram o desenvolvimento epistemológico da ciência geográfica), substituindo o termo “escola”.

A crescente especialização das ciências e o positivismo, no final do século XIX e primeira metade do XX, corroboraram para o afastamento da ciência geográfica e da cartográfica (MOREIRA, 2014; GIRARDI, 2000). Girardi (2000, p.41) afirma que a compreensão da real dimensão dessa relação é de extrema complexidade, pois:

[...] se de um lado, as atividades de registro e inventário dos lugares receberam a denominação de Geografia, desde, pelo menos, a antiguidade clássica, por outro, em determinado momento histórico, a Cartografia separou-se da Geografia, tomando corpo como disciplina específica (GIRARDI, 2000, p.41).

As pesquisas geográficas, amplamente baseadas em recortes regionais – corografia – e as pesquisas arqueológicas – áreas culturais – desenvolveram, especialmente durante a primeira metade do século XX, posturas historicistas e idiográficas muito semelhantes (VILLAFÁÑEZ, 2011). A matriz geográfica brasileira, originada na França em fins do século XIX e personificada por Vidal de La Blache,

³Nos livros de Ruy Moreira (2014) “O Pensamento Geográfico Brasileiro”, V.1, V.2 e V.3, o autor reconhece a importância das contribuições de F.Ratzel, mas não o inclui no debate como matriz que influenciou sobremaneira a Geografia brasileira.

⁴Confundindo alhos com bugalhos, Le Febvre, neste que é, diga-se com ênfase, um excelente livro (A Terra e a evolução humana. Introdução Geográfica à História, 1954), e como tal e nessa perspectiva crítica deve ser lido, designa a Geografia vidaliana de possibilista e a ratzeliana de determinista, a vidaliana justamente pelo vínculo com o historicismo francês e a ratzeliana por seu vínculo com o naturalismo alemão (MOREIRA, 2014, p.42).

contribuiu para essa aproximação, já que estava fortemente ligada à História naquele país (MOREIRA, 2014; GOMES, 2012; MORAES, 1987, 1989).

Paul Vidal de La Blache e seus discípulos utilizaram a Cartografia com intensidade, uma vez que a imagem cartográfica legitimava o método geográfico supracitado, assim os temas estudados eram representados sobre mapas “[...] cuja sobreposição compunha, não só a síntese cartográfica das estruturas e relações entre os componentes da vida regional, como também a concepção da unidade homem-natureza” (QUEIROZ FILHO; MARTINELLI, 2007, p.11). Nesse bojo, as áreas culturais – Geografia Cultural – de C. Sauer (2014, p.22-23) também eram interpretadas, com o auxílio da Cartografia, pelas sucessões de camadas ou marcas das obras humanas inscritas sobre a superfície terrestre:

Uma geografia desse tipo é, portanto, ciência de observação que utiliza a habilidade na observação de campo e na representação cartográfica e, no entanto, é também geográfica tanto nos seus métodos como em seus objetivos (SAUER, 2014, p.23).

Ademais, como destaca Seemann (2010, p.115), os mapas tinham função central nas pesquisas, eles eram essenciais para o registro das marcas visíveis das atividades humanas na paisagem, bem como mostravam aos leitores as localizações das áreas de pesquisa e os processos de difusão cultural. “O geógrafo mapeia a distribuição destas marcas, agrupa-as em associações genéticas, descreve-as desde a origem e sintetiza-as em sistemas comparativos de áreas culturais” (SAUER, 2014, p.23).

Para Sauer (2014, p.22-23), semelhante às concepções da antropologia cultural estadunidense e dos conceitos de gênero de vida e de região *Lablachianos*, a Geografia Cultural se interessaria pelas obras (marcas) humanas sobre a superfície terrestre, estas dariam às áreas culturais determinadas identidades de acordo com as características expressões humanas, possibilitando a comparação entre elas, especialmente diante das funcionalidades das áreas.

As fundações da escola de Sauer se aproximam das de Vidal de La Blache e seus alunos. A geografia cultural é também possibilista e a noção de gênero de vida, se associada àquela de região (segundo Vidal de La Blache), não está distante da idéia de área cultural (SANTOS, 2004, p.31).

Se há algo que une os pensadores geográficos, especialmente até a década de 1970, é a natureza eminentemente materialista de suas pesquisas. Mesmo a escola de Berkeley e o seu pesquisador mais destacado – C. Sauer – não escaparam das críticas de subjulgamento do homem nas pesquisas culturais (*supraorgânico*): “A cultura era vista como uma entidade acima do homem, não redutível às ações dos indivíduos e misteriosamente respondendo a leis próprias” (DUNCAN, 2014, p.64).

Os avanços científicos de Sauer foram substanciais de modo a entendê-lo em seu tempo nas pesquisas de campo, nas tratativas relacionais entre o homem e seu meio por intermédio da cultura, a importância da ação humana na produção e que a transformação da paisagem superaria a lógica inversa de influência do meio sobre o uso da terra (MATHEWSON; SEEMANN, 2008).

É inegável as semelhanças dos objetivos de pesquisa de Sauer, bem como de seus discípulos, e os estudos arqueológicos desenvolvidos à época, os quais tinham como pilar central o histórico-culturalismo⁵. “O objetivo primordial do historiador da cultura é colocar as coisas em ordem, cronológica e geograficamente” (GAMBLE, 2002, p.34, tradução nossa), para tal era fundamental a organização dos dados nas áreas culturais, o levantamento de seus históricos de ocupação e o entendimento dos processos ecológicos – processos adaptativos humanos – “ecologia cultural ou enfoque ecológico”, que em muitos casos foi complementar ao histórico-culturalismo.

Era grande o interesse de Sauer pelas civilizações pré-colombianas do México e América Central. Nos anos 1940, Sauer e seus alunos realizaram pesquisas nos acervos documentais da igreja católica no México a fim de estimar a população indígena, e acabaram por encontrar artefatos arqueológicos que comprovariam que a população nativa era muito maior do que se suponha (MATHEWSON; SEEMANN, 2008). Sauer e seus discípulos se valeram de escavações (técnica arqueológica de coleta de dados), uma abordagem que:

Sauer posteriormente iria chamar de arqueogeografia, um precursor da arqueologia da paisagem do presente, na qual paisagens inteiras em vez de sítios arqueológicos selecionados se tornam o foco das

⁵ Especialmente com relação à Arqueologia, Renfrew; Bahn (1998, p.34, tradução nossa) esclarecem que antes do final do século XIX, com muitos dados consolidados da Arqueologia moderna, especialmente o descobrimento das grandes civilizações, deu-se início a um período que se prolongou até 1960, aproximadamente, e que Gordon Willey e Jeremy Sabloff definiram como “período histórico-classificatório”. Seu interesse fundamental, como muito bem o caracterizaram, se centrou na cronologia. Realizou-se um grande esforço no estabelecimento de sistemas cronológicos regionais e na descrição do desenvolvimento da cultura em cada zona.

investigações e análises arqueológicas (MATHEWSON; SEEMANN, 2008, p.76-77, grifo nosso).

O paulatino avanço tecnológico, após a Segunda Guerra Mundial, trouxe expressivas mudanças nos meios de locomoção, comunicação e inovações computacionais. Como consequência, várias partes do planeta tiveram um crescimento nunca visto antes no deslocamento de pessoas, objetos e dados; os homens experimentaram outras formas relacionais entre si e com o meio. Assim, segundo os críticos da Geografia Clássica, a Corologia, método fortemente ligado às populações tradicionais, ficou aquém de responder questões da sociedade capitalista moderna (SANTOS, 2004, p.29-41).

A fragmentação no seio da ciência geográfica e as críticas sobre a falta de método levaram ao fortalecimento de linhas de pesquisas que as aproximavam das ciências duras e, conseqüentemente, do neopositivismo. Nesses termos, primeiramente a Geografia Quantitativa, depois a Teorética-Quantitativa e pôr fim a Nova Geografia, aquela que seria a consolidação teórico-metodológica dessa vertente e grande influenciadora das análises espaciais na Arqueologia (SEGURA, 2007).

Geógrafos e arqueólogos, ligados respectivamente a Nova Geografia e Nova Arqueologia, nas décadas de 1960 e 1970, de maneira semelhante, contribuíram para a difusão das tecnologias espaciais. Eles buscaram em seus estudos representar o espaço e os grupos humanos por meio de modelos de análise espacial, mapas de distribuição, padrões de assentamento etc. A euforia pela técnica computacional deixou subjacente, nessas “correntes de pensamento”, não a teoria em si, mas a diversidade e complexidade das relações humanas e culturais, pois seus objetivos centrais estavam atrelados às questões funcionalistas, adaptativas e no encaixe dos comportamentos humanos a padrões gerais – leis que pudessem ser generalizadas, facilitando comparações entre povos e áreas (RENFREW; BAHN, 1993; TRIGGER, 2004).

A cartografia geográfica teria dois polos distintos, um inclinado à Nova Geografia e outro à Geografia Crítica. Segundo Girardi (2000), a Nova Geografia levaria a cabo métodos e técnicas matemáticas que dariam suporte a modelos e análises espaciais, essa tendência se consolidou no chamado “*The Canada Geographic Information System*” (CGIS) na década de 1960. O sistema foi aperfeiçoado tecnologicamente nas décadas seguintes pelo governo estadunidense e

popularizado a partir da década de 1990 (BROTON, 2014). Atualmente, sem escapar das críticas, como veremos mais a frente, o Sistema de Informações Geográficas (SIG) acabou por reforçar a articulação entre a Geografia, a Arqueologia e a Cartografia.

O trabalho de J. Bertin sobre a semiologia gráfica⁶ (1967) estabeleceu as regras e as leis do sistema de signos para os mapas em uma época em que o desenvolvimento computacional ainda era incipiente. Esse trabalho objetivava que o receptor, em um primeiro olhar, apreendesse a imagem e seu conteúdo, ou seja, que o conjunto de signos fosse “[...] um desenho útil que dê uma resposta rápida às questões que o leitor se põe” (BORD, 2003, p.1), diferentemente de mapas, imagens, que frequentemente, por não obedecer a padrões visuais, se tornavam “mapas para ler”⁷ (BERTIN, 1988).

Bord (1997, p.4) ressalta que o importante intuito de Bertin (1967) não foi suficiente para estimular a renovação da Cartografia em Geografia. Ele ainda abre a questão de porque a semiologia gráfica foi tão pouco praticada e uma das respostas mais plausíveis a essa indagação seria dada pelo domínio das análises quantitativas e dos programas (*softwares*) cartográficos, como aqueles de SIG, que teriam corroborado para limitar as reflexões sobre a tradução gráfica da informação.

Nesse aspecto, a rápida evolução e a utilização das tecnologias espaciais continuam a andar a passos largos na frente da alfabetização cartográfica. As palavras de Levy (2003, p.1) abaixo ilustram bem essa afirmação:

Em geral, enquanto algumas evoluções estão surgindo no mundo científico e técnico em favor da diversificação dos objetos cartográficos, a formação dos usuários desses objetos não parece progredir no mesmo ritmo, no sistema educativo, nos meios de comunicação ou em outro lugar (LEVY, 2003, p.1, tradução nossa).

As facilidades atuais de acesso às tecnologias espaciais levaram um grande número de pessoas a elaborar seus próprios mapas temáticos, sejam aquelas ligadas

⁶ Conjunto de linguagens gráficas não-verbais e não-sequenciais de pretensão cognitiva, que produz figuras. Especialmente: linguagens que permitem representar os espaços por objetos analogicamente espaciais, entre os quais a carta. A gráfica se define como a ‘parte racional do mundo das imagens’ (BERTIN, 1967).

⁷ “Mapas para ler” são representações gráficas muito densas, poluídas, frequentemente não obedecem a uma ordenação visual, obrigando o receptor a demorar muito tempo a fim de entender a mensagem da carta.

a ramos empresariais ou na esfera acadêmica. O volume de dados produzidos trouxe à luz muitos equívocos cartográficos devido “[...] a ausência de conhecimento dos fundamentos da Cartografia em geral, e da Cartografia Temática em particular” (QUEIROZ FILHO, MARTINELLI, 2007, p.8). No entendimento de Queiroz Filho e Martinelli (*ibidem*) essa foi uma das razões pela qual o relacionamento entre profissionais voltados à Cartografia Temática e os de SIG, em seus primórdios, não foi integrado.

A essência do SIG é parecida com os pressupostos da escola *vidalina*, como as sobreposições (*overlay*) de mapas para fins comparativos, tomando-se diferentes e/ou complementares características espaciais e temporais; porém a vinculação a um método geográfico ainda é pouco discutida ou assumida (GIRARDI, 2000; MACHADO R., 2014). Nesse bojo, percebe-se resistências e dicotomias de partes de geógrafos humanistas ao uso de métodos quantitativos, úteis e até indispensáveis que facilitam a manipulação gráfica e de grandes volumes de dados espaciais (CAPEL, 2003; MACHADO R., 2014).

No entanto, esse panorama começa a mudar e já aparecem, aqui e ali, no ambiente acadêmico, manifestações de interesse pela cartografia automatizada, os SIG, as Tecnologias da Informação, o geoprocessamento e, notadamente, pelo uso da cartografia interativa na internet, por parte de geógrafos totalmente dedicados e envolvidos no Paradigma Humanista (MACHADO R., 2014, p.213).

1.2 O Sistema de Informações Geográficas rumo a uma cartografia geográfica renovada

Não há uma só maneira ou uma perspectiva correta de ver a paisagem a fim de analisá-la, nem mesmo um só sentido humano para tal – a visão, muito embora, quiçá, o mais utilizado. Como exemplificam Fonseca; Oliva (2013, p.36), Cosgrove nos mostra que “o ver” também é cultural “[...] aprendemos a ver graças a mediação comunicativa de palavras e imagens, e estas formas de ver se convertem em naturais para nós [...]” e prosseguindo sobre essa reflexão essencial, completa que a imagem adquire força de verdade, muito potencializada por que “[...] o racionalismo ocidental tende a equiparar visão ao conhecimento e a razão”.

As construções de como se ver e representar as paisagens geográficas e arqueológicas, sejam elas apreendidas por meio do contato direto do pesquisador em

seu “chão” propriamente dito, ou visto a 11 mil quilômetros acima da superfície da Terra através de imagens de satélite online, contém especificidades socioculturais, muitas das quais tácitas que necessitam sempre ser interpretadas à luz de seus contextos de origem e sob perspectivas sociais (HARLEY, 2005).

Em conformidade com Bord (1997, p.4), o que é mais prejudicial é a falta de debate, a ausência de reflexões sobre o mapa. Bord (1997), por meio de citações e exemplos da prática cartográfica na França, expressa-se escrevendo que os cartógrafos trilham pouco o caminho da reflexão. Na Geografia, a função dos cartógrafos é essencialmente prática e profissional, as ferramentas que servem a cartografia tornam-se cada vez mais dominantes, particularmente o SIG. Ele considera que, tanto para cartógrafos como para geógrafos, a reflexão teórica e epistemológica é quase ausente.

Fica evidente que o SIG não tem um fim em si mesmo, trata-se de uma ferramenta auxiliar que facilita as inserções, representações, acessos, análises e a exportação dos dados georreferenciados (RODIER, 2006). Permite ao usuário trabalhar com as informações em diferentes camadas, escalas e cruzar diversas variáveis como lhe convém (DYSON-BRUCE, 2003, p.65). Na **Figura 2** ilustram-se os processos de articulação entre os conhecimentos geográficos, arqueológicos e o SIG (para este último, leia-se também cartográficos):

Figura 2: Articulações entre os conhecimentos geográficos, arqueológicos e o SIG

Fonte: SOARES *et al.* (2010, p.172).

Como é visto na **Figura 2**, em um primeiro momento, pela leitura da paisagem e o cruzamento de variáveis do tipo “geoindicadores”, o SIG pode indicar os locais mais propícios de se encontrar sítios arqueológicos (Mapas de Potencial Arqueológico⁸). Em um segundo, quando as pesquisas em gabinete e em campo foram concluídas, ou seja, os dados foram coletados e estudados, o SIG pode ser útil como uma ferramenta que cruza diferentes variáveis e classes, arqueológicas ou não, ajudando o pesquisador a interpretar certos padrões e especificidades culturais. “Atualmente, a prática de análise espacial em arqueologia é indissociável do

⁸ Os parâmetros do modelo locacional, que permitem o mapeamento das áreas potencialmente favoráveis ao encontro de sítios arqueológicos, são fixados a partir de algumas situações de ordem universal, relativa aos padrões de assentamento, corroboradas por várias situações locais. Segundo Moraes *et al.* (1998), em uma primeira aproximação, os parâmetros podem ser subdivididos naqueles cuja função está ligada à moradia e naqueles onde ela está ligada a atividades extrativas (mineração e pesca) (NAZARENO, 2005, p.46).

desenvolvimento da utilização de SIG desde uma dezena de anos” (RODIER, 2006, p.3, tradução nossa).

A prática não fica imune das críticas, questionamentos teórico-metodológicos e ideológicos, já que os dados, suas fontes, a manipulação, a interpretação e os resultados são frutos de escolhas humanas em determinados contextos. Como em outros procedimentos, os SIG “[...] são instrumentos utilizados para realizar a síntese, e não sua metodologia. As maneiras de concebê-los e explorá-los estão vinculados a uma postura metodológica” (QUEIROZ FILHO; MARTINELLI, 2007, p.40). Assim, em suma, sendo uma produção humana, os mapas devem ser vistos como textos culturais e “[...] ao aceitar sua textualidade podemos abarcar diversas possibilidades interpretativas” (HARLEY, 2005, p.196).

O amparo do cientificismo nas ditas ciências “duras” expõe o que Harley (2005, p.192) chamou de defesa da “ética da precisão”. “Los mejores mapas son los que tienen una imagen acreditada de objetividad evidente”. Que não se esqueça, nesse sentido, é preciso “alfabetizar cartograficamente” um maior número de pesquisadores e escolares, rompendo com o imaginário que coloca a ciência dentro de uma redoma protegida por argumentos neopositivistas. Desenvolver posturas críticas e reflexivas sobre a epistême da disciplina é trazer à tona questões políticas e de relações de poder que afetam toda a produção de conhecimento.

Harley (2005) foi um dos principais teóricos da cartografia crítica. Seus pensamentos precursores trouxeram questões de poder, ideologia e vigilância, afirmando que não era possível o entendimento do mapeamento sem elas, e “Harley procurou situar os mapas como documentos sociológicos que precisavam ser entendidos em seus contextos históricos” (CRAMPTON; KRYGIER, 2008, p.90). Se apontamos em partes acima do texto semelhanças gerais entre a Nova Geografia e a Nova Arqueologia, não podemos deixar de fazê-lo aqui, também em relação a renovada Cartografia geográfica e a Arqueologia Contextual / Pós-Processual ou Interpretativa⁹. A semelhança principal entre elas, sem dúvida, são suas posições críticas sobre a produção do conhecimento, pois este não pode ser apreendido como imparcial, neutro e objetivo (HODDER, 1994).

⁹Abaixo do título de arqueologia interpretativa encontramos uma grande variedade de posições teóricas e uma intenção explícita de não fixar um objetivo reconhecido pela disciplina (GAMBLE, 2002, p.46, tradução nossa).

Nesse bojo, percebe-se que as renovações nas disciplinas vieram reivindicar um papel ativo para o ser humano, entendido como ser dinâmico em sociedade, agente de suas escolhas, o qual estabelece relações dialéticas em sociedade e com o seu espaço. Percebe-se, especialmente a partir da década de 1990, que não apenas as representações espaciais são revistas e questionadas, mas também a ideia de paisagem¹⁰, agora assumida contextualmente, em constante construção e reconstrução (MACHADO J., 2012).

1.3 A Paisagem como objeto de totalidade¹¹

Sem homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens (GEERTZ, 1989, p.61).

Assume-se a paisagem como conceito concreto e relacional, isto é, há uma conjunção de estruturas físicas que organizam e auxiliam na reprodução da vida social, articuladas aos lugares, sob diferentes formas de apreensão. “É falar de diversos códigos sociais que dão significação a uma mesma realidade física” (SEGURA, 2007, p.53, tradução nossa).

Assim, o conceito de lugar (*place*) não implica simplesmente em uma porção do espaço, mas em um lugar na medida em que se torna significativo desde a experiência humana, uma vez que participa da formação da existência do homem (TILLEY, 1996; ASHMORE; KNAPP, 1999; ZEDEÑO, 2000; THOMAZ, 2006; MACHADO J., 2012), passando a formar parte de mundos mais extensos de sentido e ação (ZEDEÑO, 2000; SMITH, 2003). Entende-se que a paisagem é fundamentalmente uma rede de relações entre lugares que carregam o passado (LARRAIN, 2012, p.16).

O ambiente se manifesta como paisagem apenas quando as pessoas criam e vivenciam espaços como um complexo de lugares. O senso de lugar das pessoas e de seu envolvimento com o mundo em volta

¹⁰As diversas concepções sobre o conceito de paisagem no tempo e nas diferentes correntes do pensamento podem ser vistas em: RODRIGUEZ, J.M. La concepcion sobre los paisajes vista desde la Geografia. Boletim de Geografia, 2006.

¹¹ De acordo com os preceitos de Marcel Mauss, Fagundes; Piuzana (2010, p.217) expõem sucintamente o que seria a “totalidade” ou “fato social total”: O modo de vida é dado por questões relacionadas ao social, mas não distanciadas da natureza, o que permite inferir que cultura e natureza são fenômenos de totalidade, em um sistema harmônico e interconectado, de forma a garantir uma unidade coesa e de equilíbrio entre ambos.

delas são invariavelmente dependentes de sua própria situação social, cultural e histórica (ASHMORE; KNAPP, 1999, p.21, grifo nosso).

O conceito de paisagem é polissêmico visto que diferentes percepções e definições podem coexistir, assim, seu enfoque é guiado de acordo com a perspectiva teórica e metodológica da pesquisa. A amplitude do conceito pode variar conforme o recorte territorial e o tema trabalhado, mas é certo que, em maior ou menor medida, o estudo da paisagem incluirá aspectos relacionais entre o homem e determinado meio, no tempo e no espaço (BESSE, 2014; VENTURI, 2004; SEEMANN, 2001; 2010; KNAPP; ASHMORE, 1999; LARRAIN, 2012; MORENO, 2013; FAGUNDES, 2014; 2010; MACHADO J., 2012; SEGURA, 2007; RODRIGUEZ, 2006; OREJAS, 1991).

A Arqueologia pós-processual incorporou novas posturas, não deixando de lado, contudo, os avanços de correntes anteriores. Para essa corrente teórica e para a Geografia cultural / humanista, a paisagem é entendida como “meio e produto da ação humana”, incluindo: aspectos cognitivos, emocionais, ideológicos e simbólicos da sociedade em seu ambiente (HODDER, 1994; CRIADO BOADO, 1999; ISNARDIS; LINKE, 2010; SEGURA, 2007; MACHADO J., 2012; TILLEY, 1996; ASHMORE; KNAPP, 1999).

A partir do campo da Arqueologia da Paisagem e para o viés dessa pesquisa, entende-se que as abordagens “naturais” e culturais se fundem, pois são nas variantes ambientais que se obtêm informações importantes quanto à dinâmica e organização social do(s) grupo(s), isto é, busca-se somar as características dos componentes físicos das paisagens e dos artefatos arqueológicos associados, sem se esquecer dos aspectos relacionais humanos, as escolhas e saberes que deixaram seus registros nesse universo contextual.

Nesse sentido, teoria e método devem caminhar conjuntamente, desde o campo e mesa do laboratório (durante a análise artefactual dos materiais líticos e cerâmicos, que vê os estilos culturais em profunda relação com o meio circundante, por meio dos estudos e interpretações de suas cadeias operatórias, economias de matéria-prima e aspectos comportamentais) até às construções de mapas e imagens que devem representar esses espaços de forma contextual.

1.4 Metodologias para análise da paisagem e dos artefatos líticos e cerâmicos associados

Há longa data, o homem desenvolve suas capacidades e habilidades cognitivas ao serviço da observação. Era necessário conhecer muito bem o meio circundante a fim de melhor programar suas estratégias de sobrevivência, como a caça, a coleta de diversas naturezas, a obtenção de matérias-primas para a confecção de seus utensílios cotidianos e até mesmo para escapar de predadores ou de inimigos de outras tribos.

Na pré-história o conhecimento do território percorrido e explorado era sinônimo de sobrevivência. Havia relações complexas entre as densidades dos recursos alimentares e a superfície total diária explorada entre os pontos temporários de permanência – de acordo com os pontos alimentares sazonais –, o sentimento de segurança no habitat e as fronteiras de contato com os territórios de outros grupos (LEROI-GOUHRAN, 1999 [1964], p.152).

O desenvolvimento de técnicas de domesticação de plantas e animais e a maior sedentarização de parte de grupos humanos permitiram certa estabilidade nas relações entre a massa alimentar e a superfície do território explorado. As distâncias percorridas diariamente foram diminuídas, conforme a indigeneidade¹² das paisagens aumentava, fato que indicou para alguns grupos a redução de suas escalas de exploração, mas de modo algum a redução da necessidade de conhecer muito bem as feições de seus territórios.

Desde esses tempos imemoriais o homem busca conhecer seus espaços de vivência e representá-los de acordo com seus hábitos culturais e materiais. Datações arqueológicas apontam que há cerca de 30.000 a 25.000 anos antes do presente (A.P) caçadores nômades pintavam e faziam gravuras nas paredes de grutas e abrigos rochosos por todo o mundo¹³ (MARTIN, 1999). Nesses locais é possível ver alguns cenários do cotidiano como a caça de animais e as práticas sociais. Nunca saberemos

¹²Indigeneidade se refere às maneiras tradicionais de conhecimento do mundo, imersas em culturas de pequena escala. Pode ser detectada em transformações primárias da paisagem, onde enriquecimento em espécies resultaram em melhorias ambientais, não degradação (BALÉE, 2008, p.9).

¹³“As primeiras manifestações estéticas estão representadas por pequenos objetos de osso e pedra ou estampadas nas paredes rochosas com tintas vegetais ou minerais nos cinco continentes. O surgimento da arte pré-histórica como um florescer simultâneo em várias partes do mundo tem a ver com os processos de hominização, da evolução e o aumento da capacidade craniana, ou seja, o aumento do volume do cérebro que permitiria o desenvolvimento dos processos de abstração no gênero homo” (MARTIN, 1999, p.245).

com precisão o significado dessas antigas representações parietais, mas elas, assim como os mapas atuais, por meio dos signos transmitiam uma mensagem ao receptor, marcando e identificando um determinado território para a sociedade que as produziu.

Para aqueles que estudam, em ampla acepção, grupos humanos atuais e pretéritos, o tempo e o espaço são categorias indissociáveis. É necessário um retorno holístico ao conjunto de categorias e variáveis de ciências que são próximas, mas se apartaram devido a especialização do conhecimento. Nesse cenário têmporo-espacial, é evidente a aproximação da Geografia e da Arqueologia, e torna-se quase redundante afirmar a importância do mapa para o conhecimento geográfico, e sua interpretação sob o viés da Arqueologia da Paisagem. No entanto, em muitos pontos, o distanciamento entre a Geografia e a Cartografia criou barreiras ao entendimento mais profícuo sobre a produção e a função dos mapas e como estes seriam utilizados pelos pesquisadores (FONSECA, 2007, p.86-89).

Nas pesquisas arqueológicas é de suma importância que a investigação, a interpretação e os resultados dos dados sejam amparados e apresentados de acordo com a perspectiva espacial (SILVA SANTOS, 2006). Os mapas de distribuição, em diferentes escalas, desde a planta de escavação do sítio até escalas regionais, sempre foram atividades essenciais no trabalho do arqueólogo (GAMBLE, 2002). Esses mapas conferem ao pesquisador melhor acurácia na investigação contextual, unindo, por exemplo, em representações estratigráficas, questões espaciais e temporais.

É recorrente nas pesquisas arqueológicas a constatação de implantações de sítios arqueológicos em posições estratégicas dos compartimentos. Percebe-se que, em muitos casos, a dificuldade de acesso ficava em segundo plano em relação à necessidade de ter uma visão ampla a partir de um ponto mais elevado do terreno, como foi didático perceber no sítio arqueológico “Topo do Guararema”¹⁴.

A tendência espontânea de qualquer observador é galgar uma posição elevada para obter maior amplitude na sua abrangência visual. Deixando o nível do chão, o olho ganha mais campo, porém perde a riqueza das visões possíveis ao levar em conta o ponto de vista, a

¹⁴ O sítio encontrava-se implantado em topo de morro de difícil acesso, a 100 metros da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul [...] Devido às características singulares do sítio, implantado em área elevada, com boa visualização de entorno [...] bom estado de conservação, optou-se por fazer a escavação pelo método dito etnográfico (CALDARELLI, 2016, p.19).

profundidade do campo com o arranjo dos planos verticais dos volumes (MARTINELLI; PEDROTTI, 2001, p.40).

O conhecimento do espaço é facilitado pelo reconhecimento estrutural da paisagem, ou seja, a percepção dos arranjos espaciais e suas feições. Até os dias de hoje, mesmo distantes dos perigos de outrora, nos sentimos mais confortáveis diante de uma paisagem estruturada e com múltiplos compartimentos (LANG; BLASCHKE, 2009).

A percepção da paisagem ao nível do solo, a partir de uma perspectiva central e auto referenciada, ajudou o homem ao longo do tempo na construção de seus cenários logísticos. Os ângulos dessa visada permitem ver diferentes compartimentações da paisagem, ao mesmo tempo em que o contato com o terreno propicia experiências sensoriais (BESSE, 2014). No entanto, e de fato, a visão de conjunto paisagístico poderia ser buscada a partir de outras altitudes e ângulos.

Ao atingir a visão quase vertical, aérea, até zenital, a paisagem torna-se praticamente a imagem fornecida por uma fotografia aérea. Apesar de perder as particularidades, essa visão ganha em termos de conjunto de percepção sinótica. Foi ela que motivou a representação da paisagem em mapa, dando-lhe cientificidade (MARTINELLI; PEDROTTI, 2001, p.40).

Nesse sentido, quando o ângulo de visada é modificado, aparecem novos padrões e outras percepções dos conjuntos paisagísticos. Essas variações de escolhas de como ver e de retratar a paisagem foram se modificando (e ampliadas conforme o avanço dos aparatos tecnológicos) ao longo da história, cedendo lugar a uma detecção cada vez maior em múltiplas perspectivas “[...] a paisagem parece um padrão de colcha de retalhos (*patchwork*)” (LANG; BLASCHKE, 2009, p.14).

As perguntas lançadas por Bord (1997, p.5) são norteadoras e ajudam os pesquisadores na estruturação, na concepção e função do mapa em seus trabalhos, dentre elas: Porque e quando o pesquisador é levado a construir um mapa? Como ele procede em seu encaminhamento? O mapa sustenta esse encaminhamento somente como suporte de comunicação, como elemento de referência e/ou, também, com função de pesquisa? Ademais, valendo-se dos questionamentos de Nunes (2016, p.98) para a convergência da cartografia com a arqueologia da paisagem (no caso a

autora discute no campo da geografia cultural humanista¹⁵) completamos: “Como um mapa representa a paisagem? Ou, em outro sentido, como “ler” uma paisagem a partir de um mapa?

Entendemos que pilares fundados nas respostas às perguntas de Bord (op. cit.) e a construção de um diálogo interdisciplinar constituem-se como caminho a ser trilhado nas pesquisas de Arqueologia da Paisagem. Não é possível compreender o modo de vida e a cultura de sociedades ameríndias, que no passado estavam estreitamente ligadas aos recursos naturais, se não houver vínculos consistentes teóricos e metodológicos com as ciências geográfica e cartográfica no levantamento e mapeamento de características ambientais e, se possível, das paleoambientais.

Vê-se que os mapas arqueológicos, frequentemente, têm suas concepções na geometria euclidiana¹⁶ e na projeção zenital. É também muito comum observar fundos de mapas topográficos. Esta última característica é ligada ao argumento de que sítios arqueológicos são mais bem representados quando associados as feições do relevo, uma vez que a escolha de um determinado compartimento para vivência é entendida de modo emblemático como um forte traço cultural.

O que é evidente na produção dos mapas arqueológicos é um apego ao tradicionalismo, quiçá, não por uma escolha, mas mais pelo profundo desconhecimento de alternativas, de outros *modus operandi*. Nesse sentido, os mapas vistos nos trabalhos arqueológicos, em grande parcela, estão longe das propostas da renovação cartográfica.

¹⁵ No decurso das construções interdisciplinares da arqueologia da paisagem, percebe-se estreita ligação com a geografia cultural humanista, são disciplinas muito próximas, pois como segue nas palavras de Cosgrove (2014, p.103): [...] porque toda a atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. Essa apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida (*genres de vie*) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos. A tarefa da geografia cultural é apreender e compreender essa dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço.

¹⁶ Numa definição restrita, o espaço euclidiano é aquele construído segundo uma métrica euclidiana, tendo como referência a geometria concebida pelo grego da Sicília Euclides (450-380 a.C). Esse espaço supõe a continuidade (nada de lacuna) e a contiguidade (nada de ruptura), mas também a uniformidade (métrica constante em todo ponto). É um caso particular do que em matemática denomina-se como “espaço métrico” [...] Ele é isótropo (as características de um ponto não dependem da posição), não admitindo mudança de passo na medida da distância. Ora, pode-se conceber espaços territoriais (contínuos e contíguos) não uniformes [...] O espaço de um pedestre podendo circular em todas as direções, porém confrontado às variações das declividades, funciona a velocidades horizontais variáveis – outro caso de métrica territorial não uniforme. Numa acepção mais ampla, pode-se denominar *paradigma euclidiano* a concepção que consiste a não imaginar outro espaço que não seja o euclidiano, recusando notadamente o recurso às métricas topológicas. Tal postura foi dominante na geografia tradicional, e ela permanece em cartografia (LÉVY, 2003, p.351).

Ao longo do tempo, a cartografia desenvolveu regras e normas técnicas (tradicionais), que ainda hoje precisam ser “reconhecidas”, porém, expandindo os horizontes, a própria renovação da cartografia contemporânea tem mostrado maneiras, fora das projeções geométricas euclidianas, que podem ser úteis e plurais em diversos tipos de representações espaciais, vide os exemplos das anamorfoses (CAUVIN, 1995; LEVY, 2008; PONCET, 2013), dos métodos de modelização gráfica¹⁷ (THÉRY, 2004, GONÇALVES, 2012) e em exemplos arqueológicos – topológicos (aqueles que transformaram concepções puramente funcionalistas e deram-lhes revestimentos mais humanizados) como “*site catchment*” (PELLINI, 2007; 2008).

Como fundamento inicial para a elaboração dos mapas arqueológicos propostos nessa tese, tem-se que os mesmos devam ser sinônimos de imagens, segundo as concepções de Bertin (1983, p.151 apud Girardi, 2008). É preciso que os componentes sejam representados por variáveis ordenadas. Dessa maneira, na elaboração do mapa imagem, a variável retínica deverá ser ordenada, uma vez que as duas dimensões do plano também são. Isso permite que as informações contidas no mapa imagem sejam apreendidas em um único “olhar”. Para Bertin (*op. cit.*) uma imagem representará no máximo três componentes, dois pelas duas dimensões do plano e um por uma variável retínica. As construções gráficas com mais de três componentes não seriam definidas como ‘imagem’, elas são agrupamentos de imagens e necessitam de diversos instantes de percepção para que as informações sejam apreendidas. Segundo suas premissas, quando há diversos componentes, o melhor a se fazer é elaborar uma imagem para cada componente e depois uni-los em uma única representação gráfica.

Assim, por meio das escolhas da projeção, das variáveis, das classes, das escalas e do fundo dos mapas, objetivamos compor imagens que nos possibilitem apreender as paisagens dos sítios arqueológicos pesquisados, a fim de se chegar às respostas quanto aos padrões de assentamento indígena. E mais, para o estudo da

¹⁷ A modelização gráfica foi desenvolvida por geógrafos franceses ligados ao Grupo de Interesse Público Elisée Reclus (GIP RECLUS). Teve como nome mais destacado nesse campo Roger Brunet. No início dos anos 1980, Brunet criou o que chamaria de *coremática* (*chorème*) “estrutura elementar do espaço, que se representa por um modelo gráfico” (BRUNET, 1986, p.02 apud GONÇALVES, 2012, p.24). Trata-se de um método que não tem por objetivo eliminar a complexidade dos atributos espaciais e de suas relações, pelo contrário, parte deles, e entende que os modelos são verdades parciais e provisórias que nos ajudam a pensar as realidades. Almejam conceder ao receptor uma formulação gráfica que combine os elementos dinâmicos de forma didática.

Arqueologia da Paisagem também é capital integrar os elementos que faziam parte da cultura material do povo que ali viveu.

Dessa forma, ajunta-se, por exemplo, os artefatos líticos e cerâmicos e suas características de deposição na área, como: dispersões, graus de concentração, se enterrados ou em superfície, todas essas características auxiliam no entendimento dos processos de formação do assentamento e fornecem bases para o estudo evolutivo da paisagem local e do grau de conservação/alteração do sítio arqueológico.

Os componentes ou variáveis que escolhemos para elaborar os mapas culturais dos sítios arqueológicos alvo dessa pesquisa, localizados na Bacia do Turvo/Grande, no noroeste paulista incluem em uma primeira fase: a distribuição da rede hidrográfica, distância dos sítios em relação aos cursos de água, a altimetria, os declives, posições das vertentes, a litologia e a geomorfologia. Mapas ou imagens com maiores detalhes incluem aqueles de possíveis fontes de recursos naturais como: argila, afloramentos rochosos e cascalheiras, a terem pontos e extensões aferidos no trabalho de campo.

Por se tratar de estudo de áreas menores – sítios arqueológicos –, mas que também demandam uma percepção regional sobre diferentes variáveis geográficas e arqueológicas, é preciso que a escala dos mapas seja “flexível”, definida de acordo com o objeto que se queira representar, atendendo aos objetivos da pesquisa. Por exemplo, mapas que apresentam a distribuição de sítios na micro ou macrorregião, densidade de sítios, e suas identificações de filiação cultural, auxiliando na interpretação de zonas de contatos culturais ou na identificação de áreas ainda pouco investigadas, precisam ter uma escala menor, sendo aceitável a perspectiva zenital e o fundo de mapa topográfico.

A perspectiva zenital, no entanto, sai de cena quando o melhor ângulo é procurado para verificar ou demonstrar nuances do relevo, algum atributo ou feição arqueológica/cultural, como preferências culturais para acampamentos ou assentamentos em determinados tipos e inclinações de vertentes, detalhes de cascalheiras, afloramentos rochosos ou fontes de argila etc. Nesses casos, o uso de escalas maiores na confecção do mapa é fundamental, incluindo representações em 3D e imagens de satélite de *softwares* livres como o *Google Earth Pro*.

Todos esses campos investigativos estarão alinhados às funções do SIG (*Software* ArcGIS), por considerá-la uma tecnologia interdisciplinar, que permite a convergência de variáveis e classes diversas, sejam aquelas ambientais ou culturais. Como parte processual da pesquisa, entende-se que o caminho a ser percorrido irá desde os mapas de análise até os de síntese, à medida que o conhecimento e as inter-relações dos dados sejam apurados pelos primeiros e expressas de maneira profícua pelos segundos, de modo a serem recebidos pelos receptores como “cartas para ver”.

1.5 Estabelecendo recortes para o estudo da paisagem

Bertrand (2004 [1972], p.141), em seu trabalho seminal, demonstra preocupação de ordem epistemológica com o conceito de paisagem ao refletir que ele “[...] ficou quase estranho à geografia física moderna e não tem suscitado nenhum estudo adequado”. Para esse autor estudar uma paisagem é, antes de tudo, apresentar um problema de método, assim o faz quando define limites para o conceito estabelecendo seis níveis de grandeza (VENTURI, 2004, p.51).

Em Monteiro (2001) a essência sobre o caráter de a paisagem fazer parte de uma realidade em constante transformação, com combinação de fenômenos tempo-espaciais e nem sempre visíveis; semelhante a Bertrand e Tricart. O ponto de mudança mais latente talvez seja aquele que não estabelece *a priori* a territorialização da paisagem em níveis.

[...] Monteiro universaliza o conceito de paisagem ao propor que a delimitação e o dimensionamento da paisagem seja uma decisão a posteriori, exclusiva do pesquisador e contextualizada segundo as necessidades de cada pesquisa. Prescinde-se do uso de classificação e hierarquização pré-determinadas da paisagem sem desconsiderar, no entanto, a paisagem como resultante da integração de elementos físicos, biológicos e antrópicos (VENTURI, 2004, p.52-53, grifo nosso).

Venturi (2004) faz um paralelo interessante entre os conceitos de paisagem e território. Do dimensionamento territorial da paisagem, reflete que a análise pressupõe três momentos distintos, 1 – o contato inicial do pesquisador com o objeto, do distanciamento à aproximação; 2 – a decomposição do todo em partes, e o entendimento, sobretudo, de como essas partes se relacionam e 3 – a recomposição das partes para a formação do todo.

Mas como dimensionar a paisagem? E, acrescenta-se, como dimensionar uma paisagem “pretérita”, onde muitos componentes já foram muito remodelados ou mesmo perdidos? Para Venturi (2004, p.56): “Isso dependerá exclusivamente dos objetivos de sua análise”. Assim, seguindo Monteiro (2001), existem diferentes possibilidades de dimensionamento da paisagem em uma área, e elas vão variar de acordo com o objeto de pesquisa.

O dimensionamento estará sempre presente como consequência de uma problemática de pesquisa e, nesse sentido, pode até estar desvinculado diretamente de algo concreto, material. Imaginemos que temos territórios que foram percorridos e explorados no passado, mas nesses casos, seus limites não são fixos, rígidos ou mesmo precisos em grande parcela, porque temos conhecimento muito limitante deles na atualidade; são partes que, por exemplo, pensando nas relações inter-sítios nos contextos culturais Turvos, nos indicam permanências e contatos, mas a definição de dimensões territoriais precisas e suas paisagens associadas devem sempre ser trabalhadas no campo das hipóteses, rastreando-se nesses espaços elementos culturais/materiais que indiquem associações.

Há ganhos expressivos quando os limites espaciais da pesquisa não são rígidos. Dentro de certos parâmetros, sempre articulados, eles permitem que mudemos o *zoom*, ampliando ou reduzindo a escala, mas sem perder o foco e os objetivos da pesquisa. Dessa maneira, concorda-se com Venturi (2004, p.58):

Não podemos esquecer que, embora a paisagem seja resultante da combinação de materialidades que podem ser chamadas de objetos, componentes ou elementos, de acordo com cada autor, ela é uma entidade lógica criada para orientar o raciocínio (VENTURI, 2004, p.58).

Na presente pesquisa, adotamos recortes locais – os sítios arqueológicos Turvo – e regionais, que apresentam padrões culturais e ambientais capazes de nos fornecer mais semelhanças do que discrepâncias, inclusive se pensarmos em termos de longa duração. Assim, em nível regional, fizemos recortes a partir dos cursos de água tributários do baixo Rio Grande, tanto do lado paulista como do mineiro e/ou das áreas municipais correspondentes, como seguem:

- **Afluentes Mineiros do Baixo Rio Grande (Comitê da Bacia Hidrográfica dos Afluentes Mineiros do Baixo Rio Grande) (20 municípios) Minas Gerais:** Água Comprida, Campina Verde, Campo Florido, Carneirinho,

Comendador Gomes, Conceição das Alagoas, Conquista, Delta, Fronteira, Frutal, Itapagipe, Iturama, Prata, Pirajuba, Planura, Sacramento, São Francisco de Sales, Uberaba, União de Minas e Veríssimo.

- **Turvo Grande UGRHI (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos) 15 (66 municípios) São Paulo:** Aspásia, Dolcinópolis, Estrela d'Oeste, Fernandópolis, Guarani d'Oeste, Indaiaporã, Jales, Mesópolis, Mira Estrela, Ouroeste, Paranapuã, Populina, Santa Albertina, Santa Clara d'Oeste, Santa Rita d'Oeste, Turmalina, Urânia e Vitória Brasil, Álvares Florence, Américo de Campos, Cardoso, Cosmorama, Macedônia, Meridiano, Parisi, Paulo de Faria, Pedranópolis, Pontes Gestal, Riolândia, Valentim Gentil, Votuporanga, Bálsamo, Cedral, Guapiaçu, Ipujá, Mirassol, Mirassolândia, Nova Granada, Olímpia, Onda Verde, Orindiúva, Palestina, São José do Rio Preto, Severínia, Tanabi, Uchoa, Ariranha, Bebedouro, Cajobi, Cândido Rodrigues, Catanduva, Catiguá, Embaúba, Fernando Prestes, Monte Alto, Monte Azul Paulista, Novais, Palmares Paulista, Paraíso, Pindorama, Pirangi, Santa Adélia, Tabapuã, Taiaçu, Taiúva e Vista Alegre do Alto.
- **Sapucaí-Mirim e Grande UGRHI 08 (23 municípios) São Paulo:** Altinópolis, Aramina, Batatais, Buritizal, Cristais Paulista, Franca, Guaíra, Guará, Igarapava, Ipuã, Itirapuã, Ituverava, Jeriquara, Miguelópolis, Nuporanga, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga, Ribeirão Corrente, Rifaina, Santo Antônio da Alegria, São Joaquim da Barra e São José da Bela Vista.
- **Baixo Pardo Grande UGRHI 12 (12 municípios) São Paulo:** Altair, Barretos, Bebedouro, Colina, Colômbia, Guaraci, Icém, Jaborandi, Morro Agudo, Orlândia, Terra Roxa e Viradouro.

No próximo subitem são explicitados os passos metodológicos seguidos a fim de se levantar as características tecnológicas dos artefatos estudados e de suas cadeias operatórias de produção, sempre pensando-as em associação com as paisagens locais.

1.6 Análises líticas e cerâmicas

As análises efetuadas no material cerâmico e lítico dos Sítios Arqueológicos Turvo revelam estilos e tecnologias da Tradição Aratu-Sapucaí. Os materiais líticos lascados e polidos não apresentaram grandes densidades, ao contrário do material cerâmico, especialmente nos Sítios Turvo 5-B, Turvo 4 e Turvo 1. Esta, via de regra, costuma ser uma informação “padrão” em sítios dessa tradição tecnológica ameríndia (WUST, 1990; ROBRAHN-GONZALEZ, 1996; FACCIO, 2011/2012; RODRIGUES, 2014).

Os artefatos lascados, em geral, têm pequenas dimensões e foram debitados de forma expedita. Inferiu-se a presença das técnicas unipolar (lascamento à mão livre) e bipolar (lascamento sobre bigorna ou apoio) – vide **Figuras 3 e 4**. As lascas-instrumentos enquadram-se frequentemente como “brutos de debitage”, isto é, após o destaque da lasca de seu núcleo, essa poderia servir imediatamente ao uso, sem a necessidade de ajustes por meio de retoques ou outras intervenções mais vultosas (curadoria).

Figura 3: Lascamento unipolar

Org.: Danilo Galhardo. Arte: Henrique Erdei (2017).

Figura 4: Lascamento bipolar

Org.: Danilo Galhardo. Arte: Henrique Erdei (2017).

Outros artefatos líticos, que deveriam estar associados à prática da agricultura como os brutos, são frequentes na indústria lítica. No entanto, não são muito numerosos. Cita-se as bigornas (chamadas comumente de “quebra-cocos”), percutores e os polidores manuais. Há ainda artefatos esmeradamente elaborados, como as lâminas de machado picoteadas e polidas, nessa categoria as formas trapezoidais e retangulares são frequentes. A morfologia semilunar, típica dessa tradição arqueológica, não foi evidenciada nos Sítios Turvo.

Os sítios analisados estão muito impactados por ações antrópicas recentes, principalmente aquelas relacionadas à agricultura, o que é de fato sintomático quando se nota a fragmentação do material cerâmico e a raridade de conjuntos de um mesmo vaso. Essa constatação não invalidou as análises, inferências e interpretações tecnológicas sobre os artefatos, suas cadeias operatórias e economias de matéria-prima, pois as lacunas e incompletudes também nos fornecem, em maior ou menor medida, dados plausíveis.

Desse modo, para o estudo aqui empreendido, tanto à paisagem como do artefactual associado, procuramos entender projetos mentais materializados¹⁸ e contextualizados sob um “fato social total”.

1.6.1 O material lítico lascado e polido

A metodologia adotada na análise das coleções líticas estudadas se baseou nos conceitos de Cadeia Operatória e Economia de Matéria-Prima (PERLÈS, 1979; TIXIER, et al. 1980; FACCIO, 1992; 1998; INIZAN, et al. 1995; PELEGRIN, 1995; DIAS; HOELTZ, 1997; BEAUNE, 2000). Esses conceitos são muito úteis na análise, pois por meio dos tipos e da tecnologia das peças, permitem traçar ou ao menos esboçar questões referentes a tipos e acesso às fontes de matéria-prima, à apropriação das mesmas, às formas de utilização e padrão de descarte dos artefatos.

Os conceitos expostos acima são complementares e tem raciocínio analítico semelhante, uma vez que almejam revelar as escolhas sucessivas empreendidas pelos artesãos em seu nicho ecológico. Quando se pensa em cadeia operatória, o próprio termo não deixa dúvida da abrangência e do propósito do estudo, no entanto, o conceito de economia de matéria-prima inserido na análise torna-a extremamente interessante em alguns pontos que poderiam ser menos destacados. Dentre esses pontos, pode-se citar conforme Perlès (1979):

- a natureza das matérias-primas que os artesãos decidiram trabalhar. As matérias-primas rejeitadas, que também fazem parte dessa economia;
- os sistemas de aquisição dessas matérias-primas, quais os tipos locais, é possível levantar hipóteses sobre trocas, comércio; identificar fontes e relaciona-las aos artefatos?
- o abandono e o estado das diferentes matérias-primas presentes no sítio arqueológico;
- a utilização diferencial e eventual de diferentes matérias-primas.

¹⁸ De acordo com os comportamentos técnicos apresentados por Leroi-Gourhan (1999), pode-se notar que nenhum nível de aprendizado é isolado, os níveis se interligam e são complementados por diversos fatores externos. Nesse sentido, é ao longo de sua vida que, assim como ocorre em nossa sociedade, o indivíduo vai adquirindo e desenvolvendo seus conhecimentos e habilidades.

Nesse estudo a concepção de tecnologia é a base essencial para se apreender aspectos relacionados à variabilidade artefactual, não vista por si só como começo e fim de um trabalho mecânico voltado à obtenção de função para garantir necessidades básicas cotidianas. Desse modo, a tecnologia deve ser entendida como um corpo de conhecimentos dentro de uma matriz social, dessa forma, está imbuída de ações, negociações, poder e identidade.

A fim de clarificar a análise e o raciocínio analítico, o primeiro passo será expor as categorias levantadas nas análises líticas e cerâmicas. Esse esboço geral particulariza as peças, mas não isola os métodos e a interpretação. Dado o número muito diminuto dos artefatos polidos e picoteados, optou-se por suas descrições textuais, quando relevantes ao entendimento das cadeias operatórias.

A análise geral feita por Rosa (2017) nas coleções líticas dos Turvos, a qual acompanhamos e orientamos, teve por intuito identificar a tecnologia das peças, separando-as em categorias tecnológicas/morfológicas. A partir dessa análise de iniciação científica de Rosa op. cit., selecionamos artefatos para desenhos e análise textual que demonstram recorrências e importâncias elucidativas de etapas das cadeias operatórias e economias de matéria-prima; em tais análises foram tecidos comentários sobre técnicas e métodos sempre sob objetivos de interpretar as cadeias operatórias e relacioná-las a paisagem circundante. Os dados da análise já foram sistematizados por Rosa op. cit., mas foi importante definir conceitos, vocabulários técnicos e um guia para orientar nossas descrições textuais nas pranchas – desenhos:

- Referências sobre a peça: número da peça e sítio;
- Tipo de Matéria-prima: informam-se os tipos de rochas e minerais utilizados na manufatura dos artefatos; quando não é possível um apontamento preciso, opta-se pela tentativa de classificar a rocha em seus grandes grupos como: Sedimentar, Metamórfica ou Ígnea.
- Proveniência/Tipo de Suporte: um suporte pode ser um produto natural ou debitado que serviu para fornecer estrutura necessária a um dado objeto:
 1. Seixo: caracteriza-se pela presença de neocórtex, “capa” fina e polida (INIZAN et al. 1995), devido à longa permanência em depósitos secundários, ou seja, influenciados por processos fluviais.

2. Blocos provenientes de afloramentos litológicos: de aspecto rugoso com presença de facetas;
3. Cristal: liso, geralmente com facetas, guardam as características da formação da rocha ou do mineral;
4. Nódulos: apresentam a camada externa rugosa, morfologia irregular, mas com algumas partes arredondadas decorrentes do rolamento em terra;
5. Plaqueta: geralmente apresentam forma retangular, com faces planas paralelas.

Sem a presença de córtex não é possível inferir a proveniência do suporte (entendido por sua formação natural), contudo, em alguns casos, é possível apontar de qual produto debitado ele provém.

- Alteração de superfície: foram assinaladas seis variáveis quando pertinentes e expostas de maneira textual: sem alteração, avermelhamento/enegrecimento, fraturas, cúpulas (térmicas), brilho e pátina.

✓ **Orientação e Grandeza Métrica – Desenhos**

A orientação das peças é uma premissa na análise lítica, tanto ao que cabe a representação delas por meio dos desenhos como a fim de anotar suas dimensões. De acordo com critérios estabelecidos em Inizan et al. (1995) especialmente para os materiais lascados e em Prous et al. (2002) e Souza (2008) para os instrumentos picoteados e polidos inteiros, estes orientados e aferidos de acordo com seus comprimentos, larguras e espessuras máximas.

- Núcleos:

- Os núcleos debitados a fim de obtenção de lascas são orientados seguindo o eixo de debitação do último negativo (mais recente e/ou mais preservado) colocados como região proximal. Para os núcleos bipolares a medida é referenciada pelo eixo de debitação, neste caso, o eixo será a medida do comprimento.

- Se é impossível determinar a última retirada, o núcleo é orientado morfologicamente;

- Produtos de Debitagem Brutos ou Retocados: São orientados seguindo o eixo de debitagem, a parte proximal (talão) para baixo e a parte superior ao alto. O eixo de debitagem é a linha reta materializando a direção sobre a face inferior, desenvolvida nesta face quando a mesma se desprende de sua matriz (núcleo), ela passa sobre um ponto de impacto e divide o bulbo em duas partes iguais. Esta parte da lasca corresponde à face inferior, enquanto a oposta é dita superior.

- Para as lâminas picoteadas/polidas: São orientadas com suas partes (supostamente) ativas para cima (alto).

- Instrumentos sobre suporte natural: Os instrumentos manufaturados sobre suportes como plaquetas, seixos ou pequenos blocos são orientados mais frequentemente conforme o eixo morfológico. Por critério descritivo a parte mais plana é colocada para baixo (inferior).

✓ **Categorias**

Conforme Tixier et al. (1980) e Pelegrin (1991) o instrumento é a base para o entendimento dos processos de manufatura, pois é através dele que o pensamento humano foi materializado em gestos sobre a matéria.

Instrumentos são entendidos como matéria transformada pelo homem e utilizados a fim de realizar alguma atividade. Segundo Tixier et al. (1980) e Inizan et al. (1995) é a classe mais importante, pois reflete os objetivos do artesão e suas escolhas sucessivas.

- Os instrumentos brutos de debitagem contêm possíveis vestígios macroscópicos nos bordos, como pequenos serrilhados, desgastes, estrias paralelas e perpendiculares. É importante colocar que os produtos brutos de debitagem utilizados são instrumentos, mesmo que não tenham sido modificados intensamente. Sendo assim, toda peça que foi útil ao homem, seja de forma ativa ou passiva, modificadas ou não por ele, são definidas como instrumentos (PROUS, 1986/90).
- Núcleos Unipolares/Bipolares/Nucleiformes: São blocos de matéria-prima que forneceram suportes, ou seja, lascas. “Um núcleo debitado é aquele do qual já

se retirou uma ou várias lascas, que deixaram na superfície, as cicatrizes resultantes de sua debitagem” (LAMING-EMPERAIRE, 1967, p.35).

Para análise dos núcleos é importante ter como referenciais os seguintes atributos:

1 – Descrição geométrica: globular; cuboide; triangular; retangular; discoide e poliédrico.

2 – Quantidade de planos de percussão: informa-se a quantidade de planos utilizados a fim guiar a retiradas de suportes.

3 – Tipos de planos de percussão: liso; cortical e facetado.

- Lascas Unipolares (inteiras e fragmentadas): são produtos obtidos através de percussão, destacadas pelo choque entre matérias de diferentes densidades¹⁹, produzindo estigmas tecnológicos característicos, como talão, bulbo, ondas, esquilhas e lancetas.
- Detritos ou resíduos: são refugos tanto da técnica unipolar como bipolar. A economia de matéria-prima observada na produção auxilia para a classificação desta categoria.
- Lascas bipolares: A extração das lascas ocorre muito mais por fratura plana do que segundo um sistema de ondas hertzianas, porque a fratura é raramente conchoidal (PROUS, 2004, p.70). “De uma maneira geral, o melhor critério de diferenciação entre produtos uni e bipolares é o talão esmagado, este tipicamente bipolar e que raramente pode ser confundido com um talão facetado ou preparado unipolar” (PROUS; LIMA, 1986/90, p.104).
- Fragmentos de tecnologia indeterminada: quando não é possível inferir a tecnologia da peça, devido a inexistência de traços técnicos diagnósticos ou áreas muito comprometidas por pátina ou fraturas.
- Lítico bruto: Muitos instrumentos foram utilizados pelo homem sem modificação intencional, como, por exemplo:
 - 1 – Percutores/Picoteadores: também chamados de batedores, são nódulos, seixos ou blocos de formas variadas que apresentam ao menos uma

¹⁹Os diferentes tipos de percutores e suas densidades como duro (pedra), orgânico (madeira, chifre de cervídeo) produzem diferentes resultados sobre a matéria. Detalhes em Rodet e Alonso (2004).

superfície com convexidade marcada, onde são identificáveis os traços de percussão (VACHER et al. 1998, p.117). Os locais de impacto mostram um “esfarinhamento”, espécie de picoteamento devido ao uso. A localização e disposição dos sinais, assim como a densidade do percutor, permite sugerir se a percussão foi unipolar ou bipolar (PROUS, 1986/90, p.13).

2 – Polidores manuais: pequenos fragmentos, eventualmente seixos, esfregados na superfície dos objetos a serem acabados ou afiados (PROUS, 1986/90).

3 – Outros líticos brutos como seixos, nódulos; blocos inteiros ou fraturados sem vestígios de utilização.

Seguem-se agora as categorias com vestígios do trabalho de picoteamento/polimento.

As lâminas configuram-se como importantes vestígios que remetem às atividades pretéritas, assim como os refugos de seus processos de manufatura, uma vez que refletem as diferentes etapas de confecção e assim o intuito do artesão. Diante dos vestígios encontrados nos sítios pesquisados é fato que a percussão lançada e o trato com a terra faziam parte das atividades desses ameríndios.

- Lâminas: a identificação pode ser direta quando há encabamento ou sinais deste, e indireta quando fica apenas a lâmina e, neste caso, é o estudo morfológico e traceológico que pode ajudar na determinação do instrumento (STORDEUR, 1987 apud ROSTAIN, 1986). Desta forma, a classificação de lâmina é genérica, já que a definição do instrumento propriamente dito incluiria seu encabamento, sendo assim, possibilitando inferir seu funcionamento²⁰. Por exemplo, como observa Prous et al. (2002), a diferença morfológica entre a lâmina de um machado e uma de enxó é pequena, a diferenciação ocorre então pelo encabamento, pois, no segundo, o cabo é axial ao gume.

A lâmina apresenta duas faces opostas, com lados (ou flancos) que definem um tipo de seção. Por convenção, o gume (parte ativa) é considerado a parte distal (para o alto) e a parte proximal é denominada de talão, mas, neste caso, o talão em nada se compara ao respectivo termo utilizado para os produtos lascados (Figura 5).

²⁰ O termo funcionamento é compreendido de forma análoga como o “instrumento em movimento”.

Figura 5: Principais partes de uma lâmina

Fonte: Adaptado de Bensimon e Martineau (1989, p.48).

Nas descrições das lâminas e de suas partes, inteiras ou não, procurou-se a reconstrução de seus processos de manufatura, de acordo com parâmetros e descrições técnicas de pesquisadores que se debruçaram sobre a temática: Laming-Emperaire (1967); Souville (1968, 1974). Rostain (1986); Bensimon e Martineau (1989); Prous et al. (2002) e Souza (2008); contemplou-se principalmente aspectos morfológicos, havendo também a descrição de informações referentes às porções (quando presentes) como tratamento aplicado a estas, se picoteadas, polidas, polimento natural, presença de pátina, tipo, quebras no uso, reuso, multifuncionalidade, sulcos, entalhes, depressões, orelhas, gargantas, negativos de lascamento etc. Desta forma, para as lâminas, e quando possível para as lâminas fragmentadas, os seguintes atributos foram registrados: Matéria-Prima, Morfologia da peça, Perfil da peça, Perfil do Bordo Ativo (gume), Linha do gume, Ângulo do gume, Seção, Morfologia do talão, Medidas: Comprimento, largura e espessura máxima (Figura 6).

Figura 6: Classificação de Lâminas

FORMA GERAL	PERFIL LATERAL	PERFIL DO GUME	LINHA DO GUME	SEÇÃO GERAL
triangular	estreito/ chato espesso	simétrico fraturado assimétrico	retilíneo curvilíneo estreito espesso	retangular
retangular				meia lua biconvexo
trapezoidal				oval
elipsoidal				oval circular

Fonte: Adaptação da obra de G. Souville (1968, 1974).

1.6.2 Análise cerâmica

Essa itemização sobre a análise cerâmica foi adaptada de Faccio (2011/12), e tem por objetivos o reconhecimento de atributos e aspectos das cadeias operatórias que indiquem características das pastas (fontes de argila) e de aspectos técnicos quanto a contatos culturais, especialmente com tecnologias de produção Tupi.

A análise das indústrias ceramistas dos sítios arqueológicos Turvo seguiu os pressupostos teórico-metodológicos definidos para o estudo das ocupações ceramistas do Oeste Paulista (FACCIO, 1992). As áreas dos sítios arqueológicos foram muito impactadas pela ação antrópica, especialmente maquinários agrícolas de grande porte. Contudo, discussões tecnológicas e análises de cadeia operatória das peças foram empreendidas.

É certo que, na Arqueologia Brasileira, a grande maioria do material cerâmico é coletado na forma de fragmentos, sendo raros os vasos que conseguem ser recuperados inteiros. Assim, o encaminhamento proposto é agrupar os fragmentos provenientes de um mesmo vaso por meio de análises de sua distribuição na área do sítio, dos planos de fratura e dos diferentes atributos tecnológicos e estilísticos (características da pasta, decoração, forma e dimensões). Obtêm-se, com isso, diferentes conjuntos de fragmentos do mesmo vaso, que passam a constituir o objeto inicial de análise (FACCIO, 1992, p.81-82).

A adequação desta perspectiva às indústrias coletadas nos sítios arqueológicos estudados exigiu certos procedimentos, pelo fato de a cerâmica ter sido evidenciada de forma dispersa e muito fragmentada nos contextos culturais. A obtenção de “conjuntos de fragmentos do mesmo vaso” pôde ser feita em raros casos.

A partir destes conjuntos, foi possível tecer interessantes considerações, notadamente no que diz respeito à conservação dos sítios e possibilidade de análise. Concluída a análise dos conjuntos de fragmentos de um mesmo vaso, foram analisados os fragmentos isolados.

Uma vez que o objetivo de nossas análises não recai apenas na caracterização da indústria, mas também na discussão sobre a possível cadeia operatória envolvida na produção dos artefatos obtidos, não são os atributos individuais de análise que trarão informações (tipos de antiplástico, espessura das peças, queima etc.), mas sim as relações que apresentam entre si, permitindo a identificação de sequências e

padrões comportamentais. Certamente esta perspectiva só pode ser aplicada a artefatos (ou, neste caso, nos “conjuntos de fragmentos”, que representam as vasilhas).

Contudo, devido à pequena quantidade de conjuntos, o início da análise da cerâmica por grupos ficou prejudicada. Dessa forma, o reconhecimento das variações tecnológicas apresentadas foi definido a partir dos conjuntos de peças dos sítios e não a partir dos conjuntos de fragmentos de um mesmo vaso. Conforme tem sido a praxis, “[...] a análise do material cerâmico compreende a verificação de classes de atributos tecnológicos, estilísticos e morfológicos, além das marcas de uso e do estado de conservação” (FACCIO, 1998, p.134).

A primeira classe de atributos a ser analisada, segundo Faccio (1998), é o tipo da peça:

[...] essa classe compreende as seguintes variáveis: fragmento de parede, fragmento de borda, fragmento de base, fragmento que contém parte da base\parede\borda, fragmento que contém parte da parede e da base, bolota de argila, ombro, parede, com furo de suspensão e polidor de sulco (FACCIO, op. cit., p.134).

A segunda categoria de atributos considera o tipo de antiplástico. A terceira envolve o tamanho do antiplástico. “Quando a peça apresenta vários tamanhos de um mesmo tipo de antiplástico mede-se sempre o maior. Nos casos em que a peça apresenta mais de um tipo, mede-se o maior de cada tipo, em centímetro” (FACCIO, op. cit., p.134).

A quarta categoria de atributos abrange a espessura da parede. De cada fragmento toma-se a maior espessura. A quinta categoria de atributos examina o grau de queima das peças. As peças, segundo Faccio (1998), podem apresentar queimas variadas em um mesmo artefato. A coexistência de mais de um tipo de queima num mesmo fragmento deve-se especialmente à queima a céu aberto.

A sexta categoria de atributos analisa o tratamento de superfície interna e externa. Nesta categoria detecta-se: ausência de tratamento, alisamento, brunidura (enegrecimento), lustro e polimento” (FACCIO, op. cit., p.135).

Na sétima categoria de atributos examina-se a decoração interna e externa das vasilhas. A decoração, em geral, está subdividida em decoração plástica e pintura.

Segundo Maranca (1985 apud FACCIO, 2011/12), existem duas técnicas utilizadas pelas populações pré-históricas na confecção de potes, sendo a da 'modelagem', e, sobretudo, a do 'acordelado' – roletes sobrepostos sobre uma base em forma de anéis ou espirais.

A categoria referente à forma da vasilha requer e mantém dependência com a efetivação da reconstituição gráfica do vaso. Embora feita a partir da análise das bordas e sob contextos comparativos, essa tarefa é hoje questionada, principalmente quando se trata de fragmentos de borda de tamanho pequeno, pois a reconstituição dos vasos, nestes casos, pode apresentar imprecisões.

Apesar dessa deficiência na reconstrução gráfica, indica-se reduzir a reconstrução das amostras, procedendo às projeções somente quando se há garantias sobre as formas dos vasos (FACCIO, 2011/12). A reconstituição das formas cerâmicas a partir de bordas permite ao pesquisador lançar hipóteses sobre a funcionalidade do recipiente cerâmico e, conseqüentemente, das atividades cotidianas do grupo.

2. O panorama arqueológico e histórico regional: possíveis origens, dispersões e permanências

Esse capítulo e suas itemizações têm por objetivo expor o quadro de pesquisas arqueológicas, históricas e etnohistóricas de culturas ameríndias ceramistas e pré-coloniais que ocuparam a atual região norte/noroeste paulista e áreas geográficas culturalmente associadas. Buscou-se fazer um levantamento exaustivo às áreas do recorte territorial da pesquisa, ou seja, aquelas situadas no baixo rio Grande paulista e mineiro; seleção arbitrária, mas que se justifica pelas semelhanças ambientais e culturais com os contextos dos Sítios Arqueológicos Turvo. Para as outras áreas citadas no texto, foram consultadas publicações seminais que ajudam a situar as problemáticas de origens, dispersões e permanências dessas populações. Em ambos os casos, embora o enfoque tenha sido os trabalhos arqueológicos sobre os grupos agricultores e ceramistas da Tradição Aratu – suas distribuições, características materiais, implantações no espaço e temporalidades –, foi importante contextualizar de forma sintetizadora outras culturas arqueológicas, como os caçadores-coletores e tradições ceramistas distintas que demonstraram, ao longo do tempo, interações com grupos Aratu.

Antes da chegada dos portugueses, a região central do Brasil foi intensamente ocupada por diferentes grupos ameríndios caçadores-coletores e agricultores-ceramistas, estes construtores de grandes aldeias. Ao longo de décadas de pesquisas arqueológicas, foi possível conhecer melhor a espacialidade dessas áreas culturais e a produção material de seus antigos habitantes (CALDERÓN, 1971, 1974; DIAS O., 1971; PEROTA, 1971, 1974; WÜST, 1983, 1990, 2000; ALVES, 2009, 2013; PROUS, 1992, 2000, 2007; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996a, 1996b; OLIVEIRA; VIANA, 1999-2000; MARTINS, 1999; BUENO, 2007; MORALES, 2008; FAGUNDES, 2015; etc.).

Por volta de 12.000 anos antes do presente (A.P.)²¹, na transição Pleistoceno/Holoceno, diversos grupos de caçadores-coletores ou paleoíndios começam a ocupar regiões centrais do Brasil. As pesquisas arqueológicas brasileiras, embora exíguas e anteriormente muito refutadas, vêm demonstrando sistematicamente e com grande confiabilidade esse expressivo recuo temporal, pondo em xeque a teoria hegemônica da migração e tecnologia Clóvis da América do Norte

²¹ Por convenção decidiu-se que “Antes do Presente” (A.P.) ou “Before Present” (B.P.) seriam contados a partir do ano de 1950.

(SCHMITZ, 1984; ALVIM, 1993; PROUS, 1997; MARTINS, 1999; ROOSEVELT, 2000; BUENO; DIAS, 2015).

No estado do Piauí, há contextos que excedem os 20.000 anos A.P., em período pleistocênico, mas dúvidas e lacunas quanto às possíveis atividades antrópicas reforçam às contestações dessas pesquisas (PROUS, 1997, p.13-17). No interior do Mato Grosso, dados arqueológicos estudados e divulgados, ao longo de décadas, por experiente equipe multidisciplinar atestam que, em período pleistocênico, houve atividades paleoíndias na América do Sul (VIALOU et al., 2017). Do ponto de vista acadêmico, são dados ainda pontuais no espaço e no tempo e, por isso, ainda vistos com certo ceticismo.

Considerando áreas do baixo rio Grande e baixo/médio Paranaíba, os dados arqueológicos atuais também não são numerosos, mas as datações das primeiras ocupações de caçadores-coletores recuam até cerca de 9 mil anos A.P. para o Sítio Água Vermelha 3, localizado em Ouroeste-SP e próximo de 7.500 mil anos A.P. para o Sítio Resende, município de Centralina-MG (AES/DOCUMENTO, 2006; ALVES, 2009, 2013; FAGUNDES, 2015). Esses índios apresentavam modos de vida nômades/seminômades e, ao que tudo indica, caça, pesca e coleta generalizadas, isto é, percorriam o território e aproveitavam-se dos recursos em seus nichos diversificados, apresentando uma dieta onívora.

Os caçadores antigos do Água Vermelha 3 lascaram preferencialmente sílex, arenito silicificado e quartzo, enquanto aqueles do Sítio Resende utilizaram as matérias-primas arenito-silicificado (uso majoritário), sílex, quartzo e calcedônia. Sua indústria lítica apresenta expressiva variabilidade e semelhanças técnicas com a denominada Tradição Itaparica²². Eram hábeis lascadores, especialmente referindo-se à produção de instrumentos plano-convexos, por vezes, sistematicamente reciclados (reavivados em suas áreas ativas), devido ao alto investimento técnico em suas produções (AES/DOCUMENTO, 2006; ALVES, 2009, 2013; FAGUNDES, 2015).

É a partir do Antitermal (8.500 a 4.000 A.P.) que os acampamentos de caçadores-coletores começam a tornar-se mais numerosos no Brasil Central; o aumento da pluviosidade e da temperatura e, conseqüentemente, as mudanças nas

²² Segundo Schmitz (1980, 1981, 1981a, 1981b, 1987a; Schmitz et al. 1989) a T. Itaparica pode ser caracterizada por uma série de aspectos relacionados à indústria lítica, padrões de subsistência e uso do espaço. Sua duração envolve o final do Pleistoceno e início do Holoceno, entre 10.750 e 9.000 AP e tem, em Serranópolis sua fase mais característica, denominada de fase Paranaíba (BUENO, 2007, p.26).

características paisagísticas devem ter propiciado melhores condições de subsistência a esses índios que, de um modo geral, ocuparam os mais diversos compartimentos do relevo (AB'SABER, 2005; SCHMITZ, 1984; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996a, 1996b). Ainda é sensível a questão se os caçadores mais antigos teriam se adaptado às novas condições climáticas e/ou substituídos por novas populações de caçadores mais recentes. O que os dados arqueológicos apresentam é uma diferença sensível no aproveitamento de áreas com características distintas (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996b).

Fato é que os caçadores-coletores, tempos depois, já com o clima mais ameno, tenderiam a ocupar áreas mais altas do Brasil Central: “[...] os vestígios relacionados aos caçadores mais recentes são raros e quase exclusivamente em abrigos, com localização restrita a áreas de relevo atormentado [...]” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996b, p.99), ainda segundo Robrahn-González op. cit., a falta de um maior número de dados impede saber o porquê da permanência desses caçadores mais recentes em áreas íngremes.

Em alguns casos, sítios arqueológicos apresentaram sobreposição de contextos relacionados aos caçadores e grupos agricultores-ceramistas²³, mas por diversas razões, inferências, se ao menos em parte, grupos de caçadores teriam se tornado agricultores e ceramistas, são muito complexas em ambientes de solo ácido e clima tropical, cujos restos de plantas, sementes e microvestígios, como pólen e fitólitos, possíveis indicadores de um processo de domesticação de plantas, tendem a desaparecer (TENÓRIO, 2000).

Para Wüst (2000, p.326), a prática de cultivo agrícola no Brasil Central recua a pelo menos 500 anos antes da Era Cristã. “Trata-se de pequenos grupos que ocuparam sobretudo abrigos e que parecem representar uma certa continuidade dos caçadores-coletores que os antecederam”.

A intensificação dos processos de domesticação de plantas e do desenvolvimento da cerâmica²⁴ no Brasil Central podem estar relacionados a múltiplos

²³ Como é o caso do Sítio Resende, cujas camadas mais antigas foram ligadas à Tradição Itaparica e os horizontes mais recentes à Tradição ceramista Aratu (FAGUNDES, 2015).

²⁴ O uso de cerâmica e práticas agrícolas nem sempre estão associados. Seus desenvolvimentos, em conjunto ou separados, precisam ser analisados a partir de particularidades culturais. Tenório (2000, p.261) elucida bem essa problemática: “A utilização da presença da cerâmica como evidência de domesticação de plantas acarreta dois problemas de interpretação para a Arqueologia: o primeiro, de que o cultivo, muitas vezes, só é estabelecido quanto essa atividade já está muito desenvolvida e o segundo, o fato de que se cristaliza a crença de que todos os ceramistas teriam conhecimento de técnicas agrícolas”.

fatores, sejam eles de ordem interna à sociedade e/ou externos a ela. Nesse sentido, seguindo o raciocínio da arqueóloga Robrahn-González (1996b, p.100): “É possível que a presença de ceramistas iniciais nas diferentes áreas do Centro-Oeste derive de fenômenos com diferentes combinações e intensidades nos fluxos de informação, objetos e pessoas”.

Abordagens metodológicas que buscam responder questões sociológicas mais amplas são alternativas à superação das posturas metodológicas iniciais, como as desenvolvidas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA/1965-1971), nas quais os artefatos eram entendidos como unidades básicas de informação e os padrões de assentamento e a morfologia dos sítios figuraram apenas como cenário cênico. As sustentações de dados e interpretações arqueológicas são processos que, muito embora, possam estar associados a migrações e difusões, necessitam primeiramente ser analisados diante de suas conjunturas internas – características intrassítio / sincrônicas e diacrônicas, associadas ao contexto de inserção local e regional (WÜST, 1983, 1990).

Dias (2007, p.73-74) apresenta algumas críticas em relação a adoção pelo Pronapa de “classificadores estanques” como Tradição²⁵ e Fase, sem que houvesse amplo estudo intrassítio e inter-sítios, a nível regional, amparados por datações absolutas consistentes:

Embora os conceitos de tradição e fase correspondam a expedientes de classificação que diagnosticam variabilidade entre conjuntos artefatuais, estes não permitem explicar como esta variabilidade se relaciona a comportamentos culturais no passado. [...] estes dados devem necessariamente ser acompanhados de estudos de caráter regional, baseados em cronologias consistentes, pois é somente através deste tipo de estratégia que se poderá construir um referencial empírico sólido que dê suporte ao estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico (DIAS, 2007, p.73-74).

As críticas construtivas direcionadas à “fragilidade amostral” das pesquisas de campo e às posturas tradicionais “histórico-culturalistas” na interpretação de coleções

²⁵ Tradição Arqueológica pode ser definida como uma classificação de amplitude generalizante e homogênea, utilizada para agrupar características semelhantes da cultura material de grupos pretéritos, condicionadas no espaço. Embora esse conceito venha sendo seriamente criticado nas últimas décadas, continua sendo utilizado enquanto ferramenta classificatória mais conhecida entre os pesquisadores da área. Atualmente, as associações entre grupo étnico e tradição arqueológica são mais bem aceitas, no caso de sociedades conhecidas etnograficamente. Segundo Willey e Phillips (1958, p.37) baseados no histórico-culturalismo estadunidense, fortemente amparado no difusionismo, Tradição seria: “grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal”.

e mudanças culturais efetuadas pelo Pronapa, e ainda presentes na Arqueologia brasileira atual, não invalidam os maiores méritos do programa e dos pesquisadores envolvidos, como o delineamento da distribuição espaço-temporal das culturas arqueológicas e algumas inferências sobre a evolução e mudanças nos quadros tecnológicos, feitos, sobretudo, a partir do método de seriação (WÜST, 1983, 1990).

Foi a partir de inferências do Pronapa que Tradições e Fases foram criadas, dentre elas, a Tradição Una. Esta figura entre as mais antigas tradições cerâmicas do Brasil, com datas na faixa de 2.000 A.P. no sudeste de Mato Grosso, até cerca de 1.000 da Era Cristã, no vale do rio Vermelho e baixo Paranaíba. Caracteriza-se pelo número reduzido de assentamentos, quando comparada a outras tradições ceramistas na região; os sítios estão implantados, em geral, em abrigos rochosos. Sua indústria cerâmica apresenta vasilhames médios e pequenos, com formas globulares e cônicas, tigelas rasas e gargalos de cores escuras, os antiplásticos recorrentes são o mineral e o cariapé (WÜST, 1983, 1990; PROUS, 1992; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996a, 1996b; OLIVEIRA; VIANA, 1999/2000; MORALES, 2008).

Wüst (1990) lançou a hipótese de elo entre os caçadores tardios e a tradição Una por meio de pesquisas em sítios no alto Araguaia e bacia do rio Vermelho, que apresentaram sucessões estratigráficas. Dentre as características que ligariam essas culturas estão: “[...] implantação em áreas de mata/cerrado, acesso a recursos mais diversificados e solos melhores e mais propícios ao cultivo” (OLIVEIRA; VIANA, 1999/2000, p.159). Corroborando com tal hipótese, Robrahn-González e De Blasis (1997, p.37) ainda sugerem que a Tradição Una pode ter desenvolvido sua cerâmica “[...] através de contatos culturais com grupos de outras regiões (possivelmente com a Amazônia), pela invenção independente, ou por um misto de ambos os fenômenos”.

Os dados arqueológicos evidenciados até o momento não permitem uma resposta conclusiva se os ceramistas iniciais teriam sido parcialmente conquistados pelos agricultores das grandes aldeias (Aratu, Tupiguarani e Uru), muito embora a hipótese de origem externa desses seja considerável, devido ao movimento rápido de penetração e consolidação a partir dos séculos 8 e 9 da Era Cristã (tendo em mente a escala temporal arqueológica), e por já deterem uma tecnologia cerâmica avançada. “Teria sido a irrupção de uma nova população (mas vinda de onde?), ou a evolução de alguns grupos locais (mas por que tão rapidamente?)” (PROUS, 2007, p.65).

Segundo Brochado (1984, 1989), para entender a ocupação do leste brasileiro extra-amazônica, é preciso conceber que durante longo período, anteriormente à chegada dos Guaraní e Tupinambá, a área estava ocupada por grupos do Tronco linguístico Macro-Jê ou da Família Guaikurú, representados materialmente por cerâmicas simples, em geral não decoradas, da Tradição Pedra do Caboclo e Palo Blanco. Para Brochado op. cit. as Tradições antigas Mina e Una estariam sob a origem “Estilo²⁶ Pedra do Caboclo”. Para a cerâmica Mina, a mais antiga da América do Sul, as datas alcançam 5.000 A.P. no baixo Amazonas (WÜST, 1990; PROUS, 1992) e “[...] para as cerâmicas Pedra do Caboclo, situadas ca. 3.700-3.500 a.C., na desembocadura do rio Pará e ca. 700-1.000 a.C. no nordeste” (BROCHADO, 1989, p.70).

Robrahn-González (1996a, 1996b) segue parcialmente a hipótese de Brochado (1984, 1989), de que grupos Aratu poderiam ser filiados ao Tronco Macro-Jê, tendo partido da Amazônia em direção leste, ao centro do país, no que seria uma segunda e tardia expansão da Tradição Pedra do Caboclo. No entanto, a pesquisadora complexifica a discussão sustentando a possibilidade de esses agricultores derivarem tanto de deslocamentos externos como de desenvolvimentos de comunidades locais. Nesse quadro de contatos interculturais regional e extra regional – escolhas, percepções e adaptações plurais do meio circundante – culturas podem ter surgido ou modificado elementos de sua composição. Em interpretação similar, Wüst (2000, p.327) relata que os ocupantes das grandes aldeias circulares “[...] experimentaram em grau variado uma série de simbioses que envolveram portadores de tradições distintas, às vezes dando origem a novas formações culturais”.

As datações mais antigas inferidas para a tradição Aratu até o momento, estão localizadas no estado goiano (171 d.C.), o que segundo Robrahn-González (1996a) sustenta a hipótese de que levas migratórias, ainda no início do domínio do Brasil Central, poderiam ter se deslocado para áreas mais a leste, seguindo o vale do rio São Francisco. Em contraponto, Perota sustentou que o Recôncavo Baiano foi o centro de dispersão da tradição, pois a partir dessa área entendida como “core” em direção à periferia “[...] a cerâmica ampliou o número de elementos estilísticos e

²⁶ Segundo Rogge (2004, p.59) “A noção de estilo está intimamente relacionada ao conjunto de similaridades apresentadas entre os objetos produzidos por uma determinada população, podendo ser entendida como “uma maneira específica e característica de fazer algo “[...] peculiar a um determinado tempo e lugar” (SACKETT, 1977, p.370)”.

tipológicos, revelando que outros contatos aconteceram durante sua dispersão” (FERNANDES, 2001, p.194).

As datações obtidas em estrutura de combustão (1424 ± 212 A.P.) e em sepultamento primário (1342 ± 201 A.P.) no Sítio Água Limpa, norte de São Paulo (FERNANDES, 2001), mesmo que pontuais e fora do “padrão temporal” regional, reforçam a hipótese de Robrahn-González op. cit. de que as zonas “core” da tradição Aratu poderiam estar nas proximidades do baixo vale do Paranaíba. Além disto, “Esta hipótese parece encontrar apoio em dados empíricos através da sequência de datações obtidas para a Bahia, onde esta se situa como a segunda região mais antiga de ocupação [...]” (SOARES, 2013, p.65).

Caldarelli da Scientia Consultoria (2012) advoga que, a partir do litoral baiano, grupos Aratu teriam continuado sua expansão no sentido sul, passando por áreas litorâneas capixaba e provavelmente fluminense, rota essa sustada pela chegada dos Tupiguarani, séculos antes do desembarque português. Esse cenário de rotas e dispersões de grupos Aratu, muito embora hipotético, coaduna com as características (padrão) dos estilos artefatuais, especialmente da cerâmica, e com as datações obtidas até o presente. Mostra um quadro em que os sítios Aratu do norte paulista “[...] se assemelham aos sítios de Minas Gerais, sendo provavelmente oriundos do centro-oeste e não do litoral nordestino, como os do Espírito Santo e do Vale do Paraíba do Sul” (CALDARELLI, 2012, s/p).

Muitos avanços já foram feitos no sentido de análise e interpretação de dados arqueológicos, históricos e etnohistóricos regionais, referentes ao Tronco Macro-Jê e a Tradição Aratu, mas ainda restam lacunas territoriais e aprofundamentos necessários sobre a origem, dispersão e tentativas de associações da cultura material com documentos etnohistóricos. A diversidade e espacialização das Tradições e Fases arqueológicas parecem não dar conta das pluralidades étnicas e linguísticas documentadas (histórica e etnohistórica), pois elas podem ter sido “[...] camufladas pela cultura material, na medida em que padrões culturais de uma sociedade podem ser impostas a outras” (WÜST, 1990, p.6) ou adquiridos por escolhas sociais diante de uma gama ilimitada de possibilidades relacionais (HODDER, 1994). Mas é de fato inegável que as amplas variações locais da cultura material [...] que passam a constituir o padrão arqueológico regional [...] dão pistas sobre [...] a grande densidade e diversidade de grupos etnograficamente conhecidos (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2001, p.41).

2.1 A Tradição Aratu

Valentin Calderón (1971, 1974) foi o primeiro arqueólogo a definir a Tradição Aratu, em suas pesquisas na década de 1960 no litoral da Bahia, Sergipe e Pernambuco (MARTIN, 1999). Ainda filiado ao Pronapa e procurando uma possível ramificação da tradição ao interior, o pesquisador prospectou oito sítios cemitérios no oeste baiano, nos municípios de Barreiras, Catolândia e São Desidério. A implantação típica dos sítios da Tradição Aratu nessa região baiana ocorria em chapadões areníticos cobertos por cerrados e nos fundos de vales, mais próximos dos cursos de água perenes com cobertura de vegetação arbórea mais alta e densa – matas fluviais com solos férteis. No litoral, a vegetação típica era a Mata Atlântica, mas as condições de implantação se mantiveram semelhantes em terrenos de topografia suave, próximos a cursos de água e solos férteis. As datações por Carbono 14 (C14) realizadas pelo pesquisador apontaram as seguintes temporalidades (Anno Domini – A.D.): No litoral norte baiano as datas vão de 608 ± 50 a 1360 ± 50 e para o oeste do estado alcançam 1050 ± 250 (CALDERÓN, 1971, 1974).

Dentre as características cerâmicas inferidas por Calderón op. cit. destacam-se as morfologias simples, em geral, sem decoração, quando muito há incisões nos lábios; predomínio da técnica de roletes e antiplástico de areia (fina ou grossa). Evidencia também a presença de urnas funerárias de grande porte em formato piriforme. Os materiais líticos, em menor número, são caracterizados por lascas ligeiramente retocadas, lâminas polidas de 8 a 12 centímetros de comprimento, dentre as quais há formas trapezoidais, amoladores de arenitos e grandes rochas magmáticas com cúpulas polidas.

Quanto as interações culturais entre distintas tradições, o contato de grupos Aratu com a Tradição Tupiguarani (Fase Itapicuru) foi observada por Calderón em alguns sítios implantados próximos ao litoral, nas camadas mais superficiais e recentes, o que indica a chegada posterior dos Tupi nessa região.

Outros pesquisadores, também filiados ao Pronapa, Celso Perota e Ondemar Dias Júnior, simultaneamente a Calderón, evidenciaram e pesquisaram sítios no estado do Espírito Santo e no sul de Minas Gerais (PEROTA, 1971, 1974; DIAS, O., 1971).

Celso Perota, ao pesquisar sítios no litoral capixaba, identificou estilos cerâmicos que relacionou à Tradição Aratu, dividindo-os em fases arqueológicas. O

antiplástico, em geral, consistia em areia fina ou grossa e presença de cacos de cerâmica moídos. “As formas em geral são piriformes, com bordas inclinadas para dentro, peças de corpo globular com gargalo reto, esféricas de contorno simples e meia-calota” (PEROTA, 1971, p.153). O material lítico foi caracterizado pela quantidade exígua que, em sua maioria, foram apenas utilizados, ou seja, tratava-se de líticos brutos como percutores, batedores etc. As datações compreenderam cronologias entre 1345 d.C. a 1780 d.C. (PEROTA, 1974).

Na fase Itaúnas, Perota op. cit. observou interações Aratu com a Tradição Tupiguarani, inferidas especialmente pelas características da cerâmica como o banho vermelho, traços vermelhos sobre engobo branco e decorações plásticas que incluíam o corrugado, ponteadado e escovado (PROUS, 1992).

No sul de Minas Gerais, na bacia do rio Grande e de seus afluentes Verde e Sapucaí, Dias Júnior estudou e criou as seguintes fases arqueológicas: Jaraguá, Itaci e Sapucaí (DIAS, O., 1971). Notou que as cerâmicas Sapucaí eram muito parecidas com as da Tradição Aratu, bem como indicou interações culturais desses grupos no atual território mineiro com os da Tradição Tupiguarani, pois, em alguns casos, constatou a presença de engobo vermelho no tratamento da cerâmica, além de a proximidade dos sítios, localizados em meia encosta de relevos colinares suaves (DIAS, O., 1971; SCHMITZ, 1982; PROUS, 1992; MARTIN, 1999; DELFORGE, 2017).

Para Dias op. cit. houve grande dificuldade de associação à uma tradição já estabelecida, muito embora as formas cerâmicas, grandes urnas piriformes, e o material lítico indicassem semelhanças tecnológicas com os sítios Aratu diagnosticados por Pereira Júnior em São Paulo e Calderón na Bahia (DIAS O., 1971). Depois de seriamente discutida, acabou-se por filiá-la à Tradição Aratu, dando-lhe a designação Aratu-Sapucaí (SCHMITZ, 1982). Suas características podem ser assim resumidas:

Caracteriza-se por ter vasilhames predominantemente simples (às vezes com banho vermelho ou laranja), produzidos com antiplástico mineral ou de cacos moídos e formas elípticas e ovóides grandes, geralmente não associadas à transformação da mandioca tóxica em alimento humano (SCHMITZ, 1982, p.88).

Estilos semelhantes foram inferidos por pesquisas posteriores desenvolvidas por Prous (2000) e Chmyz; Sganzerla e Volcov (2009) no oeste mineiro no vale do rio Araguari e por Alves (2009, 2013), Fagundes (2015) e Delforge (2017) no Triângulo

Mineiro e Vale do Paranaíba. Dentre elas, cerâmicas lisas ou simples, com ausência de pintura, banho, brunidura e decoração plástica, com alguns fragmentos apresentando incisões, urnas piriformes e pequenos vasos simples ou duplos em forma de casca de vegetais que, por vezes, apareceram dentro de urnas (Figuras 7 e 8).

O material lítico, apesar de não ser numeroso quando comparado aos fragmentos cerâmicos, apresentou importantes indicativos culturais como lascamento bipolar sobre bigorna, utilizando-se cristais de quartzo, lascas em geral não retocadas de arenito silicificado e silexito, além de lâminas picoteadas e polidas, alongadas e fusiformes, com seções biconvexas (PROUS, 1992, 2000; ALVES, 2013; FAGUNDES, 2015). Por fim, para essas áreas, as pesquisas revelaram datas de ocupações compreendidas entre 1200 A.P. a 400 A.P. (PROUS, 2000; CHMYZ; SGANZERLA; VOLCOV, 2009; ALVES, 2013).

Figura 7: Urna com tampa Aratu-Sapucaí

Fonte: Prous, (2007, p.66). Adaptação: O autor (2018).

Figura 8: Vasilha dupla Aratu-Sapucaí

Fonte: Prous, (2007, p.67). Adaptação: O autor (2018).

Na fase Mossâmedes (Tradição Aratu), pesquisada em Goiás por Schmitz (1982) e Wüst (1983), os sítios encontram-se implantados em áreas levemente onduladas, às vezes um pouco mais acentuadas e cercadas por pequenos cursos de água. São chapadas ou colinas cuja implantação comumente fica em meia encosta, sobre um declive suave em direção a um córrego, raramente no topo, ademais “A vegetação predominante parece ter sido a mata ampla ou a mata de galeria entre

áreas de cerrado ou cerradão” (SCHMITZ, 1982, p.50). Quanto a escala temporal, as datações obtidas para a tecnologia Aratu no estado de Goiás a situam entre 171 d.C. a 1.470 d.C (WÜST, 2000).

As análises artefatuais cerâmicas revelaram a presença de antiplástico mineral (quartzo, feldspato, mica e concreções ferruginosas), que paulatinamente foi substituído pelo antiplástico vegetal (cariapé), comumente associado a influência amazônica de grupos Uru. As formas dos vasilhames, em sua maioria, são piriformes com bases arredondadas, podendo haver “[...] impressões de folhas nas bases. Os vasilhames podem ser de contorno simples ou infletido, predominando os primeiros (SCHMITZ, 1982, p.246). Destacam-se também as rodela de fusos, muito frequente nessa tradição tecnológica, indicando que talvez as informações mais recentes da importância de fiar algodão também possam ser estendidas ao passado pré-colonial (SCHMITZ, 1982; ALVES, 2013).

Os dados apontam que a Fase Mossâmedes teve intensas interações com outras tradições como a Tupiguarani e a Uru²⁷. A primeira aparece nas camadas mais recentes dos sítios (presença de cerâmicas pintadas, antiplástico de caco moído etc.), e algumas datações realizadas indicam que essas interações podem ter ocorrido por volta de 600 A.P., entretanto Mello e Viana (2006, p.34) assinalam dificuldades na datação do material, devido “[...] a maior parte dele estar localizado de forma intrusiva em sítios da Tradição Aratu”.

Quanto aos grupos Uru, estes parecem ter, em porções a oeste do território, aumentado suas influências culturais sobre os Aratu, ao ponto de se pensar em uma nova unidade cultural (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996a). A Fase Mossâmedes, da Tradição Aratu, mesmo perdendo terrenos periféricos aos Uru “[...] mantém até o fim com exclusividade uma grande parcela do território, especialmente as bordas baixas das serras [...]” (SCHMITZ, 1982, p.252).

A partir dos séculos X e XI nota-se nos sítios um aumento na presença de peças relacionadas a outros grupos (Tupiguarani e Uru) e a adoção cada vez maior de elementos tecnológicos destes artefatos cerâmicos, assim como variações consideráveis no tamanho, forma e implantação na paisagem dos sítios, fatos que indicam processos de mudança cultural profundos nestas sociedades [...] (OLIVEIRA, 2005, p.24).

²⁷ As datações apontadas por Wüst (2000, p.326) para a Tradição Tupiguarani em Goiás e Mato Grosso vão de 860 d.C. a 1440 d.C e para a Tradição Uru a oeste do rio Tocantins (GO) até o rio São Lourenço (MT) de 800 d.C. a 1720 d.C.

Com base em diversos autores (SCHMITZ, 1982; WÜST, 1983, 2000; PROUS, 1992, 2000, 2007; ALVES, 2009, 2013; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996a, 1996b; MARTIN, 1999; FERNANDES, 2001; SOARES, 2013; RODRIGUES, 2014; LUZ ZAGO, 2017; PEREIRA, 2018 etc.) e de forma sintética, algumas das características “padrões”²⁸ da Tradição arqueológica Aratu podem assim ser relatadas:

- ✓ vasilhas cerâmicas sem ou com raridade de decoração interna ou externa;
- ✓ contornos simples, bordas onduladas, com morfologias em meia calota, ovoides, elipsoides, esféricos/semiesféricos e piriformes (forma de pera), além de vasos geminados e fusos perfurados;
- ✓ Ausência de assadores e vasilhames planos que indicam dieta alimentar não baseada exclusivamente na mandioca, muito embora farinhas²⁹ poderiam ser produzidas a partir de outras matérias-primas, haja vista a expressiva presença de artefatos líticos como batedores, bigornas com cúpulas etc.
- ✓ material lítico lascado exíguo quando comparado à cerâmica, em geral, não curados e eventualmente retocados. Bigornas com cúpulas, batedores sobre seixos e lâminas não muito grandes estão entre os componentes líticos brutos, picoteados e polidos;
- ✓ grandes vasos piriformes, chegando a mais de um metro de diâmetro, os quais comumente eram utilizados como urnas funerárias;
- ✓ sítios a céu aberto, com feições de manchas de terra preta, frequentemente há alta densidade de fragmentos cerâmicos;
- ✓ as feições dos sítios habitações formam círculos ou anéis no entorno de espaço central com pouco ou nenhum material arqueológico³⁰;
- ✓ os sítios têm padrão de assentamento próximos a cursos de água medianos e pequenos, mais distantes de grandes rios³¹; encontram-se sobre áreas planas ou de inclinação suave, em meia encosta de colinas ou chapadas.

²⁸ Quanto a esse termo cabe uma observação: “Destaca-se que as características listadas nem sempre se repetem em sua totalidade para todos os sítios filiados à tradição, sendo comuns as marcadas variabilidades regionais” (SOARES, 2013, p.62, grifo nosso).

²⁹ Muito embora raras, as análises de pólen têm trazido importantes contribuições, como as efetuadas para a Fase Mossâmedes, no centro-sul de Goiás, as quais revelaram altas incidências de plantas de grãos, mas não de mandioca (WÜST, 1983, 1990).

³⁰ Rodrigues (2014, s/p) acrescenta que haveria também grandes aldeias lineares, muitas vezes identificadas com um formato circular, oval ou em ferradura.

³¹ Essa característica leva os pesquisadores a suporem que esses índios não eram canoeiros.

O desenvolvimento de pesquisas continua ampliando o conhecimento sobre as áreas já conhecidas quanto a presença de sítios Aratu, como no médio curso do rio Tocantins (ROBRAHN-GONZÁLEZ, DE BLASIS, 1997; OLIVEIRA, 2005; MORALES, 2008), oeste baiano (FERNANDES, 2011; MACHADO, 2015), médio rio São Francisco (FAGUNDES et al., 2015), ao leste³² e norte paulista (CALDARELLI, 2001/2002; PENIN; DE BLASIS, 2005/2006; FACCIO, 2012a, 2012b; RASTEIRO, 2015; LUZ ZAGO, 2017; PEREIRA, 2018), além disto, elas têm trazido informações para áreas geográficas até então inéditas, como ao norte paranaense (SCHMITZ; ROGGE, 2008) e ao litoral paulista (BENDAZZOLI, 2014).

Como visto, a Tradição Aratu encontra-se distribuída sobre uma grande área do Brasil Central, zonas litorâneas e adjacências no Nordeste e Sudeste do país, cujas características “padrão” apresentam marcadas especificidades regionais. Comumente, a permanência de certos padrões estilísticos na cerâmica, mesmo diante de interações com outras tradições tecnológicas, reforça a ideia de esse artefato ter sido um forte marcador cultural (material) dos grupos Aratu.

Todavia, essa grande extensão territorial e a variabilidade artefactual sob o que se denominou de Tradição Aratu é, por vezes, geradora de questionamentos, dada algumas diferenças estilísticas locais e regionais. Na cerâmica Aratu-Sapucai, por exemplo, há variedades de urnas globulares e bordas retas. Em Goiás, na fase Mossâmedes, o uso do antiplástico cariapé em parte da tralha cerâmica, provavelmente, revela a influência Uru e difere dos temperos de areia e grafite utilizados no Nordeste (MARTIN, 1999). No sítio Água Limpa, norte paulista, estudado por Fernandes (2001), o enterramento fora de urnas é singular, até o momento, quando o assunto é práticas mortuárias Aratu.

Assim, diante de toda a gama de variabilidades estilísticas sob o que se convencionou de Tradição Aratu, fica evidente que, independente da especificidade da pesquisa, a cultura material associada à essa tradição arqueológica necessita ser analisada e interpretada à luz de suas propriedades locais e regionais, bem como de seus diferentes graus de interação com o ambiente e outras culturas ameríndias.

³² Na bacia do rio Paraíba do Sul, os sítios Caçapava I (datações de 1040 a 1430 A.D.) e Light foram pesquisados e apresentaram características da Tradição Aratu, muito embora com especificidades locais (CALDARELLI, 2001/2002; CALDARELLI, 2012).

2.2 A Tradição Arqueológica Aratu na bacia do baixo rio Grande e suas interações³³

Os dados relevam que cerca de 70% das tradições cerâmicas inferidas para o Centro-Oeste do Brasil são Aratu e Uru (WÜST, 2000). Em áreas contíguas, como o estado de São Paulo, é a Tradição Tupiguarani³⁴ que figura como a mais antiga e expressiva numericamente, com sítios dispersos por todo o território. Percebe-se, no entanto, áreas pelo estado com maiores influências da Tradição Guarani e Itararé, ao sul e a oeste, nos vales do Ribeira e do Paranapanema, e ocupações Aratu, mais concentradas ao norte, na bacia do rio Grande (MORAIS, 1999/2000; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2000; AFONSO, 2005; 2008/2009; 2016; AFONSO; SALLUM; LOPES, 2009; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2010).

Os sítios Aratu que vêm sendo estudados no norte/noroeste paulista, onde se encontram os Sítios Turvo³⁵, têm ajudado a ampliar o quadro de conhecimentos sobre essa tecnologia na região e, em linhas gerais, demonstrado padrões materiais semelhantes ao Brasil Central, refletindo contextos extra regionais e elementos de interações culturais com as tradições ceramistas Tupiguarani e Uru (MARANCA; SILVA; SCABELLO, 1994; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2000; FERNANDES, 2001; PENIN; DE BLASIS, 2005/2006; AFONSO; MORAES, 2007; AFONSO, 2008/2009; AFONSO; SALLUM; LOPES, 2009; FACCIO, 2012a, 2012b; RASTEIRO, 2015; LUZ ZAGO, 2017; PEREIRA, 2018).

³³ O estudo ou apontamento de contatos culturais não é algo novo. O padre Anchieta que por tanto tempo esteve junto com os Tupi de São Paulo, comenta: “Alem destes, há outra casta de índios grandemente disseminada por toda parte (a qual chamam carijós) em nada diferente destes no alimento, no modo de viver e na língua, todavia muito mais mansos e mais propensos às cousas divinas [...]” (SCATAMACCHIA, 2009, p.106-107).

³⁴ Essa tradição pode ainda ser subdividida em outras duas culturas, relacionadas aos seus ambientes e modos de dispersão a partir da Amazônia brasileira. A Tupinambá e a Guarani: “No ramo leste-nordeste (Tupinambá) se desenvolveu uma cerâmica de tradição policrômica e vasos – utensílios de formas abertas que indicam procedimentos para processos da mandioca brava [...] o ramo tupi que seguiu o rumo leste nordeste atingiu o litoral e lá estava instalado nos séculos XVI e XVII [...] No ramo meridional (Guarani) prevaleceu a tradição corrugada, em poucos sítios igualada pela policrômica, e utensílios de formas globulares próprios para ferver o milho [...] deslocando-se pelo Madeira e Guaporé alcançou a bacia dos rios Paraná e Uruguai pouco antes da era cristã e aí estavam densamente instalados nos séculos XVI e XVII [...]”. Mano (2006, p.199). Para aprofundamentos, Dias O. e Panachuk (2008) discutem de forma ampla as características da Tradição Tupiguarani no Sudeste do Brasil.

³⁵ Houve grande impulso nos estudos culturais após a regulamentação de leis e portarias, em meados e fins da década de 1980, que atrelaram o licenciamento ambiental de empreendimentos modificadores do meio físico às pesquisas arqueológicas. Os sítios Turvo, estudados nessa tese de doutorado, foram descobertos e pesquisados sob etapas do licenciamento ambiental: Processo IPHAN nº. 01506.0001186/2009-15, Usina Guariroba, Pontes Gestal – SP, coordenadas pela arqueóloga Neide Barrocá Faccio.

Quando se comparam as datações e o padrão cultural das ocupações Aratu em Goiás, parece existir um *continuum* que se estende ao Triângulo Mineiro e norte paulista. “Para o norte de São Paulo, os dados são semelhantes a Minas Gerais, onde se evidenciam assentamentos de menores proporções e elementos [especialmente] Tupis-guaranis associados” (SOARES, 2013, p.65), ademais, os sítios são, via de regra, mais recentes do que aqueles investigados na bacia do baixo rio Paranaíba, corroborando com a hipótese de presença cada vez mais intensa de grupos Uru a oeste, dilatando não apenas as fronteiras orientais do território, mas deixando os contatos intertribais mais frequentes, consequentemente fortalecendo intercâmbios materiais e humanos.

São recentes as pesquisas arqueológicas que evidenciaram e estudaram sítios Aratu no baixo rio Grande paulista. A primeira delas foi a do Sítio Maranata (MARANCA; SILVA; SCABELLO, 1994), localizado no município de Olímpia, entre as bacias do rio Tietê e Grande, em área de colinas amplas e vertentes suaves. Embora perturbado pelo arado, esse contexto indicou tratar-se de uma grande aldeia, com presença de expressiva quantidade óssea, possivelmente relacionada a sepultamentos (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2000), e fragmentos de vasilhames cerâmicos com morfologias tipicamente Aratu como urnas globulares, formas esféricas, vasilhas duplas, bordas extrovertidas etc., além de elementos que indicam interação cultural como “[...] atributos decorativos (pintura em faixas vermelhas) e morfológicos (bases planas e formas de perfil complexo) [...]” (AFONSO; SALLUM; LOPES, 2009, p.10).

Interações culturais no município de Olímpia também foram apontadas no sítio Olímpia VII (Aratu/Uru), pesquisado pela empresa Zanettini Arqueologia. Encontra-se implantado em meia encosta, com distribuição de material de forma paralela a um curso de água, datado de 360 ± 80 e 490 ± 110 anos A.P. Em contexto semelhante, no baixo Pardo, interações Aratu/Uru foram diagnosticadas no sítio Ribeirão das Pitangueiras, datado de 430 ± 80 A.P. (AFONSO, 2016; PEREIRA, 2018).

Também na década 1990, pesquisadores da USP foram acionados por moradores, por conta de vestígios arqueológicos presentes em Monte Alto – SP, bacia do rio Turvo/Grande. Região com domínio de chapadões florestados, na faixa de transição de cerrados e florestas de galerias (AB’SABER, 2005), características muito semelhantes ao contexto dos sítios Turvo. A presença de vasilhas com formas duplas,

esféricas, bordas extrovertidas e urnas globulares indicaram tratar-se da tecnologia Aratu-Sapucaí. Notou-se também no acervo pinturas em faixas vermelhas, bases planas e formas de perfil complexo, indicativos de interação cultural. Nesse contexto, chama a atenção as datações (mais antigas para a região), alcançando cerca de 1.400 A.P. e estendendo-se até 375 ± 40 A.P., refletindo um longo período de ocupação (FERNANDES, 2001; ALVES, 2009).

As datas mais recuadas no Sítio Água Limpa inserem esse contexto nos séculos V e VI da era cristã, destoando das cronologias do Brasil Central, que tem crescimento no número de sítios dessa tradição tecnológica apenas a partir dos séculos VIII e IX. Muito embora, em análise diacrônica, Afonso, Sallum e Lopes (2009, p.10) observam que no Água Limpa os materiais mais vinculados à tradição Aratu apresentaram datas de 720 ± 70 A.P. e 456 ± 50 anos A.P. Nesse sentido, essa cronologia coadunaria com o “padrão temporal” inferido, até o momento, para a bacia do baixo rio Grande paulista.

As ocupações Aratu na região seguiriam até os primeiros séculos após a chegada dos colonizadores na costa brasileira. Ainda no século XVIII, esses grupos indígenas impunham grande resistência ao avanço da empresa colonial no sertão e, sem dúvida, nesse processo de luta, o desarranjo territorial deve ter refletido negativamente em muitos aspectos da vida social e material dessas tribos.

Um dos sítios que merece destaque diante das características de interação cultural é o Água Branca (localizado na bacia do rio Pardo, tributário do rio Grande), município de Casa Branca, SP, e datado em 205 ± 20 anos A.P. por Termoluminescência (TL). Como explicam as pesquisadoras Afonso e Moraes (2007, s/p):

A cerâmica do sítio Água Branca chama a atenção por vários motivos: a maior parte dos fragmentos é lisa, sem decoração, com pequenas dimensões e, o mais surpreendente, apresenta cariapé³⁶ como antiplástico. A análise detalhada da cerâmica identificou características das Tradições Aratu-Sapucaí (fragmentos indicadores de formas duplas, apliques), Tupiguarani (caco moído na pasta, ombros indicando vasos de formas complexas) e Uru (cariapé, bases planas com ângulos de 90°) (AFONSO; MORAES, 2007, s/p, grifo nosso).

³⁶O cariapé ou antiplástico vegetal de fibras carbonizadas é associado à tradição Uru, servindo como indicador de situações de contato Uru/Aratu (SOARES, 2013, p.63).

Além dos sítios arqueológicos descritos, outros no norte/nordeste paulista foram identificados e estudados, desde pelo menos a década de 1980. As considerações estilísticas da cerâmica, especialmente, além do formato das aldeias, em alguns casos, indicariam a presença de grupos Jê nessa porção do espaço paulista, dentre esses estão os sítios: Lagoa Preta I (280 anos A.P.), Lagoa Preta II e Bebedouro da Pedra (Serra Azul), Tamanduazinho (São Simão), datado de 990 anos A.P. e Baixadão (Paulo de Faria) na bacia do rio Grande. O sítio Cachoeira de Emas 1 é semelhante ao sítio Água Branca e Olímpia VII, com características Aratu/Uru, e localiza-se na bacia do rio Mogi Guaçu, afluente do rio Pardo (AFONSO; MORAES, 2007; AFONSO, 2008/2009; AFONSO, 2016).

Pesquisas arqueológicas na região da Usina Água Vermelha levantaram 33 sítios de diferentes culturas no norte paulista e Triângulo Mineiro - Portaria nº 43 de 24/09/97 (DOCUMENTO, 2015; ROBRAHN-GONZÁLEZ et al., 1998). Dentre eles, destaca-se os Sítios Água Vermelha 1 e 2, localizados no município de Ouroeste/SP, na divisa com o Triângulo Mineiro. O sítio Água Vermelha 1 apresenta características Tupiguarani/Uru, nele havia vestígios de sepultamentos (material ósseo humano e animal), lítico lascado e fragmentos cerâmicos com antiplástico cariapé. Já o Água Vermelha 2 é um sítio Aratu de grande extensão, que apresenta características de diversificação cultural (ROBRAHN-GONZÁLEZ et al., 1998). “Algumas características da cerâmica, como o uso do caco moído como antiplástico e as formas infletidas, seriam associadas à influência Tupi, e o uso de cariapé, aos grupos Uru, indicando cerâmicas de origens variadas [...]” (AFONSO, 2008/2009, p.136). As datas (C14) obtidas para esse contexto ficaram entre 700 ± 70 A.P. a 1010 ± 50 anos A.P.

Mais recentemente, também por meio de pesquisas da Arqueologia Preventiva, foram identificados 26 sítios no norte de São Paulo filiados à Tradição Aratu, incluindo os do estudo em tela – Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B, apresentados e discutidos nos capítulos posteriores – (FACCIO et al., 2011/2012; FACCIO et al., 2014). Os dados desses estudos de licenciamento ambiental foram verticalizados por diversas pesquisas de iniciação científica, mestrados e doutorados (FAVARELLI; NERY; FACCIO, 2009; FAVARELLI; FACCIO, 2010; ROSA, 2017; LUZ ZAGO, 2017; PEREIRA, 2018).

A pesquisa de Luz Zago (2017) estudou sítios com predomínio de cerâmicas simples e interações culturais, localizados em baixas e médias vertentes de colinas

aplainadas: Sítios Bela Vista do Jacaré, Guaíra (notou-se na cerâmica elementos da Tradição Tupiguarani) e o sítio Nova Índia, Barretos (sítio bastante perturbado, que sugere contato com grupos Uru; pensando-se na presença de antiplástico vegetal cariapé); os outros sítios cerâmicos estudados pela autora op. cit., muito embora não classificados de acordo com tradições arqueológicas, sugerem em seus acervos elementos técnicos que os enquadrariam como Aratu: Cervo (Guaíra), Capão Escuro (Miguelópolis), Rosário (Guaíra), Santo Antônio do Lajeado (Barretos) e Balsamina (Guaíra).

Os sítios Água Azul e Água Azul II (ambos em Miguelópolis) foram ocupados em dois momentos distintos, em um período mais recuado por caçadores-coletores e posteriormente por grupos ceramistas, ao que tudo indica, associados à Tradição Aratu. Esses sítios foram apontados por Luz Zago (2017) como áreas em palimpsestos, ou seja, locais muito alterados por ações antrópicas e naturais, onde as relações espaço-temporais já teriam sido muito alteradas, dificultando inferências fidedignas; quiçá se possa incluir nesse bojo o sítio Vassoral São José, em Guaíra, que apresentou apenas três fragmentos cerâmicos. Por fim, todos esses contextos culturais cerâmicos estudados por Luz Zago (2017) foram datados por TL e a faixa temporal indicou 485 ± 65 para o sítio mais antigo – Balsamina e 95 ± 10 para o Sítio Cervo³⁷; em geral, as datações dos outros contextos culturais tenderam a se aproximar mais do sítio Balsamina, exceto o sítio Cervo, como se nota.

No município de Icém/SP, na faixa de depleção da represa UHE Marimbondo, vestígios arqueológicos foram diagnosticados de forma paralela ao córrego Menino Jesus. O sítio de nome homônimo ao córrego foi datado de 600 ± 70 anos A.P. e 715 ± 55 anos A.P e associado à tradição Aratu. Pereira (2018, p.100) efetuou inferências de interação cultural, sobretudo, no material cerâmico, observando que os:

[...] fragmentos cerâmicos apresentando parede angular e pintura sobre engobo são característicos da tradição Tupiguarani. Pondera-se, também, que a rara presença de cariapé como tempero e a configuração linear do sítio remetem às características de sítios filiados à tradição Uru (PEREIRA, 2018, p.100).

³⁷ Em comunicação oral a autora informou que essa é uma data anômala, já que corresponde a ocupação Aratu em tempos muito recentes na região. Nesse aspecto, mais amostras cerâmicas do sítio deverão ser datadas a fim de avaliar o resultado.

2.2.1 Levantamento de sítios arqueológicos na bacia do baixo Rio Grande, lado paulista e mineiro

A fim de se levantar e discutir as características “cronoculturais” em territórios municipais que compõem a bacia do baixo rio Grande, lado mineiro e paulista, procedeu-se a pesquisa sobre as tipologias de sítios arqueológicos registrados (até março de 2018); tomando-se como referência os relatórios do acervo do IPHAN-SP e outras fontes (SCHLOBACH, 2000; RASTEIRO, 2015; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2010; FAGUNDES, 2015; LUZ ZAGO, 2017; PEREIRA, 2018 etc.).

São sítios majoritariamente levantados e registrados por pesquisas desenvolvidas pela Arqueologia Preventiva, por conta do licenciamento ambiental de diversos tipos de empreendimentos; entretanto, destaca-se nesse bojo, as áreas de usinas hidrelétricas e aquelas ligadas ao plantio de cana-de-açúcar.

Em apoio aos dados sucintamente apresentados a seguir (Gráficos 1 ao 4), com foco nas tradições ceramistas na área de pesquisa, tem-se a Tabela 1 (Anexa), e o Mapa com a distribuição das tradições arqueológicas (tipologia de sítios) na área do baixo Rio Grande, lado paulista e mineiro (Figura 9), o qual pode ser acessado e manipulado por meio do link:

https://majortom.carto.com/viz/b4b8a3fc-88cd-4fb8-82b9-6edb7e64f20b/embed_map

Essa ferramenta digital objetiva facilitar a consulta e a manipulação de atributos locais (zoom, de acordo com o interesse do pesquisador), filiações culturais (características da cultura material) e datações (quando existentes) para os sítios levantados nesse recorte territorial.

Figura 9: Distribuição das tradições arqueológicas (tipologia de sítios) na área do baixo Rio Grande

Fonte: IPHAN (2018); Schlobach (2000); Rasteiro (2015); Zanettini Arqu. (2010); Fagundes (2015); L. Zago (2017); Pereira (2018).

Gráfico 1: Sítios registrados nos municípios que compõem a bacia do baixo rio Grande, nos estados de São Paulo e Minas Gerais

Fonte: Relatórios IPHAN (até 03/2018) e outros. Org.: O Autor (2018).

Quando são analisados os tipos de sítios levantados até o mês de março de 2018 nos municípios que compõem o baixo rio Grande paulista e mineiro, percebe-se que, muito embora o número de sítios não classificados seja alto (30,22% do total), têm-se na sequência os sítios da Tradição ceramista Aratu como aqueles com o maior número de inferências nesse recorte territorial (82 sítios ou 25,55% do total), seguido pelos sítios líticos (20,56%), históricos (6,85%) e os contextos Tupiguarani, com registro de 20 sítios na área ou 6,23% do total.

Chama-se a atenção às interações culturais das tradições ceramistas na área, quais sejam: Aratu/Tupiguarani, Aratu/Tupiguarani/Uru, Aratu/Uru e Tupiguarani/Uru, como apresentado no gráfico 2. Estes, portanto, não devem ser confundidos com os sítios multicomponenciais (Sem definição³⁸/Histórico, Lítico/Sem definição, Lítico/Histórico, Lítico/Aratu-Tupiguarani e Lítico/Aratu), uma vez que, ao que tudo

³⁸ A quase totalidade dos sítios arqueológicos que apresentaram dados incompletos “sem definição” são do tipo cerâmico.

indicou nas fichas IPHAN e nos relatórios consultados, trata-se de contextos que apresentaram distintas tecnologias ceramistas em um mesmo contexto.

Gráfico 2: Tradições ceramistas na bacia do baixo rio Grande paulista e mineiro

Fonte: Relatórios IPHAN (até 03/2018) e outros. Org.: O Autor (2018).

Os dados observados no gráfico 2, separando-se as tradições ceramistas das outras tipologias de sítios, permitem ver mais claramente o predomínio da tradição Aratu (65% do total) e com porcentagem bem inferior os registros de sítios Tupi (16%) na área. Dentre as interações culturais destacam-se os sítios Aratu/Tupiguarani com 12 registros (9%), Aratu/Uru (8 sítios ou 6% do total), Aratu/Tupiguarani/Uru e Tupiguarani/Uru com dois registros cada, totalizando 4% do total.

Gráfico 3: Tradições cerâmicas inferidas na bacia do baixo rio Grande paulista

Fonte: Relatórios IPHAN (até 03/2018) e outros. Org.: O Autor (2018).

Gráfico 4: Tradições cerâmicas inferidas na bacia do baixo rio Grande mineiro

Fonte: Relatórios IPHAN (até 03/2018) e outros. Org.: O Autor (2018).

Quando são analisados os dados dos gráficos 3 e 4 com relação às tradições cerâmicas e separando os territórios municipais paulistas e mineiros, observa-se o

destaque no número de sítios registrados na porção paulista do baixo rio Grande³⁹ (superioridade da tecnologia Aratu com 57% do total, seguida da Tupiguarani com 19% do total. Dentre as associações culturais, são essas duas tradições em conjunto que detêm a maior parte dos dados 12%), em detrimento do mineiro (25 registros, sendo 24 deles de sítios Aratu e apenas um Tupi). As interações culturais nos contextos levantados seguem as tendências já expostas no gráfico 2, uma vez que, do lado mineiro da bacia do baixo Grande, nenhuma associação tecnológica entre distintas tradições foi inferida até o momento.

Esses números advindos de pesquisas científicas, mais numerosas a partir de fins da década de 1980, vêm confirmando o que os documentos históricos e etnohistóricos já apontavam, ou seja, a expressiva presença de grupos indígenas, nessas porções territoriais.

A base cronológica das ocupações na região, aferida por meio das datações realizadas nos contextos arqueológicos, ainda é muito incompleta, como pode ser visto no Quadro 1. Neste é possível observar algumas datações que não se enquadram nos padrões temporais conhecidos até o momento. De um modo geral, as datações na região de pesquisa apontam à presença de aldeias indígenas, especialmente nos primeiros séculos da colonização portuguesa.

Quadro 1: Contextos culturais datados no baixo Rio Grande

MUNICÍPIOS	NOME DO SÍTIO	TIPO / TRADIÇÃO	DATAÇÃO	FONTE
Barretos	Ribeirão Pitangueiras	Aratu/Uru	430 ± 80 TL	ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Programa Guarani de Gestão dos Recursos. Programa de Resgate - Área de expansão de cultivo da Usina São José. Municípios de Olimpia, Barretos, Tanabi, Colina e Pedranópolis, São Paulo, 2011.

³⁹ Essa superioridade numérica também é inferida nas demais tipologias de sítios e quando são analisados os processos dos relatórios de pesquisa. Ver tabelas anexas.

MUNICÍPIOS	NOME DO SÍTIO	TIPO / TRADIÇÃO	DATAÇÃO	FONTE
Barretos	Santo Antônio do Lageado	Aratu	395 ± 65 TL. Laboratório de Datação, Comércios e Serviços Ltda. Faccio (2012)	LUZ ZAGO, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo, 2017.
Cardoso	Turvo 1	Aratu	610 ± 80 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	FACCIO, N. B. et al. Relatório de Resgate das Áreas dos Sítios Arqueológicos Turvos. FCT/ UNESP, 2011/2012.
Cardoso	Turvo 2	Aratu	480 ± 70 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	FACCIO, N. B. et al. Relatório de Resgate das Áreas dos Sítios Arqueológicos Turvos. FCT/ UNESP, 2011/2012.
Colina	Colina 1	Tupiguarani	420 ± 40 (TL)	ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Programa Guarani de Gestão dos Recursos. Programa de Resgate - Área de expansão de cultivo da Usina São José. Municípios de Olímpia, Barretos, Tanabi, Colina e Pedranópolis, São Paulo, 2011.
Guaíra	Sítio Balsamira	Aratu	485 ± 65 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	LUZ ZAGO, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo, 2017.
Guaíra	Sítio Bela Vista do Jacaré	Aratu	420 ± 50 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	LUZ ZAGO, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo, 2017.

MUNICÍPIOS	NOME DO SÍTIO	TIPO / TRADIÇÃO	DATAÇÃO	FONTE
Guaíra	Sítio Cervo	Aratu	95 ± 10 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	LUZ ZAGO, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo, 2017.
Guaíra	Sítio Rosário	Aratu	300 ± 40 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	LUZ ZAGO, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo, 2017.
Icém	Menino Jesus	Aratu/Tupiguarani/Uru	600 ± 70 A.P. 715 ± 55 A.P. (TL) Laboratório de Datação, Comércios e Serviços Ltda.	PEREIRA, D.L.T. Arqueologia da Paisagem aplicada ao Estudo dos Sítios Arqueológicos na Bacia do Rio Turvo- Grande, Região Norte do Estado de São Paulo, 2018.
Meridiano	Meridiano	Tupiguarani	380 ± 75 TL Laboratório de Datação, Comércios e Serviços Ltda.	FACCIO, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.
Miguelópolis	Capão Escuro	Aratu	460 ± 75 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	LUZ ZAGO, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo, 2017.
Miguelópolis	Água Azul 2	Lítico e Aratu	465 ± 65 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	LUZ ZAGO, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo, 2017.

MUNICÍPIOS	NOME DO SÍTIO	TIPO / TRADIÇÃO	DATAÇÃO	FONTE
Monte Alto	Água Limpa	Aratu	TL na USP: na Zona 1, as datas vão de 1524 +- 212 a 460 +- 50 anos A.P. A média das 10 datas seria 1035 +- 148 anos A.P.	FERNANDES, S. C. G.; Contribuição para o Estudo da Tradição Aratu-Sapucaí Estudo de Casos: O Sítio Arqueológico de Água Limpa, Monte Alto - São Paulo in: Canindé, Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, nº 1, dezembro de 2001.
Olímpia	Olímpia 4	Tupiguarani	340 ± 80 (TL)	ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III), 2007.
Olímpia	Olímpia 7	Aratu/Uru	360 ± 80 (TL) 490 ± 110 (TL)	ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III), 2007.
Ouroeste	Água Vermelha 2	Aratu	700 ± 70 A.P. 1010 - 50 A.P. Beta Analytic C14	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR). Programa Arqueológico Água Vermelha/ Salvamento arqueológico do Sítio Água Vermelha

MUNICÍPIOS	NOME DO SÍTIO	TIPO / TRADIÇÃO	DATAÇÃO	FONTE
Ouroeste	Água Vermelha 3	Lítico	9.000 - 3.300 B.P. C-14	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR). Programa Arqueológico Água Vermelha/ Salvamento arqueológico do Sítio Água Vermelha
Pedranópolis	Marinheiro	Aratu	1100 ± 150 A.P. (TL), 930 ± 40 A.P. C14	ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Programa Guarani de Gestão dos Recursos. Programa de Resgate - Área de expansão de cultivo da Usina São José. Municípios de Olímpia, Barretos, Tanabi, Colina e Pedranópolis, São Paulo, 2011.
Pontes Gestal	Turvo 3	Aratu/Tupiguarani	740 ± 95 A.P. (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	FACCIO, N. B. et al. Relatório de Resgate das Áreas dos Sítios Arqueológicos Turvos. FCT/ UNESP, 2011/2012.
Pontes Gestal	Turvo 4	Aratu/Tupiguarani	375 ± 40 A.P. (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	FACCIO, N. B. et al. Relatório de Resgate das Áreas dos Sítios Arqueológicos Turvos. FCT/ UNESP, 2011/2012.
Pontes Gestal	Turvo 5-A	Aratu/Tupiguarani	375 ± 40 A.P. (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	FACCIO, N. B. et al. Relatório de Resgate das Áreas dos Sítios Arqueológicos Turvos. FCT/ UNESP, 2011/2012.

MUNICÍPIOS	NOME DO SÍTIO	TIPO / TRADIÇÃO	DATAÇÃO	FONTE
Pontes Gestal	Turvo 5-B	Aratu/Tupiguarani	600 ± 100 A.P. (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.	FACCIO, N. B. et al. Relatório de Resgate das Áreas dos Sítios Arqueológicos Turvos. FCT/UNESP, 2011/2012.
Valentim Gentil	Ararinha	Tupiguarani	175 ± 30 TL. Laboratório de Datação, Comércio e Serviços Ltda.	FACCIO, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.
Valentim Gentil	Santa Cruz	Tupiguarani/Uru	205 ± 25 TL. Laboratório de Datação, Comércio e Serviços Ltda.	FACCIO, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.
Valentim Gentil	Viradouro	Tupiguarani	265 ± 45 TL. Laboratório de Datação, Comércio e Serviços Ltda.	FACCIO, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.

Org.: O autor (2018).

Referente ao levantamento e espacialidade dos dados apresentados, bem como salientaram Rodier (2006) e Desachy (2006), é sempre válido reafirmar que suas distribuições não necessariamente refletem zonas especiais, densidades e rotas de ocupações pretéritas, posto que os dados estão relacionados sobremaneira ao estado de conhecimento atual e provém em grande parte das pesquisas da Arqueologia Preventiva que obedecem às áreas de influência e a geometria dos diversos tipos de empreendimento como: rodovias, linhas de transmissão de energia, faixas de depleção de reservatórios etc.

Para a região de pesquisa, sabe-se que a maior parte dos levantamentos arqueológicos estiveram relacionados ao licenciamento de empreendimentos hidrelétricos e às atividades agrícolas da monocultura canavieira, o que de um modo bastante significativo, como é possível ver no mapa de distribuição das ocupações indígenas, criou zonas mais densas, por vezes com tendência linear. Em suas proximidades há grandes lacunas, ao que tudo indica, isso se deve à ausência de

pesquisas sistemáticas e não discrepâncias geoambientais ou mudanças mais significativas nos padrões⁴⁰ de assentamento.

2.3 Os documentos escritos: fontes históricas e etnohistóricas

No final do século XV e durante o XVI, quando os europeus chegaram nas Américas e produziram seus primeiros relatos e crônicas de viagens, suas filosofias de mundo encontravam-se em transição, de valores ainda calcados na Idade Média, com a existência de monstros marinhos, planos oceânicos com fins abruptos mortais, sereias e amazonas, paraíso terreal e eldorado, além de outros elementos do imaginário medieval (FAUSTO, 2015; CUNHA, 2009; KOK, 2004).

Paulatinamente, os descobrimentos marítimos e as expansões territoriais no Novo Mundo ajudariam os europeus a desenvolver a cartografia e as bases das ciências naturais, tempos depois, as condições para o desenvolvimento das ciências sociais, dentre elas a Geografia (ANDRADE, 1985). Era um mundo além-mar que se ampliava, precisava ser mais bem conhecido e explorado, e de tal modo, uma nova filosofia do ser vinculada ao Renascimento, ajudaria em percepções de mundo mais amplas que conferiam importância ao olhar e à valorização da experiência. Nesse bojo, os primeiros olhares foram de tentativa de reconhecimento da condição humana do outro, seguidos de visões distorcidas de suas integralidades culturais (RUIVO, 2010).

Os primeiros séculos de contato entre portugueses e ameríndios foram de tentativas de reconhecimento mútuo, obviamente com incidentes beligerantes; em um segundo momento, nos séculos XVIII e XIX, o choque de valores e interesses ficaria mais acentuado, indo além do corpo, isto é, para os luso-brasileiros não bastava mais tornar os índios cativos, a cobiça passaria a querer também as suas terras, vistas como vias à chegada e/ou fontes de recursos minerais valiosos e como estoque de terras agropastoris, aptas a receber colonos e consolidar a expansão ao grande sertão (KOK, 2004; MONTEIRO, 1995).

No início do período colonial da *terra brasílis*, poucos foram os registros escritos sobre a nova terra conquistada. O primeiro deles, feito em um de maio de 1500, foi do

⁴⁰ É importante deixar claro que o conceito de “padrão” empregado nessa tese é compreendido como uma certa regularidade de escolhas culturais pretéritas, não eliminando especificidades culturais, uma vez que estas também indicam caminhos interpretativos.

escrivão Pero Vaz de Caminha⁴¹, componente da armada de Pedro Álvares Cabral, que em 22 de abril de 1500 ancorou no litoral sul do atual estado da Bahia:

[...] houremos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz. [...] Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Outros registros que se seguiram vieram de jesuítas, aventureiros, viajantes e naturalistas que aqui estiveram. Dentre algumas crônicas iniciais, destacam-se as cartas de José de Anchieta de 1560, publicada apenas em 1799 e as de Fernão Cardim, da segunda metade do século XVI. Outras nacionalidades, além da portuguesa, contribuíram com descrições de partes do litoral e do grande “sertão”. Os franceses, por exemplo, deixaram muitos manuscritos quando de suas chegadas ao Rio de Janeiro. Dentre eles pode-se citar: Paulmier de Gonneville (1505) e os livros de André de Thevet (1557) e de Jean de Léry (1578).

Por meio da documentação histórica, durante os primeiros séculos da colonização, é possível inferir que o território paulista estava ocupado por muitas nações indígenas e, de modo generalizante e incipiente, segundo os colonizadores seiscentistas, existiam duas grandes nacionalidades: os tupi e os tapuia. Se os tupi eram associados àqueles que falavam a língua geral, conhecida ao longo da costa de norte a sul, os tapuia eram os que não compreendiam ou não falavam essa língua (SAMPAIO, 1911).

O binômio tupi/tapuia foi muito marcante no panorama inicial da Etnologia do Brasil, empobrecendo a complexidade étnica e cultural do passado indígena. Esse binômio por várias vezes foi reciclado, e esteve presente em outras formas de oposição dual como, por exemplo: manso/bravio, policiado/bárbaro e civilizado/selvagem (MONTEIRO, 1984).

Nos séculos XVI e XVII, o emprego de “alegorias” foi importante para homogeneizar o termo tapuia entre aqueles índios do sertão, filiados à família linguística Jê e de outras línguas isoladas. Eles eram reconhecidos como índios belicosos e de extrema primitividade. É possível pensar que os luso-brasileiros tenham assimilado muitos estigmas dos grupos Tupi-Guarani, tradicionais inimigos dos Jê,

⁴¹ A carta de Pêro Vaz de Caminha. Fundação Biblioteca Nacional. Ministério da Cultura.

dado o maior contato e alianças firmadas com essas etnias (RIBEIRO, 2009). Nesse sentido, a carta do Padre João de Azpilcueta Navarro (Cartas Jesuíticas, 1550-1568) é um exemplo de como eram vistos os chamados tapuias na época:

No outro dia nós fomos e passamos muitos despovoados especialmente um de vinte e três jornadas por entre uns índios que chamam *tapusas*, que é uma geração de índios bestial e feroz; porque andam pelos bosques como manadas de veados, nus, com os cabelos compridos como mulheres. A sua fala é mui bárbara e eles mui carnicheiros e trazem flechas ervadas e dão cabo de um homem num momento (CARTAS JESUÍTICAS, 1550-1568).

Nesse ínterim, assim como os relatos históricos, os registros cartográficos da nova terra não foram muito numerosos, suas características mais detalhadas, quando existentes, ficariam concentradas nos territórios e povos costeiros ou adjacências. Nos documentos cartográficos desses séculos, palavras como tapuia e, mais frequentemente, sertão (esta palavra ou conceito foi utilizado de modo recorrente até o século XIX), ajudam a compreender relações de poder e a ideologia da empresa colonial.

Nessa perspectiva, para a leitura mais abrangente de um mapa histórico, é interessante ir além da “[...] localização de coisas, processos e dados do passado [...]”, sob a teoria da Nova História da Cartografia é preciso entender que os “[...] mapas reescrevem o mundo, igual a qualquer outro documento, em termos de relações e práticas de poder, preferências e prioridades culturais” (HARLEY, 2005, p.61). Sem tais críticas, as ideias tendem a permanecer em um contínuo ciclo “colonizante”, em postos semelhantes aos quais a cartografia europeia foi calcada como a verdadeira e mais correta forma de fazer mapas, desprezando-se a representação territorial e os conhecimentos indígenas sobre o espaço (PADRON, 2002; OLIVEIRA, 2014).

Sem esgotar o assunto e sem pretensões de estabelecer uma “cartobibliografia”, é válido refletir que menções cartográficas durante o período colonial e imperial no Brasil, a título de exemplos: “sertão desconhecido”, “terras não habitadas” ou “terrenos ocupados por indígenas ferozes”, “habitat dos selvagens” e “terra de tapuias”, ajudariam a fortalecer as “alegorias” de primitividade dos índios, a demarcar propósitos de exploração futura dos espaços interioranos e,

consequentemente, a modificar profundamente a vida desses autóctones (MORAES, 2003; BEIER, MARHTIN, 2018; SANTOS, 2013, 2018)⁴².

Tais características históricas podem ser visualizadas no “Mapa da costa este da América do Sul, de Pernambuco ao estreito de Magalhães”⁴³ de Peter Van Der Aa, ano de 1706 (Figura 10), no “Mappa Chorographico da Provincia de São Paulo”⁴⁴ de Daniel Pedro Müller (1841), na “Carta Topographica da Provincia de São Paulo”⁴⁵ do ano de 1847, de autoria de J. de Villiers de L’île-Adam e no mapa intitulado “Provincia de São Paulo, Atlas do Império do Brazi”⁴⁶ de Cândido Mendes, de 1868.

⁴² Para maiores referências sobre os mapas históricos do século XIX, no território paulista, consultar o trabalho de BEIER, MARHTIN (2018), cujos links também serviram de aporte a esse trabalho.

⁴³ Mapa da costa este da América do Sul, de Pernambuco ao estreito de Magalhães, que mostra a rota de Pieter Carder; a localização de colônias, a rede hidrográfica – rios e lagos, graus de latitude e longitude, detalhes topográficos, relevo desenhado, rosa dos ventos e escalas. O cartucho decorativo inclui uma cena de canibalismo e de guerra (uma igreja é visível, assim como uma grelha com membros humanos e várias armas – arcos, flechas e fogo). Esse mapa era a capa para a sessão dedicada a viagem de Carder na série de livros impressos por Pieter Van Der Aa dedicada a viagens modernas, em 28 volumes dividida em 127 partes com capas e títulos separados, que cobrem o período de 1246 a 1696, impressa entre 1706 e 1708.

Acesso: cartografiahistorica.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=14&Itemid=99&idMapa=600&lang=br

⁴⁴ Daniel Pedro Müller “Mappa Chorographico da Provincia de São Paulo” 1841: <http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/12809/img-2.jpg>

⁴⁵ J. de Villiers de L’île-Adam “Carta Topographica da Provincia de São Paulo” 1847: <http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/12809/img-3.jpg>

⁴⁶ Cândido Mendes “Provincia de São Paulo, Atlas do Império do Brazi” 1868: <http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/12809/img-4.jpg>

Figura 10: Recorte e destaque “tapuyers” no “Mapa da costa este da América do Sul, de Pernambuco ao estreito de Magalhães”. Autor: Pieter Van Der Aa (1706)

Fonte: Cartografia Histórica (2017 – A nota de rodapé n.43 traz a referência completa da obra). Adaptação do autor (2017).

No recorte efetuado no “Mapa da costa este da América do Sul, de Pernambuco ao estreito de Magalhães” de Peter Van Der Aa, impresso no ano de 1706, é possível observar, com destaque nosso, o termo “tapuyers” e no canto inferior direito parte da cena que remete à alegoria generalizante de consumo de carne humana pelos índios (canibalismo).

De acordo com a etnohistória, rituais antropofágicos, não o canibalismo, eram praticados por nações Tupi, especialmente descritos entre os Tupinambá da costa. Muito embora alegorias da época também incluíram os povos Jê como canibais, sabe-se que eles não praticavam a antropofagia e o canibalismo. “A diferença é esta: canibais são gente que se alimenta de carne humana; muito distinta é a situação dos Tupi, que comem seus inimigos por vingança” (CUNHA, 2009, p.189).

Os mapas e os relatos escritos da época colonial e imperial no Brasil ajudariam a consolidar o poder da igreja católica, do império português e da elite local, sobre o território e sua gente. O termo “sertão” isolado ou associado às nações indígenas operava um dado locacional, mas sobretudo carregava uma figura do imaginário, densa de juízos valorativos que indicavam pretensões políticas e sua futura transformação. “Nesse sentido, a designação acompanha-se sempre de um projeto (povoador, civilizador, modernizador), o qual almeja – no limite – a superação da condição sertaneja” (MORAES, 2003, p.6).

Os argumentos e iniciativas de ação sobre o sertão seriam mais bem aceitos e “adequados” quando sabido que nesses locais existiam gentios inferiores, moral e socialmente, sendo um bem integrá-los à sociedade ou, em casos de desavença, cativá-los ou mesmo exterminá-los. Portanto, os Cayapó⁴⁷, povos Jê de sertões distantes, dispostos a defender seus territórios e a manter suas culturas, seriam empecilhos à expansão luso-brasileira.

Ao lado da alteridade Cayapó, a medida que a empresa colonial investia sobre suas terras, se atualizava também a sociocosmologia da guerra “[...] como parte essencial do seu regime relacional e simbólico [...] atacados em seu território, desenvolveram modos de (re)ação e contato com o mundo exterior [...] tal qual no tempo mítico seus heróis fundadores mataram e roubaram o mundo exterior” (MANO, 2015, p.59-60).

2.3.1 Os séculos XVII e XVIII: da amistosidade à luta e os caminhos ao sertão

Em meados do século XVI, houve os primeiros relatos de índios “tapuias” utilizando-se de bordunas ou bilros em seus ataques e defesas. Uma das primeiras descrições a eles, denominados também de Ibiraiara ou Ibirajara, nome que significava na língua geral “senhores do tacape”, teria sido do Padre José de Anchieta (NEME, 1969, RIBEIRO, 2009). No século seguinte, no documento “Relação da Província do Brasil” de 1610, o Padre Jácome Monteiro fazia menção a índios que traziam “nas mãos uns paus roliços, a modo de bilros [...]” ademais, utilizavam-se de uns tipos de arpões, como paus farpados, que “[...] trazem presos por grande cordéis, os quais arremessando-os aos contrários, os arpoam como peixes [...]” (NEME, 1969,

⁴⁷ Utilizo essa grafia, seguindo Giraldin (1997, p.27), por entender que “c” e não “k” ajuda na distinção dos grupos do “norte” e do “sul”, e por ser a escrita da época.

p.139). A partir do século XVII, esses índios seriam conhecidos pelo nome de “Bilreiros”, em referência ao seu instrumento de guerra mais ameaçador⁴⁸.

Muito embora haja algumas semelhanças culturais (uso de tacape, língua distinta, nudez completa dos homens, um chefe máximo, lavoura, caça etc.), não é possível afirmar que as referências históricas aos Ibiraiara, dos primeiros missionários no século XVI, correspondam àqueles índios do sertão mais setentrional da Capitania de São Vicente e Goiás, pois os relatos advieram de áreas geográficas mais ao sul como da região de Guaíra e das cercanias de Piratininga, e também por não haver nessas descrições referências mais detalhadas quanto à língua, questões sociológicas e à produção material desses povos. Essa questão torna-se ainda mais complexa quando, em exercício hipotético, associamos a dispersão da Tradição Aratu aos Cayapó Meridionais e averiguamos presença de sítios em locais muito distantes de suas áreas tradicionais, como no norte paranaense, município de São Paulo e litoral paulista (SCHMITZ, ROGGE, 2008; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2005; BENDAZZOLI, 2014).

Nos mesmos termos, podemos apontar a impossibilidade de relação direta entre os denominados Bilreiros do século XVII e os Cayapó, que aparecem com esse nome apenas na segunda década do século XVIII, quando houve a chegada da bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, em sua descoberta das minas de ouro no vale do rio Vermelho (GIRALDIN, 1997; MANO, 2015). A descrição mais importante desse período, que faz menção ao nome Cayapó, retomada a frente, vem do relato de viagem de Antônio Pires de Campos (1723): “Do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas do Cuiabá e seu recôncavo [...]” (TAUNAY, 1981, p.179).

O que irá permear a correlação entre as designações Bilreiro e Cayapó, além de a famosa arma de guerra, são as localizações geográficas e toponímias contidas nos mapas e documentos de viagens, além disso, inferências mais recentes de pesquisas arqueológicas e etnohistóricas atestam que o norte/noroeste paulista e Triângulo Mineiro, séculos antes e durante o período colonial, serviu a povos que detinham padrões culturais semelhantes àqueles de áreas tradicionalmente Cayapó,

⁴⁸ Fato simbólico foi o “bilro”, instrumento utilizado na guerra, que de tão ameaçador aos inimigos acabou por dar nome ao grupo durante o século XVI e por boa parte do XVII, quiçá por eufonia o termo Cayapó acabou por predominar posteriormente (NEME, 1969).

no que é hoje o Centro-Oeste brasileiro (MORAIS, 1999/2000, ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; AFONSO, 2005, 2016; GIRALDIN, 1997; FAGUNDES, 2015).

Não se encontra referência, nominalmente, a outro grupo vivendo nesta região. Além disto, a própria documentação da época faz referência aos outros grupos que viviam na vizinhança do território Cayapó, como, por exemplo, os Xacriabá. Eles também realizavam ataques contra os “brancos”, mas não eram confundidos com os Cayapó (GIRALDIN, 1997, p.57).

Em área do sertão paulista, no que se cogita ser o noroeste do estado, a entrada de Belchior Dias Carneiro, em 1607, teria feito contatos pacíficos com os Bilreiros (NEME, 1969). As relações entre as entradas e os gentios, nesse momento, parecem ter sido amistosas, pois segundo a tese do autor haveria certa estância⁴⁹ onde “sertanistas de São Paulo iam com frequência, para negócios e resgates, tendo-se mesmo criado a fama de que todos eram ali bem acolhidos e bem tratados pelos componentes da tribo” (NEME, 1969, p.17).

A estância citada era um local de trocas entre os sertanistas e os Cayapó, sem localização precisa, quiçá fosse acessada pela “estrada velha do sertão para o sertão dos Bilreiros”⁵⁰, caminho, ao que tudo indica, feito via terrestre, com ligação ou ramificação ao “caminho geral”⁵¹, e que já seria considerada “estrada velha” em 1650⁵², por não ser mais o sertão dos Bilreiros, que teriam se afastado da área, rumo aos sertões mais distantes, a fim de evitar confrontos com os sertanistas (NEME, 1969). Com base no registro feito no livro de Atas da Câmara de São Paulo a pedido de Clemente Álvares (1606), o autor op. cit. conclui que essa estrada partia:

[...] das imediações do porto de Pirapitingui⁵³, junto da barra do rio dêsse nome no Tietê, ou de um ponto mais atrás, na altura da foz do ribeirão do Putribu, e, seguindo no rumo Noroeste, atravessava o Tietê, depois o Capivari e o Piracicaba, chegando aos campos de

⁴⁹ [...] podemos concluir que a estância dos Caiapó nos começos do século XVII ficava em algum ponto do trajeto que vai da barranca do Tietê, na altura de Putribu-Pirapitingui, à área situada junto das cabeceiras do São Francisco, área que abrange hoje terras mineiras e goianas [...] (NEME, 1969, p.124).

⁵⁰ Nota-se mais que a expressão “estrada para os bilreiros” significava, não uma verdadeira estrada (impossível nas condições de tempo e lugar), mas um caminho de uso mais ou menos continuado e com um ponto certo de destino; não uma trilha de penetração eventualmente utilizada por entradistas, mas uma rota bem conhecida e bem batida, a ponto de merecer o qualificativo de estrada (NEME, 1969, p.123).

⁵¹ [...] rota que seguia de São Paulo para Sant’Ana do Parnaíba e desta para a várzea do Tietê no trecho Putribu-Pirapitingui (NEME, 1969, p.39).

⁵² Conforme inventário de Bernardo Bicudo de 1650 (NEME, 1969).

⁵³ Campos de Pirapitingui, onde havia o *Utu-Guaçu* – grande queda d’água, na época área territorial de Itu.

Araraquara [...] Por esse caminho deviam ter seguido até pouco depois de 1613 muitos dos sertanistas que, mesmo demandando paragens mais distantes, tencionavam contactar com os Bilreiros para reabastecimento e obtenção de guias (NEME, 1969, p.20-21).

É significativo notar que a rota da estrada do sertão dos Bilreiros permaneceu como conhecimento tradicional no século XVIII⁵⁴, como é visto pela descrição de um autor anônimo entre 1720-1723. Dentre outras coisas, ele relata que o caminho era feito por terra de São Paulo ao rio Cuiabá, levando-se um mês no percurso, no entanto, se o mato estivesse baixo, poderia se levar menos dias. Para acessar o caminho as margens do rio Verde era preciso transpor as fortes correntezas e as contínuas cachoeiras que existiam no trecho do rio Paraná (chamado de rio Grande à época) ao Paranaíba, ademais essa área tinha “[...] matas muito grossas, povoadas de muitas nações de gentio, muito ferozes que vivem sem domicílio e por essa razão nunca deles se faz caso” (TAUNAY, 1981, p.204). Na continuidade o relato menciona que os índios Cayapó não eram avistados facilmente no trecho de Itu ao rio Paraná (em território paulista), diferente dos territórios ao lado direito da margem do Paraná, leste e nordeste do atual estado sul mato-grossense:

De Itu ao Rio Grande não se encontram facilmente os Caiepós, a que por outro nome chamam Bilreiros, porque com dificuldades passam ao Rio grande, senão que já em alguma ocasião passaram, e chegaram tão perto de S. Paulo, que tocaram o sino da Igreja de Jundiaí, com cujo som aterrados fugiram. Mas passados o Rio grande até o Rio Verde, será necessário nos Mineiros grande vigilância porque os assaltos dos Caiepós hão de ser contínuos (TAUNAY⁵⁵, 1981, p.205).

As relações teriam ficado estremecidas com os Cayapó, quando o bandeirante Garcia Rodrigues Velho usou a força ou traição para escraviza-los em 1613 (NEME, 1969). Esse parece ser um marco pontual, mas que joga luz ao que viria a ser a relação conflituosa entre os gentios Cayapó e o colonizador ao longo, especialmente, do século XVIII no sertão.

Entre a segunda década e meados do século XVII, houve um arrefecimento nos contatos entre os sertanistas e os índios Cayapó, em regiões do rio Grande e Alto rio Paraná, porque os sertanistas estariam concentrando suas buscas auríferas no

⁵⁴ “Na verdade, logo após o descobrimento do ouro de Cuiabá, seguido do de Goiás, o caminho que cruzava os campos de Araraquara se tornou excelente rota de contrabando, com fácil ligação entre os dois citados centros de mineração e o largo trecho do litoral norte da Capitania” (NEME, 1969, p.55).

⁵⁵ Dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os Rios Cuiabá e Província de Cochiponé. Relatos Sertanistas. Autor anônimo. Afonso de E. Taunay.

leste de Minas Gerais, e em guerras junto aos aldeamentos indígenas, por conta dos regimentos jesuítas, no sul e sudoeste da capitania de São Vicente e no Paraguai, a fim de tornar cativos os índios Guarani ou Carijós⁵⁶ (NEME, 1969; CAPISTRANO DE ABREU, 1998; RIBEIRO, 2009).

O número considerável dos escravizados nas reduções jesuítas manifesta-se na frequência de Carijós, chamavam em São Paulo aos Guaranis. Estes índios, devidamente amestrados, serviam também para as conquistas de outros; eram o grosso das forças dos bandeirantes, cujo papel se limitava ao de oficiais (CAPISTRANO DE ABREU, 1998, p.112).

Teriam sido os índios “mansos e domésticos” escravizados, ou aqueles incorporados por meio de mestiçagem com os colonos, os chamados mamalucos⁵⁷, os responsáveis por guiar sertanistas e bandeirantes ao interior do Brasil, servindo de intérpretes e livrando-os dos muitos perigos da mata (NEME, 1969; MONTEIRO, 1995). Em 1607, a bandeira de Belchior Dias Carneiro rumo a região dos “bilreiros ou caiapós”, por exemplo, apresentou-se com cerca de cinquenta brancos e “muitos índios”⁵⁸. A utilização de índios e mamelucos nesses primeiros séculos, especialmente aqueles do tronco Tupi-Guarani ou descendentes, foi frequente, como registrado. Desses cativos teria provindo o uso do termo Cayapó, que significa “como macacos”; isto é, trata-se de uma designação pejorativa – não uma etnotaxonomia social – dada aos inimigos Jê (TURNER, 1992, p.311).

Além de não ser uma construção altera, o termo Cayapó precisa ser entendido como genérico, na medida que suporta diversos dialetos ou subgrupos: Panará, Mebengokre, Kren-Akarôre, Txukahamãe, Gorotire, Xikrin, Kubenkrakren, Kubenkrañoti, Mekrañoti e Kokraimoro. Diante dos documentos históricos consultados para a área de pesquisa, assim como apontado por Rasteiro (2015), apenas o grupo Panará é citado, ainda que em princípios do século XX (CGGESP, 1913; BARBOSA, 1918).

⁵⁶ Ribeiro (2009, p.67) afirma que após a última batalha em 1651, metade dos 48 aldeamentos existentes haviam sido destruídos e os paulistas teriam matado ou tornado cativos cerca de 300 mil Guarani, número modesto para alguns historiadores.

⁵⁷ Os jesuítas chamam à gente de São Paulo mamalucos, isto é, filhos de cunhãs índias, denominação evidentemente exata, pois mulheres brancas não chegavam para aquelas brenhas (CAPISTRANO DE ABREU, 1998, p.109). Darcy Ribeiro (2015, p.82) expõe que originalmente esse termo é árabe, designado àqueles escravos que eram capazes de exercer o mando e a suserania islâmica sobre a gente de quem foram tirados.

⁵⁸ Carvalho Franco apud M. Neme (1969, p.13).

Os saberes autóctones foram decisivos para o sucesso das andanças no sertão e para a descoberta de recursos minerais valiosos, superando-se obstáculos naturais como cachoeiras e corredeiras nos rios e em táticas de defesa e ataque contra os índios hostis, como foi emblemático no caso dos Cayapó. Trilhas e caminhos indígenas que deviam ser anteriores a chegada de Cabral ajudaram em incursões pelo sertão, como a “estrada para o sertão dos Bilreiros” e o “caminho que foi do sertão”, servindo ao deslocamento de tropas e mercadorias que atravessavam o norte paulista.

Assim, o sucesso dos objetivos coloniais, em suas múltiplas facetas, foi graças às habilidades dos gentios que “Vêm sobremaneira, porque à légua enxergam qualquer coisa; regendo-se pelo sol, vão a todas as partes que querem, duzentas e trezentas léguas, por matos espessos sem errar ponto [...]”⁵⁹(CARDIM, 1925, p.180) pois, de acordo com a carta de oficiais da Câmara de São Paulo do ano de 1725, endereçada a Rodrigo César de Meneses:

Sem a gente parda se não se podem fazer os descobrimentos do ouro, por ser só ela a que sabe talar o sertão e navegar os rios [...] sendo a gente parda a que sustenta os sertanistas assim pelos rios como pela terra [...] (CORTESÃO, 1955, p.62)⁶⁰

Índios amistosos e os mestiços que serviram ao empreendimento da coroa eram tidos como aliados, muito diferente dos Cayapó, que resistiram durante boa parte do século XVIII, marcado pelo acirramento das disputas e pela grande resistência aos colonizadores, uma vez que as minas de ouro descobertas no rio Cuiabá (Mato Grosso, em 1718) e no Vermelho (Goiás, por volta de 1722) atraíram maior número de pessoas e incrementaram o fluxo comercial para essas áreas, razão pela qual, anos depois, houve a fundação de Vila Boa, atual cidade de Goiás (WÜST, 1983).

O crescimento populacional de não índios e a importância adquirida pelas vias que passavam pelo sertão foram de encontro aos territórios Cayapó. Desde então, a sociocosmologia da guerra intensificou-se nessa nação para a defesa de seus modos de vida e territórios tradicionais. Eles promoveram diversos ataques aos comboios, nas vias ao sul do então Mato Grosso ou naquelas que cortavam o norte paulista e o

⁵⁹ Fernando Cardim. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Rio de Janeiro, 1925.

⁶⁰ Jaime Cortesão. *A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil*. Rio de Janeiro. Livros de Portugal, 1955.

Triângulo Mineiro, através do caminho dos Goíases, rumo a Vila Boa e Capitania de Goiás (Figura 11).

[...] antes de o colonizador chegar até o território desses índios, já existia ai montada organização extremamente complexa. Nessa organização, a guerra parecia ser a essência da sociedade, uma vez que a mantinha unida, numa política independente e, acima de tudo, livre (ATAÍDES, 2006, p.86).

Figura 11: Caminho dos Goíases

Fonte: Adaptado de Palacín; Garcia; Amado (1995). Arte livre, sem escala.

Novos relatos históricos e descrições mais ricas em informações contextuais sobre os Cayapó surgiram a partir das décadas iniciais do século XVIII, quando comparadas àquelas do século XVII. Nesses documentos foi comum entre monçoeiros e sertanistas referências como: “[...] o pior que tem esses sertões”⁶¹; “Este é o gentio que usa de porrete, ou bilro, e o mais traidor de todos”⁶²; “[...] são forçosos e ligeiros, usam por armas de arco e flecha, e de porretes [...] atirando-lhes primeiro com as flechas, e depois quebrando-lhes as cabeças de perto com os porretes [...]”⁶³.

Faltam documentos para escrever a história das bandeiras [...]. Nesta monotonia trágica os caiapós introduziram mais tarde uma novidade: “a de nos cercar de fogo quando nos acham nos campos, a fim de que impedida a fuga nos abrasemos: este risco evitam já alguns lançando-lhe contrafogo, ou arrancando o capim para que não se lhe comuniquem as suas chamas; outros se untam com mel de pau, embrulhados em folhas ou cobertos de carvão, por troncos verdes ou paus queimados”⁶⁴ (CAPISTRANO DE ABREU, p.109).

Além das táticas e instrumentos de guerra, Antônio Pires de Campos, em seu relato de 1723, descreve os Cayapó como gentios de aldeia “[...] e que povoa muita terra por ser muita gente [...]”. Cerca de um século depois (1809-1827)⁶⁵ há notícias sobre os Cayapó, habitantes de aldeias às margens do rio Sucuriú e Paraná, próximo da confluência com o Tietê, salto de Urubupungá, que dão conta de “aldeias de muitas gentes”. Essas informações etnohistóricas permitem vislumbrar a importância populacional desses indígenas, e podem encontrar certa correlação futura com as pesquisas arqueológicas desenvolvidas por toda a região, onde não raramente são escavadas grandes aldeias e densidades artefatuais elevadas (WUST, 1983, 1990; ROBHAN-GONZÁLEZ, 1996; FACCIO, 2012).

O relato de Antônio Pires de Campos ainda informa que toda aldeia tinha um cacique “[...] que é o mesmo que governador, a que no estado do Maranhão chamam

⁶¹ Referência aos Cayapó e a necessidade de pousar no lado esquerdo do rio Paraná, “porque da direita anda o gentio”. Viagem do governador Rodrigo César de Meneses às minas do Cuiabá, ano de 1726 (TAUNAY, 1981, p.106).

⁶² Referência aos Cayapó, e a possibilidade de vir o “gentio em suas jangadas, próximo do encontro do Tietê e do Paraná. Notícias que dá o capitão João Antônio Cabral Camello durante viagem que fez às minas do Cuiabá, ano de 1727 (TAUNAY, 1981, p.119).

⁶³ Da viagem que fez o Conde de Azambuja, D. Antônio Rolim, da cidade de São Paulo para a vila de Cuiabá em 1751 (TAUNAY, 1981, p.209).

⁶⁴ Notícias que dá o capitão João Antônio Cabral Camello ao Rev. Padre Diogo Juarez, sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá, ano de 1727 (TAUNAY, 1981, p.122-123).

⁶⁵ Segundo Giralдин (1997, p.130) “A maioria desses documentos foi publicada nos Documentos Interessantes... n.3 (1913). Relatos que, entre outras coisas, se referem as missões dos Padres João Ferreira de Oliveira Bueno e Manoel Ferraz.

principal, o qual os domina, estes vivem de suas lavouras, e no que mais se fundam são batatas, milho e outros legumes [...]”. Diante desse trecho do relato, em associação hipotética com a variabilidade tecnomorfológica da cerâmica Aratu, indica-se que além desses artigos existiriam muitos outros, cultivados ou manejados em ambientes de cerrado ou ecótonos – no caso da região pesquisada zona de tensão ecológica entre o cerrado e a floresta tropical semi-decidual. Na sequência do relato de Pires de Campos, alegorias não deixam de estar presentes:

[...] seu maior exercício é serem corsários de outros gentios de várias nações e prezarem-se muito entre eles a quem mais gente há de matar, sem mais interesse de comerem os seus mortos, por gostarem muito de carne humana, e nos assaltos que dão aqui e presas que fazem reservam os pequenos que criam para seus cativos [...]” (TAUNAY, 1981, p.179-180).

Como já exposto, não há provas documentais que atestem terem existido atos antropofágicos entre esses povos Jê, bem como, hábitos alimentares canibais. Quanto a captura de cativos, é sabido que entre os Cayapó era comum a matança de todos os seus estranhos nos ataques e, da mesma forma que os Panará, o apresamento de inimigos não deveria ser frequente, por razões simbólicas e estruturais do grupo (GIRALDIN, 1997).

Os ataques dos Cayapó aos comboios, rumo as minas de Mato Grosso e Goiás, e os prejuízos materiais e humanos causados, teriam reverberado em grande incômodo aos dirigentes da época. Após alguns incidentes, a Ordem da Lei Régia de 8 de agosto de 1730, informava que os índios Cayapó, por fazerem ataques na região de Camapuã e no “Caminho de Goiás”, seriam combatidos e considerados cativos de quem os capturasse (GIRALDIN, 1997).

Muitos documentos se seguiram, avisando dos infortúnios causados pelos Cayapó. Um marco temporal, que dá início ao extermínio dos Cayapó é o ano de 1742, quando D. João V envia Provisão a D. Luís de Mascarenhas, governador de Goiás, autorizando a guerra justa contra os Cayapó Meridionais ou Panará, como se denominavam (LOURENÇO, 2015). Nesse mesmo ano, Antônio Pires de Campos foi designado pelo governo da Capitania de São Paulo para, com auxílio de mais de cem índios Bororo, atacar os Cayapó nas adjacências do Rio Claro. Passados alguns anos, em 1746, novo contrato foi firmado, agora com o governo de D. Luís Mascarenhas. O intuito foi o de aldear os Bororo nas proximidades do “Caminho de Goiás”, no Triângulo

Mineiro, facilitando as logísticas de guerra. Para tal, atacou e dominou uma aldeia Bororo inteira, fundando a aldeia do Lanhoso (GIRALDIN, 1997).

De 1746 a 1751, sob o comando de Antônio Pires, muitas aldeias foram atacadas e destruídas. Muito embora, não haja um número oficial de mortos entre os índios, pode-se supor que chegaram aos milhares. Outros sertanistas entraram em cena como protagonistas, sem sucesso, após Antônio Pires ter sido flechado em um combate e padecido por febre em 1751.

Em território paulista, no governo de Morgado de Mateus (nas décadas de 1760/1770, e ao que tudo indica com referências aos Cayapó também em início do século XIX), documentos da Câmara de Mogi-Mirim atestavam ataques Cayapó: “[...] desde a vila de Mogi-Mirim até o rio Grande, em torno de 70 léguas (perto de 500 quilômetros), as pessoas viviam apreensivas com receio de serem atacadas pelos índios” (GIRALDIN, 1997, p.83).

No final do século XVIII, com o declínio das lavras de mineração, a mão de obra cativa de indígenas não teria o interesse de outrora à coroa. As atividades agropastoris passariam a ter maior destaque. Nesse ínterim, políticas de aldeamento começaram a confinar, com certo sucesso, os índios Cayapó em Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. Contudo, o passar das décadas mostrou declínios acentuados nas populações desses aldeamentos, em suma, por duas razões especiais: doenças infectocontagiosas, as quais os índios não apresentavam imunidade, e fugas por conflitos e discordâncias.⁶⁶

2.3.2 Séculos XIX e XX: territórios fragmentados

No início do século XIX, quando os viajantes e naturalistas Pohl (1951 [1817]) e Saint-Hilaire (2002 [1819]), fizeram seus relatos ao passarem por áreas Cayapó em Minas Gerais e Goiás, visitaram aldeamentos abandonados como a Aldeia Maria 1 ou em processo de decadência, como foi o caso de São José de Mossâmedes.

Quando Pohl (1951) esteve na Aldeia Maria 1⁶⁷ em 1818, a área havia sido abandonada há cinco anos. “Em 1813 o aldeamento de Maria 1 é dissolvido, contando

⁶⁶ Para maiores detalhes dos aldeamentos Cayapó nesse período consultar os trabalhos de Giraladin (1997); Ataídes (2006); Mori (2015); Rasteiro (2015); Pereira (2018) e Santos (2013, 2018).

⁶⁷ Este foi um presídio construído entre 1780 e 1781, às margens do Rio Fartura, para abrigar cerca de 700 índios Cayapó retirados do sudoeste da capitania (WUST, 1990; SANTOS, 2018).

naquele ano somente com 129 Kayapó, que foram transferidos para São José de Mossâmedes” (WÜST, 1983, p.29). No local, o naturalista descreveu o antigo aldeamento Cayapó, contendo duas casas térreas, de madeira e barro, com cobertura de telhas; nas adjacências havia um antigo paiol, utilizado para guardar a colheita e ao seu redor encontravam-se as cabanas, construídas de madeira e fibras de palmeiras, dispostas em círculo, uma do lado da outra, como mostra a Planta da Aldeia Maria 1, datada de 1782 (Figura 12).

Figura 12: Plano projectivo de hú novo estabelecimento de Índios da Nação Cayapó situ ado na margem do Rio Fartura e denominado Aldeya Maria 1ª, etendo por oráculo a Sua Igreja N. Snr.ª da Glória como sevê do n.º 1º, guardada no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa

Fonte: Santos (2018, p.165).

De modo similar, em São José de Mossâmedes, os Cayapó preferiram “[...] habitar cabanas construídas por eles próprios, de palmeiras e cobertas de ervas [...] construíram-nas do lado ocidental da aldeia e também nas plantações denominadas roças, a uma légua de distância” (POHL, 1951, p.360). O formato circular também foi

destacado por Saint-Hilaire (1937) nesse local, quando escreveu que os índios não habitavam o núcleo do aldeamento. Era característica tradicional dessa nação, porém não a única, a forma da aldeia lembrando a um círculo ou semicírculo, como exemplificado na figura de uma aldeia Jê, do século XVIII, de autoria desconhecida (Figura 13).

Figura 13: Planta de Aldeia Jê, século XVIII

Fonte: Autor desconhecido. Cunha (1992, p.19).

A despeito da cultura material, encontram-se apenas breves passagens que fazem menção direta à indústria de fazer arcos e flechas e uma espécie de balaio (cestaria) que chamavam de “jucunú” (SAINT-HILAIRE, 1937). Não há descrições às manufaturas ou tipos de instrumentos de rochas e minerais, o que aparece como indicativo de atividades minerárias é o uso do quartzo para o alívio da dor de cabeça (POHL, 1951, p.366). Esse conhecimento tradicional estaria subutilizado em detrimento dos instrumentos de metal adquiridos junto aos europeus por meio de comércios? A produção seria exígua e perturbada devido às condições de conflito? E/ou a produção e uso desses instrumentos teria ocorrido longe dos olhos dos visitantes, em acampamentos e oficinas mais próximos das fontes de matéria-prima? Ainda como hipótese/pergunta plausível, a contar pelas atividades oleiras também não

relatadas, quiçá, houve falta de interesse desses naturalistas em descrever técnicas de produção e uso de artefatos “simples”, componentes da “tralha doméstica”?

Assim como Pires de Campos (1723), em suas anotações, Saint-Hilaire (1937, p.120) irá referir-se a uma liderança tribal, isto é, os Cayapó estavam “[...] submetidos a um cacique geral que tem sob suas ordens vários capitães [...]”. Outros aspectos sociais desse grupo, envolvendo a mobilidade e seus conhecimentos agrícolas, ficariam evidentes na escrita de Pohl (1951, p.363): “[...] ali vagueiam, vivendo da caça, da pesca, de raízes, de mel entre outros. Cultivam um pouco de milho de grão negro e azul, que preferem a qualquer outra variedade como o mais rico em farinha [...]”.

Em tempo próximo a Saint-Hilaire e Pohl, Hércules Florence (1826 [1875]), viajando junto a missão Langsdorff, visita uma aldeia Cayapó nas proximidades do Salto do Urubupungá, pouco mais de uma década após os primeiros contatos dos Padres João Ferreira de Oliveira Bueno e Manoel Ferraz. Assim como os outros viajantes, ele faria indicações da espacialidade Cayapó e da prática agrícola. Florence (1875, p.390) encontra uma aldeia “composta de dez palhoças”, cuja a casa do chefe era maior que as demais; estavam vazias, pois os índios estariam em suas plantações às margens do rio Sucuriú. Após deixarem a aldeia e seguirem rumo ao Salto, na margem esquerda, relata a presença de alguns ranchos: “Nada mais eram do que folhas de palmeiras apoiadas em forquilhas de paus”. Em relação a essa informação, como bem exposto por Pereira (2018, p.119): “[...] bem poderia ser um acampamento temporário, próximo ao conjunto de cachoeiras, destinado a alguma atividade específica”.

Os documentos históricos e etnohistóricos, bem como as datações arqueológicas, levam a crer que os Cayapó teriam recuado seus territórios para além do rio Grande, lado mineiro e rio Paraná, a leste do Mato Grosso do Sul, conforme as entradas coloniais avançavam sobre o sertão paulista, em processo de apropriação territorial, que tornaria mais viável e menos perigoso os caminhos que levavam às minas de Goiás e Mato Grosso.

Diante dessa conjuntura histórica, é sintomático a maior dificuldade de recuperação de dados arqueológicos de assentamentos indígenas mais recentes, dada a instabilidade vivida pelos autóctones ao longo dos séculos XVIII e XIX. Suas habitações deveriam ser precárias, com produção artefactual mais reduzida e expediente, a partir de matérias-primas perecíveis de manufatura mais fácil, pois “[...]”

a extrema mobilidade característica da situação de conflito em que viviam os indígenas, obrigava-os a constantemente abandonar seus acampamentos e objetos pessoais” (CALDARELLI, 1993 apud MARTINS, 2001, p.304).

A ausência de cultura material e de técnicas, como a tecelagem, a arte plumária e a cerâmica, chamou a atenção de Kupfer em suas notas de viagem em 1870, quando teve a oportunidade de conhecer uma aldeia Cayapó nas adjacências do rio Paranaíba, sudeste da então província de Mato Grosso. Não raro, essas constatações autorizaram prognósticos de extinção eminente dos Cayapó (EWART, 2015).

Os trechos dos documentos históricos consultados compõem cenários espaciais ameríndios que, muito embora incompletos e em processo de desarticulação por efeito do avanço da sociedade moderna, ajudam-nos a vislumbrar organizações socioespaciais e amostras do que foram suas redes de exploração ambiental pretéritas. Diferentes áreas percorridas, exploradas e vivenciadas que deveriam se ramificar por caminhos dos mais diversos de acordo com suas funcionalidades, temporárias ou não, entre zonas para o cultivo, áreas para habitar, acampamentos etc. Tudo indica que os territórios e seus limites deveriam ser móveis, (re)estabelecidos com o tempo, pelos ciclos da caça, da coleta, da agricultura, por alianças e guerras e por diversos fatores internos à sociedade (ZEDEÑO, 1997; KOK, 2004).

Ao longo do século XIX, outras tentativas de aldeamentos Cayapó ocorreram (GIRALDIN, 1997, p.100-128; LOURENÇO, 2015, p.43-54; PEREIRA, 2018, p.122-127). Sem sucesso, essa política de confinamento, dado em áreas limitadas, teria esbarrado no cerceamento das liberdades e modos de ser indígenas, em suas integralidades. Como consequência, o fracasso dos aldeamentos foi acompanhado de dispersão desses povos, em processo que gerou, em suma, dois cenários: indígenas incorporados à dinâmica laboral da sociedade brasileira⁶⁸ ou novas tentativas de vivência em ambientes sem o “jugo” dos brancos. Foi assim que integrantes da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo – “Exploração do rio Grande e seus afluentes” – (CGGESP) em 1910 e o morador de Uberaba Alexandre de Souza Barbosa, no ano de 1911, encontraram um grupo de cerca de 30 indivíduos que se autodenominavam Cayapó-Panará, junto a confluência dos rios Paranaíba e Grande, lado mineiro, oriundos da antiga Aldeia Água Vermelha.

⁶⁸ Ver anexo 3 do trabalho de Rasteiro (2015), onde o autor levantou os dados dos últimos Cayapó da região.

No vale mineiro do rio Grande, em área próxima da desembocadura do rio Turvo, onde estão localizados os sítios arqueológicos pesquisados, existia uma povoação chamada popularmente de Aldêa, hoje cidade de São Francisco de Sales. Aldêa seria um dos locais pretéritos dos Cayapó-Panará contatados nas cercanias de Água Vermelha: “O nome Aldêa parece ser devido a uma tribo de “Cayapós” que ahi abitava ha muitos annos, e que hoje acha-se abaixo do salto Água Vermelha. Na margem paulista, retirados 4 ou 5 klms., a alguns moradores” (CGGESP, 1913, p.13).

Esse encontro foi um verdadeiro marco histórico, etnohistórico e linguístico, que conferiu bases, por meio do resgate linguístico efetuado por Barbosa (1918), à problemática Cayapó do Sul – Panará. Para Nimuendaju (1952, p.427), esse encontro serviu para atestar que: “Hoje os Kaiapó Meridionais desapareceram como tribo”, todavia, no início dos anos 1970, os irmãos Villas-Boas contatariam índios, no norte do Mato Grosso, considerados isolados, os Kreen Akrore, que se denominavam de Panará (EWART, 1998; 2015).

2.4 Os Cayapó-Panará: antigos Aratu arqueológicos?

A nação Cayapó do Brasil Central é entendida entre duas correntes, uma que distingue os Kayapó meridionais dos setentrionais, como pensavam Nimuendaju e Darcy Ribeiro, que davam como extintos os Jê do sul e os viam como distintos em relação aos do norte e outra que trata a questão em termos de homologia. Esta corrente ganhou muita força entre os pesquisadores após os contatos com os Panará de Mato Grosso na década de 1970, os estudos linguísticos de Heelas (1979) e o documento produzido por Barbosa (1918), este só descoberto no início da década de 1990, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), quando Odair Giralдин realizava sua pesquisa de mestrado (GIRALDIN, 1997; 2000).

Importantes linguistas brasileiros, após exames documentais, afirmam que os dados são bastante robustos e levam ao entendimento de que os Panará atuais do Mato Grosso e Pará têm correspondência ancestral com os Cayapó do sul, que em séculos passados viveram no norte paulista, no Triângulo Mineiro, no centro-sul goiano e no nordeste do Mato Grosso do Sul (RODRIGUES, DOURADO, 1993; MELATTI, 2007; VASCONCELOS, 2013).

Conclui-se que a língua Panará de Barbosa, apesar de falada em 1911 no oeste de Minas Gerais, é a mesma dos Panará atuais, que em 1972

viviam no rio Peixoto de Azevedo, a oeste do alto Xingu, ao passo que a língua registrada por Pohl e Saint-Hilaire em 1819 em São José de Mossâmedes, Goiás, também é a mesma, mas possivelmente uma leve variante dialetal⁶⁹ (RODRIGUES; DOURADO, 1993, p.505).

As informações mais substanciais desse antigo elo podem ser comparadas pelas organizações espaciais das aldeias, com formato circular e uma ou duas casas centrais, e em estudos linguísticos e relatos orais como, por exemplo, segundo os próprios Panará atuais eles teriam vindo “do leste” (EWART, 2015).

As razões que provocaram a ruptura no grupo e as temporalidades associadas, levando parte dele ao norte, são desconhecidas em seus detalhes, mas argumentos bastante convincentes dão conta da busca de novos territórios para o distanciamento da sociedade ocidental (ATAÍDES, 2006, GIRALDIN, 1997; 2000; EWART, 1998, 2015; VASCONCELOS, 2013).

Os Panará são os sobreviventes de população muito maior, os chamados Cayapó do Sul, tidos como extintos no começo deste século. Segundo pesquisas históricas, eles teriam migrado em direção noroeste, fugindo da frente colonizadora, durante os séculos XVII e XVIII até chegarem na bacia do Peixoto de Azevedo (EWART, 1998, p.257).

Os dados etno-linguístico e etnohistóricos Cayapó encontrados em documentos e mapas tendem a se sobrepor, mais ou menos, à dispersão espacial evidenciada por estudos arqueológicos na região, em áreas tradicionalmente Aratu (Sapucaí) ou próximas a zonas de contatos entre essa tradição e outras.

A primeira referência cartográfica encontrada à região que faz clara menção aos Cayapó é atribuída a Francisco Tosi Colombina⁷⁰, nesse mapa há algumas características da Capitania de Goiás e oeste mineiro (1751), onde se destaca, além dos cursos de água, o denominador espacial “Certão do Gentio Cayapó” (Figura 14).

Em 1751, Colombina desenha, pela primeira vez, as bacias fluviais que, da região central do Brasil, banham, em todas as direções, o território brasileiro. Estas notas darão, mais tarde, origem à carta intitulada “Mapa Geral dos Limites da Capitania de Goiás”, de abril de 1751. Esse mapa foi encaminhado a D. Marcos de Noronha, como consta em sua carta junto ao mapa, ainda em 1751, na qual Colombina

⁶⁹ Teria essa nuance dialetal correspondência material com os estilos cerâmicos inferidos pelos arqueólogos entre Aratu e Aratu-Sapucaí?

⁷⁰ Francisco Tosi Colombina era italiano. Em meados do século XVIII (entre 1743 e 1760) esteve no Brasil a serviço da Coroa Portuguesa. Colombina combinava várias funções, algo comum para a época, dentre elas cartógrafo e engenheiro militar (SOUZA, 2014, s/p.).

diz ter alcançado uma visão mais exata “desse sertão incógnito” (SOUZA, 2014, s/p.).

Figura 14: Atribuição de Isa Adonías a Colombina, Francisco Tosi (1751). Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa: Proximidades do Baixo Rio Grande. Vide a área do “Certão do Gentio Cayapó”

Fonte: Souza (2014, s/p.).

Foram sobrepostos em ambiente SIG, os cursos de água e o Sertão Cayapó desenhados por Colombina (1751) comparando-se com as fronteiras estaduais atuais, bem como, os recortes municipais onde estão inseridos os sítios arqueológicos da pesquisa, sob a projeção cartográfica SIRGAS 2000. O resultado pode ser visto na Figura 15.

Figura 15: Sobreposição SIRGAS 2000 e o “Certão do Gentio Cayapó”

Fonte: Adaptação: Colombina (1751); Souza (2014, s/p.).

No mapa comparativo produzido (sobreposição), percebe-se o quão difícil é essa tarefa, haja vista que, ao trabalhar com documentos antigos, lida-se frequentemente com “diferenças” geodésicas de coordenadas espaciais e escalas, ademais, soma-se as dificuldades interpretativas de toponímias (FERREIRA; FERREIRA, 2011).

Sob o bojo de uma análise euclidiana, os resultados mostram evidentes distorções geométricas entre a representação antiga e os dados atuais, especialmente quando se coloca em foco o rio Grande (antigo nome do rio Paraná). Porém os elementos mais importantes desse mapa estão ligados à sua interpretação e comunicação, assim, o mapa produzido por Colombina (1751) é um importante componente etnohistórico de meados do século XVIII, corrobora com as fontes escritas e atesta a significância espacial Cayapó nas bacias e interflúvios dos rios Paraná/Grande/Paranaíba. Neste ponto, o mapa cumpre com sua função, já que fornece uma imagem global do que pretendia representar (BORD, 1997).

Corroborando com a indicação espacial do grande “Certão do Gentio Cayapó” de Colombina (1751), são encontrados importantes aportes nos campos etno-linguístico e etnohistórico em Nimuendaju⁷¹ (2002 [1944]), vide Figura 16, e na compilação de Santos (2013), Figura 17, que se baseia no primeiro pesquisador citado, em Loukotka (1967)⁷², bem como em fontes históricas do IBGE.

Em sua dissertação de mestrado, Santos (2013) apresenta diversos mapas etnohistóricos em alta resolução, considerando o recorte temporal de 1700 a 1900. Na Figura 17, apresenta-se um recorte adaptado feito a partir do primeiro mapa do autor, aquele que tem a temporalidade mais recuada, denominado de “Mapa Etno-linguístico do Planalto Central e Adjacências – Por volta de 1700 d.C”.

⁷¹ Curt Unkel batizado por Nimuendaju, que no dialeto Apapokuva da língua guarani significa “o ser que cria ou faz seu próprio lar”, foi o etnólogo mais destacado do século XX no Brasil. Ele iniciou seus trabalhos em 1905 e contribuiu efetivamente para o conhecimento de povos indígenas vivos e extintos, fazendo uma verdadeira “Antropologia de urgência”, já que muitos dos povos por ele pesquisados estavam em via de extinção ou seriamente ameaçados pelo avanço das fronteiras agrícolas. Seu trabalho “monumental”, o mapa etnohistórico em escala 1:5.000.000, feito em 1944, é referência em todos os trabalhos que abordam o tema (RIBEIRO, 1982).

⁷² Classification of South American Indian Languages. Johannes, Wilbert ed. Los Angeles, Univ. California, Latin American Center, 1967.

Figura 16: Mapa etnohistórico de Nimuendaju (1987 [1944]) e a localização dos sítios arqueológicos pesquisados

Fonte: IBGE (1987 [1944]).

Figura 17: Mapa Etno-linguístico do Planalto Central e Adjacências. 1700 d.C.

Fonte: Adaptado de Santos (2013, p.305).

O que se observa é que nas áreas de interesse dessa pesquisa, são poucas as mudanças em relação ao mapa de Nimuendaju (1987 [1944]) e a compilação de dados feita por Santos (2013), neste, em geral, há mais detalhes quanto as características dialetais entre os Jê e cujo o termo Panará aparece grafado de Panariá. Nessa mesma linha segue Giralдин (1997, p.57):

A região ocupada pelos Cayapó pode ser descrita, com certa margem de segurança, como sendo formada pelo sul e sudoeste do atual Estado de Goiás, o atual Triângulo mineiro (região entre os rios Grande e Paranaíba), parte do norte de São Paulo, o leste do atual Estado de Mato Grosso e leste do atual Mato Grosso do Sul. Ao sul, seu limite era o rio Pardo, afluente da margem direita do rio Paraná; a leste, desde o rio das Velhas, no Triângulo mineiro, até Anápolis; a norte, a serra Dourada, próximo a cidade de Goiás, antiga capital de Goiás e a oeste as cabeceiras do rio Piquiri e Taquari em Mato Grosso do Sul.

Segundo Santos (op. cit., p.304), de acordo com a junção de dados linguísticos e etnohistóricos, os “Jê praticamente povoaram todo o leste e centro do bioma Cerrado. Ou seja, não são apenas os Jê dos Gerais, mas os Jê dos Cerrados”. Nesse bojo, quando se soma os dados espaciais arqueológicos, pensando-se nos padrões de assentamento da Tradição Aratu, nota-se que foram efetuadas escolhas semelhantes, cuja presença do cerrado e de enclaves florestados, em zonas de tensão ecológica, garantiriam a esses povos o aproveitamento de um variado gradiente ambiental (SCHMITZ; ROGGE, 2008).

De acordo com o modelo de dispersão proposto por Robrahn-González (1996a), a região do vale do Paranaíba é tida como área “core” do desenvolvimento da Tradição Aratu, cujo ápice teria ocorrido alguns séculos antes da chegada europeia à costa. Toda essa área e zonas próximas guardam diferentes relatos históricos da presença Cayapó / Panará, especialmente no que se refere a algumas características da organização socioespacial, pois a produção artefactual, possivelmente muito comprometida, foi obliterada nesses documentos.

Tradições e estilos cerâmicos, como a Tradição Aratu, foram definidas a partir de métodos de campo que se valiam de amostragens, com problemas específicos aos objetivos do Pronapa à época. A generalização dos resultados alcançados acabou por criar classificações estanques, baseadas sobremaneira em atributos e seriações

cerâmicas, relegando-se outras esferas da cultura (i)material e toda a sua complexidade comportamental e espacial.

Essa realidade de pesquisa ainda é muito presente na arqueologia brasileira, o que torna ainda mais problemático a busca por apontamentos diretos entre culturas arqueológicas e etnias históricas, identificadas a partir de registros textuais incompletos (OLIVEIRA, 2006). Em outras palavras: “No panorama teórico atual do estudo arqueológico da etnicidade, é praticamente consensual na literatura que não é possível estabelecer correlações diretas entre culturas arqueológicas e grupos étnicos” (LIMA, 2011, p.11).

A busca por maiores detalhes nas várias esferas da cultura (material) é salutar à pesquisa e ao avanço de sua problemática, incluindo dados etnohistóricos e hipóteses a partir deles, sem que, com isso, fiquem caracterizadas tentativas de correlações diretas entre o registro arqueológico e grupos étnicos. Concorde-se com Lima (2011, p.13) quando se afirma que a “Etnicidade é formada e transformada, é construída, desmantelada e reinventada constantemente. Assim sendo, como pode a arqueologia, trabalhando na longa duração, dar conta dessa dinâmica?”.

O que de fato é muito interessante às pesquisas arqueológicas futuras, e ponto chave para o estudo da problemática Cayapó na região, é a identificação desses antigos aldeamentos relatados em fontes históricas e a análise de suas espacialidades, das tralhas domésticas e porventura de dados genéticos de seus antigos habitantes. É de se supor que esses índios aldeados ainda tivessem conhecimentos técnicos cerâmicos e líticos e/ou carregassem alguns desses artefatos a partir de suas aldeias de origem.

Nessa mesma linha, investigações sobre mudanças diacrônicas nos espessos pacotes arqueológicos do Sítio Água Limpa, Monte Alto/SP, e novos estudos nos ossos humanos lá exumados podem auxiliar no cotejo de características biológicas, da organização social e das tecnologias de produção, uso e descarte, lançando luz sobre questões sociológicas mais apuradas sobre a complexa discussão Tradição Aratu / Cayapó do Sul / Panará.

Até que novas respostas cheguem, sob uma história indígena de longa duração – compreendendo que cultura vai muito além dos vestígios materiais – será válido indagar se os Cayapó / Panará, agricultores, antigos habitantes de áreas próximas aos ecótonos na região de pesquisa são, ao menos em parte, o elo com os índios

produtores da tecnologia cerâmica Aratu ou do Sistema de Povoamento Aratu que, por cerca de um milênio, desenvolveram seus modos de vida e contatos interétnicos, compondo uma rede de aldeias e territórios tradicionalmente conhecidos.

3. Características geoambientais na área de estudo

É de fato muito sintomático que os pesquisadores no Brasil pensem principalmente em termos de espaços (como caracterização ambiental), gestão territorial e de continuidades, posto que a Geologia, a Geografia, a Antropologia, a Etnologia e a Etnoarqueologia colocam muitos caminhos para a reconstrução de uma “História indígena de longa duração” (SIFEDDINE et al. 2014; OOSTERBECK, 2008). Nesses termos, contextualizar o espaço passa em primeira ordem por “reconstruir” o ambiente, isto é, colocar em análise e comparação, dentro das possibilidades físicas de preservação, os vestígios materiais dessas antigas populações e a paisagem atual.

É nessa matriz de sustentação que os grupos indígenas desenvolveram diferentes formas de estabelecimentos e captação de recursos; frequentemente, sutis do nosso ponto de vista atual, quanto às vultosas impressões físicas e alterações na paisagem, mas que se revelam presentes nas apropriações de suportes de rochas e minerais para o lascamento, picoteamento e polimento, na seleção de fontes de argila para a manufatura de vasos cerâmicos e nas escolhas no que se refere às localizações e posições topográficas de suas aldeias, acampamentos, oficinas etc.

Nesse capítulo, busca-se caracterizar brevemente o paleoclima e o paleoambiente, uma vez que subsídios diretos desses temas não foram o alvo da presente pesquisa, todavia eles merecem atenção e não podem passar despercebidos quanto às suas contribuições.

De acordo com as características geoambientais de interesse ao estudo, tem-se por meta explicar sobre os dados de geociências a nível regional, na bacia do baixo rio Grande, o que permite, durante o processo, dar *zoom* para os contextos dos sítios arqueológicos analisados, destacando os dados que corroborem para a interpretação qualitativa das escolhas pretéritas.

3.1 O geoambiente: cenários antrópicos e relações espaço-temporais a serem destacadas

Foi a partir do interglacial mais recente, há cerca de 12 mil anos, que o clima passou a se tornar mais amigável para o desenvolvimento da vida humana na Terra (JORDÃO, 2011; SIFEDDINE et al. 2014). As alterações humanas na paisagem e a complexificação das sociedades, incluindo maiores adensamentos e sedentarização, são notáveis no registro arqueológico por todo o território nacional a partir do início do

primeiro século (SIFEDDINE et al. 2014). É nesse processo que, a partir do século VIII, nota-se o desenvolvimento das culturas agricultoras e ceramistas no Brasil Central, dentre as quais está a cultura Aratu (PROUS, 1992; WUST, 2000; SIFEDDINE et al. 2014).

Na escala dos tempos históricos, é possível admitir que nos últimos sete a cinco mil anos, excluindo-se algumas modificações locais e regionais dignas de nota, já existiriam estruturas paisagísticas muito próximas do quadro atualmente conhecido (AB'SABER, 2005). É nesse cenário, de temperaturas e pluviosidades mais altas, que a floresta pôde se expandir sobre áreas de campos, e com ela toda uma biodiversidade.

No estado de São Paulo a Floresta Atlântica atinge seu maior nível de avanço ao interior, entre 800 a 900 km a partir da costa, chegando até a calha do rio Paraná e do rio Grande, no sudoeste, norte e noroeste do estado. Referenciando-se a partir da longa contribuição de Ab'Saber, Jordão (2011) enfatiza que esta seria talvez a primeira riqueza paulista, ou seja, a ampla faixa de matas atlânticas com solos florestais muito férteis, clima quente e relevo suave, que teriam garantindo o sucesso das frentes agrícolas pioneiras.

Ao que tudo leva a crer, com a umidificação geral sofrida pelo clima do Brasil Sudeste nos fins do Quaternário, as florestas orientais se expandiram a partir de redutos, para o ocidente, conquistando áreas nos rebordos do Planalto Atlântico e penetrando fundo pelos compartimentos do interior do Planalto, onde as condições de solos permitiram o seu enraizamento. Apenas os tratos de solos arenosos e menos férteis possibilitaram uma resistência por parte da vegetação dos “cerradões” e campos “cerrados” que antecederam a floresta (AB'SABER, 2004, p.52).

Assim, o pensamento do grande mestre Ab'Saber também é válido se pensarmos em períodos pré-cabralinos no baixo rio Grande, cujas fisionomias de amplas colinas suaves do Planalto Ocidental Paulista, abundantes recursos hídricos, solos férteis, entre matas e campos, conferiram para as populações agricultoras condições ideais para seus plantios e manejos, diante de uma vasta rede de recursos ligados às zonas de tensão ecológica.

Os Sítios Arqueológicos Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B são relativamente próximos, no tempo e no espaço (Quadro 2 e Figura 18). As datações nos contextos indicam temporalidades próximas ao início da colonização portuguesa e, de tal forma, como

exposto, o recuo temporal não é tão expressivo, desfavorecendo apontamentos aproximados do cenário do que teria sido a “natureza original”. Nesse sentido, consideram-se válidas as argumentações desenvolvidas por Jordão (2011, p.30-31) ao indicar que, muito embora as alterações ambientais ameríndias não foram desprezíveis, de fato é a chegada da cultura europeia no continente que irá marcar a introdução de elementos bióticos exóticos e um ritmo de predação dos recursos muito mais acentuado, diminuindo ou impedindo a recomposição espontânea da natureza.

Quadro 2: Datação por Termoluminescência dos Sítios Pesquisados

Sítio Arqueológico	Município	Datação
Turvo 1	Cardoso	610 ± 80
Turvo 2	Pontes Gestal	480 ± 70
Turvo 3	Pontes Gestal	740 ± 95
Turvo 4	Pontes Gestal	375 ± 40
Turvo 5-A	Pontes Gestal	375 ± 40
Turvo 5-B	Pontes Gestal	600 ± 100

Fonte: Faccio (2011/2012).

Figura 18: Localização dos Sítios Arqueológicos Turvo, noroeste paulista

Fonte: Google Earth Pro (2019). Org.: O autor (2019).

Somado ao pensamento supracitado, quando se analisa as intervenções antrópicas de maior envergadura no sertão paulista, percebe-se que o noroeste do estado, região dos sítios arqueológicos estudados, foi ocupado tardiamente (RELATÓRIO CGGESP, 1913; DEFFONTAINES, 1935). Suas matas foram impactadas após as primeiras décadas do século XX, quando as frentes agrícolas chegaram a esse território favorecendo também um maior adensamento humano e a consequente fundação de povoados e vilas, posteriormente tornados municípios autônomos, como Cardoso e Pontes Gestal⁷³.

Desse modo, analisando-se as características da sobreposição no mapa produzido pela Comissão Geográfica e Geológica (Antuérpia: *Lith. Laporte et Dosse*, 1910), na primeira década do século XX, percebe-se que as informações históricas são correspondentes, isto é, na data de sua produção, a frente de povoamento rumo ao sertão paulista não havia atingido essa zona e, considerando-se a impossibilidade de um maior refinamento devido a escala do mapa, vê-se ainda o predomínio da Floresta Atlântica e nas adjacências os denominados “campos” – ao que tudo indica núcleos e diferentes estágios de vegetação do tipo cerrado (Figura 19). Quanto a este último aspecto citado, Jordão (2011, p.278) adverte que ocorre uma generalização a despeito do conceito de Cerrado/Savana nas classificações cartografadas, ou seja, é frequente inexistir mais detalhes dessa fitofisionomia como: florestada, arborizada, arbustiva ou gramíneo-lenhosa.

⁷³ Município de Cardoso: Em 20 de janeiro de 1937 era fundada a Vila e começou a ser aberto o sertão repleto de terras férteis. Em 1942 foi criado o Distrito de Paz de Cardoso. Nessa época, Cardoso já contava com mais de 160 casas de tijolos, uma serraria e vários estabelecimentos comerciais e outras realizações de relevante interesse social (PREFEITURA DE CARDOSO, 2019, grifo nosso). Município de Pontes Gestal: Em 1935 o coronel Manoel Pontes Gestal descobriu em suas terras uma lagoa, batizada como “Lagoa da Olaria”, com grande jazida para extração de argila, própria para o fabrico de tijolos e telhas, onde instalou-se uma olaria. As terras do coronel passaram a gerar emprego, aumentando a migração de população de outras regiões. A partir de então, o coronel Pontes Gestal, passou a lotear parte de suas terras, vendidas na época, por datas, a lavradores e trabalhadores de sua fazenda e também da Fazenda Guariroba (PREFEITURA DE PONTES GESTAL, 2019, grifo nosso).

[illegible]

124

Segundo dados do BIOTA (2019), todo o território do Planalto Ocidental Paulista, que inclui a região pesquisada, caracterizado pelo relevo suave, colinas amplas e baixas com topos planos e extensos, apresenta três tipos de vegetação: a Floresta Estacional Semi-decidual (marcada por um período úmido e outro seco, neste ocorre perdas de folhagens), a Savana (Cerrado) e as Áreas de Tensão Ecológica entre Savanas e Floresta Estacional. Dados do Inventário Florestal do Estado de São Paulo (2009), sobre a vegetação nativa remanescente nos municípios paulistas de Cardoso e Pontes Gestal, apontam que nesses territórios há cerca de 5% de vegetação preservada. O desmate foi provocado no passado pelo cultivo de café e de atividades agropastoris, passando-se mais recentemente pela expansão de monoculturas, especialmente da cana-de-açúcar (Fotos 1 a 6).

Foto 1: Colinas amplas e vertentes suaves na área dos Sítios Turvo

Fonte: O Autor (2017).

Foto 2: Parcelas de vegetação preservadas nas imediações dos cursos de água

Fonte: O Autor (2017).

Foto 3: Visada a partir da margem esquerda do rio Turvo, nas proximidades do sítio Turvo 2

Fonte: O Autor (2017).

Foto 4: Cultivo predominante de cana-de-açúcar, com fundo de vale ao fundo

Fonte: O Autor (2017).

Foto 5: Córrego da Onça, próximo ao Sítio Turvo 4

Fonte: Faccio et al. (2012).

Foto 6: Planície de inundação próximo ao Sítio Turvo 3, local onde a equipe evidenciou presença de argila

Fonte: Faccio et al. (2012).

Nessa fisionomia geomorfológica, controlada em suas porções norte e oeste por massas de ar equatoriais e continentais, há duas estações bem marcadas, um verão quente e chuvoso e um inverno seco. Sem a cobertura vegetal nativa, as lavagens das chuvas tendem a tornar os solos regionais menos férteis (lixiviação), devido as perdas de nutrientes (MONTEIRO, 1974; GUERRA; GUERRA, 2001).

O conjunto modelador do relevo formado por fatores endógenos (tectonismo e geologia local) e os exógenos (clima e vegetação)⁷⁴ favoreceu o assentamento humano nessa porção do espaço, em período histórico e pré-histórico. Quanto a geologia, a área está sob a presença dos Domínios do Vale do Rio do Peixe (Grupo Bauru), associado a coberturas sedimentares e a Vulcano sedimentares (DSVMP) e da Serra Geral (Grupo São Bento), associada ao vulcanismo fissural (DVM) (Figura 20). Esta última encontra-se sob os contextos culturais Turvo, de fácil inferência na área, pois há afloramentos de basalto / diabásio⁷⁵ em meio as extensas plantações de cana-de-açúcar atuais, frequentemente denominados de “ilhas verdes”, dado que nessas porções do espaço não há plantio e passagem de maquinário, o que favorece a conservação da vegetação no local (Fotos 7 e 8).

⁷⁴ Essa concepção da interação de forças entre componentes da litosfera e da atmosfera foi trabalhada por Penck (1953), quando definiu que as formas do relevo terrestre são produtos da ação de processos endogenéticos e exogenéticos e, portanto, respectivamente do interior da Terra e da atmosfera (ROSS, 2006, p.355).

⁷⁵ Devido à dificuldade de diferenciação entre o basalto e o diabásio a olho nu, optou-se por agrupar essas duas rochas ígneas.

Foto 7: “Ilha verde” em meio a plantação de cana e afloramento de rochas ígneas

Fonte: O Autor (2017).

Foto 8: Lixiviação no solo

Fonte: O Autor (2017).

Nas coleções líticas analisadas dos sítios Turvo há frequentes amostras da utilização dessas rochas magmáticas na manufatura de lâminas. Essas rochas têm texturas finas, são densas e muito resistentes. Os instrumentos picoteados e polidos feitos com elas ofereciam certamente boas condições para a poda de pequenas árvores e arbustos, e à preparação da terra cultivada.

É também possível vislumbrar nas coleções líticas que as rochas ígneas foram utilizadas por essas antigas populações agricultoras como suportes e no auxílio à percussão. São instrumentos brutos passivos e/ou ativos, bem como lâminas reaproveitadas que guardam macrotraços característicos, e devido às qualidades relatadas ofereciam ganhos em seus usos. Todavia, na amostra de material lascado, não figuram nas escolhas dos artesãos, em outras palavras, não há peças analisadas que indiquem que as rochas ígneas foram debitadas e curadas (*façonnage*) a fim de adquirir formas e funções específicas nesses métodos, de acordo com o projeto mental do artesão.

Para a debitação (lascamento), os índios dos sítios Turvo preferiram rochas e minerais silicosos, especialmente aqueles rolados em terra e água, na forma de nódulos e seixos, de matérias-primas como o silexito e o arenito, mais finos e coesos, de fratura conchoidal.

Há também os denominados, nessa pesquisa, “arenitos verdes”; exemplos de rochas utilizadas pelos artesãos. Elas têm fraturas conchoidais, mas são mais densas do que o arenito marrom, pois sofreram maior influência de rochas eruptivas em suas composições. Ademais, nas coleções vislumbram-se pequenos e médios cristais de

quartzo translúcidos ou leitosos desenvolvidos em meio à consolidação do magma e expostos à superfície, aproveitados nos sistemas dedebitagem.

Em ambas as margens do rio Turvo e tributários, predomina a montante o Domínio do Vale do Rio do Peixe, nesta formação há arenitos finos a muito finos, com boas aptidões ao lascamento; matéria-prima que pôde ter sido coletada pelos artesãos, visto que existem amostras com características semelhantes nas indústrias líticas dos sítios Turvo. Há também, sob formas de seixos e nódulos, silexitos e arenitos lascados por meio de duas técnicas principais: o lascamento unipolar (a mão livre) e o bipolar (utilizando-se de apoio); essas matérias-primas e formas correspondem aos tipos encontrados facilmente nos Depósitos Aluvionares, no alto e médio Turvo. Durante o trabalho de campo, fez-se inferências da presença desses suportes em cascalheiras, nas adjacências ou em meio a pequenos cursos de água tributários do rio Turvo (Fotos 9 a 15).

Foto 9: Núcleo unipolar de silexito do Sítio Turvo 2

Fonte: Faccio (2011/2012).

Foto 10 e Foto 11: Lasca unipolar de arenito silicificado do Sítio Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/2012).

Foto 12: Seixos e cristais de quartzo encontrados com facilidade na região dos sítios Turvo

Fonte: O autor (2017).

Foto 13: Curso de água entre os sítios Turvo 5A e 5B, presença abundante de suportes sobre seixo

Fonte: O autor (2017).

Foto 14: Cristal de quartzo componente da indústria lítica do Sítio Turvo 2

Fonte: Faccio (2011/2012).

Foto 15: Seixos da indústria lítica do Sítio Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/2012).

Para além da utilização nas indústrias líticas, os Depósitos Aluvionares regionais contêm em suas formações areia, silte e argila, e muito embora não tenham sido feitas coletas e análises específicas, é provável que as antigas oleiras tenham coletado areia nas proximidades dos tributários do rio Turvo para acréscimo em suas pastas cerâmicas, conferindo assim maior liga durante a manufatura e resistência na queima.

De acordo com os “geodados” e a história local, é notada a abundância de argila nos relevos mais baixos e próximos as lagoas e lagos naturais, implantadas, em geral, sobre fisionomias planas e extensas. As olarias deram impulso à fundação e ao crescimento da antiga vila de Pontes Gestal, hoje município de nome homônimo. Em tempos pré-coloniais, o acúmulo desse mineral (chamado popularmente de rocha mole), abundante nos tipos de solos regionais e locais, deve ter favorecido as empreitas das artesãs indígenas, levando a crer que os deslocamentos não deveriam ser grandes à obtenção dessa matéria-prima a partir de suas habitações.

Na região dos sítios arqueológicos é possível observar a predominância de pedologias associadas ao Latossolo vermelho (não férrico) (LV23) e do Latossolo vermelho mais Nitossolo vermelho (férrico) (LV3), ambos com textura argilosa a muito argilosa, em geral, são ácidos a fortemente ácidos, estando associados a relevos típicos do Planalto Ocidental Paulista (Figura 21), cujos dados médios predominantes na região do baixo Turvo relevam altitudes de 450 a 460 metros; nas áreas dos Sítios Turvo a altitude é menor e os dados relevam-se entre 380 a 410 metros (Figuras 22 e 23) (ROSSI, 2017; GUERRA; BOTELHO, 2006). Os latossolos “São encontrados em áreas de vegetação de florestas (densa, aberta e mista com palmeiras) e de campos cerrado, em relevo que varia de plano a forte ondulado” (GUERRA; BOTELHO, 2006, p.183) (Fotos 16 e 17).

Amostras nas coleções líticas demonstram diferentes graus de alteração nas superfícies de artefatos polidos, comprometendo, por vezes, toda a camada polida. Tais características pós-deposicionais são decorrentes de processos químicos do latossolo lavado pela água da chuva, juntamente com a acidez existente no solo.

Foto 16: Vide aspecto do latossolo presente na região com rochas ígneas, fragmentadas pelo maquinário agrícola

Fonte: O autor (2017).

Foto 17: Vide aspecto do latossolo presente na região

Fonte: O autor (2017).

Segundo Oliveira et al. (1999), em áreas à esquerda do rio Turvo, em compartimentos mais altos, como os topos, o Latossolo vermelho (LV23) divide espaço com o Argissolo vermelho-amarelo (PVA6). Ademais, próximos as lagoas e relevos planos, junto ao fundo de vale e planícies aluviais, existem trechos com representatividade do Gleissolo háplico de textura argilosa (GX11) (ROSSI, 2017; GUERRA; BOTELHO, 2006).

No tocante às fisionomias locais, somam-se as características de vertentes com perfis retilíneos a convexos, com graus de declividade baixos, isto é, são formas suaves e pouco inclinadas. Em grande parte dos contextos culturais a declividade encontra-se entre 3 a 8 graus, classificada como “suave ondulado”. Entre os Sítios Turvo 3 e 4 o terreno tem declividade ligeiramente maior na direção nordeste, com caída para a barranca do rio Turvo, atingindo cerca de 10 graus, classificado como “ondulado”.

São fisionomias encaixadas em vales pouco entalhados e com baixa densidade de drenagem, que oferecem baixo potencial erosivo, tanto se considerando a região, como as áreas de implantação dos sítios arqueológicos estudados (ROSSI, 2017; ROSS, 2007) (Figuras 24 e 25).

Em face da orientação das vertentes e da implantação dos antigos contextos culturais, não se notam padrões cardeais e colaterais. Nesse aspecto, de acordo com nossa experiência nesses locais, a escolha primordial, às suas implantações na paisagem, parece ter sido a posição topográfica mais imediata ou próxima a um curso de água menor, nas adjacências do desague no rio Turvo (Figuras 26, 27 e 28).

Figura 20: Litologia no baixo rio Grande e na área dos sítios arqueológicos Turvo

Fonte: IBGE: Base Cartográfica Contínua do Brasil. Escala 1:250000. CPRM Geologia, 1:1000000.

Figura 21: Pedologia na área dos sítios arqueológicos Turvo

Fonte: Recorte do Mapa Pedológico de Rossi (2017).

Figura 22: Altimetria no baixo rio Grande

Fonte: IBGE: Base Cartográfica Contínua do Brasil. Escala 1:250000. Topodata (2017).

Figura 23: Altimetria na área dos sítios arqueológicos Turvo

Fonte: IBGE: Base Cartográfica Contínua do Brasil. Escala 1:250000. Topodata (2017).

Figura 24: Declividade no baixo rio Grande

Fonte: IBGE: Base Cartográfica Contínua do Brasil. Escala 1:250000. Topodata (2017).

Figura 25: Declividade na área dos sítios arqueológicos Turvo

Fonte: IBGE: Base Cartográfica Contínua do Brasil. Escala 1:250000. Topodata (2017).

Figura 26: Orientação das vertentes no baixo rio Grande

Fonte: IBGE: Base Cartográfica Contínua do Brasil. Escala 1:250000. Topodata (2017).

Figura 27: Orientação das vertentes na área dos sítios arqueológicos Turvo

Fonte: IBGE: Base Cartográfica Contínua do Brasil. Escala 1:250000. Topodata (2017).

Figura 28: Distância entre os sítios e os cursos de água mais próximo

Fonte: IBGE: Base Cartográfica Contínua do Brasil. Escala 1:250000.

3.1 Trabalho de campo na área dos sítios arqueológicos

As escavações arqueológicas para o resgate dos artefatos nos sítios Turvo foram coordenadas pela professora Livre-Docente Neide Barrocá Faccio, da FCT/Unesp Presidente Prudente – SP, de acordo com o cronograma acertado junto ao IPHAN-SP, Processo n°. 01506.0001186/2009-15 da Arqueologia Preventiva na área da Usina Guariroba, municípios de Pontes Gestal e Cardoso – SP (FACCIO et al., 2011/2012).

Os métodos de escavação levados a cabo foram baseados em estudos nacionais e internacionais que contribuíram para o entendimento do contexto local e de sua associação com o entorno, isto é, da estruturação do espaço interno dos sítios (intrassítio), de suas possíveis relações com outros assentamentos ou acampamentos (inter-sítios) e das matrizes geoambientais, estas últimas deveras importantes para a compreensão de padrões de assentamento e à construção de interpretações sobre a formação do registro arqueológico (REDMAN, 1973; FACCIO, 1992; MORAIS, 1999, 2006; CALDARELLI, 2007).

Assim, nessa linha metodológica, buscou-se interações da relação homem meio desenvolvidas em outrora, consolidando-se investigações de caráter regional, de sistemas de assentamento e de seus padrões (MORAIS, 1999, 2006; FACCIO 1992; FACCIO et al. 2011/2012; LUZ ZAGO, 2017).

Nessa perspectiva, fatores como a delimitação das bacias hidrográficas onde estão inseridos os sítios arqueológicos, distância dos sítios em relação aos cursos de água de diferentes ordens, levantamento da geologia e geomorfologia regional, detalhamento da paisagem topográfica de inserção do sítio, altitude e característica das vertentes, tipos de solos circundantes e localização das matérias-primas utilizadas para a confecção dos artefatos são essenciais para a compreensão do padrão de assentamento dessas antigas comunidades em seu contexto ambiental (FACCIO et al. 2011/2012, p.73).

Com base no histórico da área e no perfil cultural dos assentamentos indígenas, as seguintes atividades foram empreendidas nesse trabalho de resgate arqueológico: caminhamento sobre a área dos contextos culturais para a marcação de peças em superfície e inferências de possíveis concentrações, coleta sistemática de superfície, abertura de trincheiras, decapagens no solo para exposição e recolha de artefatos, cortes de verificação e de perfis (Fotos 18 a 21).

Foto 18: Caminhamento sistemático para marcação de peças em superfície

Fonte: Faccio et al. (2011/2012).

Foto 19: Vide marcação das peças em superfície

Fonte: Faccio et al. (2011/2012).

Foto 20: Trincheira padrão aberta na área dos sítios, em zonas com maior concentração de material em superfície

Fonte: Faccio et al. (2011/2012).

Foto 21: Perfis e cortes que evidenciam a homogeneização e revolvimento do solo nas áreas dos sítios

Fonte: Faccio et al. (2011/2012).

Todos os procedimentos foram acompanhados de “*arqueografia*” em fichas padronizadas, incluindo as coordenadas UTM correspondentes, posicionando as peças em ambiente SIG, sacos plásticos para proteção de etiquetas e dos artefatos coligidos, resguardando-se assim todos os dados contextuais para as etapas de curadoria e análise laboratorial.

Como exposto, há décadas a região de pesquisa é palco de extensos plantios de cana-de-açúcar, nos quais é frequente o uso de maquinários agrícolas pesados para o manejo da terra. Nesse processo de perturbação antrópica recente – intenso revolvimento de camadas de solo – a estratigrafia arqueológica foi descaracterizada. Nestes casos, os arqueólogos comumente deixam de obter dados de arranjos

artefatuais e das características cronoculturais da estratigrafia como, por exemplo, a associação entre conjuntos distintos de artefatos, uma sequência de reocupações etc.

É sob essas características que é possível afirmar que os sítios arqueológicos Turvo são áreas muito impactadas, sem qualquer traço de paleo-estratigrafia inferido. O comprometimento da estruturação intrassítio foi observado pelo grau de revolvimento do solo e pelo arraste vertical (trazidas à superfície) e horizontal das peças, alinhadas frequentemente de forma retilínea, acompanhando a geometria dos carregadores (Fotos 22 e 23 e Figuras 29 a 32).

Foto 22: Fragmentos cerâmicos em superfície

Fonte: Faccio et al. (2011/2012).

Foto 23: Diminutos fragmentos de cerâmica trazidos à superfície devido a ação antrópica recente

Fonte: Faccio et al. (2011/2012).

Figura 29: Dispersão espacial dos artefatos nas áreas dos Sítios Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B. Vide padrão retilíneo da distribuição artefactual, junto aos carregadores

Figura 30: Dispersão espacial dos artefatos nas áreas dos Sítios Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B. Vide padrão retilíneo da distribuição artefactual, junto aos carreadores

Figura 31: Dispersão espacial dos artefatos nas áreas dos Sítios Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B. Vide padrão retilíneo da distribuição artefactual, junto aos carregadores

Figura 32: Dispersão espacial dos artefatos nas áreas dos Sítios Turvo 1, 2, 3, 4, 5A e 5B. Vide padrão retilíneo da distribuição artefactual, junto aos carregadores

Fonte: Faccio et al. (2011/2012). Org.: O autor (2018).

São muitos os debates acerca dos prejuízos causados pelos maquinários agrícolas em sítios arqueológicos. Araújo (2002) demonstrou que o funcionamento do arado e do subsolador não desloca consideravelmente os artefatos no sentido horizontal, a ponto de formar novos arranjos e concentrações. Na mesma linha segue Moraes (1999, p.145), quando assinala que “[...] que o registro arqueológico pouco foi alterado no sentido horizontal. Núcleos de solo antropogênico, correspondentes aos fundos de habitação, poderão ser mapeados sem muito prejuízo”.

Essa é uma discussão que deve se orientar pela teoria, mas sem se esquecer das características e especificidades dos sítios estudados (dos dados *in loco*), considerando nesse bojo as muitas variáveis em jogo, como: o histórico de ocupação da área onde estão os assentamentos arqueológicos, os tipos de técnicas e instrumentos utilizados para o manejo da terra ao longo do tempo, especialmente após a segunda metade do século XX, a declividade do terreno e os próprios métodos de campo utilizados durante o resgate das peças. Para esta última informação, se a coleta de superfície foi guiada apenas pela maior visibilidade das peças no terreno, é certo que o padrão de distribuição acompanhará a geometria retilínea dos carregadores nas áreas de cana-de-açúcar.

Para a pesquisa em tela, como exposto, os padrões de distribuição dos artefatos revelaram que as geometrias tenderam às formas retilíneas, acompanhando os carregadores da cana, muito embora as coletas de superfície tenham sido sistemáticas e empreendidas na totalidade da área. Nesse caso, é possível levantar a hipótese que outros instrumentos mais perturbadores do que o arador e o subsolador, tenham atuado nas áreas em questão, deslocando maiormente essas peças no sentido horizontal.

Por vezes, foi indicado na literatura especializada formas retilíneas de aldeias Aratu, postas sob padrões paralelos aos cursos de água, contudo, no presente estudo a análise dos dados nos levam a interpretar a disposição dos artefatos nos Sítios Turvo como resultado pós-deposicional, com alto grau de perturbação antrópica recente, sem que com isso se refute a hipótese de esses sítios terem tido no passado essa disposição na paisagem.

As características nas áreas dos sítios Turvo que casam perfeitamente com a teoria explanada foram o intenso revolvimento do solo e a eliminação da possibilidade de inferência da estratigrafia, a conseqüente emergência das peças coletadas,

sobretudo, na superfície, e o grau de fragmentação delas⁷⁶, especialmente da cerâmica. São artefatos diminutos ou muito erodidos, que dificultaram ou mesmo impossibilitaram a formação de conjuntos para a remontagem em laboratório.

Nos capítulos e subcapítulos seguintes são expostos os resultados das análises de laboratório dos artefatos líticos e cerâmicos dos Sítios Turvo, colocando-se em relação o sistema técnico de produção e o contexto local, para fins interpretativos e/ou hipotéticos sobre as cadeias operatórias e as economias de matéria-prima.

⁷⁶ Quanto à integridade física das peças arqueológicas, a redução de seu tamanho tornará a cada aragem menos acentuada, até atingir um tamanho estável (DUNNEL; SIMEK, 1995, p.308).

4. Os sítios arqueológicos pesquisados: as paisagens e seus artefatos associados

4.1 Turvo 1

A área encontra-se aproximadamente a 450 metros de distância do Rio Turvo, e a 16 quilômetros do Rio Grande. O sítio está implantado na baixa vertente, de relevo suave e próximo a elevações que testemunham as “ilhas verdes”, com presença de rochas eruptivas. É um contexto atualmente ocupado pelo plantio de cana-de-açúcar, cujas matas remanescentes estão próximas ao curso de água (Figura 33). Nota-se a presença de talhões e carregadores, elementos característicos desse tipo de empreendimento. A vegetação da região é característica de transição entre a Mata Atlântica de interior e o Cerrado, que predomina na região norte/noroeste do Estado de São Paulo.

Figura 33: Sítio Arqueológico Turvo 1: Implantação na paisagem

Org.: Rosa; Galhardo (2019).

4.1.1 Líticos

Tabela 1: Categorias indústria lítica Turvo 1

Categoria	Quartzo	Silexito	Arenito Silicificado	Basalto	Total
Fragmento tecnologia ID	9	1			10
Lasca uni e/ou bipolar		2	7		9
Núcleo unipolar			3		3
Seixo	2		1		3

Categoria	Quartzo	Silexito	Arenito Silicificado	Basalto	Total
Plaqueta				15	15
Bloco				24	24
Total	11	3	9	39	62

Adaptado de: Rosa (2017). Abreviação: ID – Indeterminada.

Grande parte das peças coletadas em campo é de basalto / diabásio, dentre essas há parcela que corresponde a blocos fragmentados por ação de maquinário agrícola, isto é, são peças que, muito embora estejam em um contexto cultural, não fazem parte do sistema técnico de lascamento. No entanto, há de se ressaltar que, muito embora não inferido no sistema de lascamento unipolar e bipolar, a matéria-prima basalto / diabásio foi utilizada no sistema técnico de picoteamento e polimento, dado inferido na cadeia operatória de manufatura de lâminas de machado. Nessa amostra há inclusive a porção proximal de uma lâmina de machado de basalto, bastante alterada por ações de intemperismo pós-deposicionais.

Em geral, a coleção de artefatos lascados é exígua nessa coleção, mas pôde-se inferir que, quanto ao sistema de lascamento, há predomínio da técnica unipolar sobre tipos de arenitos silicificados. São lascas especialmente de arenitos silicificados marrons, de granulometria bastante fina e com excelente fratura conchoidal; outro tipo recorrente é o arenito silicificado verde, mais denso e difícil de lascar, muito embora também apresente fratura conchoidal. Este tipo de arenito sofreu maior influência durante sua formação junto às rochas magmáticas. Para análise mais verticalizada sobre essa influência de contato a técnica de laminação foi realizada pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, sobre o refugo de lascamento com as qualidades mencionadas, peça de n. 07 (Quadro 3).

A técnica unipolar também foi aplicada sobre tipos de calcedônia (classificados como silexitos). Produtos diagnósticos sobre esse tipo de matéria-prima, frequentemente com capas de neocórtex fluvial, não chegam a atingir uma dezena na coleção. Nelas nota-se, por vezes, a dificuldade que o artesão encontrou durante a debitagem, desferindo sobre o plano de percussão diversos golpes sem sucesso, e criando com isso, por vezes, linhas de esmagamento.

O sistema técnico de lascamento bipolar é predominantemente inferido sobre tipos de quartzo bastante irregulares, nesses nota-se capas de intemperismo, por

vezes de neocórtex fluvial ou de rolamento em solo. Há produtos diagnósticos como nucleiformes de maior dimensão, que a época de sua percussão, com a força do impacto nos dois polos, somando-se a irregularidade interna do mineral, deveriam desprender expressivo número de detritos e lascas, estas sem planos de percussão facilmente identificáveis, peças essas também diagnosticadas na presente coleção.

Nas coleções líticas dos sítios arqueológicos Turvo é bastante sintomático a presença de instrumentos brutos, são percutores pequenos ou médios (não ultrapassam dez centímetros de comprimento e largura), com arestas arredondadas devido ao rolamento no leito dos rios e/ou sobre o terreno. Os macrotraços presentes são inferidos, frequentemente, nos dois polos da peça, proximal e distal.

Quadro 3: Laminação de amostras líticas

Identificação da amostra: TRVI-7

Aspectos Gerais:

A amostra TRVI-7 é uma interdigitação entre arenito – diabásio, interação entre sedimentos arenosos e diabásio, este com estrutura maciça e textura fanerítica fina, onde os cristais são visíveis a olho nu em amostra de mão. O diabásio é constituído predominantemente por cristais, embora o vidro vulcânico esteja presente em menor proporção, o que caracteriza a textura hipocristalina. O diabásio também apresenta textura intergranular fina, onde cristais anédricos de augita e óxidos de Fe-Ti ocupam os interstícios entre cristais euédricos ripiformes de plagioclásio (An_{30-60} ; andesina a labradorita) (Vide a). Nos locais onde os interstícios entre os cristais de plagioclásio são ocupados por vidro vulcânico de coloração acastanhada, é reconhecida a textura intersertal (Vide b). Também ocorre a textura sub-ofítica, onde o clinopiroxênio augita, com menor taxa de nucleação e maior taxa de crescimento, ocupa os espaços deixados pelos cristais ripiformes de plagioclásio precoces, dando a impressão de estarem englobando os mesmos (Vide c / d).

Fotomicrografias da amostra TRVI-7. a) Aspecto geral do diabásio com textura intergranular, onde cristais anedrais de augita e óxidos de Fe-Ti (e vidro vulcânico, em menor proporção) ocupam os espaços entre cristais euédricos ripiformes de plagioclásio. b) Detalhe para a ocorrência localizada de textura intersertal, onde o vidro vulcânico de coloração acastanhada preenche parte dos interstícios entre os cristais euédricos de plagioclásio. c-d) Textura sub-ofítica, onde cristais ripiformes de plagioclásio precoces são parcialmente englobados por cristais de augita. (a-c) Polarizadores paralelos. (d) Polarizadores cruzados.

Estrutura: maciça

Textura: fanerítica, hipocristalina, intergranular (predominante), intersertal, sub-ofítica

Granulação: fina (0,1 - 0,5mm)

Composição mineralógica: plagioclásio (45-50%), clinopiroxênio - augita (35-40%), vidro vulcânico (8-10%), óxidos de Fe-Ti (3-5%), apatita (<2%), clorofeita (<1%).

Classificação petrográfica: diabásio (rocha subvulcânica de composição basáltica) com textura fanerítica fina.

Fonte: Instituto de Geociências da USP (IGC) (2017). Org.: O autor (2017).

Figura 34: Instrumento n.29 Turvo 1

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO I

Peça TVI 29: Trata-se de um instrumento unipolar inteiro, bruto de debitage, isto é, utilizado logo após a debitage do suporte-instrumento sem a necessidade de manufatura de retoques diretos sobre o bordo. A cadeia operatória dessa peça indica que o artesão escolheu um bloco de arenito silicificado, desferiu golpes sobre o dorso da peça, ainda no núcleo, retirando dessa porção lascas com formas subcirculares, não espessas; possivelmente nesse momento ocorreu a debitage na porção distal do instrumento, ângulo abrupto, cerca de 90 graus, entre a face interna e externa do instrumento. A área ativa desse instrumento bruto de debitage localiza-se por todo o bordo direito, no qual nota-se micro estilhaçamentos e abrasões decorrentes do uso do gume.

As características do talão, como largura, espessura e pontos de impacto, indicam que um percutor (duro) de rocha foi utilizado. Arenitos silicificados semelhantes existentes na coleção do sítio arqueológico corroboram para a inferência de que blocos dessa matéria-prima estavam sendo selecionadas para o lascamento; são arenitos que apresentam, em geral, expressiva densidade, devido ao contato com o basalto.

C: 79mm
L: 64mm
E: 37mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 1

Figura 35: Núcleo n.47 Turvo 1

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO I

Peça TVRI 47: Núcleo acortical unipolar sobre arenito silicificado verde. Tipo de arenito menos recorrente na coleção artefactual. Alguns pontos de impacto deixam claro a expressiva densidade do percutor e força empregada para o destacamento das lascas. Linhas de esmagamento na cornija foram produzidas pelos repetidos golpes sobre pontos próximos, o que evidencia o grau de dureza da rocha e/ou a dificuldade do artesão na operação, quiçá devido ao tamanho reduzido do núcleo? Esses golpes mais fortes têm ângulos próximos de 90 graus e, em parte da peça, já bastante reduzida, deixam dúvidas quanto ao emprego da técnica bipolar. Os gestos e a cadeia operatória nesse núcleo indicam que a intenção era a obtenção de lascas de diferentes formas, pouco espessas, mas que deveriam ter bordos bastante resistentes, com delineamentos suaves para uso, sem a necessidade do emprego da técnica de retoques para o aperfeiçoamento do delineamento, ângulo e forma dos bordos. Esse núcleo enquadra-se na classificação de "não elaborado", de acordo com a metodologia apresentada.

Comprimento: 59mm
Largura: 53mm
Espessura: 45mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 2

Figura 36: Núcleo n.9 Turvo 1

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO I

Peça TVRI 9: Núcleo unipolar com parcelas residuais de córtex de neocórtex (influência fluvial). A expansão da força de percussão sobre a superfície irregular dessa rocha-mineral causou algumas fissuras e o refletimento de pequenas lascas, possivelmente inviabilizadas para qualquer tipo de função, dado o tamanho diminuto e fragilidade. Essa peça sugere que a intenção do artesão ao coletá-la junto as cascalheiras, facilmente acessadas no entorno do sítio, tenha sido a de retirar pequenas lascas unipolares, com espessuras e bordos aptos ao uso direto, sem o emprego da técnica do retoque, é uma peça que reflete que a debitage ocorreu de modo expedito. Dada suas características técnicas, esse é um núcleo unipolar “não elaborado”, principalmente de acordo com inferências quanto a ausência de preparação de planos de percussão.

Comprimento: 44mm
Largura: 45mm
Espessura: 45mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 3

Figura 37: Seixo utilizado n.10 Turvo 1

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO I

Peça 30: Seixo cortical médio, de arenito silicificado. Na face superior, mais convexa, há duas cúpulas circulares - macrotraços de uso - na região central da peça; o primeiro deles mais profundo, cerca de 20mm de diâmetro e 02mm de profundidade, parece ter sido usado para quebra de sementes e frutos, haja vista a ausência de "arranhões", típicos do uso como bigorna para no lascamento bipolar, o outro macrotraços, na mesma face, tem a metade das dimensões do primeiro. Na face mais plana as marcas de uso bruto são mais difusas e menos profundas, e aqui nota-se tênues incisões - "arranhões" decorrentes do uso bruto, essa área com macrotraços, que sugerem também seu uso como bigorna, tem dimensão aproximada de 30x20mm. Há ainda nas extremidades da peça, zonas proximal e distal, tênues marcas de uso. Empregado como percutor? Artefato, instrumento bruto que demonstra multifuncionalidade.

Comprimento: 81mm
Largura: 52mm
Espessura: 33mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 4

4.1.2 Cerâmicas

Do Sítio Arqueológico Turvo 1 foi estudado um conjunto de 5.988 fragmentos de cerâmica. A partir da análise da tabela a seguir podemos observar a frequência da classe cerâmica produzida.

Tabela 2: Classe de peças cerâmicas. Sítio Arqueológico Turvo 1

Classe	Quantidade de peças	%
Parede Angular	7	0,11%
Parede	5662	94,55%
Fuso	1	0,01%
Furo de suspensão	1	0,01%
Borda	298	4,97%
Base	10	0,16%
Fragmento de vaso conjugado	6	0,01%
Não identificado	3	0,05%
Total	5988	100%

Fonte: Faccio (2011/12).

O Sítio Turvo 1 apresentou em sua maioria fragmentos de cerâmica lisa, constituindo um total de 99,88%. Foram evidenciados fragmentos com incisão ou entalhe na face externa.

Tabela 3: Tipos cerâmicos

Face Interna/Externa	Quantidade de Peças	%
Liso/Liso	5982	99,89%
Incisão ou entalhe na face externa	6	0,10%
Total	5988	100%

Fonte: Faccio (2011/12).

As Fotos 24 a 31 mostram a face externa e interna de fragmentos de bordas, fragmento de bordas com incisão ou entalhe contornando o lábio, fragmento de fuso, parede de vaso conjugado e parede com furo de suspensão.

Foto 24 e Foto 25: Fragmento de borda. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Foto 26 e Foto 27: Fragmento de Fuso. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Foto 28 e Foto 29: Fragmento de Parede com furo de suspensão. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Foto 30: Fragmento de bordas com incisão ou entalhe contornando o lábio. A última borda da direita não possui incisão ou entalhe. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Foto 31: Fragmentos paredes de vaso conjugado. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

As figuras a seguir mostram as formas das vasilhas do Sítio Arqueológico Turvo 1, que foram parcialmente reconstituídas graficamente a partir dos fragmentos de borda, e corroboram o que expõe a literatura especializada sobre os marcadores técnicos da Tradição Aratu, nessa região do país.

Figura 38: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 39: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 40: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 41: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 42: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

0 1 2 3 cm

TRVI 2386
10 cm

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 43: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

0 1 2 3 cm

TRVI 1636
20 cm

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 44: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna com incisão contornando o lábio. Sítio Arqueológico Turvo 1

0 1 2 3 cm

TRVI 5339
18 cm

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 45: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 46: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 47: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 48: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto e

borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 49: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 50: Vaso Profundo, boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 51: Vaso profundo, boca constrita, contorno direto e

borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 52: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa com incisão logo abaixo do lábio. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 53: Vaso profundo, boca constricta, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 54: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 55: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 56: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 57: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa com incisão logo abaixo do lábio. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 58: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 59: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 60: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 61: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 62: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 63: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 64: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 65: Vaso profundo, boca ampliada, contorno infletido e borda extrovertida inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 66: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido

e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 67: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna com ponta angular interna. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 68: Vaso profundo, boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna com incisão em torno do lábio. Sítio Arqueológico Turvo 1

Fonte: Faccio (2011/12).

A cerâmica do Sítio Arqueológico Turvo 1 apresenta características técnicas e estilística da denominada Tradição Aratu-Sapucaí, com presença de fuso e seis fragmentos de vaso conjugado. O antiplástico é exclusivamente o mineral.

4.2 Turvo 2

O contexto cultural encontra-se aproximadamente a 250 metros do Rio Turvo, em área de baixa vertente e a cerca de 400 metros de distância ao oeste do Sítio Turvo 2, também situado em área de baixa vertente, em um contexto atualmente ocupado pelo plantio de cana-de-açúcar, com fragmentos de mata ciliar nas adjacências (Figura 69).

Figura 69: Sítio Arqueológico Turvo 2: Implantação na paisagem

Org.: Rosa; Galhardo (2019).

4.2.1 Líticos

Tabela 4: Categorias indústria lítica Turvo 2

Categoria	Quartzo	Silexito	Arenito Silicificado	Basalto	Total
Fragmento tecnologia ID	13		6		19
Lasca uni e/ou bipolar	24	1	3		28
Núcleo unipolar			2		2
Seixo	4	5			9
Plaqueta				5	5
Resíduo	12				12
Bloco				31	31
Total	53	6	11	36	106

Adaptado de: Rosa (2017). Abreviação: ID – Indeterminada.

Em relação ao Turvo 1, nessa coleção infere-se maior quantidade de peças bipolares sobre o quartzo, especialmente sobre suporte de cristal, onde há parcelas ainda preservadas de ápices. Esses cristais têm interessante processo contextual, uma vez que preservam características do cristal somadas a capas de rolamento fluvial e/ou em terreno, isto é, assumem texturas externas mais ou menos polidas ou rugosas de acordo com o tempo de sua deposição em água ou terra.

Os nucleiformes nessa coleção têm destaque, suas percussões produziram dezenas de lascas bipolares mais compridas do que largas, sensivelmente pouco espessas e com extremidades pontiagudas que lembram “agulhas”. Apesar da aparente fragilidade, são produtos tenazes, que deveriam resistir muito bem ao contato com materiais orgânicos.

Essa coleção, assim como apontado no Turvo 1, têm basalto / diabásio fragmentados por ação mecânica de maquinários agrícolas. Não guardam ações técnicas pretéritas, mas corroboram com informações contextuais geológicas. Diferente dessa situação há os “arenitos verdes”, estes demonstram interações físicas com essas rochas magmáticas (Quadro 4), porém têm boas fraturas conchoidais e estão inseridos no sistema técnico de lascamento.

O arenito silicificado marrom, lascado por meio da técnica unipolar é exíguo nessa coleção e pouco significativo em termos quantitativos quando comparado ao lascamento bipolar efetuado sobre cristais de quartzo. No entanto, essas peças carregam importantes informações contextuais inter-sítios (Sítios Turvo), uma vez que

são semelhantes quanto a economia de matéria-prima efetuada pelos artesãos, na seleção dos suportes – nódulos ou seixos de arenito de pequenas e médias proporções e quanto a aplicação da técnica unipolar sobre esse tipo de matéria-prima com excelente aptidão ao lascamento.

As calcedônias (silexitos) presentes na coleção são exíguas, elas atestam por seus córtex a influência de processos fluviais. Pelos traços técnicos diagnósticos, observados principalmente nas áreas proximais, leia-se talões, percebe-se que os artesãos optaram, predominantemente, pelo lascamento unipolar.

As indústrias líticas dos Sítios Turvo 1 e 2 são complementares e semelhantes em termos de processos operatórios e economia de matéria-prima. Esses contextos culturais podem ter sido contíguos, no tempo e no espaço.

Quadro 4: Laminação de amostras líticas

Identificação da amostra: TRVII-B-305

Aspectos Gerais: Amostra constituída por interdigitação entre quartzo-arenito e basalto, com predomínio do primeiro, provavelmente formada a partir da interação entre lava basáltica e sedimento arenoso não consolidado (peperito). Por se tratarem de dois tipos distintos de rochas (sedimentar e ígnea, respectivamente), a descrição petrográfica dos dois litotipos é apresentada separadamente.

Arenito:

Arenito bem selecionado constituído predominantemente por grãos de quartzo e em menor proporção por feldspatos, rutilo e turmalina, bem arredondados e com esfericidade moderada. Os grãos que constituem o arcabouço são cimentados por agregados finos de quartzo possivelmente precipitados a partir de fluidos hidrotermais e que conferem a amostra um aspecto silicificado (Vide a / b).

Fotomicrografias da amostra TRVII-B-305. a) Aspecto geral do quartzo arenito bem selecionado, com grãos de quartzo bem arredondados e com esfericidade moderada. b) Detalhe para cimento de quartzo na forma de agregados finos nos contatos entre os grãos arredondados do arcabouço. c) Porção de rocha basáltica interdigitada com o quartzo arenito. Notar alteração secundária da matriz vítrea do basalto para agregado fino de clorofeita. d) Detalhe para textura intersertal, com micrólitos de plagioclásio (cristais tabulares euédricos) e clinopiroxênio augita (cristal de relevo alto, subarredondado no centro da imagem) imersos em matriz vítrea na rocha basáltica. (a-b) Polarizadores cruzados. (c-d) Polarizadores paralelos.

Proporções dos componentes:

Arcabouço: 80-85%

Matriz: 0%

Cimento: 15-20%

Poros: 0%

Arcabouço:

Composição mineralógica: quartzo (98%); plagioclásio (<1%); feldspato potássico (ortoclásionão-geminado e microclínio com geminação em grade) (<1%); turmalina (<1%); rutilo (<1%); fragmentos líticos (<1%).

Granulometria modal: 0,1 – 0,5mm (areia fina a média)

Seleção granulométrica: bem selecionado

Esfericidade: moderada

Arredondamento: grãos bem arredondados

Cimento:

Mineralogia: quartzo (100%)

Textura: “*micro-vughs*”, que corresponde a agregados finos de quartzo, muitas vezes com aspecto de micro franjas, provavelmente precipitados a partir da percolação de fluidos

hidrotermais ao redor dos grãos arredondados de quartzo ($\pm$ feldspato) que constituem o arcabouço.

Classificação:

Maturidade mineralógica: alta

Maturidade textural: alta

Classificação petrográfica: Quartzo-arenito bem selecionado

Classificação de arenitos segundo Folk (1974), onde a porção arenosa da amostra TRVII-B-305 é classificada como quartzo arenito.

Basalto:

Na amostra TRVII-B-305 ocorrem porções de basalto com contornos irregulares, indicativa de interação entre lava basáltica e areia inconsolidada. O basalto é constituído predominantemente por vidro vulcânico e em menor proporção por cristais, o que define a textura hipovítrea. O basalto também apresenta textura intersertal, caracterizada pela presença de micrólitos e microfenocristais eudíricos a subeudíricos de plagioclásio, e de augita em menor proporção em matriz vítrea a levemente devitrificada de coloração castanho-avermelhada (Vide c / d). O plagioclásio também ocorre na forma de cristais ocos e/ou com terminação em rabo-de-andorinha, que são texturas indicativas de resfriamento rápido da lava basáltica. É bastante comum a ocorrência de agregado mineral fino de coloração esverdeada (possivelmente clorofeíta), como produto de alteração secundária do vidro vulcânico.

Estrutura: maciça

Textura: hipovítrea, intersertal

Granulação: fina (microfenocristais de até ~ 0,15mm) a muito fina (micrólitos, cristalitos e vidro < 0.1mm)

Composição mineralógica: plagioclásio (20-15%), augita (10-15%), vidro vulcânico (45-55%), clorofeíta (20-25%), óxidos de Fe-Ti (<2%), apatita (<1%).

Fonte: Instituto de Geociências da USP (IGC) (2017). Org.: O autor (2017).

Figura 70: Núcleo n.18 Turvo 2

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO II

Peça TVR11 18: Núcleo unipolar lascado sobre arenito silicificado verde – formação de contato com o basalto. Resta menos de 25% de neocórtex sobre “seixo”. O lascamento parece ter sido iniciado nas extremidades proximal e distal da peça, nessas os ângulos de percussão se aproximam de 90 graus. Pela análise dos planos de percussão e de debitage é possível inferir que os negativos presentes são de lascas unipolares corticais pouco espessas e, em geral, mais largas do que compridas. Trata-se de um núcleo “não elaborado”, especialmente quanto a preparação dos planos de percussão. Alguns pontos de impacto também sugerem a dificuldade do artesanato no lascamento, possivelmente devido a tenacidade da rocha.

Comprimento: 99mm
Largura: 69mm
Espessura: 64mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 5

Figura 71: Lasca n.30 Turvo 2

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO II

Peça TVR II 30: Lasca unipolar de arenito silicificado – contato com o basalto. Pela espessura do talão e características do ponto de impacto tudo indica que um percutor de rocha foi utilizado durante a debitage dessa lasca. Trata-se de uma lasca secundária, sem córtex, que eliminou a cornija, ou protuberâncias de partes do núcleo. Marcas pós deposicionais, provocadas provavelmente por maquinários agrícolas, são vistas sobre a face superior da peça, no entanto, não comprometem sua análise. Esse artefato não tem sinais de usos brutos ou retoques sobre os bordos, o que indica se tratar de uma lasca secundária, de preparação de suporte.

Comprimento: 56mm
Largura: 64mm
Espessura: 31mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 6

Figura 72: Nucleiforme n.79 Turvo 2

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO II

Peça TVR II 79: Nucleiforme bipolar sobre quartzo. O ápice prismático desse cristal ainda está presente, nele – devido a deposição e rolamento sobre a superfície – foram se agregando, ao longo do tempo, partículas de areia mediana, suas esfericidade são notadas por meio do tato. O artesão desferiu um golpe e eliminou a “raiz” desse pequeno cristal, produzindo a partir desse golpe diversas outras lascas, inferidas por seus negativos presentes sobre esse nucleiforme pontiagudo. Mesmo diante de uma cadeia operatória bastante incompleta, é possível sugerir que a intenção do artesão tenha sido a produção de diminutas lascas a partir desse suporte. Essa hipótese (massa fornecedora de lascas) não elimina o dinamismo funcional presente nessas indústrias, isso equivale a dizer que, muito embora não haja macrotraços de uso claros sobre a peça, sua extremidade pontiaguda também pôde ter sido utilizada para incisões e cortes, uma vez que, oferece resistência para diversos tipos de trabalhos sobre materiais menos tenazes.

Comprimento: 52mm
Largura: 28mm
Espessura: 25mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 7

4.2.2 Cerâmicas

Do Sítio Arqueológico Turvo 2 foi estudado um conjunto de 2.631 fragmentos de cerâmicos. Nas tabelas abaixo podemos observar a frequência da classe cerâmica produzida.

Tabela 5: Classe de peças cerâmicas. Sítio Arqueológico Turvo 2

Categoria	N° de Peças	%
Base	10	0,38
Borda	140	5,32
Parede	2448	93,04
Parede Angular	4	0,15
Parede com furo de suspensão	3	0,11
Vaso conjugado	4	0,15
Não Identificado	22	0,84
Total	2631	100

Fonte: Faccio (2011/12).

O Sítio Turvo 2 apresentou peças cerâmicas muito fragmentadas, não sendo possível, em muitos casos, identificar o tipo de categoria e nem o tipo de decoração plástica. Foram encontrados em sua maioria peças simples, sem decoração plástica, apresentando tratamento de superfície do tipo liso evidenciado (99% dos casos), dados estes padrões do estilo Aratu. A tabela a seguir mostra os tipos cerâmicos do sítio em tela.

Tabela 6: Tipo cerâmico do Sítio Arqueológico Turvo 2

Decoração	N° de Peças	%
Liso	2624	99,73
Não Identificado	7	0,27
Total	2631	100

Fonte: Faccio (2011/12).

4.3 Turvo 3

O sítio encontra-se a cerca de 100 metros de distância das margens do Rio Turvo, em área de baixa vertente de colina suave e ampla, e a cerca de 18 quilômetros do Rio Grande. O contexto, semelhante aos demais sítios, é atualmente ocupado pelo plantio de cana-de-açúcar, onde se evidencia fragmentos de mata do tipo cerrado, especialmente presentes nas “ilhas verdes” e vegetação aquática junto as várzeas (Figura 73).

Figura 73: Sítio Arqueológico Turvo 3: Implantação na paisagem

Org.: Rosa; Galhardo (2019).

4.3.1 Líticos

Dada a exiguidade da coleção (17 peças) optou-se apenas pela apresentação textual da coleção lítica. O Sítio Turvo 3 tem a coleção lítica mais diminuta dentre os Turvo, bem como apresenta as cadeias operatórias mais incompletas e fragmentadas inferidas. A amostra contém algumas lascas unipolares e bipolares que não tem correspondência *in situ* com núcleos, instrumento expedito sobre argilito/silexito, instrumento bruto de debitage sobre silexito e artefatos bipolares sobre o mineral quartzo.

De todo modo, chama atenção nessa indústria a semelhança técnica com as coleções líticas dos outros sítios Turvo, com relação às economias de matéria-prima praticadas e alguns métodos empregados, como o inferido na peça 354 sobre arenito verde, com parcela cortical de bloco sobre o dorso, nesta o artesão teve por intuito, por meio da técnica unipolar, de retirar parte saliente e cortical de porções do núcleo ou instrumento, eliminando, ao que tudo indica, irregularidades do plano de percussão ou de partes que seriam ativas ou preensivas.

Nesse sentido, frente a exígua coleção lítica desse sítio, em junção com a interpretação a respeito da indústria cerâmica, vale a pena questionar o grau de preservação dessa área que teria corroborado para a deficiência da amostra? Ou tratava de área cultural com menor densidade habitacional e prática de lascamento?

Figura 74: Instrumento n.355 Turvo 3

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO III

Peça TVR III 355: Instrumento fragmentado (suporte sobre lasca, de tecnologia determinada) de sílexito-argilito. Sobre a face superior percebe-se pequenas áreas residuais de córtex de bloco. Essa peça assemelha-se ao que a literatura arqueológica conceitua como “lesma”, uma face mais plana e sem amplas modificações técnicas e outra superior convexa, na qual o artesão investiu, principalmente, nas zonas periféricas, a fim de manufaturar bordos ativos, esses que frequentemente são identificados pelas análises como sendo multifuncionais (“canivete suíço”). Micro denticulados gerados pelo contato do gume com a matéria podem ser vistos por todo o bordo esquerdo e direito, bem como, na área distal. Esse artefato analisado lembra essa tecno-morfologia, porém comparações mais aprofundadas são limitadas pela quebra da peça e pela ausência de artefatos ligados a essa cadeia operatória. Peça aferida.

Comprimento: 61mm
Largura: 40mm
Espessura: 19mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 8

Figura 75: Instrumento n.112 Turvo 3

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO III

Peça TVR III 112: Esse instrumento de sílexito sobre suporte de lasca, ao que tudo indica unipolar; em sua face inferior é possível ainda ver a direção de debitage da lasca suporte, enquanto na superior restam irregularidades da rocha – suporte sobre bloco. Esse instrumento tem um ponto de impacto (quebra acidental?), que o partiu pela metade – parte inferior da peça que forma um ângulo aproximadamente 90 graus. Por todo seu bordo esquerdo é possível ver micro denticulados de uso bruto, bem como algumas batidas recentes, pós-deposicionais. Peça aferida.

Comprimento: 46mm
Largura: 39mm
Espessura: 23mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 9

Figura 76: Nucleiforme n. 356 Turvo 3

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO III

Peça TVR III 356: Fragmento de nucleiforme de quartzo. A área da batida, do ponto de impacto, nesse pequeno cristal de quartzo foi retirada, ao que tudo indica, pela diferenciação de cor e textura, por ações pós-deposicionais. Na porção proximal da peça ainda há pequena área prismática do cristal, com ângulos atenuados pelo rolamento em terra. Não aferida.

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 10

Figura 77: Lasca n. 354 Turvo 3

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO III

Peça TVR III 354: Lasca unipolar de arenito silicificado verde que evidencia o método de lascamento no qual o artesão desfere na área externa da peça (núcleo ou suporte de instrumento), porção central ou próxima dela, um golpe a mão livre – unipolar; o objetivo parece ter sido a retirada de camada irregular da peça e/ou cortical a fim de melhorar a preensão do artefato para uso das partes ativas. Na porção distal desse artefato ainda é possível a visualização de pequena parcela de córtex de bloco.

Comprimento: 55mm
Largura: 25mm
Espessura: 23mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 11

4.3.2 Cerâmicas

Do Sítio Arqueológico Turvo 3 foram analisados 460 fragmentos de cerâmica. A tabela abaixo mostra as classes de peças evidenciadas na área do Sítio Arqueológico Turvo 3.

Tabela 7: Categorias de fragmentos encontrados no Sítio Arqueológico Turvo 3

Categoria	Nº de Peças	%
Base	9	1,96
Borda	17	3,7
Parede	428	93,04
Parede angular	3	0,65
Não identificado	3	0,65
Total	460	100

Fonte: Faccio (2011/12).

Das bordas identificadas, poucas puderam ser utilizadas na reconstituição da forma do vaso. Entre as reconstituídas graficamente, encontramos as diretas inclinadas externas (Figuras a seguir). Contudo, outros tipos de bordas existem nessa indústria ceramista; como a diretas inclinadas interna, as extrovertidas inclinadas internas, extrovertidas inclinadas externas e carenadas.

Figura 78: Vaso profundo, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Turvo 3

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 79: Tigela Funda, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Turvo 3

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 80: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Turvo 3

Fonte: Faccio (2011/12).

O tipo de tratamento de superfície que predominou nos fragmentos coletados no Sítio Arqueológico Turvo 3 foi o alisamento interno e externo. Em um fragmento foi identificado a decoração plástica incisão. A tabela a seguir mostra a frequência dos tipos cerâmicos evidenciados no Sítio Arqueológico Turvo 3.

Tabela 8: Tipos cerâmicos do Sítio Arqueológico Turvo 3

Decoração	Nº de Peças	%
Inciso	1	0,22
Liso	456	99,13
Não Identificado	3	0,65
Total	460	100

Fonte: Faccio (2011/12).

O antiplástico evidenciado nos fragmentos foi o mineral. A cerâmica do Sítio Arqueológico Turvo 3 apresenta características da Tradição Aratu-Sapucaí, contudo três fragmentos de parede angular característicos da Tradição Tupiguarani encontram-se presentes nessa coleção.

4.4 Turvo 4

O sítio arqueológico está implantado à margem esquerda, aproximadamente a 100 metros do Córrego da Onça, e a 19 quilômetros do Rio Grande, em vertente suave, pouco inclinada em direção ao rio, em área de baixa vertente. O contexto é atualmente ocupado pelo plantio de cana-de-açúcar (Figura 81). Assim como nos demais contextos dos Turvos, há fragmentos de vegetação nativa, especialmente aquática, próximos a várzea e de cerrado junto as “ilhas verdes”.

Figura 81: Sítio Arqueológico Turvo 4: implantação na paisagem

Org.: Rosa; Galhardo (2019).

4.4.1 Líticos

Tabela 9: Categorias indústria lítica Turvo 4

Categoria	Quartzo	Silexito	Arenito Silicificado	Basalto	Total
Fragmento tecnologia ID	66	29	14		109
Lasca uni e/ou bipolar	56	7	5		68
Núcleo unipolar			1		1
Seixo	5	15	4		24
Resíduo	43	11			54
Bloco				47	47
Total	170	62	24	47	303

Adaptado de: Rosa (2017). Abreviação: ID – Indeterminada.

A coleção lítica do Sítio Arqueológico Turvo 4 é a maior coleção em termos quantitativos e a que detém as cadeias operatórias mais profícuas quanto às suas completudes e possibilidades de interpretação. As escolhas praticadas pelos artesãos, no entanto, são semelhantes ao que foi inferido para as outras coleções líticas dos Turvo, ou seja, preferência pela técnica unipolar aplicada sobre tipos de arenitos silicificados marrons, extremamente finos, com excelente fratura conchoidal e controle no lascamento. Secundariamente, considerando essa mesma técnica, há lascas de “arenito verde”, mais ou menos densas, que indicam maior contato com rochas eruptivas e absorção de suas propriedades; fragmentos de basalto “cortados” por ação mecânica de maquinários agrícolas estão presentes na coleção e testemunham a presença abundante em subsolo e em superfície desse tipo de rocha *in situ* e na região.

Tanto as lascas unipolares, como os detritos de lascamento associados a esse processo, apresentam-se, em sua maioria, sem córtex, secundariamente pôde-se inferir a presença de camadas de neocórtex de ação fluvial. Nessa coleção, mais completa quanto à formação de suas cadeias operatórias em relação aos outros sítios da área, é possível indicar que a produção expedita de instrumentos brutos de debitage “[...] o todo ou parte de produto de debitage não modificado pela técnica do retoque” (INIZAN et al., 1995, p.136), talvez tivesse centralidade no raciocínio técnico dentre os produtos lascados. A técnica de retoque é rara, mas teve registro

nessa coleção; ela foi empregada para acentuar ou modificar os ângulos dos bordos, melhorando a funcionalidade da peça – exemplo no instrumento / núcleo 302.

Assim, tanto os instrumentos dessa coleção, como os das demais analisadas, são classificados como informais, isto é, sem etapas de curadoria. Não houve registro de produtos de lascamento que indicassem etapas de formalidade ou de *façonnage* “A *façonnage* é uma operação de talhe que tinha por finalidade a fabricação de um objeto, esculpindo-se a massa de uma matéria-prima, de acordo com uma forma desejada” (INIZAN et al., 1995, p.146).

É também sintomático, não fugindo da questão de centralidade de produção de instrumentos expeditos brutos de debitagem, a presença de nucleiformes e lascas bipolares diagnósticos, com presença de linhas de esmagamento – talões esmagados e conservação de macrotraços técnicos decorrentes da força de impacto do golpe e do contragolpe, sinais estes que testemunham ângulos próximos de 90 graus. Por vezes, vestígios de suportes sobre cristal com ou sem capas de neocórtex fluviais ou de rolamento em terra são inferidos. Chama a atenção a representatividade de produtos bipolares sobre o quartzo nessa coleção, característica semelhante também é apontada no Sítio Turvo 5-B.

Figura 82: Núcleo n.88 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 88: Núcleo bipolar de calcedônia sobre suporte de “seixo”, neocórtex presente em áreas periféricas do produto, que cobrem menos de 25% da face superior. Percebe-se que o artesão, antes do lascamento que debitou o suporte no sentido longitudinal, desferiu golpes no centro da peça, tentativa de rachar o seixo ao meio. Negativos no entorno dessa área ainda podem sugerir que golpes mais fortes foram dados, com o intuito de eliminar partes corticais e “abrir” superfície com ângulo apto para golpes mais controlados – formação de um plano de percussão mais eficiente – o que de fato parece ter ocorrido, haja vista os pontos de ataque no entorno, que liberaram lascas pequenas, que deveriam ser altamente cortantes, dada as características da matéria-prima e dos negativos presentes. Esses produtos expeditos e funcionais (instrumentos brutos de debitage) têm parcela significativa nas coleções analisadas.

Comprimento: 57mm
Largura: 46mm
Espessura: 37mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 12

Figura 83: Lasca n.351 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 351: Lasca unipolar acortical com quebra do tipo Siret, longitudinal ao eixo de debitage e, nesse caso, também morfológico. Esse instrumento tem por todo o seu bordo esquerdo, na face superior, marcas técnicas de retoque e outros decorrentes do uso bruto nessa porção ativa. É uma amostra de instrumento informal, altamente eficaz para usos cotidianos. O delineamento do gume, formado por três retoques paralelos e ângulo com cerca de 60-70 graus indicam que pôde ter sido utilizado como raspador.

Comprimento: 76mm
Largura: não aferido
Espessura: 24mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 13

Figura 84: Lasca n.350 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 350: Lasca unipolar de arenito silicificado verde acortical. Bulbo proeminente indicando o uso de percutor duro de rocha. Essa peça é uma importante referência, pois se trata de um artefato que remete a eliminação de parte distal e irregular de suporte instrumento ou núcleo, ou seja, é uma peça intermediária na cadeia operatória e esclarecedora desse método, inferido em outros artefatos. No sítio Turvo III foi inferido método semelhante para retirada de massa na preparação de núcleo e/ou suporte de instrumento.

Comprimento: 53mm
Largura: 69mm
Espessura: 20mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 14

Figura 85: Nucleiforme n.286 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 286: Artefato diagnóstico da técnica bipolar sobre quartzo. Há pequenas parcelas de modificação da camada externa da peça, que revelam seu rolamento ou permanência sob a água. Na porção proximal vê-se uma linha de esmagamento – talão do tipo puntiforme. Nessa zona houve percussão que fez parte da massa entrar em colapso, os negativos presentes, quando aferidos, revelam lascas mais compridas do que largas e, ao julgar pelas porções distais deles, é provável que essas lascas tenham saído pontiagudas, aptas ao uso direto logo após a debitagem.

Comprimento: 47mm
Largura: 20mm
Espessura: 21mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 15

Figura 86: Instrumento n.142 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 142: Instrumento unipolar bruto de debitage de arenito silicificado, com pequenas parcelas periféricas, córtex de bloco. Os negativos presentes corroboram a ideia de facilitação ergonômica da peça à mão e ao trabalho mais eficaz. Os negativos da parte ativa da peça, dada a distribuição e ausência de sistemática, nos parecem feitos por atritos entre a parte ativa e a matéria trabalhada, ou seja, eles não são retoques – técnica intencional e sistemática.

Comprimento: 71mm
Largura: 90mm
Espessura: 37mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 16

Figura 87: Instrumento n.11 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça?: Pequeno seixo alongado, possivelmente de arenito (matéria-prima não pôde ser confirmada devido a presença de córtex e formação de pátina). É interessante nessa peça sua porção distal, praticamente todo o perfil na área foi alterado por batidas entre a parte ativa e a matéria trabalhada, assim como a peça n. 315, destaca-se aqui que esse instrumento bruto deveria ser utilizado para trabalhos mais brandos, em áreas com menor tenacidade e/ou com massa mais reduzida, compatíveis com suas dimensões e peso. Há um pequeno negativo na região central à distal, que em um primeiro olhar parece ser uma quebra irregular, porém quando a mão direita pega o objeto, há encaixe perfeito com o polegar, favorecendo o suporte do dedo indicador e o controle de energia à área distal.

Comprimento: 50mm
Largura: 28mm
Espessura: 18mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 17

Figura 88: Instrumento / núcleo n.253 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 253: Pequeno seixo de quartzo que tem a parte distal com presença de macrotraços de percussão, na extremidade oposta há pequena parcela preservada com macrotraços de percussão semelhantes, no entanto, grande parte dessa área foi removida por impacto que destacou duas pequenas lascas, não é possível discernir se esse impacto foi acidental, isto é, ocorreu durante o uso do pequeno percutor ou se o artesão optou por dar a ele outra função, tornando-o um núcleo. Fornecedor de pequenas lascas.

Comprimento: 35mm
Largura: 24mm
Espessura: 19mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 18

Figura 89: Núcleo n.117 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 117: Esse núcleo unipolar sobre quartzo tem uma única plataforma de percussão, coberta com camada de alteração – rolamento em água e terra. Após algumas fases da debitage e o destacamento de lascas diminutas o artesão descartou o objeto; pontos de impacto e ângulos, próximos de 80 graus, entre o plano de percussão e o plano de debitage podem ser inferidos na peça. Essa análise corrobora com parte da interpretação da cadeia operatória na indústria lítica sobre o quartzo, seja por meio de sistemas de debitagens unipolares, menos frequentes, e bipolares, estas bastante recorrentes. Em geral, o artesão tinha como objetivo o destacamento de pequenas lascas, com comprimentos que não superavam os 50mm, mais compridas do que largas, com uma das extremidades mais pontiaguda. Não foi realizada análise traceológica sobre a hipotética parte ativa dessas lascas – utilização bruta de seus gumes e arestas, mas essa é uma hipótese válida, considerando os perfis técnicos de indústrias líticas de grupos agricultores pré-históricos no Brasil.

Comprimento: 40mm
Largura: 37mm
Espessura: 25mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 19

Figura 90: Instrumento / núcleo n.302 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 302: A partir de uma plataforma cortical – neocórtex fluvial, o artesão desferiu golpes unipolares, muito bem controlados. Na plataforma oposta, piramidal, há um grande ponto de impacto, tentativa mal sucedida de debitagem. A intencionalidade, dado os ângulos e o delineamento do bordo, nos parece à confecção de partes ativas, a hipótese de lascas desse tipo (que tenderiam a ser interpretadas como refugos em fases de formalidade de outras cadeias operatórias) terem sido aproveitadas é válida, dado o perfil técnico e das cadeias operatórias nas indústrias líticas dos sítios arqueológicos pesquisados.

Comprimento: 55mm

Largura: 42mm

Espessura: 37mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 20

Figura 91: Lâmina n.6 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 6: Lâmina de machado de basalto com grau avançado de alteração da superfície devida a ação de intemperismo. Sobre o talão, porções mesiais e proximais, que também incluem os perfis, vê-se macrotraços de encabamento. A linha do gume é simétrica, levemente curvilínea e não muito espessa, o perfil lateral se aproxima mais do estreito/chato do que do espesso. O tato na área distal revela que o polimento foi esmero, muito embora, já bastante alterado pelo intemperismo pós-deposicional. A Linha do gume mede 47mm. Sua forma geral enquadra-se na classificação trapezoidal, enquanto as seções laterais da peça são biconvexas, porém com um traço técnico típico, que regulariza os ângulos agudos, conferindo a parte central da seção retangularidade. De acordo com a metodologia utilizada (SOUVILLE, 1968; 1974; BENSIMON; MARTINEAU, 1989) infere-se que a seção geral da peça é biconvexa, com certa irregularidade na área do talão.

Comprimento: 92mm
Largura: 50mm
Espessura: 22mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 21

Figura 92: Lâmina n.130 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 130: Peça muito alterada por intemperismo pós-deposicional. Dada as características morfológicas da indústria e da seleção de matéria-prima na confecção de instrumentos picoteados-alisados-polidos (rochas ígneas, como no caso analisado), é provável que a peça aqui ilustrada trata-se de uma pré-forma de lâmina. Muito embora haja impossibilidade de inferências técnicas mais pontuais, é possível levantar a hipótese de que esse artefato estava em fases intermediárias de sua elaboração. Peça aferida.

Comprimento: 124mm
Largura: 59mm
Espessura: 31mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 22

Figura 93: Lâmina n.1 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 1: A matéria-prima é de difícil inferência, dada as ações técnicas de polimento do objeto e das pátinas formadas após a deposição in situ. Entretanto, há uma pequena quebra recente na porção proximal que permite sugerir tratar-se de um basalto, rocha muito comum na região. Entre a parte proximal e mesial os macrotraços de encabamento estão por toda a circunferência do artefato, é válido acrescentar que sinais de encabamento também podem ser visualizados sobre o talão e partes da região mesial. Pelos macro vestígios conservados é possível inferir que cipós/fibras resistentes deveriam, talvez auxiliados com a presença de ligas como resinas, ajudar a prender a peça no cabo de madeira. Peça esmeramente polida, com forma geral trapezoidal (aproximando-se do formato retangular), perfil lateral espesso, perfil do gume simétrico com linha curvilínea espessa, medindo 59mm. A seção geral da peça é biconvexa, espessa, e conforme inferido na lâmina 06, aqui também o artesão regularizou os ângulos agudos dos bordos laterais, conferindo a parte central da seção retangularidade. O talão tem pequena fratura lateral, não comprometendo a classificação de sua morfologia, qual seja – elipsoidal.

Comprimento: 107mm
Largura: 67mm
Espessura: 39mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 23

Figura 94: Lâmina n.2 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 2: Fragmento distal de lâmina de machado de diabásio. Polimento esmero evidenciado por toda a linha do gume (curvilíneo e espessa, medindo 55mm) e nos bordos laterais presentes. O intenso polimento nesses bordos laterais tornou-os com tendência retangular na parte central, praticamente sem arestas, como evidenciado nas lâminas 01 e 06, desse contexto cultural, essa é uma característica técnica peculiar na confecção das lâminas. Muito embora a massa esteja incompleta, a seção geral pode ser inferida como biconvexa, ao que tudo indica.

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 24

Figura 95: Instrumento n.315 Turvo 4

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO IV

Peça TVR IV 315: Peça que pode ter sofrido tentativa de lascamento bipolar, haja vista os dois planos com vestígios de percussão direta e indireta. No entanto, o que chama atenção nessa peça é o desgaste na porção distal, do seu trabalho como percutor, funcionando como um instrumento bruto. Os macrotraços estão presentes por toda a área do gume na porção distal, decorrentes do contato entre a rocha e a matéria trabalhada. Devido as suas pequenas dimensões e peso essa peça deveria ser empregada em trabalhos mais brandos, por exemplo, como "limpeza de gumes", provavelmente em artefatos também de massa reduzida. É válido ainda relatar que há um negativo refletido sobre a face superior que se encaixa perfeitamente junto ao polegar, ajudando no movimento e à funcionalidade da peça, no entanto, não é possível atribuir a ele intencionalidade, uma vez que pode ter sido produzido durante a tentativa de lascamento bipolar.

Comprimento: 95mm
Largura: 90mm
Espessura: 16mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 26

4.4.2 Cerâmicas

O Sítio Turvo 4 apresentou as categorias base, borda, parede, parede angular, borda com parede angular, borda com suporte para tampa, borda de vaso conjugado, parede de vaso conjugado, polidor de sulco, fragmento de rolete e fragmentos não identificados, num total de 6.452 peças cerâmicas. A maioria das peças são paredes, totalizando 89,43% dos fragmentos. Depois, tem-se as bordas, com um total de 7,24%. A tabela a seguir mostra a variabilidade dos fragmentos coligidos e estudados.

Tabela 10: Categorias dos fragmentos cerâmicos evidenciados no Sítio Turvo 4

Categoria	N° de peças	%
Base	153	2,37
Borda	467	7,24
Parede	5.770	89,43
Parede Angular	11	0,17
Borda c/ Parede Angular	1	0,02
Borda com suporte	1	0,02
Borda de vaso conjugado	1	0,02
Parede de vaso conjugado	2	0,03
Polidor de sulco	1	0,02
Fragmento de Rolete	1	0,02
Não Identificado	44	0,68
Total	6.452	100

Fonte: Faccio (2011/12).

As peças cerâmicas do sítio são do tipo simples (99,04% dos casos), com rara decoração plástica mais elaborada. O tipo inciso foi encontrado em 0,17% dos casos; liso/escovado em 0,025 dos casos; engobo vermelho/liso em 0,02% dos casos; liso/ungulado em 0,02% dos casos, liso/entalhado em 0,02% dos casos e liso/entalhado/ungulado em 0,02% dos casos.

Tabela 11: Tipo cerâmico do Sítio Turvo 4

Decoração	N° de Peças	%
Liso/Liso	6390	99,04
Liso/Escovado	1	0,02
Liso/Inciso	11	0,17
Barbotina/Liso	1	0,02
Engobo Vermelho/Liso	1	0,02

Decoração	Nº de Peças	%
Liso/Ungulado	1	0,02
Liso/Não Identificado	20	0,31
Não Identificado/Liso	5	0,08
Não Identificado	15	0,23
Liso/Barbotina	5	0,08
Liso/Entalhado	1	0,02
Liso/Entalhado-Ungulado	1	0,02
Total	6452	100

Fonte: Faccio (2011/12).

O antiplástico presente nas peças cerâmicas do Sítio Turvo 4 foi o mineral. Os fragmentos apresentaram, em sua maioria, espessura de paredes entre 1.1 e 2.2 centímetros, sendo classificados com espessura média. A tabela a seguir mostra a frequência da espessura dos fragmentos cerâmicos.

Tabela 12: Frequência da espessura das paredes de cerâmica do Sítio Turvo 4

Espessura da Parede	Nº de Peças	%
0.3- 1	1523	23,6
1.1- 2.2	4912	76,1
2.3- 2.9	40	0,6
Total	6452	100

Fonte: Faccio (2011/12).

Mostra-se nas figuras a seguir os tipos de vasos encontrados no sítio estudado.

Figura 96: Tigela rasa, de boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 97: Tigela funda, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 98: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 99: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 100: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 101: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 102: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 103: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 104: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 105: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 106: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

GRB-4163
12cm

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 107: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

GRB-40210
20cm

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 108: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna com incisão contornando o lábio. Sítio Arqueológico Turvo 4

GRB- 589
8 cm

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 109: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 110: Vaso profundo, de boca constrita, contorno direto e borda direta inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 111: Vaso profundo, de boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 112: Vaso profundo, de boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 113: Vaso profundo, de boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 114: Vaso profundo, de boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 115: Vaso profundo, de boca constrita, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 4

Fonte: Faccio (2011/12).

A cerâmica do Sítio Arqueológico Turvo 4 é a mais densa dentre os demais sítios, apresenta características da Tradição Aratu-Sapucai, contudo há fragmentos de parede angular e decoração plástica que indicam contatos com grupos Tupi.

4.5 Turvo 5-A

O sítio encontra-se na margem direita, em área de baixa vertente de colina ampla e suave, a menos de 80 metros do Córrego do Anil, e a cerca de 20 quilômetros do Rio Grande, em um contexto arqueológico, como os demais sítios, bastante impactado pelo cultivo intensivo de cana-de-açúcar (Figura 116).

Figura 116: Sítio Arqueológico Turvo 5-A: Implantação na paisagem

Org.: Rosa; Galhardo (2019).

5.5.1 Líticos

Tabela 13: Categorias indústria lítica Turvo 5-A

Categoria	Quartzo	Silexito	Arenito Silicificado	Basalto	Total
Fragmento tecnologia ID	4	8	3		15
Núcleo uni e bipolar			1		1
Seixo	11	2			13
Bloco				58	58
Total	15	10	4	58	87

Adaptado de: Rosa (2017). Abreviação: ID – Indeterminada.

A coleção desse sítio é semelhante ao que foi inferido no Turvo 3, porém aqui há maior quantidade de peças. A variabilidade é parecida no lascamento unipolar da calcedônia, essas são exíguas e como observado nas outras coleções, guardam traços de neocórtex fluvial, poucas são as acorticais. Também se nota a dificuldade no lascamento dessa matéria-prima, muito embora ela tenha o grau de dureza do arenito silicificado, trata-se de uma das variedades criptocristalinas do mineral quartzo, portanto menos “plástica” do que o arenito.

Figura 117: Núcleo n.18 Turvo 5A

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO VA

Peça TVR VA 18: Núcleo unipolar sobre arenito silicificado verde, sobre o artefato restam pequenas parcelas de córtex de bloco. Esse núcleo “não elaborado”, especialmente quanto à preparação dos planos de percussão, tem formato semi-globular; os negativos das lascas unipolares debitadas revelam diferentes formas e tamanhos (de medianas a pequenas) destacadas de acordo com o favorecimento dos planos de percussão da peça. A foto acima e o desenho da peça mostram uma das faces do núcleo com o maior negativo preservado aferido.

Comprimento: 55mm
Largura: 57mm
Espessura: 41mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 28

Figura 118: Lasca n.13 Turvo 5A

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO VA

Peça TVR VA 13: Artefato acortical lascado pela técnica unipolar. Sua forma é subcircular e na face superior uma nervura guia divide dois dos maiores negativos da peça. É uma lasca de etapas secundárias que revela a seleção de arenitos com ótimas fraturas conchoidais e altamente propícios à manufatura de instrumentos formais. Sobre o talão pouco espesso e bulbo proeminente vê-se sucessivas tentativas de golpes a fim de destacar a lasca de seu núcleo, a batida que retirou a lasca também provocou um negativo de lasca refletida.

Comprimento: 56mm
Largura: 42mm
Espessura: 12mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 29

Figura 119: Lâmina n.3 Turvo 5A

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO VA

Peça TVR VA 3: Pequena lâmina de machado inteira trapezoidal (se aproximando do formato retangular), de seção geral "meia-lua", apresenta nas porções proximais e mesiais macrotraços de encabamento da peça. O talão segue a forma plana da face inferior e a convexidade da face superior (tipo elipsoide). O perfil lateral é espesso, com bordos laterais simétricos, as arestas foram eliminadas por técnicas de alisamento e polimento, conferindo a eles certa retangularidade; como evidenciado nas lâminas do sítio Turvo IV. A área do gume ainda está bem preservada quanto as características do esmero polimento, é curvilínea e sutilmente assimétrica, sendo a porção do lado direito mais protuberante e inclinada. Os macrotraços de uso da linha do gume são muito discretos e, hipoteticamente, a julgar pelo tamanho da peça e sua densidade, era usada em roçados, derrubadas de árvores e galhos de pequeno porte, muitas dessas pequenas árvores já deveriam ter o tronco enfraquecido por ações de coivara. Em sua face inferior a peça tem cúpula bem demarcada que nos parece um macrotraço de uso bruto, quiçá como bigorna? e não uma marca relacionada ao acabamento da peça. Essa hipótese é plausível pelas características de multifuncionalidade vistas nas indústrias líticas dos sítios Turvo e pela própria estabilidade que o instrumento oferece pensando em seu apoio (face inferior plana) para a função de bigorna.

Comprimento: 91mm
Largura: 44mm
Espessura: 29mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 30

4.5.2 Cerâmicas

O Sítio Arqueológico Turvo 5-A registrou 820 fragmentos cerâmicos. A tabela a seguir apresenta as categorias dos fragmentos cerâmicos encontradas nas peças arqueológicas do Sítio. Foram evidenciadas bases, bordas, bordas com parede angular, borda de vaso conjugado, paredes, parede com furo de suspensão, parede angular, parede de vaso conjugado e polidor de sulco. A categoria parede é que aparece com maior frequência totalizando 87,20% do total dos materiais e em segundo as bases com 4,76%.

Tabela 14: Tipos de categorias evidenciadas no Sítio Turvo 5-A

Classe	Quantidade de peças	%
Parede	715	87,2
Borda	38	4,63
Borda com parede angular	2	0,24
Borda de vaso conjugado	2	0,24
Base	39	4,76
Furo de suspensão	1	0,12
Parede angular	20	2,44
Polidor de sulco	1	0,12
Parede conjugada	2	0,24
Total	820	100

Fonte: Faccio (2011/12).

As peças do Sítio Arqueológico Turvo 5-A são em sua maioria simples, contendo quase nenhum tipo de decoração. A tabela a seguir mostra os diferentes tipos de decoração evidenciados nos materiais cerâmicos do Sítio Turvo 5-A.

A maioria dos fragmentos desse sítio apresenta o tipo liso, havendo somente alguns fragmentos onde aparecem algum tipo de decoração diferenciada, como por exemplo, o inciso ou o unglado. O tipo liso foi evidenciado em 98,17% dos casos, já a decoração unglada apareceu em 0,98%.

Tabela 15: Tipos de decoração presente no Sítio Turvo 5-A

Decoração	Quantidade de peças	%
Inciso	4	0,49
Corrugado	1	0,12

Decoração	Quantidade de peças	%
Alisamento interno e externo	805	98,17
Pintada	1	0,12
Ungulado	8	0,98
Engobo vermelho	1	0,12
Total	820	100

Fonte: Faccio (2011/12).

Foi encontrado, nos fragmentos cerâmicos do Sítio Turvo 5-A, somente o antiplástico mineral. A cerâmica do Sítio Arqueológico Turvo 5-A possui características da Tradição Aratu, contudo apresenta fragmentos de parede angular e decoração plástica e pintada característica da Tradição Tupiguarani, ainda que em pequena quantidade.

4.6 Turvo 5-B

A área encontra-se na margem esquerda do Córrego do Anil, a cerca de 70 metros, e a cerca de 20 quilômetros do Rio Grande, em área de baixa vertente. O contexto é atualmente ocupado pelo plantio de cana-de-açúcar, sua porção leste faz divisa com o sítio Turvo 5-A. De acordo com as inferências técnicas dos artefatos, das espacialidades e temporalidades evidenciadas, é possível indicar que os índios dos Turvo 5-A e B utilizaram-se desses cenários, senão simultaneamente, numa escala temporal bem próxima (Figura 120).

Figura 120: Sítio Arqueológico Turvo 5-B: Implantação na paisagem

Org.: Rosa; Galhardo (2019).

4.6.1 Líticos

Tabela 16: Categorias indústria lítica Turvo 5-B

Categoria	Quartzo	Silexito	Arenito Silicificado	Basalto	Total
Fragmento tecnologia ID	46	56	13		115
Lasca uni e bipolar	61	4	16		81
Núcleo uni e bipolar		2	1		3

Categoria	Quartzo	Silexito	Arenito Silicificado	Basalto	Total
Seixo	11	3			14
Resíduo	57	7	10		74
Bloco				66	66
Total	175	72	40	66	353

Adaptado de: Rosa (2017). Abreviação: ID – Indeterminada.

Semelhante ao que foi inferido nas indústrias dos Turvo, especialmente a do Turvo 4, aqui nota-se também expressiva frequência de lascas bipolares diagnóstico e refugos associados a essa técnica. Há predomínio de morfologia alongada entre os bipolares de quartzo; são mais compridos do que largos, com gumes e pontas com ângulos rasos, que funcionariam de modo bastante satisfatórios como instrumentos cortantes e perfurantes, sem a necessidade de ajustes após a debitagem de seus núcleos. Ao contrário de outras matérias-primas, como o arenito e calcedônia, no mineral quartzo a visualização de macrotraços de uso é de difícil inferência sem o apoio de equipamentos especializados, como os microscópios de varredura eletrônica.

De fato, a quantidade superior de produtos bipolares sobre quartzo nas indústrias do Turvo 4 e Turvo 5-B, em relação ao unipolares, deve-se ao fato das características de estilhaçamento dos cristais, em decorrência do golpe e da zona de contato do contragolpe (área apoiada sobre bigorna ou no solo), associando-se também, com recorrência, às irregularidades internas desses minerais.

Em menor número na coleção tem-se lascas acorticais de arenito silicificado; de tamanho mediano, que ficam entre cinco a 10 centímetros de comprimento e largura. De modo geral, assim como inferido para as outras coleções, a cadeia operatória está incompleta, os núcleos são exíguos frente a quantidade de lascas e resíduos de lascamento.

De todo modo, pelo que pôde ser inferido na análise das coleções, os núcleos deveriam seguir as características de seus produtos secundários, ou seja, pelas reconstruções mentais possíveis, dado a distribuição e porcentagem de parcelas de córtex sobre lascas unipolares e bipolares, essas massas primordiais, fornecedoras de suportes (aptos ao uso bruto) teriam capas de neocórtex fluvial ou de nódulo, de formato mais ou menos arredondado; secundariamente, percebe-se também que

suportes maiores sobre bloco foram explorados, muito embora esses são raros nas coleções.

Esses seixos e nódulos de tamanho reduzido, que serviram como massas primordiais para o fornecimento de lascas (selecionadas como suporte – instrumento bruto de debitage – de acordo com características como ângulos dos gumes, delineamento e resistência), teriam suas massas esgotadas ou os planos de percussão inviabilizados, após alguns golpes do artesão. Uma hipótese plausível é que os núcleos foram coletados nas proximidades dos sítios, e muito embora exíguas e incompletas, sugere-se que essas etapas de debitage, em sua maior parte, teriam sido realizadas *in situ*, mas dada as reduzidas massas desses núcleos, o esgotamento era rápido.

Figura 121: Nucleiforme n.31 Turvo 5B

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO VB

Peça TVR VB 31: Artefato de calcedônia de difícil leitura tecnológica, haja vista a presença de alguns pontos de impacto presentes (não pós-deposicionais) com diferentes indicadores de debitage difusas. Esse é um artefato com neocórtex de "seixo", que também poderia ser classificado como nucleiforme bipolar, pois as lascas que dele partiram podem ter sido utilizadas em outro sistema de debitage ou quiçá utilizadas brutas.

Comprimento: 68mm
Largura: 41mm
Espessura: 21mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 31

Figura 122: Núcleo n.150 Turvo 5B

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO VB

Peça TVR VB 150: Núcleo unipolar de calcedônia que tem em mais de 50% de sua superfície cobertura de néocortex de “seixo” – polimento fluvial. As faces inferior e superior têm planos paralelos e subparalelos. O artesão se valeu dessas plataformas mais planas para desferir golpes e obter lascas corticais de pequenas dimensões. Esse é um núcleo “não elaborado” e pouco explorado, quiçá devido a dificuldade de percussão sobre a calcedônia?

Comprimento: 79mm
Largura: 46mm
Espessura: 30mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 32

Figura 123: Lasca n.330 Turvo 5B

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO VB

Peça TVR VB 330: Lasca unipolar acortical de arenito silicificado. O arenito selecionado é fino, altamente “modelável” por lascamento; o que pode sugerir um apreço maior do artesão a esse tipo de matéria-prima e um gasto energético maior para a sua obtenção, caso essa hipótese seja plausível; fato que colabora essa ideia é a ausência de núcleos desse tipo de arenito silicificado mais fino na coleção, ou melhor, inferência que pode ser expandida para todas as coleções dos Turvos analisadas. Na face superior dessa peça há negativos advindos ainda do núcleo, ou seja, havia um plano de debitage preparado, característica também notada para o plano de percussão, com destaque para o talão do tipo diedro.

Comprimento: 69mm
Largura: 40mm
Espessura: 13mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 33

Figura 124: Nucleiforme n.35 Turvo 5B

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TURVO VB

Peça TVR VB 35: Essa peça foi selecionada a fim de demonstrar o intenso lascamento praticado sobre esse tipo de quartzo por meio da técnica bipolar, ou seja, frequentemente cristais ou produtos secundários com capa de intemperismo – rolados em água e/ou na terra foram percutidos com ângulos próximos de 90 graus, suas regiões proximais tinham o apoio de outra rocha ou eram colocados sobre o solo. Dado que esses cristais, em geral, têm fissuras internas, a força desprendida durante a percussão em contato com a matéria gerava dezenas de fragmentos irregulares, sem padrão morfológico; poucos deles guardaram marcas dessas ações – traços diagnósticos – como talão esmagado e marcas do contragolpe em áreas proximais, assim como esse produto analisado há dezenas de outros no sítio, que indicam desprendimento de áreas mesiais do nucleiforme, portanto não guardam, necessariamente, paleo-marcas da percussão.

Comprimento: 49mm
Largura: 18mm
Espessura: 19mm

Organização: Danilo Alexandre Galhardo
Elaboração gráfica: Larissa Figueiredo Daves

PRANCHA 34

4.6.2 Cerâmicas

O Sítio Arqueológico Turvo 5-B registrou 32.095 fragmentos cerâmicos. A tabela a seguir apresenta as categorias dos fragmentos cerâmicos encontradas. Foram evidenciados base, borda, borda com parede angular, borda de vaso conjugado, paredes, paredes com suporte, parede com furo de suspensão, parede angular, parede de vaso conjugado, polidor de sulco e fragmentos não identificados. A categoria parede é a que aparece com maior frequência totalizando 92,28% do total dos materiais e em segundo as bases com 5,12% do total.

Tabela 17: Tipos de categoria de fragmentos cerâmicos evidenciados no Sítio Turvo 5-B.

Categoria	Nº de peças	%
Base	626	1,95
Borda	1615	5,03
Borda c/ parede angular	32	0,1
Parede de vaso conjugado	17	0,05
Parede	29654	92,39
Parede Angular	119	0,37
Parede c/ furo de suspensão	2	0,01
Parede c/ suporte para tampa	2	0,01
Polidor de sulco	1	0
Não Identificado	27	0,08
Total	32095	100

Fonte: Faccio (2011/12).

As peças do Sítio Arqueológico Turvo 5-B são em sua maioria do tipo simples, contendo quase nenhum tipo de decoração. A tabela a seguir mostra os diferentes tipos de cerâmica evidenciadas nos materiais cerâmicos do Sítio Turvo 5-B. Além do tipo liso o sítio apresenta o inciso e o engobo vermelho. O tipo liso aparece em 99,52% dos casos.

Tabela 18: Tipos de decoração Sítio Turvo 5-B

Decoração	Nº de peças	%
Inciso	136	0,42
Engobo vermelho	12	0,04
Entalhe	2	0,01
Liso	31945	99,53
Total	32095	100

Fonte: Faccio (2011/12).

Foi encontrado, nos fragmentos cerâmicos do Sítio Turvo 5-B, somente o antiplástico mineral. A partir dos fragmentos de algumas bordas foi possível reconstituir graficamente a forma de cinco vasos, a título de exemplo, figuras a seguir.

Figura 125: Vaso profundo, boca constricta, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 5-B

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 126: Vaso profundo, boca constricta, contorno infletido e borda extrovertida inclinada interna. Sítio Arqueológico Turvo 5-B

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 127: Tigela funda, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 5-B

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 128: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 5-B

Fonte: Faccio (2011/12).

Figura 129: Tigela rasa, boca ampliada, contorno direto e borda direta inclinada externa. Sítio Arqueológico Turvo 5-B

Fonte: Faccio (2011/12).

A cerâmica do Sítio Arqueológico Turvo 5-B possui características da Tradição Aratu-Sapucai, contudo, ainda que em pequena quantidade, foram coligidos e estudados fragmentos de parede angular e decoração plástica, características atribuídas, via de regra, à Tradição Tupiguarani.

Considerações Finais

Os Sítios Arqueológicos Turvo foram muito perturbados por ações agrícolas modernas, que eliminaram, nestes casos, quaisquer possibilidades de inferências seguras sobre os pacotes arqueológicos, de estruturas, de espacialidades e das formas dessas antigas aldeias indígenas. Porém, os atributos do meio físico e os artefatos cerâmicos e líticos associados ficaram como testemunhos e ricas fontes de dados, subsidiando diversos apontamentos e interpretações sobre os modos de vida desses antigos habitantes. Defendemos o estudo destes contextos arqueológicos, pois são peças-chave para o entendimento dos complexos “quebra-cabeças” que compõem o sistema de ocupação regional.

Com o apoio de mapas, dos SIG, de imagens e dos próprios estilos tecnológicos indígenas, de acordo com a materialidade preservada, foi possível apreender que os Sítios Turvo têm padrão de implantação na paisagem e características artefatuais associados ao que se convencionou chamar de Tradição Arqueológica Aratu-Sapucai ou de Sistema de Povoamento Aratu. Baixas vertentes de colinas suaves e amplas foram escolhidas para os assentamentos, estes, próximos a riachos ou rios menores e secundários, mas não muito distantes e de fácil acesso aos mais caudalosos.

A presença de instrumentos brutos como percutores, batedores, suportes e bigornas, lâminas e outros instrumentos líticos manufaturados a partir de rochas e minerais locais, ou trazidos de áreas mais distantes pela dinâmica natural das águas às adjacências dos sítios, frequentemente apresentaram cúpulas e distintos macro traços. Multifuncionalidades associadas sobremaneira a usos para a percussão e apoio e que indicam intensas atividades agrícolas, de caça e coleta desses antigos habitantes.

Nesses sítios, ainda que em porcentagens baixas, foram evidenciados elementos técnicos Tupi na cerâmica como paredes angulares, decorações plásticas e pinturas. O saber-fazer Aratu característico na tralha cerâmica e no artefactual lítico pesquisado, no entanto, permanece com seu forte marcador cultural, ainda que a presença de elementos externos da Tradição Arqueológica Tupi indique a possibilidade de relações positivas, de grau e duração não definidos a partir da cultura material estudada.

A Tradição Arqueológica Aratu se desenvolveu sobremaneira no primeiro milênio da era cristã, de modo marcante e duradouro, em diversos recantos do Brasil.

No norte/noroeste paulista é marcadamente evidenciada, por datações arqueológicas, nos séculos próximos ao desembarque das naus portuguesas e nos séculos iniciais, pós contato.

Entre cronistas, viajantes e estudiosos modernos é possível vislumbrar apontamentos diretos e indiretos entre áreas com presença artefactual Aratu e povos associados ao tronco linguístico Macro-Jê. Em zonas do Brasil Central, incluindo-se áreas do Sudeste, pesquisas vão em busca de possíveis traços de ligação entre povos históricos Cayapó (família Jê) e a cultura arqueológica Aratu.

Em diversos momentos da pesquisa em tela, a associação entre os Cayapó históricos e a Tradição Aratu pautou muitos questionamentos e, com o auxílio de fontes escritas, mapas, cartas e imagens históricas interpretadas à luz da renovada cartografia geográfica, mostrou-se salutar a medida que contribuiu para um debate ainda em aberto, e que se mostra mais produtivo como ponto de partida e não de chegada; em outras palavras, de acordo com os dados trabalhos por esta pesquisa, do ponto de vista sociológico e da etnogênese, associar diretamente povos indígenas historicamente conhecidos e culturas arqueológicas é uma idiosincrasia.

Quanto as cadeias operatórias líticas e cerâmicas inferidas nos Sítios Arqueológicos Turvo, estas são bastante semelhantes quanto as técnicas e formas almejadas, considerando-se também nessa inferência as economias de matérias-primas praticadas, ou seja, a relação entre as fontes buscadas/escolhidas e os resultados finais.

Os líticos lascados são expeditos, com rara presença de retoques e sem etapas ou vestígios de *façonnage* / formalidade / curadoria. Nesse sentido, em relação a essa última característica relatada, o apontamento de Prous (2000, p.350-351) é bastante coerente:

Os Aratu/Sapucaí não eram exímios lascadores de pedra; limitavam-se a quebrar cristais e nódulos de quartzo sobre uma bigorna, escolhendo os resíduos mais aproveitáveis como facas (PROUS, 2000, p.350-351).

Assim, muito embora incompletas, especialmente diante dos arenitos silicificados e dos silexitos, estes especialmente calcedônias locais, as cadeias operatórias possibilitaram, a partir dos produtos presentes, interpretações plausíveis sobre os tipos de coleta efetuadas e sobre a centralidade processual desse sistema

técnico, isto é, a produção de instrumentos informais e expeditos a partir da debitação de núcleos pequenos e medianos.

Núcleos maiores podem ter sido iniciados próximos de suas fontes e trazidos reduzidos para as áreas dos sítios, lá sendo esgotados? Ou apenas deles se retiravam alguns suportes desejáveis e estes eram carregados para as áreas dos sítios? Há lascas unipolares maiores de arenito silicificado, de cor marrom e textura fina, que corroboram tal hipótese interpretativa.

Ao que tudo indica, pelas características dos artefatos e do meio circundante, o deslocamento, a partir dos Sítios Turvo, dos(as) artesãos(ãs) para a coleta de suportes para o lascamento e de fontes de argila não parece ter exigido grandes gastos energéticos, isto é, expressivos deslocamentos para esses objetivos; quiçá, para alguns casos de coletas de arenitos mais finos, seleções de formas e matérias-primas pré-determinadas utilizadas na confecção de lâminas ou alguma composição mais almejada na argila.

As cadeias operatórias sobre os minerais de quartzo têm alta frequência de cristais rolados em água ou terra, de modo geral, sendo considerável a presença de cristais com um ou dois ápices e raízes ainda conservados. Esse é o sistema técnico mais completo nos Turvo, que evidencia boa parte de suas estratégias mais imediatas em relação à obtenção de suportes para o lascamento e produção de instrumentos.

Muito embora semelhantes, as cadeias operatórias, sobre os quartzos, presentes nos Turvo não se complementam entre um sítio e outro, o que também foi inferido para os outros tipos de matérias-primas líticas e na tralha cerâmica. Em síntese, não foram inferidas etapas iniciais em determinados lugares e intermediárias e finais em outros.

Quanto ao sistema técnico das lâminas, o basalto / diabásio foram matérias-primas frequentes nas coleções, entretanto, não apresentaram marcas técnicas de cadeias operatórias iniciais e intermediárias, completas ou incompletas, referentes ao lascamento, picoteamento e polimento, ou seja, não há nenhum produto de preparação que se relacione as cadeias operatórias dos instrumentos picoteados e polidos; quiçá essas áreas não foram escavadas ou a oficina lítica ficava mais distante dos sítios, próxima de áreas de captação dessas rochas. Uma possibilidade plausível é que produtos com formatos naturais (favoráveis) eram escolhidos e moldados por meio de aplicação do picoteamento e polimento, sem a produção de lascas diagnósticos.

As formas das lâminas mais recorrentes presentes nos sítios foram as trapezoidais e retangulares, sendo, por vezes, muito sutil a diferença geométrica entre esses tipos. Dado o cenário técnico muito limitado às interpretações entre os picoteados e polidos, qualquer tentativa de atribuição de formas e características tecnológicas exclusiva aos Aratu, ou de possíveis influências Tupi, torna-se um passo no escuro.

O que pode ser incluído nessa discussão, plenamente de acordo com os dados trabalhados na pesquisa, é o apontamento do arqueólogo Gustavo Neves (2008, p.99) quanto as formas das lâminas Jê: “Por hora, com relação aos triangulares, trapezoidais e retangulares, podemos concluir apenas que parecem estar associados aos grupos ameríndios mais recentes [...]”.

5. Referências bibliográficas

AB'SÁBER, A.N. **Ensaio entreveros**. São Paulo. EDUSP. 2004, p.50-54.

_____. **Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas**. São Paulo. Ateliê Editorial. 3 ed. 2005, 159 p.

AFONSO, M.C. **Um olhar para a arqueologia pré-histórica do Estado de São Paulo**. 2005. 93 f. Tese de Livre Docência. MAE, USP, São Paulo.

_____. Um painel da arqueologia pré-histórica no Estado de São Paulo: os sítios cerâmicos. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**. vs. 11 e 12, n. 20 e 21, jul./dez. 2008 e jan./jun. 2009, p. 127-155.

_____. Arqueologia Jê no Estado de São Paulo. **Rev. do MAE**, 27, p. 30-43, 2016.

AFONSO, M.C.; MORAES, C.A. Ocupações ceramistas no norte do Estado de São Paulo: O sítio Água Branca. **Congresso SAB**, 2007, Florianópolis.

AFONSO, M.C.; SALLUM, M.; LOPES, M. **Ocupações ceramistas Tupi e Gê em São Paulo: espacialização e cronologia**. XV Congresso Sociedade de Arqueologia Brasileira. Trabalhos completos. Belém: Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), 2009, p.8-15.

AES/DOCUMENTO. **Cartilha patrimonial: Programa de gestão do patrimônio arqueológico, histórico e cultural**. Aproveitamentos hidrelétricos da AES Tietê SP/MG Bacia do Rio Grande. 2006, 41p.

ALVES, M.A. **Assentamentos e cultura material indígena anteriores ao contato no Sertão da Farinha Podre, MG, e Monte Alto, SP**. Tese de Livre Docência, MAE-USP, 334f. 2009.

_____. A Arqueologia no Extremo Oeste de Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, 2013 2 (2): 96-117.

ALVIM, M.C.M. As populações indígenas do Brasil no século do descobrimento: Aspectos e problemas. **Rev. de Arqueologia**, v.7, 1993, p.11-32.

ARAÚJO, A. G. M. Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum. **Rev. de Arqueologia**, São Paulo, v. 14/15, p. 7-28, 2002.

ASHMORE, W.; KNAPP, A. **Archeologies of landscape: contemporary perspectives**. Black Well, Malden; Mass. 1999.

ATAÍDES. J.M. A chegada do colonizador e os Kayapó do sul. In: **Índios de Goiás: Uma perspectiva histórico-cultural**. Coord.: Marlene C. Ossami de Moura. Goiânia, Ed. UCG, 2006, p.51-88.

BALÉE, W. Sobre a Indigeneidade das Paisagens, **Rev. de Arqueologia**, São Paulo, n.21, v. 2, 2008.

BARBOSA, A. S. **Cayapó e panará** [manuscrito], 1918.

BEAUNE, S.A. **Pour une archéologie du geste**. Broyer, moudre, piler. Des premiers chasseurs aux premiers agriculteurs. Paris: CNRS Editions, 2000, 231 p.

BEIER, J. R.; MARHTIN, D. Aspectos da representação do território paulista em sua cartografia impressa: uma análise cartobibliográfica (1833-1932). **Rev. franco-brasileira de geografia**, n.34, 2018, p.1-30.

BENDAZZOLI, C. **O panorama da ocupação sambaqueira no arquipélago de Ilhabela, SP**. 2014. 403 f. Tese. MAE/USP, São Paulo. 403 p.

BENSIMON Y.; MARTINEAU, M. Quelques données typologiques sur des haches polies de la région de Marrakech (Maroc). In: **Bulletin de la Société préhistorique française**, tome 86, n°2, 1989. p. 45-50; 1989. doi :10.3406/bspf.1989.9361 http://www.persee.fr/doc/bspf_02497638_1989_num_86_2_9361

BESSE, J. M. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Trad. Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. **Rev. GEOUSP – Espaço e Tempo** (Online) São Paulo v. 18 n. 2 p. 241-252, 2014.

BERTIN, J. Ver ou ler. Trad. Margarida M. de Andrade. **Seleção de Textos** (AGB), São Paulo, 18, p. 45-62, maio, 1988.

BORD, J. P. Le géographe et la carte. Point de vue et questionnement de la part d'un géographe cartographe. In: **Colóquio « 30 anos de semiologia gráfica »** 1997. Disponível em: <<http://www.cybergeogeo.eu/index6470.html>> acesso em 15/10/2018.

BROCHADO, J.P. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America**. 1984. 574 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – University of Illinois, Urbana-Champaign, 1984.

_____. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição Policrômica Amazônica. **Dédalo**, São Paulo, 27, p.65-82, 1989.

BROTON, J. **Uma história do mundo em doze mapas**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, Trad.: Pedro Maia. 1 ed. 2014, 562 p.

BUENO, L. Variabilidade tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, médio rio Tocantins. **Rev. do MAE**, São Paulo, Suplemento 4, 2007a, 215 p.

BUENO, L. DIAS, A.S. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. **Estudos Avançados**, 29 (83), 2015, p.119-147.

CAPEL, H. Quo vadis Geographia? La geografía española y los concursos para la habilitación del profesorado universitario. Biblio 3W. **Rev. Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, VIII, n. 469, 2003.

CALDARELLI, S.B. **A arqueologia do interior paulista evidenciada por suas rodovias**. Rev. De Arqueologia, São Paulo, n.14/15, p.29-56, 2001/2002.

_____. Pesquisa arqueológica em projetos de infraestrutura: a opção pela preservação. **Rev. do Patrimônio**, 33: 153-174. Rio de Janeiro: IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número especial sobre Arqueologia e Preservação, 2007.

_____. Desvendar o passado é o que tenta fazer o arqueólogo: contribuições das pesquisas em empreendimentos lineares para a problemática Tupiguarani e Aratu no Sudeste do Brasil. **4ª Reunião de Arqueologia Brasileira Regional Sudeste**. 2012.

CALDERÓN, V. A fase Aratu no Recôncavo e litoral norte do Estado da Bahia. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 13: 161-172, 1969.

_____. Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 15, 1971, p.163-177.

_____. Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do sul do Estado da Bahia. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 26, 1974, p. 141-154

CARTAS JESUÍTICAS. **Cartas Avulsas (1550-1568)**. Coleção e notas Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro, 1931.

CARTOGRAFIA HISTÓRICA. Disponível em: <http://www.cartografiahistorica.usp.br/>. Acesso em 01/10/2017.

CAPISTRANO DE ABREU, J. **Capítulos de História Colonial**. 1500-1800. Biblioteca básica brasileira. Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. 226 p.

CAUVIN, C. Transformações cartográficas espaciais e anamorfoses. In: DIAS, Maria Helena (Coord.) **Os mapas em Portugal: da tradição aos novos rumos da cartografia**. Lisboa: Cosmos, 1995. p: 267-310.

CERDEIRA, G. A paisagem da área dos sítios arqueológicos Turvo V-A e Turvo V-B. 130 f. **Monografia**. Unesp, Presidente Prudente. 130 p.

CHMYZ, I.; SGANZERLA, E.M.; VOLCOV, J.E.; Bora, E.; Ceccon, R.S. **A arqueologia da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul - Paraná**. Arqueologia, UFPR, 6, 2009, p. 1-147.

CORTESÃO, J. **A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955.

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHN, Z. (Org.) **Paisagens, Textos e Identidade**. Ed. UFRJ. 2004. p. 13-74.

CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. "Uma introdução à cartografia crítica". In: ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008. p.85-111. Disponível em: <http://www.ettern.ippur.ufrj.br/publicacoes/58/cartografias-sociais-e-territorio> Acesso em 10/10/2018.

CRIADO BOADO, F. La Arqueología del paisaje como programa de gestión integral del patrimonio arqueológico. **PH Boletín**, n.14, 1996, p.15-19.

_____. Del Terreno al Espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. **CAPA 6: criterios y convenciones en arqueología del paisaje**, Santiago de Compostela, 1999.

_____. ¿Se puede evitar la trampa de la subjetividad? Sobre arqueología e interpretación. CRIADO-BOADO, F. **Complutum**, 2006.

CUNHA, M. C. (Org.). **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Cultura com aspas e outros ensaios**, São Paulo, Cosac Naify, 2009.

COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (1913) – EXPLORAÇÃO DO RIO GRANDE E DE SEUS AFLUENTES (1910). Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/institutogeologico/publicacoes/relatorio-da-comissao-geografica-e-geologica/>. Acesso em 07/11/2016.

DEFFONTAINES, P. **Regiões e Paisagem do Estado de S. Paulo. Primeiro esboço de divisão regional**. **Geografia**. São Paulo, 1, 1935, p.117-169.

DELFORGE, A.H. **O sítio arqueológico “Cerâmica preta”: Estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da Tradição cerâmica Aratu-Sapucai**. 2017. 182 f. Tese. MAE/USP, São Paulo. 182 p.

DESACHY, B. La carte archéologique: une mesure de l’activité des archéologues. **M@ppemonde**, n.83, 2006, Disponível em: <<http://mappemonde-archive.mgm.fr/num11/edito.html>> Acesso em 08/09/2018.

DEUS, J.B. Um breve comentário sobre o espaço e o tempo em Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v.15, n.1, jan./dez. 1995, p. 109-116.

DIAS, A. S.; HOELTZ, S. Proposta Metodológica Para o Estudo das Indústrias Líticas do Sul do Brasil. **Rev. do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.25, p-21-62, 1997.

DIAS, A. S. **Sistema de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos**. 2003. 403 f. Tese. MAE/USP, São Paulo. 403 p.

_____. Novas perguntas para um velho problema: Escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim Museu Emílio Goeldi**, Belém, v.2, n.1 p.59-76, jan.- abr. 2007.

DIAS, O. Jr. Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 15, 1971, p. 133-148.

DYSON-BRUCE, L. Historic landscape assessment: The East of England experience paper product to GIS delivery. **Journal of GIS in Archaeology**, 1, p.63-72.

DUNCAN, J.S. O supraorgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHN, Z. (Org.) **Introdução a Geografia Cultural**. Bertrand Brasil. 2014. p. 63-102.

EWART, E. Panará: a volta dos índios gigantes. **Rev. de Antropologia**, 41(1), 1998, p. 255-261.

_____. Coisas com as quais os antropólogos se preocupam: grupos de descendência espacial entre os Panará. **Rev. De Antropologia**, 58(1), 2015, p. 199-221.

FACCIO N. B. **Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1992.

_____. **Arqueologia do Cenário das Ocupações Horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema, SP**, Tese de Doutorado. FFCL da USP, São Paulo. 1998.

FACCIO, N. B.; BARONE, L. A. LUZ, J. A. R.; DE BACO, H.; TURTERA, D.; HONORATO, L.; RIBEIRO, M. N.; NERY, S. I.; RODRIGUES, B. G; MATHEUS, E. P.; FAVARELLI, F. Z. **Relatório de Campo das Áreas dos Sítios Arqueológicos Turvos**. FCT/ UNESP, 2011.

FACCIO, N. B.; BARONE, L. A. LUZ, J. A. R.; DE BACO, H.; TURTERA, D.; HONORATO, L.; RIBEIRO, M. N.; NERY, S. I.; RODRIGUES, B. G; MATHEUS, E. P.; FAVARELLI, F. Z. **Relatório de Resgate das Áreas dos Sítios Arqueológicos Turvos**. FCT/ UNESP, 2011/2012.

FACCIO, N.B.; COSTA, H.A.V.; LUZ, J.A.R.; BARROCÁ, D.; MATHEUS, E.P. **Vasilhas duplas Aratu (Macro-Jê) em sítio Tupi-Guarani: Evidência de contato?** Revista Ágora. Vitória, n.20, 2014, p.6-23.

FAGUNDES, M.; PIUZANA, D. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, v. 8, n. 1, enero-junio, 2010, p. 205-220

FAGUNDES, M. Histórico das pesquisas arqueológicas no Triângulo Mineiro: A história indígena pré-colonial In: **Índios do Triângulo Mineiro: História, arqueologia, fontes e patrimônio: Pesquisas e perspectivas**. Org.: Aurelino José Ferreira Filho, Uberlândia: EDUFU, 2015, p.99-146.

FAVARELLI, F. Z.; FACCIO, N. B. A Arqueologia do Turvo. In: **XXII Congresso de Iniciação Científica da UNESP: Um Mergulho nas Ciências do Mar: desafios e perspectivas na pesquisa**, 2010, Presidente Prudente, SP. Anais em CD do XXII Congresso de Iniciação Científica da UNESP. São Paulo, SP: PROPE/UNESP, 2010.

FAVARELLI, F. Z.; NERY, S. I.; FACCIO, N. B. A cerâmica arqueológica do Rio Turvo. In: **XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP**, 2009, São José do rio Preto/SP. Editora Unesp, 2009.

FAUSTO, B. História Concisa do Brasil. 3 ed. São Paulo, Edusp, 2015, 401 p.

FERNANDES, S. C. G.; Contribuição para o Estudo da Tradição Aratu-Sapucaí Estudo de Casos: O Sítio Arqueológico de Água Limpa, Monte Alto - São Paulo. In: **Canindé, Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, nº 1, dezembro de 2001 p.42.

_____. Captação de Recursos Naturais e Indústria Lítica de Água Limpa, Monte Alto - São Paulo In: **Canindé, Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, nº3, 2003.

FERREIRA, M.C.; M.F.M. FERREIRA. **Metodologia para Construção de Cartas-Imagem Históricas, em SIG, a partir de Imagens Digitais e Cartas Antigas:** a Folha Topográfica de Jaboticabal, de 1927 (São Paulo, Brasil). IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica Porto, Novembro de 2011, 12 p.

FONSECA, F. P. O potencial analógico da cartografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 87, p. 85-110, 2007. Disponível em: <http://agbsaopaulo.org.br/sites/agbsaopaulo/files/BPG_87_Cartografia.pdf> Acesso em 09/08/2018.

FONSECA, F.; OLIVA, J. T. Espaço e Cartografia: Teoria do Espaço e avaliações da Cartografia e das Paisagens Pictóricas. **Rev. Territorium Terram**, V.01, Nº 01, Out/Mar - 2012/2013, p. 24-45.

FURNAS, Eletrobrás. Rio de Janeiro: **Apresentação de informações sobre a usina hidroelétrica de Marimbondo**. Disponível em <http://www.furnas.com.br/hotsites/sistemaFurnas/usina_hidr_marimbondo.asp>. Acesso em 26/08/2018.

GAMBLE, C. **Arqueología básica**. Ed. Ariel Prehistoria. Barcelona, Trad.: Josep Ballart. 1 ed. 2002, 246 p.

GANDY, M. A Paisagem, estéticas e ideologia. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHN, Z. (Org.) **Paisagens, Textos e Identidade**. Ed. UFRJ. 2004. p. 75-90.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, A.F. **Avaliação de território e coremática. Aplicação ao município de São Paulo**. Dissertação. Geografia USP, 162f. 2012.

GIRALDIN, O. **Cayapó e Panará: Luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central**. Ed. Unicamp. Campinas, 1997, 198 p.

_____. Renascendo das cinzas. Um histórico da presença dos Cayapó-Panará em Goiás e no Triângulo Mineiro. **Rev. Sociedade e Cultura**, v.3, n.1 e 2, jan./dez. 2000, p.161-184.

GIRARDI, E. **Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira**. Tese. Presidente Prudente, 347f. 2008.

GIRARDI, G. Leitura de mitos em mapas: um caminho para repensar as relações entre Geografia e Cartografia. **Geografares** (Vitória), Vitória, v. 1, p. 41-50, 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1162>. Acesso em 15/09/2018.

GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Bertrand Brasil. 2012. p. 49-76.

GUERRA, A. J. T.; BOTELHO, R. G. M. Principais classes de solos e sua suscetibilidade à erosão. In: **Geomorfologia do Brasil**. Org.: CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. 4 ed. Rio de Janeiro, Bertrand, 2006. p.182-188.

GUERRA, A. T. e GUERRA, A. J. T. **Novo Dicionário Geológico- Geomorfológico**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001.

HARLEY, B. Hacia una deconstrucción del mapa. In: **La Nueva Naturaleza de los mapas**: Ensayos sobre la historia de la cartografía. México: Fondo de Cultura Económica, 2005. p. 185-207.

HODDER, I. **Interpretación en Arqueología. Corrientes Actuales**. Ed. Actualizada y posta al día. Crítica. Barcelona. 1994.

INIZAN, M.L.; *et. al.* **Technologie de la pierre taillée. Cercle de recherches et d'études préhistoriques**. Meudon: CNRS. 1995, 199 p.

INVENTÁRIO FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Municípios de Cardoso e Pontes Gestal, SP (2009). Disponível em: <<http://www.iflorestal.sp.gov.br/sifesp/mapasmunicipais.html>> Acesso 12/04/2019.

ISNARDIS, A.; LINKE, V. Pedras Pintadas, Paisagens Construídas: A Integração de Elementos Culturalmente Arquetizados na Transformação e Manutenção da Paisagem. **Rev. de Arqueologia**, São Paulo, v.23, n.1, p. 42-59, 2010.

JORDÃO, S. **A contribuição da Geomorfologia para o conhecimento da fitogeografia nativa do estado de São Paulo e da representatividade das Unidades de Conservação de Proteção Integral**. Tese FFLCH USP, 2011, 337 f.

KOK, G. P. **O sertão itinerante**: Expedições da Capitania de São Paulo no século XVIII. São Paulo, Hucitec, Fapesp, 2004, 278 p.

LAMING-EMPERAIRE, A. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. **Manuais de Arqueologia** 2, CEPA, Curitiba, 1967. 155 p.

LEROI-GOUHRAN, A. **O gesto e a palavra.1 Técnica e linguagem**. Perspectivas do Homem, Ed. 70, Lisboa, [1964], versão portuguesa 1999. 237 p.

LÉVY, J. La carte, um espace à construire. In : LÉVY, Jacques ; PONCET, Patrick ;TRICOIRE, Emmanuelle. **La carte, enjeu contemporain**. Paris, Dossier nº 8036, Documentation photographique, La Documentation Française, 2003. p. 1-16. Disponível em : <<http://sciences-po.macrocosme.net/lectures/LévyCarteEnjeu.pdf>> Acesso em 15/09/2018.

_____. (Dir.) **L'Invention du Monde: Une Géographie de la mondialisation**. Paris: Sciences Po. Les Presses, 2008. 403 p. (Introduction 1. Um événement géographique; 2. Lire le Monde par la carte) p. 11 a 36.

_____. Euclidien (Espace). In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). **Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés**. Paris: Belin, 2003. p. 351. Tradução de trabalho de Fernanda Padovesi Fonseca e Jaime Tadeu Oliva

_____. Verbetes "Imagem". In: LUSSAULT Michel (Org.). **Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés**.

LIMA, T.A. O problema da atribuição de identidades étnicas a registros arqueológicos. In: **Arqueologia Tupiguarani**. Ed. LOPONTE, D.; ACOSTA, A. Instituto Nacional de Antropologia y Pensamiento Latinoamericano. Buenos Aires, 2011, p. 7-22.

LOURENÇO, L.A.B. Populações indígenas e políticas indigenistas no triângulo mineiro nos séculos XVIII e XIX. In: **Índios do Triângulo Mineiro**, 2009, p.25-56.

LUZ ZAGO, J.A.R. **Arqueologia da Paisagem: Estudo de sítios arqueológicos na região norte do Estado de São Paulo**. 297 f. Tese Doutorado. FCT Unesp Presidente Prudente, SP. 2017.

MACHADO, P. P. M. Os novos enfoques da geografia com o apoio das tecnologias da informação geográfica. **Rev. do Departamento de Geografia – USP**, Volume Especial Cartogeo, 2014, p. 203-241.

MACHADO, J. S. **Lugares de Gente. Mulheres, plantas e redes de troca no delta amazônico**. Tese de Doutorado, UFRJ, 2012, 350f.

MANO, M. **Os campos de Araraquara**: Um estudo de história indígena no interior paulista. 348f. Tese Doutorado. Unicamp, Campinas, São Paulo, 2006, p.188-230.

_____. **(Des)encontros culturais: um esboço parcial da história do contato dos Kayapó meridionais**. In: **Índios do Triângulo Mineiro: História, arqueologia, fontes e patrimônio – pesquisas e perspectivas**. 2015, p.57-72.

MAPA DE VEGETAÇÃO. ESTADO DE SÃO PAULO ANO 1910. **Comissão Geográfica e Geológica. Antuérpia**: Lith. Laporte et Dosse, 1910. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa230g.htm>. Acesso em 01/10/2016.

MARANCA, S.; DA SILVA, A.L.M.; SCABELLO, A.M.P. Projeto Oeste Paulista de Arqueologia do Baixo e Médio Vale do rio Tietê: síntese dos trabalhos realizados. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 4, p. 223-226, 1994.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Ed. Universitária da UFPE. Recife. 3 ed. 1999, 440 p.

MARTINELLI, M.; PEDROTTI, F. A cartografia das unidades de paisagem: questões metodológicas. São Paulo. **Rev. do Departamento de Geografia**, USP, n. 14, 2001, p.39-46.

MARTINS, R.G. Contribuições da etno-história para a Arqueologia do nordeste de Mato Grosso do Sul, na área impactada pelo gasoduto Bolívia-Brasil. **Rev. do MAE**, São Paulo, 11, 2001, p.303-310.

MATHEWSON, K.; SEEMANN, J. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39, jan./jun. 2008. p.71-85.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. São Paulo: Ed. USP, 2007.

MELLO, P.J.; VIANA, S.A. Breve histórico da arqueologia de Goiás. In: **Índios de Goiás: Uma perspectiva histórico-cultural**. Coord.: Marlene C. Ossami de Moura. Goiânia, Ed. UCG, 2006, p.17-50.

MONTEIRO, J. M. **Vida e morte do índio: São Paulo colonial**. Comissão Pró-Índio no estado de São Paulo. Resistência e transfiguração, São Paulo, 1984, p.21-28.

_____. **Negros da terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MORAES, C. A. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: Um estudo de variabilidade artefactual**. 2007. 311 f. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo.

MORAIS, J. L. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema Paulista**. Tese de Livre Docência, Museu de Arqueologia e Etnologia – USP, São Paulo, 1999.

_____. Arqueologia da Região Sudeste. Antes de Cabral: arqueologia brasileira II, **Revista USP** dez/jan./fev. 1999-2000, São Paulo, n.44, p.194-217.

_____. Reflexões acerca da Arqueologia Preventiva. In: Victor Hugo Mori; Marise Campos de Souza; Rossano Lopes Bastos; Haroldo Gallo. (Org.). **Patrimônio Atualizando o Debate**. 1 ed. São Paulo: CONAP, 2006, v. 1, p. 191-220.

MORAES, A.C.R. **O sertão. Um outro geográfico**. Terra Brasilis [Online], 4 – 5, 2003. Disponível em: URL: <<http://terrabrasilis.revues.org/341>> Acesso em 22/08/2018.

MORALES, W.F. **Brasil Central: 12.000 anos de ocupação humana no médio curso do rio Tocantins**, Ed. Annablume, São Paulo, 2008, 297 p.

MORI, R. **Os aldeamentos indígenas no caminho dos Goiaes: Guerra e etnogênese no “Sertão do gentio Cayapó” (Sertão da Farinha Podre) – Séculos XVIII E XIX**. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia. 2015, 232 p.

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro: As matrizes clássicas originárias**. Ed. Contexto, 2 ed. 2014, 190 p.

MONTEIRO, C.A.F. **A Dinâmica Climática e as Chuvas no Estado de São Paulo**. São Paulo. Instituto de Geografia, USP, 1974, 130 p.

_____. **Geossistemas**. A história de uma procura. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2001, 121p.

NAZARENO, N.R.X. **SIG Arqueologia: Aplicações em Pesquisa Arqueológica**. 2005. 124 f. Tese – MAE/USP, São Paulo.124 p.

NEME, M. Dados para a história dos índios Cayapó. **Anais do Museu Paulista**, 23, 1969, p.01-147.

NIMUENDAJU, Curt. Os Gôrotire. Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos índios, em 18 de abril de 1940. **Rev. do Museu Paulista**, v.6, 422-433, 1952.

_____. **Mapa Etno-Histórico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2 ed.1987 [1944].

NUNES, M. B. Cartografia e paisagem: O mapa como objeto de estudo. **Rev. do Instituto de estudos brasileiros**, Brasil, n.65, 2016, p.96-119.

OLIVEIRA, J.E.; VIANA, S.A. O Centro-Oeste antes de Cabral. **Rev. USP**, São Paulo, n.44, p. 142-189, dez./fev., 1999-2000.

OLIVEIRA, J.E. Cultura material e identidade étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri'y. **Revista de Arqueologia**, 19, 2006, p. 29-49.

OOSTERBECK, L. **Arqueologia da paisagem no sul do Brasil**. Erechim, RS, Ed. Habilis, 2009, p. 9-24.

OLIVEIRA, E.R. **Aspectos da interação cultural entre os grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do rio Tocantins**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 2005.

OLIVEIRA, K. T. **Descontruindo mapas, revelando espacializações**: Reflexões sobre o uso da cartografia em estudos sobre o Brasil colonial. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.34, n.68, 2014, p.151-174.

OREJAS, A. Arqueología del paisaje: Historia, problemas y perspectivas, **Archivo Español de Arqueología**, 64, 1991 p.191-230.

PAULO, Instituto Socioambiental, 1998. Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto, Raimundo Pinto. **Rev. de Antropologia**, São PAULO, USP, 1998, v. 41 nº 1., p. 255-261.

_____. Coisas com as quais os antropólogos se preocupam: grupos de descendência espacial entre os Panará. **Rev. de Antropologia**, São PAULO, USP, 2015, v. 58 nº 1., p. 203-221.

PATRON, R. Mapping plus ultra: **Cartografy, space, and hispanic modernity. Representation**, n.79, 2002, p.28-60.

PELEGRIN, J. Aspects de démarche expérimentale en technologie lithique, 25 ans d'études technologiques en préhistoire. **XI Rencontre Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes**. Ed. APDCA, Juan-les-Pins, p. 57-63, 1991.

_____. **Technologie lithique**: Le Châtelperronien de Roc-de-Combe (Lot) et de la Côte (Dordogne), n.20. *Cahiers du Quaternaire*. Paris : CNRS Editions, 1995. 297 p.

PELLINI, J.R. Uma Fisiologia da Paisagem: Locomoção, GIS e Sites Catchment. Uma Nova Perspectiva. **Rev. do MAE**, São Paulo, 17, 2007, p.23-37.

_____. Uma Fisiologia da Paisagem II: Percepção e Movimento. **Rev. do MAE**, São Paulo, 18, 2008, p.03-18.

PENIN, A.; DE BLASIS, P. Sítio Baixadão: Um novo sítio Aratu no norte paulista. **Rev. do MAE**, 15-16, 2005/2006, p. 449-453.

PEREIRA, D.L.T. **Arqueologia da paisagem aplicada ao estudo dos sítios arqueológicos na bacia do rio Turvo-Grande, região norte do estado de São Paulo**. 2018. 271 f. Tese. MAE/USP, São Paulo. 271 p.

PERLÈS, C. Economie de la matiere premiere et economie de debitage: deux exemples grecs. **Préhistoire et technologie lithique**, l'URA 28: Cahier 1, p.37-41, 1979.

PEROTA, C. Dados parciais sobre a arqueologia norte espírito-santense. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 15, 1971, p.149-162.

_____. Resultados preliminares sobre a arqueologia da região central do Estado do Espírito Santo. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 26, 1974, p.127-140.

POHL, J. E. **Viagem no Interior do Brasil**. Primeira Parte. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1951.

PONCET, Patrick. Visões do Mundo, **Confins** [Online], 18 | 2013. Tradução de Ludmila Girardi e Paulo Fernando Meliani. Disponível em: <<http://confins.revues.org/8448>> Acesso em 18/07/2016.

PREFEITURA DE CARDOSO. Disponível em: <http://www.cardoso.sp.gov.br/novo/a-cidade/>. Acesso em 18/08/2018.

PREFEITURA DE PONTES GESTAL. Disponível em: <https://www.pontesgestal.sp.gov.br/portal/cidade/1/historico---pontes-gestalsp>. Acesso em 14/07/2018.

PROUS, A. Elementos Descritivos Classificatórios. **Arquivos do Museu de História Natural**, UFMG, Belo Horizonte, v. 11, p. 1-90, 1986/1990.

_____. **Agricultores de Minas Gerais**. In: Pré-história da Terra Brasilis. Org. Maria Cristina Tenório. Rio de Janeiro UFRJ, 2000, p.345-358.

_____. **Arqueologia brasileira**. Ed. UnB, 1992, 613p.

_____. O povoamento da América visto do Brasil: Uma perspectiva crítica. **Revista USP**, São Paulo, n.34, Jun./Ago. 1997, p.8-21.

_____. **Apuntes para Análisis de Industrias Líticas**. F. Federico Maciñeira, 2004, 172 p.

_____. **O Brasil antes dos brasileiros.** A pré-história de nosso país, Rio de Janeiro, 2 ed. 2007, 112 p.

PROUS, A. *et. al.* Os Machados Pré-Históricos – Descrição de Coleções Brasileiras e Trabalhos Experimentais: Fabricação de Lâminas, Cabos, Encabamento e Utilização. **Rev. Canindé**, UFSE, Xingó, n.2, p. 161-236, 2002.

PROUS, A.; LIMA, M.A. A tecnologia de debitação do quartzo no centro de Minas Gerais. **Arquivos do Museu de História Natural**, UFMG, Belo Horizonte, v. 11, p. 91-114, 1986/1990.

QUEIROZ FILHO, A. P.; MARTINELLI, M. Cartografia de análise e de síntese na Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 87, p. 7-43, 2007.

RASTEIRO, R.P. **Arqueologia dos Jê da Bacia do Rio Grande: história indígena no Norte de São Paulo e no Triângulo Mineiro.** Dissertação de Mestrado. MAE - USP, 2015.

REDMAN, C. T. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. *American Antiquity* Vol. 38, No. 1 (Jan., 1973), pp. 61-79. Publicado por: **Society for American Archaeology Stable**. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2793111>> Acesso em 05/10/2018.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueologia: Teorias, métodos y prática.** Madrid: Akal Ed., 1998, 571 p.

RIBEIRO, B.G. O mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. **Rev. de Antropologia** volume XXV, 1982, p.175-181.

RIBEIRO, B. **O índio na história do Brasil**, 12 ed. São Paulo, Global, 2009, 143 p.

ROGGE, J.H. **Fenômenos de fronteira:** Um estudo das situações de contato entre os portadores das Tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. 241f. Tese de doutoramento, São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

ROBRAHN-GONZALEZ, E.M. **São Paulo, terra de fronteiras: a ocupação de grupos ceramistas pré-coloniais.** São Paulo: MAE, 2000.

_____. As aldeias circulares do Brasil Central. In: **Brasil 50 mil anos: Uma viagem ao passado pré-colonial.** Coord.: MONTERO, P., São Paulo, EDUSP. MAE USP, 2001, p.35-43.

_____. **A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central:** Origem e desenvolvimento. Tese de doutoramento, São Paulo: USP, 1996a.

_____. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. **Rev. do MAE**, São Paulo, 6, p.83-121, 1996b.

_____. São Paulo, Terra de Fronteiras: A ocupação de grupos ceramistas pré-coloniais. In: **Anais do IV Congresso da Sociedade de Arqueologia**, Rio de Janeiro, 2000 (CD Room).

ROBRAHN-GONZALEZ, E.M.; DE BLASIS, P. Pesquisas arqueológicas no médio vale do rio Tocantins: O resgate no eixo da UHE Luís Eduardo Magalhães, **Rev. de Arqueologia**, 10, 1997, p.7-50.

RODET, M.J.; ALONSO, M. Princípios de reconhecimento de duas técnicas de debitage: Percussão direta dura e percussão direta macia (tendre) Experimentação com material do norte de Minas Gerais, **Rev. de Arqueologia**, n.17, p.63-74, 2004.

RODIER, X. L'archéologue et la carte. **M@ppemonde**, n.83, 2006, Disponível em: <<http://mappemonde-archive.mgm.fr/num11/edito.html>> Acesso em 07/09/2018.

RODRIGUES, R. Arqueologia no Triângulo Mineiro. In: **Preservando a história e a cultura mineira**: Um olhar sobre o patrimônio arqueológico de Minas Gerais. Cartilha, 2014.

RODRIGUES, A. D.; DOURADO, L. G. 1993. Panará: identificação linguística dos Kren-Akarore com os Cayapó do Sul. **Anais da 45a Reunião Anual da SBPC** (Recife, PE), vol. 2, p. 505, 1993.

ROSA, L.C.B. Estudo da cadeia operatória de produção dos materiais líticos lascados dos sítios arqueológicos Turvo I, II, III, IV, V-A e V-B. **Relatório final Fapesp**, 2017, 202 p.

ROSTAIN, S. Étude d'une Chaîne Opératoire : Les Haches en Pierre Polie D'Amazonie. **Arquivos do Museu de História Natural**, UFMG, Belo Horizonte, v.11, p. 195-240, 1986/1990.

ROSSI, M. 2017. **Mapa pedológico do Estado de São Paulo**: revisado e ampliado. São Paulo: Instituto Florestal, 2017. V.1. 118 p.

ROSS, J. L. S. Geomorfologia ambiental. In: **Geomorfologia do Brasil**. Org.: CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. 4 ed. Rio de Janeiro, Bertrand, 2006. p.351-388.

ROOSEVELT, A. O povoamento das Américas: O panorama brasileiro. In: **Pré-história da Terra Brasilis**. Org. Maria Cristina Tenório. Rio de Janeiro UFRJ, 2000, p.35-54.

RUIVO, A.L.F. **Corpo e cultura: O indígena brasileiro nos relatos portugueses da segunda metade do século XVI**. Universidade Nova Lisboa, 65 p. 2010.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goyaz**. Tomo segundo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. **Viagem à província de Goiás (1819)**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte, 2002.

SALGUEIRO, T.B. Paisagem e Geografia. **Finisterra**. 72, p.37-53, 2001.

SAMPAIO, T. A propósito dos Guayanazes da Capitania de S. Vicente. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, 13. São Paulo: 1911, p.199-202.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. Ed. Edusp. São Paulo. 6 ed. 2004, 285 p.

_____. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. Ed. Edusp. São Paulo. 4 ed. 2014, 383 p.

SAUER, C. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHN, Z. (Org.) **Introdução a Geografia Cultural**. Bertrand Brasil. 2014. p. 19-26.

SCHLOBACH, M.C. **Utilização de técnicas de geoprocessamento para identificação e caracterização de aldeias pré-históricas (UHE – Igarapava – MG)**. Monografia de especialização, UFMG, 2000, 31 p.

SCHMITZ, P.I. Arqueologia do Centro-Sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. **Pesquisas Antropologia** nº 33. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1982.

SCHMITZ, P.I. **Caçadores e Coletores da pré-história do Brasil**. Instituto Anchieta de Pesquisas, Unisinos, São Leopoldo-RS, 1984, 56p.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H. **Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR**. Rev. MAE-USP, São Paulo, 18, p.47-68, p.2008.

SCATAMACCHIA, M.C.M. Considerações sobre a distribuição das sociedades tribais de filiação linguística tupi-guarani no Estado de São Paulo. In: **Os ceramistas Tupi. Sínteses regionais**. V.1, p.105-130, 2009.

SEGURA, J. S. Redefiniendo el registro material. Implicaciones recientes desde la arqueología del paisaje anglosajona. **Trabajos de Prehistoria**, 64, n. 1, 2007, p. 41-64.

SEEMANN, J. Cartografias culturais na Geografia Cultural: Entre mapas da cultura e a cultura dos mapas. **Boletim Goiano de Geografia**, 21, jul./dez, 2001, p.61-82.

_____. Cartografia e cultura: Abordagens para a geografia cultural. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHN, Z. (Org.). **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, v.1, 2010, p.115-156.

SOARES, L.; COSTA, A. GOMES, A. Geografia, Arqueologia e Sistemas de **Informação Geográfica**: exemplos de articulação no estudo de arqueosítios do Norte de Portugal. **Estudos do Quaternário**, 2010.

SOARES, J. Discutindo a tradição Aratu: proposta de um modelo de dispersão e implantação nas zonas de tensão ecológica. **Rev. do MAE**, São Paulo, n. 23, p. 61-77, 2013.

SILVA SANTOS, P.J.L. **Aplicações de sistemas de informação geográfica em Arqueologia**. 2006. 165 f. Dissertação, Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 165 p.

SOUVILLE, G. Note typologique sur des haches polies du Maghreb, **Libya, Anthr.-Préhist.-Ethn.**, t. 16, p. 145-151, 1968.

_____. Précisions sur la classification des haches polies du Maghreb, **Miscelânea arqueológica**, Barcelona, t. 2, p. 381-387, 1974.

SOUZA, G. N. **O material lítico polido do interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura**. 2008. 148f. Dissertação MAE/USP, São Paulo. 148 p.

SOUZA, S.L.P. **Francisco Tosi Colombina e o Legado da Engenharia Militar: erudição e tradição na cartografia setecentista**. 2014 sem páginas. 2º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica.

SPOSITO, E.S. **Geografia e filosofia: Contribuição para o Ensino do Pensamento Geográfico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004, 218 p.

SIFEDDINE, A.; CHIESSI, C. M.; CRUZ JR., F.W.; ARAUJO, A. G. M.; NEVES, E. G.; JUSTINO, F. B.; WAINER, I. E. K. C.; PESSEDA, C. R.; MAHIQUES, M. M.; CORDEIRO, R. C.; KIKUCHI, R. K. P. Informações paleoclimáticas brasileiras. IN: **Base científica das mudanças climáticas**. Capítulo 1. UFRJ, Rio de Janeiro, 2014, p. 126-156.

TAUNAY, A. E. **Relatos sertanistas**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981, 234 p.

TENÓRIO, M.C. **Coleta, processamento e início da domesticação de plantas no Brasil**. In: Pré-história da Terra Brasilis. Org. Maria Cristina Tenório. Rio de Janeiro UFRJ, 2000, p.259-272.

THÉRY, H. **Modelização gráfica para a análise regional: Um método**. GeoUsp – Espaço e Tempo, São Paulo, n.15, p.179-188, 2004.

TIXIER, J.; INIZAN, M.L.; ROCHE, H. **Préhistoire de la Pierre Taillée**. I - Terminologie et Technologie. 2.ed. Paris: Cercle de Recherches et d'études Préhistoriques, 1980. 120 p.

TRIGGER, B.G. **História do pensamento arqueológico**. Tradução: Ordep Trindade Serra. São Paulo: Editora Odysseus, 2004. 477 p.

TURNER, T. Os Mebengkre Kayapó: História e mudança social de comunidades autônomas para a coexistência interétnica In: CUNHA, M. C. (Org.). **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VACHER, S. *et. al.* Amérindiens du Sinnamary (Guyane) – Archéologie en Forêt Équatoriale: Archéologie Préventive – Barrage de Petit Saut. **Documents d'Archéologie Française**, Maison des Sciences de l'Homme, Paris, n.70, 1998, p. 114-172.

VASCONCELOS, E. A. **Investigando a hipótese Cayapó do Sul-Panará**. 291 f. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2013.

VENTURI, L.A.B. O dimensionamento territorial da paisagem geográfica. Ensaio Geográficos, 2004.

VILLAFANEZ, E. A. Entre la Geografía y la Arqueología: El Espacio como Objeto y Representación. **Rev. de Geografía Norte Grande**, 50: p. 135-150. 2011.

VIALOU, D. *et al.* **Peopling South America's centre**: The late Pleistocene site of Santa Elina. **Antiquity**. vol. 91, 358, p. 865-84. ago. 2017

WHITLEY, T.; HICKS, L. A Geographic Information System Approach to Understand Potential Prehistoric and Historic Travel Corridors. **Southeastern Archaeology**, 22, 2003, p.77-91.

WILLEY, G.; PHILLIPS, P. Method and theory In: **American Archaeology**. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

WÜST, I. **Aspectos da Ocupação Pré-colonial em uma Área do Mato Grosso e Goiás**: Tentativa de Análise Espacial, 327 f., 21 anexos. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1983.

_____. **Continuidade e mudança: Para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, São Paulo, 1990.

WÜST, I. As aldeias dos agricultores ceramistas do Centro-Oeste brasileiro. In: **Pré-história da Terra Brasilis**. Org. Maria Cristina Tenório. Rio de Janeiro UFRJ, 2000, p.321-338.

ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Levantamento dos sítios arqueológicos identificados em território paulista. **Relatório Técnico**. s/p. 2010.

_____. **Programa Guarani de Gestão dos Recursos. Programa de Resgate - Área de expansão de cultivo da Usina São José**. Municípios de Olímpia, Barretos, Tanabi, Colina e Pedranópolis, São Paulo, 2011.

Anexos

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
	Altair								
1	Altinópolis	SP00111	Oficina Lítica Itambé	Córrego Água da Prata	23K 239611 7671196	Oficina lítica pré-cerâmica a céu aberto e dentro da Caverna (SP 179 da SBE)	Lítico	Pesquisa de Guy C. Collet	
	Álvares Florence								
	Américo de Campo								
2	Aramina		Sítio Arqueológico Aramina 1	Rio Grande	23K 230607 7742983	Sítio Histórico de natureza histórica de antiga fazenda cafeeira com capela, terreiros de café, aquedutos e ruínas em alvenaria de pedra e tijolos	Histórico	Diagnóstico Arqueológico para as áreas de Expansão de cana da Usina Buriti	
3	Ariranha	SP01037	Ariranha 1	Ribeirão da Onça	22K 732607 7662882	Sítio lito-cerâmico pré-colonial a céu aberto, alguns fragmentos cerâmicos possuem antiplástico cariapé	Sem definição	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
	Aspásia								
	Balsámo								
4	Barretos	SP01089	Córrego do Capim 1	Córrego do Capim	22K 752773 7715540	Sítio lito-cerâmico e histórico	Tupiguarani	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Usina Guarani. Área de expansão de cultivo da Usina São José - SP	
5	Barretos		Córrego Novo 1	Rio Pardo	22K 762296 7747900	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de baixa encosta colinar e terraço fluvial, caracteriza-se por peças líticas lascadas e fragmentos cerâmicos associados à Tradição Aratu-Sapucai, identificadas ao longo de leitos de carregadores de cana	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
6	Barretos	SP01090	Córrego do Capim 2	Córrego do Capim	22K 753516 7719477	Sítio lítico pré-colonial	Sem definição	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Usina Guarani. Área de expansão de cultivo da Usina São José - SP	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
7	Barretos		Córrego Novo 2	Rio Pardo	22K 761950 7747422	Caracterizado pela presença de fragmentos de cerâmica pré-colonial e também por vestígios líticos	Aratu/Tupiguarani	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
8	Barretos		Fazenda do Poço 1	Rio Pardo	22K 755614 7742640	Sítio arqueológico caracterizado pela presença de fragmentos de cerâmica pré-colonial e também por fragmentos de louça e cerâmica histórica	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
9	Barretos		Fazenda da Mata 1	Córrego do Meio	22K 760233 7739425	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e média encosta colinar, caracteriza-se por muitas peças cerâmicas (fragmentos decimétricos) e líticas lascadas associadas a Tradição Aratu-Sapucai	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
10	Barretos		Fazenda Matão 1	Rio Pardo	22K 762059 7744856	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de soja	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
11	Barretos		Fazenda Matão 2	Rio Pardo	22K 762233 7744620	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de soja	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
12	Barretos		Fazenda Matão 3	Rio Pardo	22K 761903 7743785	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de soja	Aratu/Tupiguarani/Uru	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
13	Barretos		Fazenda Rio Pardo 2	Rio Pardo	22K 760237 7739381	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de média encosta colinar, caracteriza-se por raras peças líticas lascadas e fragmentos cerâmicos	Aratu/Tupiguarani	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						associados à Tradição Aratu-Sapucaí, identificadas ao longo de leitos de carregadores de cana			
14	Barretos		Fazenda Rio Pardo 1	Rio Pardo	22K 762069 7739980	Sítio lítico localizado em porção de baixa encosta colinar e terraço fluvial, caracteriza-se por peças líticas lascadas ou polidas associados à Tradição Aratu- Sapucaí, identificadas ao longo de leitos de carregadores de cana	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guairá, Barretos e Morro Agudo, SP	
15	Barretos		Fazenda Santa Maria	Rio Pardo	22K 761728 7748568	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de cana	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guairá, Barretos e Morro Agudo, SP	
16	Barretos		Pitangueiras 1	Ribeirão das Pitangueiras	22K 766943 7725909	Sítio cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
17	Barretos		Pitangueiras 2	Ribeirão das Pitangueiras	22K 766821 7726252	Sítio lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
18	Barretos		Pitangueiras 3	Ribeirão das Pitangueiras	22K 767341 7727056	Sítio lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
19	Barretos	SP01219	Santa Helena 1	Ribeirão da Bagagem	22K 742820 7710010	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Sem definição		
20	Barretos	SP01223	Santa Helena 3	Córrego do Tamboril	22K 742196 7710479	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Sem definição		
21	Barretos		Sítio Arqueológico Turvo	Rio Turvo	22K 696789 7701785	Sítio lítico, unicomponencial de natureza pré-colonial, implantado em meia encosta de colina suave, representado por material lítico lascado em sílex e sob seixo em quartzo	Sem definição	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Usina Guarani	
22	Barretos		Pitangueiras 4	Ribeirão das Pitangueiras	22K 767479 7727724	Sítio cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
23	Barretos		Pitangueiras 5	Ribeirão das Pitangueiras	22K 768412 7728798	Sítio lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
24	Barretos		Pitangueiras 6	Ribeirão das Pitangueiras	22K 768835 7729155	Sítio lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
25	Barretos	SP01224	Rio Grande	Curso de água da Fazenda Baculêre	22K 726156 7720260	Sítio lito-cerâmico pré-colonial situado na margem direita de afluente do rio Grande, em baixa e média encosta de colina apresentando média/alta dissecação	Aratu	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos. Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo. Áreas de Expansão de Plantio de Cana, Unidade Cruz Alta, 2010.	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
26	Barretos	SP01058	Ribeirão Pitangueiras	Ribeirão Pitangueiras	22K 750784 7718445	Sítio lito-cerâmico localizado a meia encosta de colina, na margem esquerda do Ribeirão das Pitangueiras, representado por lascas, lascas de retoque e raspador lateral de arenito silicificado	Aratu/Uru	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Usina Guarani. Área de expansão de cultivo da Usina São José - SP	430 ± 80 TL
27	Barretos		Sítio Nova Índia	Córrego Sem Nome	22K 738753 7720328	Sítio arqueológico lito-cerâmico Nova Índia apresentou fragmentos de cerâmica, localizados a aproximadamente 70 metros de distância do Córrego (sem denominação), na área de plantação de cana-de-açúcar da Usina Açucareira Guaíra, localizada no Município de Guaíra-SP	Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	
28	Barretos	SP01092	São José 1	Ribeirão das Pitangueiras	22K 751542 7718933	Sítio histórico do Séc. XIX-XX	Histórico	Programa Guarani de Recursos Arqueológicos. Área de expansão de cultivo da Usina São José, Município de Colina, Estado de São Paulo	
29	Barretos		Santo Antônio do Lageado	Córrego do Jacaré	22K 771743 7744117	Sítio Arqueológico apresentou fragmentos de cerâmica, localizados a aproximadamente 90 metros de distância do Córrego do Jacaré, na área de plantação de cana-de-açúcar da Usina Açucareira Guaíra, localizada no Município de Guaíra-SP	Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	395 ± 65 TL. Laboratório de Datação, Comércios e Serviços Ltda. Faccio (2012)
30	Batatais	SP01071	Batatais 1	Rio Sapucaí-Mirim	23K 246232 7699176	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificadas cerca de 80 peças entre cerâmicas e líticos lascados em superfície de meia encosta a cerca de 60 metros de córrego sem nome e a 270m do rio Sapucaí Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo) PCH Sapucaí, Municípios de Patrocínio Paulista, Batatais e Altinópolis, Estado de São Paulo	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
31	Batatais	SP01072	Batatais 2	Córrego da Aliança	23K 245653 7699382	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificadas cerca de 60 peças entre cerâmicas e líticos lascados em superfície de topo e meia encosta a cerca de 90 metros de córrego de aliança e a 570m do rio Sapucaí Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo) PCH Sapucaí, Municípios de Patrocínio Paulista, Batatais e Altinópolis, Estado de São Paulo	
32	Batatais		RPES 5		23K 233104 7674126	Presença de seixos oriundos de um arroio próximo e núcleos de arenito usados como matéria-prima para lascamento. Área do sítio: 7.181m2	Lítico	Projeto de Salvamento arqueológico, monitoramento arqueológico e educação patrimonial da área abrangida pelas linhas de transmissão 500 kV Ribeirão Preto - Poços de Caldas e Ribeirão Preto - Estreito - Jaguará (SP-MG)	
33	Bebedouro	SP01041	Bebedouro 1	Ribeirão de São Pedro	22K 753476 7674760	Sítio cerâmico pré-colonial em topo de colina. Cerâmica com antiplástico mineral e pintura vermelha diretamente sobre superfície externa. Características semelhantes aos sítios Água Limpa e Maranata localizados nos municípios de Monte Alto e Olimpia	Sem definição	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
34	Bebedouro	SP01073	Bebedouro 2	Córrego Sem Nome	22K 747879 7671720	Sítio histórico do Séc. XIX	Histórico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
35	Bebedouro	SP01074	Bebedouro 3	Ribeirão Avandava	22K 748600 7680012	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto com características que remetem à Tradição Tupiguarani	Tupiguarani	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
36	Buritizal		Anhanguera	Rio do Carmo	23K 208814 7761584	Sítio histórico a céu aberto caracterizado por uma área de concentração de fragmentos de faiança fina, vidros e telhas coloniais dispersos em superfície provavelmente de uma edificação do início do século XX	Histórico	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti - Pedra Agroindustrial S/A.	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
37	Buritizal	SP01167	Buriti 2	Ribeirão da Ponte Nova	23K 207713 7757539	<p>Área de 24500m², com duas Área de concentração. Líticos lascados; Zanettini Arqueologia (2006): O sítio apresenta duas concentrações cerâmicas elípticas: uma com 173 x 62 m (Concentração A) e, outra com 79 x 10 m (Concentração B) com os eixos maiores e menores respectivamente orientados NE-SW e NW-SE. Distanciam-se cerca de 100m entre si. Aparentemente o material cerâmico lembra a Tradição Tupiguarani ou Sistema Regional Tupi, porém, é importante ressaltar que algumas formas de bordas observadas lembram o material cerâmico da Tradição Aratu-Sapucaí, de modo que pode se tratar de um sítio de período de integração entre grupos ceramistas diferenciados</p>	Aratu/Tupiguarani	Avaliação arqueológica rápida (AAR)/ vistoria Não interventiva. Novas Áreas de Expansão de Lavoura (Complemento de RAP), Usina Buriti Irmãos Biagi S/A - Açúcar e Alcool	
38	Buritizal		Cachoeira	Cachoeira	23K 222080 7756220	Sítio lito-cerâmico pré-colonial a céu aberto caracterizado por uma vasta área de dispersão de fragmentos cerâmicos e lascas de arenito e sílex lascados em superfície	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti - Pedra Agroindustrial S/A.	
39	Buritizal		Campo Redondo	Rio Grande	23K 209850 7762230	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto caracterizado por fragmentos cerâmicos dispersos em superfície. Está localizado em baixa encosta próximo a drenagem.	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti - Pedra Agroindustrial S/A.	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
40	Buritizal		Véu da Noiva	Rio do Carmo	23K 209039 7761653	Sítio histórico a céu aberto caracterizado por uma área de concentração de fragmentos de faiança fina, vidros e telhas coloniais dispersos	Histórico	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti - Pedra Agroindustrial S/A.	
41	Buritizal	SP01033	Rio do Carmo	Córrego Sem Nome	23K 207085 7752994	Zanettini Arqueologia (2007): Sítio lítico indígena pré-colonial localizado na porção de meia-encosta e baixa vertente de colina, distanciando-se cerca de 1200 m da margem esquerda (ou sul) do Rio do Carmo, e 215 m oeste de um córrego contributário sem denominação. É caracterizado pela presença de artefatos líticos espalhados por uma área de 355 x 65 m, cujos eixos respectivamente se orientam N-S e E-W. Na porção central do sítio há uma maior concentração de peças em uma área de 150 x 40m, nas suas extremidades Norte e Sul, ocorrem algumas peças esparsas, respectivamente distanciadas 70 e 60 m da concentração central. O terreno encontra-se recortado com curvas de nível com plantio de cana recém semeada, o que permitiu boa visibilidade do terreno. O material lítico é caracterizado por lascas, estilhas e núcleos de arenito silicificado, algumas lascas exibem retoques no bordo ativo. Há de modo mais raro algumas lascas e estilhas de sílexito. Esta indústria lítica, ao julgar pelo acabamento de suas	Lítico	Avaliação arqueológica rápida (AAR)/ Vistoria Não interventiva. Novas Áreas de Expansão de Lavoura (Complemento de RAP), Usina Buriti Irmãos Biagi S/A - Açúcar e Alcool	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						peças, relacionam-se a um horizonte cronológico-cultural tipo ceramista - agricultor			
42	Buritizal	SP01166	Buriti 1	Ribeirão da Ponte Nova	23K 207910 7757590	Sítio histórico pertencente à segunda metade do Séc. XX localizado sobre o topo e meia encosta de um patamar fluvial adjacente ao Ribeirão da Ponte Nova, com dimensões aproximadas de 25 x 8 m	Histórico	Avaliação arqueológica rápida (AAR)/ vistoria Não interventiva. Novas Áreas de Expansão de Lavoura (Complemento de RAP), Usina Buriti Irmãos Biagi S/A - Açúcar e Alcool	
43	Buritizal		George	Córrego Sem Nome	23K 212570 7766870	Sítio lito-cerâmico pré-colonial a céu aberto caracterizado por fragmentos cerâmicos dispersos em superfície	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti - Pedra Agroindustrial S/A.	
44	Cajobi	SP01228	Nova	Córrego Bebedouro do Turvo/Grande	22K 717721 7693820	Sítio multicomponencial formado pela incidência de artefatos líticos pré-coloniais e materiais históricos, além de estruturas de uma antiga fazenda de café relacionada a imigração espanhola	Lítico e Histórico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos. Etapa de Prospecções Interventivas e Extensivas nas Áreas de Expansão Canavieira da Unidade Severínia	
45	Cândido Rodrigues	SP01043	Cândido Rodrigues 1	Córrego da Lagoa	22K 747640 7643248	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
46	Cardoso		Jacu	Ribeirão do Marinheiro	22 K 599153 7781755	Sítio cerâmico	Sem definição	AES Tietê	
47	Cardoso		Marinheiro 1	Ribeirão do Marinheiro	22K 600321 7776402	Sítio lítico. Tradição Itaparica. Sítio localizado em topo de vertentes bastante inclinadas em direção ao córrego. Área total de 43 x 12 metros com material a 30 metros de profundidade. No passado distava +/- 150 metros do leito do córrego São João do Marinheiro	Lítico	Monitoramento UHE Água Vermelha	
48	Cardoso		Marinheiro 2	Ribeirão do Marinheiro	22 K 599331 7781854	Sítio cerâmico. Sítio localizado em alta vertente de ampla colina de vertentes suaves que rumam para o córrego. No passado distanciava +/- 150 metros de um pequeno córrego. Área total 25 x 30 metros. É possível que haja mais de uma ocupação	Aratu	Monitoramento UHE Água Vermelha	
49	Cardoso		Turvo 1	confluência do Córrego do Paiol (margem esquerda) e do Rio Turvo	22K 626441 7777719	Sítio lito-cerâmico associado a tradição Aratu, com elementos menos numerosos de traços técnicos da tradição Tupiguarani. Implantado em média vertente, distante aproximadamente a 200 metros da água	Aratu	Relatório do Resgate Arqueológico e do Programa de Educação Patrimonial Usina Guariroba, Pontes Gestal, SP.	610 ± 80 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
50	Cardoso		Turvo 2	confluência do Córrego do Paiol (margem direita) e do Rio Turvo	22K 627199 7778398	Sítio lito-cerâmico associado a tradição Aratu, com elementos menos numerosos de traços técnicos da tradição Tupiguarani. O sítio está situado na confluência do Córrego do Paiol (margem direita) com o Rio Turvo, em média vertente de uma colina aplainada. O Sítio Turvo II está a cerca de 1 km de distância do Sítio Turvo I, separado geograficamente pelo córrego do Paiol, o que pode indicar uma relação	Aratu	Relatório do Resgate Arqueológico e do Programa de Educação Patrimonial Usina Guariroba, Pontes Gestal, SP.	480 ± 70 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						próxima entre as distintas ocupações			
551	Catanduva		Catanduva 1	Córrego Sem Nome	22K 719751 7670545	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
	Catiguá								
	Cedral								
552	Colina	SP01188	Colina 1	Córrego do Capim	22K 752911 7716359	Sítio lito-cerâmico associado a tradição Tupiguarani	Tupiguarani	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos. Área de expansão de cultivo da Usina São José, Município de Colina, Estado de São Paulo	420 ± 40 (TL)
53	Colina	SP01227	Ibiúna	Córrego Sem Nome	22K 739289 7700395	Sítio lito-cerâmico pré-colonial a céu aberto	Sem definição	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Unidade Industrial Severínia	
54	Colina	SP01189	São José 1	Ribeirão Pitangueiras	22K 751542 7718933	Sítio histórico do Séc. XIX-XX	Histórico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos. Área de expansão de cultivo da Usina São José, Município de Colina, Estado de São Paulo	
55	Colina	SP01219	Santa Helena 1	Ribeirão da Bagagem	22K 742820 7710010	Sítio lítico pré-colonial localizado na Fazenda Santa Helena, na margem esquerda do ribeirão da Bagagem, em meia encosta de colina apresentando baixa/média dissecação	Lítico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Etapa de Prospecções Interventivas e Extensivas nas Áreas de Expansão Canavieira da Unidade Cruz Alta Safras 2011/2012	
56	Colina	SP01220	Santa Helena 2	Ribeirão da Bagagem	22K 744162 7709036	Sítio lítico pré-colonial localizado na Fazenda Santa Helena, margem direita de córrego sem denominação e afluente pela margem esquerda do ribeirão da Bagagem, em meia encosta de colina	Lítico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Etapa de Prospecções Interventivas e Extensivas nas Áreas de Expansão Canavieira da	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						apresentando baixa dissecação		Unidade Cruz Alta Safras 2011/2012	
	Colômbia								
557	Cosmorama		Km 496+600		22K 627526 7732592	Sítio lítico e histórico	Lítico e Histórico	Diagnóstico do Impacto Sobre o Patrimônio Arqueológico relativo ao projeto de duplicação da Rodovia Euclides da Cunha (SP 320)	
	Cristais Paulista								
	Dolcinópolis								
	Embaúba								
	Estrela d'Oeste								
58	Fernando Prestes	SP01046	Fernando Prestes 1	Ribeirão da Onça	22K 744919 7649162	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
59	Fernandópolis		São Pedro	Ribeirão São Pedro	22K 574667 7741419	Sítio lítico. O material arqueológico foi evidenciado em superfície por uma extensão aproximada de 80 metros. Os materiais foram encontrados de maneira esparsa e em pequena quantidade	Lítico	Faccio, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.	
60	Franca		Fazenda Bebedouro			Sítio lito-cerâmico associado a tradição Tupiguarani	Tupiguarani	Dissertação (mestrado), Scatamacchia (1981): sítio encontrado por J. Anthero Pereira Jr. Em 1957	
61	Franca		Fazenda Boa Esperança			Sítio lito-cerâmico associado a tradição Tupiguarani	Tupiguarani	Dissertação (mestrado), Scatamacchia (1981): sítio encontrado por J. Anthero Pereira Jr. Em 1957	
62	Franca		Fazenda Santa Rita			Sítio lito-cerâmico associado a tradição Tupiguarani	Tupiguarani	Dissertação (mestrado), Scatamacchia (1981): sítio encontrado por J. Anthero Pereira Jr. Em 1957	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
63	Guaíra		Beira Rio 1	Rio Pardo	22K 762412 7749607	Grande sítio lito-cerâmico a céu aberto que ocupa uma faixa contínua de terraço fluvial adjacente ao rio Pardo. É possível que se trate de um grande palimpsesto de múltiplas áreas de atividades específicas, quiçá associados aos sítios Fazenda Beira Rio 2 e 3	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
64	Guaíra		Beira Rio 2	Rio Pardo	22K 762762 7750735	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo/meia encosta de colina de declive suave, com vestígios líticos e cerâmicos expostos em leito de corte de carreador, bem como entre leiras de plantio de soja	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
65	Guaíra		Beira Rio 3	Córrego afluente do Pardo	22K 762788 7750483	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de meia encosta de colina com declive suave, com vestígios cerâmicos expostos em leito de corte de carreador.	Tupiguarani	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
66	Guaíra		Beira Rio 4	Rio Pardo	22K 760634 7753046	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de base de vertente à meia encosta de colina com declive suave	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
67	Guaíra		Beira Rio 5	Rio Pardo	22K 760764 7752230	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de baixa encosta de colina suave, associado a grupos pré-coloniais Gê	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
68	Guaíra		Beira Rio 6	Rio Pardo	22K 760748 7751991	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de baixa encosta de colina suave, associado a grupos pré-coloniais Gê.	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
69	Guaíra	SP01077	Cangalha 1	Rio Sapucaí-Mirim	22K 797864 7756945	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 10 fragmentos cerâmicos em superfície, as evidências encontram-se a cerca de 230 metros do rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Sebastião, Municípios de Guairá, Miguelópolis e Ipuã, Estado de São Paulo	
70	Guaíra	SP01078	Cangalha 2	Rio Sapucaí-Mirim	22K 797384 7755232	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 80 fragmentos cerâmicos e líticos em superfície, as evidências ocorrem em média encosta a cerca de 250 m do rio Sapucaí Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Sebastião, Municípios de Guairá, Miguelópolis e Ipuã, Estado de São Paulo	
71	Guaíra		Fazenda Bananal 1	Rio Pardo	22K 765505 7754245	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de cana média	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
72	Guaíra		Fazenda Cuiabano 1	Rio Sapucaí	22K 771739 7769316	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de baixa encosta colinar e terraço fluvial, caracteriza-se por peças líticas lascadas e fragmentos cerâmicos associados à Tradição Aratu-Sapucaí, identificadas ao longo de leitos de carregadores de cana	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
73	Guaíra		Fazenda Cuiabano 2	Rio Sapucaí	22K 770661 7769495	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de baixa encosta colinar e terraço fluvial, caracteriza-se por raros fragmentos cerâmicos e artefatos líticos lascados associados à Tradição Aratu-Sapucaí, identificadas ao longo de leitos de carregadores de cana	Aratu/Uru	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
74	Guaíra		Fazenda Jataí 1	Rio Pardo	22K 764848 7737687	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de cana alta	Aratu/Uru	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
75	Guaíra		Fazenda Jataí 2	Rio Pardo	22K 765506 7737309	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de soja e cana alta	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
76	Guaíra		Fazenda Jataí 3	Rio Pardo	22K 765632 7736978	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de cana baixa	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
77	Guaíra	SP01132	Guaíra 1	Rio Sapucaí-Mirim	22K 780699 7766267	Sítio cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 20 fragmentos cerâmicos em superfície em área de baixa encosta a cerca de 200 metros do rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Domingos, Municípios de Miguelópolis e Guaíra, Estado de São Paulo	
78	Guaíra	SP01134	Guaíra 2	Rio Sapucaí-Mirim	22K 788095 7760709	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 100 fragmentos cerâmicos e líticos em superfície, a cerca de 200 metros do Rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Domingos, Municípios de Miguelópolis e Guaíra, Estado de São Paulo	
79	Guaíra	SP01135	Guaíra 3	Córrego Sem Nome	22K 790463 7761145	Sítio cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 100 fragmentos cerâmicos em superfície, em local distante cerca de 60m de córrego sem nome e 320m do rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Domingos, Municípios de Miguelópolis e Guaíra, Estado de São Paulo	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
80	Guaíra		João Pedro 1	Córrego Água Limpa	22K 760936 7757963	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e baixa encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de soja e cana alta	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
81	Guaíra		João Pedro 2	Córrego Água Limpa	22K 761306 7757974	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e baixa encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de soja e cana alta	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
82	Guaíra		João Pedro 3	Córrego Água Limpa	22K 762463 7757713	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de topo e meia encosta de colina suave evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em meio à área de plantio de cana baixa	Aratu/Uru	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
83	Guaíra		Fazenda Barreiro 1	Córrego do Barreiro	22K 766305 7749604	Sítio lítico localizado em porção de baixa encosta colinar e terraço fluvial, caracteriza-se por raras peças líticas lascadas associadas à Tradição Aratu- Sapucaí, identificadas ao longo de um leito de carreador de cana	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
84	Guaíra		João Pedro 4	Córrego Água Limpa	22 K 764845 7758076	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de terraço fluvial, evidenciado por fragmentos cerâmicos e peças líticas lascadas em um leito de carreador limitado por uma mata ciliar e um talhão de plantio de cana alta	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	
85	Guaíra		João Pedro 5	Córrego Água Limpa	22K 765180 7758089	Sítio lito-cerâmico localizado em porção de base de vertente à meia encosta de colina com declive suave. Evidenciado por fragmentos cerâmicos e	Aratu	Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Mandu S/A. Municípios de Guaíra, Barretos e Morro Agudo, SP	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						peças líticas lascadas e polidas			
86	Guaíra	SP01133	Santa Helena	Rio Sapucaí-Mirim	22K 785140 7762059	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificadas cerca de 15 peças em superfície em baixa encosta a cerca de 150m do Córrego Santa Helena e 60m do rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Domingos, Municípios de Miguelópolis e Guaíra, Estado de São Paulo	
87	Guaíra		Sítio Balsamira	Córrego da Balsamira	22K 771054 7751547	Sítio Arqueológico Balsamira apresentou fragmentos de cerâmica, localizados a aproximadamente 300 metros de distância do Córrego da Balsamira, na área de plantação de cana-de-açúcar da Usina açucareira Guaíra, no município de Guaíra, SP	Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	485 ± 65 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
88	Guaíra		Sítio Bela Vista do Jacaré	Rio Pardo	22K 763188 7744235	O sítio apresentou vestígios líticos lascados e fragmentos de cerâmica, localizados a aproximadamente 350 metros de distância do rio Pardo, em área de plantio de cana-de-açúcar	Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	420 ± 50 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
89	Guaíra		Sítio Cervo	Rio Sapucaí	22K 788201 7760680	O sítio apresentou vestígios líticos lascados e fragmentos de cerâmica, localizados a aproximadamente 70 metros de distância do rio Sapucaí, em área de plantio de cana-de-açúcar	Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	95 ± 10 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
90	Guaíra		Sítio Guaíra	Córrego do Coelho	22K 761691 7758135	O sítio apresentou fragmentos de cerâmica, localizados a aproximadamente 150 metros de distância do Córrego do Coelho, em área de plantação de cana-de-açúcar	Sem definição	Relatório de Prospecção Arqueológica e do Programa de Educação Patrimonial	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
91	Guaíra		Sítio Rosário	Ribeirão do Rosário	22K 785947 7734786	Sítio Arqueológico Rosário apresentou fragmentos de cerâmica, localizados a aproximadamente 150 metros de distância do Ribeirão do Rosário, na área de plantação de cana-de-açúcar da Usina açucareira Guaíra, no município de Guaíra, SP	Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	300 ± 40 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
92	Guaíra		Vassoural São José	Córrego Sem Nome	22K 777647 7768777	Sítio Lito-cerâmico	Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	
93	Guaíra		Fazenda Mandu			Sítio lito-cerâmico associado a tradição Tupiguarani	Tupiguarani	Dissertação (mestrado), Scatamacchia (1981): sítio encontrado por J. Anthero Pereira Jr. Em 1957.	
94	Guapiaçu	SP01222	Zelux	Rio Turvo/Grande	22K 697241 7701620	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Lítico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Etapa de Prospecções Interventivas e Extensivas nas Áreas de Expansão Canavieira da Unidade Cruz Alta Safras 2011/2012	
95	Guapiaçu	SP01221	Turvo	Córrego Sem Nome	22K 696789 7701785	Refere-se a um sítio lítico, unicomponencial, de natureza pré-colonial, implantado em meia encosta de colina suave, representado por material lítico lascado em sílex e sob seixo em quartzo	Lítico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Etapa de Prospecções Interventivas e Extensivas nas Áreas de Expansão Canavieira da Unidade Cruz Alta Safras 2011/2012	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
96	Guapiaçu	SP01224	Rio Grande 1	Córrego Sem Nome	22K 726129 7720176	Sítio arqueológico unicomponencial de natureza pré-colonial caracterizado por vestígios cerâmicos sem decoração localizados em superfície a céu aberto	Sem definição	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Etapa de Prospecções Interventivas e Extensivas nas Áreas de Expansão Canaveira da Unidade Cruz Alta Safras 2011/2012	
97	Guará	SP01173	Guará	Rio Sapucaí-Mirim	23K 212133 7720156	Sítio cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 15 fragmentos cerâmicos em meia encosta a cerca de 90 metros do Rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Santa Rita, Municípios de Guará, Bela Vista e Nuporanga, Estado de São Paulo	
98	Guará	SP01214	Boa Vista do Caetano		23K 203346 7742892	Sítio multicomponencial lítico Umbu e cerâmica associada a duas tradições Aratu e Tupi	Lítico e Aratu/Tupiguarani	Programa de Resgate Arqueológico do Sistema de Escoamento Dutoviário de Alcool e Derivados - SEDA, Poliduto Uberaba-Replan-Taubaté - Município de Guará / SP	
99	Guará		Usina São Joaquim		23K 0209769 722381	Materiais lascados de boa qualidade. Implantação da Usina em 1911 destruiu estruturas e espalhou material. Foram observadas 3 ocorrências líticas	Lítico	Arqueologia Preventiva da Área de Influência das PCHs Palmeiras, Anhanguera e Retiro. Rio Sapucaí, SP. Relatório de Levantamento Arqueológico dos Canteiros de Obras.	
100	Guará	SP01215	Usina Alta Mogiana	Rio Sapucaí	23K 200158 7734615	Sítio pré-colonial lito-cerâmico, situado em média encosta para topo de colina, em área já bastante impactada tanto pelas obras do duto anterior	Lítico	Programa de Prospecção Arqueológica Intensiva e de Educação Patrimonial do Sistema de Escoamentos Dutoviários de Alcool e Derivados-SEDA	
101	Guaraci	SP01216	Caixa D'Água 1	Córrego Sem Nome	22K 707457 7724978	Sítio lito-cerâmico de baixa densidade na margem esquerda e próximo a cabeceira do córrego	Sem definição	Programa Guarani de Gestão de Recursos Arqueológicos - Prospecções Arqueológicas - Usina Cruz Alta	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
102	Guaraci	SP01103	Córrego Criciúma	Córrego Criciúma	22K 718610 7737231	Acampamento Lítico localizado no limite de topo de terraço com meia encosta de colina abrupta próxima à várzea, associada à tradição Umbu, no flanco NW do córrego Criciúma. Caracteriza-se por diversas lascas e estilhas de arenito silicificado e silexito	Lítico	Relatório de Vistoria Técnica não Interventiva - Construção do Dique Guaraci - Reservatório da UHE de Marimbondo	
103	Guaraci	SP01225	Guaraci 1	Rio Grande	22K 716494 7734502	Sítio cerâmico implantado, a princípio unicomponencial, de natureza pré-colonial. Localiza-se em meia encosta e no sopé de colina suave a aproximadamente 50 metros da represa de Furnas	Sem definição	Programa Guarani de Gestão de Recursos Arqueológicos	
104	Guaraci	SP01217	Caixa D'Água 2	Ribeirão sem nome	22K 708091 7725571	Sítio lítico situado na vertente do terraço do córrego afluente da margem direita do ribeirão Criciúma	Sem definição	Programa Guarani de Gestão de Recursos Arqueológicos - Prospeções Arqueológicas - Usina Cruz Alta	
105	Guaraci	SP01104	Jardim do Bosque	Córrego Criciúma	22K 715010 7733287	Sítio cerâmico indígena associada à Tradição Tupiguarani, presente em um terreno colinoso suave no flanco SE do reservatório, pertencente a um assentamento da COHAB, denominado "Jardim do Bosque"	Tupiguarani	Relatório de Vistoria Técnica não Interventiva - Construção do Dique Guaraci - Reservatório da UHE de Marimbondo	
106	Guarani d'oeste		Boa Sorte	Córrego Santa Rita	22K 564537 7775959	Sítio lítico a céu aberto em meia encosta da margem direita do córrego Sta. Rita em plantio de cana	Lítico	Programa de Prospeções Arqueológicas - Áreas de Expansão da Alcoeste Destilaria Fernandópolis S/A.	
107	Guarani d'oeste		Santa Maria 1	Córrego Sem Nome	22K 571407 7787584	Sítio arqueológico de natureza pré-colonial, caracterizado por 7 vestígios líticos em arenito em superfície	Lítico	Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo - Áreas de Expansão da Alcoeste Destilaria Fernandópolis S/A.	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
108	Guarani d'oeste		São José 1	Córrego Bruaca	22K 560030 7748301	Sítio arqueológico de natureza pré-colonial composto por vestígios cerâmicos em superfície	Sem definição	Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo - Áreas de Expansão da Alcoeste Destilaria Fernandópolis S/A.	
109	Icém	SP01254	Icém 1		22K 684300 7753850	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto de pequenas dimensões situado na margem do rio Grande. Já foi escavado anteriormente e o foi novamente neste trabalho	Sem definição	Programa de Prospecção Arqueológica: Extração, beneficiamento e comercialização de agregados ampliação de pedreira	
110	Icém	SP01185	RPMA 3	Rio Pardo	22K 686417 7753215	O Sítio é caracterizado pela presença de material lítico lascado de seixos de sílex e basalto	Lítico	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	
111	Icém	SP01186	RPMA 4	Rio Pardo	22K 686369 7753599	O Sítio é caracterizado pela presença de material lítico lascado de seixos de sílex e basalto e também por fragmentos de cerâmica	Tupiguarani	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	
112	Icém		Menino Jesus	Córrego Menino Jesus	22K 692930/7752164	Sítio lito-cerâmico: 171 peças líticas lascadas, 13 peças líticas polidas e 3130 fragmentos de cerâmica	Aratu/Tupiguarani/Uru	Pereira, D.L.T. Arqueologia da Paisagem aplicada ao Estudo dos Sítios Arqueológicos na Bacia do Rio Turvo-Grande, Região Norte do Estado de São Paulo, Tese, MAE USP, São Paulo, SP 2018, 218p.	600 ± 70 A.P. 715 ± 55 A.P. (TL) Laboratório de Datação, Comércios e Serviços Ltda.
113	Igarapava	SP01021	Agudo	Rio Grande		Ocorrência lito-cerâmica, localiza-se na porção meso-inferior de uma encosta de topografia suave, estando a 200m a sudoeste da margem esquerda do Rio Grande, junto a um leito seco de um córrego	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
114	Igarapava	SP01018	Canabrava	Córrego Canabrava		Sítio construído por duas áreas situadas a 200m ao Sul da sede da Fazenda	Tupiguarani	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
115	Igarapava	SP01015	Revolta	Córrego Revolta		Sítio cerâmico. Está localizado em uma área aplainada a 115m a sul do rio Grande e a 400m a oeste do Córrego Revolta	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
116	Igarapava	SP01020	São Francisco	Córrego das Pedras	23K 220200 7783250	Sítio com 4 áreas, com vestígios cerâmicos na primeira área, além de cerâmicas foram coletadas lascas de arenito e ágata e um "almofariz" de arenito	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
117	Igarapava	SP01019	Sinhá Junqueira	Rio Grande		Sítio situado em terras da Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira, era constituído por 12 pontos de dispersão de cerâmico	Tupiguarani	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
118	Igarapava	SP01017	Vargem Alegre	Córrego Vargem Grande		Sítio cerâmico situado na Fazenda Canabrava de propriedade da Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
119	Igarapava	SP01023	Elisa Maciel 1	Rio Grande		Oficina lítica situado na base de uma vertente, a 50m a nordeste do Rio Grande e a 45m a oeste de um pequeno córrego hoje seco, distância do sítio oficina lítica Elisa Maciel 2 330m montante	Lítico	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
120	Igarapava	SP01022	Elisa Maciel 2	Rio Grande		Oficina lítica situada a 100m a sudoeste da margem do Rio Grande, na borda nordeste de um grande canavial. As evidências arqueológicas ocorriam na parte inferior do canavial, limítrofe a estrada	Lítico	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
121	Igarapava	SP01168	Santa Tereza 1	Córrego Sem Nome	23K 224928 7777909	Zanettini Arqueologia (2006): Sítio cerâmico indígena pré-colonial localizado na porção de topo e meia-encosta de colina, distanciando-se 84 m da margem leste de um córrego sem denominação no qual há uma pequena corredeira, no flanco N da UP-II. É caracterizado por duas concentrações cerâmicas elípticas: uma com 76 x 7 m (Concentração A) e, outra com 41 x 37 m (Concentração B) com os eixos maiores e menores respectivamente orientados NW-SE e NE-SW. Aparentemente o material cerâmico lembra a Tradição Tupiguarani ou Sistema Regional Tupi, porém, é importante avaliar a possibilidade do sítio conter indícios que, o associem a outras indústrias ceramistas já consagradas em literatura arqueológica, podendo o sítio pertencer a um período de integração entre grupos ceramistas diferenciados	Aratu/Tupiguarani	Avaliação arqueológica rápida (AAR)/ vistoria Não interventiva. Novas Áreas de Expansão de Lavoura (Complemento de RAP), Usina Buriti Irmãos Biagi S/A - Açúcar e Alcool	
122	Igarapava	SP01169	Santa Tereza 2	Córrego Sem Nome	23K 225158 7777612	Zanettini Arqueologia (2006): Sítio lítico indígena pré-colonial localizado na porção de topo e meia-encosta de colina no flanco N da UP-II. Distancia-se 433 m da margem leste de um córrego sem denominação no qual há uma pequena corredeira e, 290 m a SE do Sítio Santa Tereza-I. É caracterizado por uma área de 45 x 20 m com eixos respectivamente orientados NE-SW e NW-SE, em cuja superfície	Aratu/Tupiguarani	Avaliação arqueológica rápida (AAR)/ vistoria Não interventiva. Novas Áreas de Expansão de Lavoura (Complemento de RAP), Usina Buriti Irmãos Biagi S/A - Açúcar e Alcool	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						ocorreram artefatos lascados de arenito silicificado: lascas, estilhas, núcleo e um artefato plano convexo. Visto este sítio se encontrar próximo ao sopé de um corpo montanhoso de rocha basáltica e arenítica, pode se deduzir que, o local seria uma área de captação de matéria prima para lascamento, bem como uma oficina lítica propriamente dita, quiçá inserida no contexto dos sítios ceramistas na área de entorno			
123	Igarapava	SP01170	Santa Tereza 3	Córrego Sem Nome	23K 225335 7779005	Área de 899m ² , uma concentração cerâmica, 2 lascas de arenito silicificado 190m ao Norte da principal concentração cerâmica. O sítio é caracterizado por uma área de 29 x 31 m com eixos respectivamente orientados NW-SE e NE-SW, em cuja superfície ocorreram fragmentos cerâmicos esparsos. 190 m ao N desta concentração ocorreram duas lascas de arenito silicificado, podendo o sítio apresentar maior amplitude. Aparentemente o material cerâmico lembra a Tradição Tupiguarani ou Sistema Regional Tupi, porém, é importante avaliar a possibilidade de o sítio conter indícios que, o associem a outras indústrias ceramistas já consagradas em literatura arqueológica, podendo o sítio pertencer a um período de integração entre grupos ceramistas diferenciados	Aratu/Tupiguarani	Avaliação arqueológica rápida (AAR)/ vistoria Não interventiva. Novas Áreas de Expansão de Lavoura (Complemento de RAP), Usina Buriti Irmãos Biagi S/A - Açúcar e Alcool	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
124	Igarapava		Fazenda Morro Agudo			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
125	Igarapava		Fazenda Mangueirão			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
126	Igarapava		Fazenda Vargem Alegre 1			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
127	Igarapava		Fazenda Vargem Alegre 2			Aldeamento	Sem definição	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
128	Igarapava		Poção da Fazenda São Francisco			Barreiro	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
129	Igarapava		Fazenda Manuel Alves Moreira 1			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
130	Igarapava		Fazenda Manuel Alves Moreira 2			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
131	Igarapava		Fazenda Taquaral			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
132	Indiaporã		Água Vermelha 6	Rio Grande	22K 572167 7799120	Sítio cerâmico. Projeto faz parte do "TAC" entre a Companhia de Geração de Energia Elétrica Tietê (AES Tietê), a Prefeitura de Ouroeste e o IPHAN. Aproximadamente 110 metros de comprimento. Captação de matéria prima (sílex, arenito e afloramento de basalto)	Aratu	Programa de Monitoramento da Faixa de depleção da UHE Água Vermelha	
133	Indiaporã		Água Vermelha 7	Rio Grande	22K 573931 7800788	Sítio Lítico. Tradição Itaparica	Lítico	Programa de Monitoramento da Faixa de depleção da UHE Água Vermelha	
134	Indiaporã		Água Vermelha 8	Rio Grande	22K 572381 7799100	Sítio cerâmico	Sem definição	Programa de Monitoramento da Faixa de depleção da UHE Água Vermelha	
135	Indiaporã		Água Vermelha 9	Rio Grande	22K 572043 7799593	Sítio cerâmico	Sem definição	Programa de Monitoramento da Faixa de depleção da UHE Água Vermelha	
136	Ipiguá	SP01253	T94	Córrego Barra Funda	22K 665317 7719340	Sítio histórico localizado nas proximidades de um pequeno córrego em área de mata preservada. Foram identificados em superfície refugio de construção, metal e faiança	Histórico	Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial da Linha de Transmissão 500 kV Marimbondo II - Assis, localizada no corredor entre os municípios de Fronteira/MG e Assis/SP	
137	Ipuã	SP01079	Ipuã 1	Rio Sapucaí-Mirim	23K 188826 7743956	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 30 fragmentos cerâmicos em superfície, os quais não apresentaram características claramente associadas a nenhuma das tradições arqueológicas estabelecidas	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Monjolinho, Municípios de Ipuã e Ituverava, Estado de São Paulo	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
138	Ipuã	SP01080	Ipuã 2	Rio Sapucaí-Mirim	23K 190447 7743503	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 30 fragmentos cerâmicos em superfície, os quais não apresentaram características claramente associadas a nenhuma das tradições arqueológicas estabelecidas	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Monjolinho, Municípios de Ipuã e Ituverava, Estado de São Paulo	
139	Ipuã	SP01152	Ipuã 3	Rio Sapucaí-Mirim	22K 804218 7751191	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 20 fragmentos cerâmicos e líticos em superfície, os vestígios encontram-se distribuídos em meia vertente a 170 metros do rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Sebastião, Municípios de Guairá, Miguelópolis e Ipuã, Estado de São Paulo	
140	Ipuã	SP01181	Ipuã 4	Rio Sapucaí-Mirim	22K 804156 7751782	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 10 fragmentos cerâmicos e líticos em superfície, os vestígios encontram-se distribuídos em meia vertente a 210 metros do rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Sebastião, Municípios de Guairá, Miguelópolis e Ipuã, Estado de São Paulo	
141	Ipuã	SP01153	Ipuã 5	Rio Sapucaí-Mirim	22K 806619 7747347	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 150 fragmentos cerâmicos e líticos em superfície, os vestígios encontram-se distribuídos em meia vertente a 100 metros do rio Sapucaí-Mirim e 400 metros do Córrego Lambari	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Sebastião, Municípios de Guairá, Miguelópolis e Ipuã, Estado de São Paulo	
	Itirapuã								
142	Ituverava	SP01144	Ituverava 1	Rio Sapucaí-Mirim	23K 194775 7742700	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 40 fragmentos cerâmicos e líticos em superfície, os quais não apresentaram características claramente associadas a nenhuma das tradições arqueológicas estabelecidas	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Monjolinho, Municípios de Ipuã e Ituverava, Estado de São Paulo	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
143	Ituverava	SP01145	Ituverava 2	Rio Sapucaí-Mirim	23K 194125 7744866	Sítio cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 40 fragmentos cerâmicos em superfície, os quais não apresentaram características claramente associadas a nenhuma das tradições arqueológicas estabelecida	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Monjolinho, Municípios de Ipuã e Ituverava, Estado de São Paulo	
144	Ituverava	SP01146	Ituverava 3	Rio Sapucaí-Mirim	23K 193757 7745079	Sítio cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 40 fragmentos cerâmicos em superfície, os quais não apresentaram características claramente associadas a nenhuma das tradições arqueológicas estabelecida	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Monjolinho, Municípios de Ipuã e Ituverava, Estado de São Paulo	
145	Ituverava	SP01066	Jeriquara	Contributário direito do Rio do Carmo	23K 222609 7745862	Sítio cerâmico indígena pré-colonial localizado na porção de topo e meia-encosta de colina, distanciando-se cerca de 350 m da margem esquerda (ou norte) de um córrego contributário direito do Rio do Carmo	Sem definição	Avaliação arqueológica rápida (AAR)/ vistoria Não interventiva. Novas Áreas de Expansão de Lavoura (Complemento de RAP), Usina Buriti Irmãos Biagi S/A - Açúcar e Alcool	
146	Ituverava		Santa Cruz do Capivari		23K 218316 7749025	Sítio histórico caracterizado por concentração de fragmentos de faiança fina, vidros, telhas coloniais e metais dispersos em superfície provavelmente de uma estrutura do início do século XX	Histórico	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - Relatório final/ 2012	
147	Ituverava		Floresta		23K 218630 7749575	Sítio cerâmico pré-colonial e histórico caracterizado por fragmento de cerâmica em superfície e subsuperfície, e por vestígios de edificação com embasamento de pedra canga, provavelmente do início do século XX	Sem definição e Histórico	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - Relatório final/ 2012	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
148	Ituverava		Capivari da Mata		23K 220091 7747044	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto caracterizado por fragmentos cerâmicos dispersos em superfície	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - Relatório final/ 2012	
149	Jaborandi		São Luís	Rio do Carmo	23K 228000 7747580	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto caracterizado por área de concentração de fragmentos cerâmicos dispersos em superfície	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - Relatório final/ 2012	
	Jales								
150	Jeriquara		Aroeira	Rio do Carmo	23K 227990 7747500	Sítio histórico do início do século XX, é caracterizado por uma área de concentração de fragmentos de faiança fina, vidros, telhas coloniais e sílex possivelmente usado como pederneira	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - Relatório final/ 2012	
151	Jeriquara		Mangueira	Rio do Carmo	23K 230370 7746610	Sítio histórico caracterizado por vestígios edificação, possivelmente do início do século XX. Sobre a superfície há vestígios de embasamento de pedra e área de concentração de fragmentos de faiança fina, vidros, telhas coloniais e metais dispersos	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - Relatório final/ 2012	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
152	Jeriquara		Abacate	Rio do Carmo	23K 231270 7746070	Sítio histórico caracterizado por uma vasta área de concentração de fragmentos de faiança fina, vidros, material construtivo, plásticos e metais dispersos em superfície provavelmente de uma estrutura do início do século XX	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - RELATÓRIO FINAL / 2012	
153	Jeriquara		São Paulo	Rio do Carmo	23K 228980 7746820	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto caracterizado por fragmentos cerâmicos dispersos em superfície	Sem definição	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - Relatório final/ 2012	
154	Jeriquara		Pimenta	Rio do Carmo	23K 228340 7746300	Sítio histórico caracterizado por uma área de concentração de fragmentos de faiança fina, louça branca, vidros e telhas coloniais dispersos em superfície	Histórico	Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Etapa de Levantamento Prospectivo, Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Ações Educativas Preliminares - Usina Buriti – Pedra Agroindustrial S/A - Relatório final/ 2012	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
155	Jeriquara		Jeriquara		23K 222464 7745793	<p>Zanettini Arqueologia (2007): É caracterizado por materiais líticos e cerâmicos espalhados por uma área de 230 x 200 m, com eixos respectivamente orientados NE-SW e NW-SE, O terreno encontra-se recortado por carreadores e curvas de nível com plantio de cana ainda baixa, o que permitiu boa visibilidade do terreno. O material cerâmico é caracterizado por fragmentos de vasilhames grandes a pequenos, com espessuras de 5 a 25 mm, com antiplástico de caco moído ou bolotas de argila, ocorrem alguns exemplares com vestígios de engobo branco erodido. Ocorriam de modo concentrado em um ponto, fragmentos cerâmicos pertencentes a um mesmo vasilhame, um indicativo que, a aragem deste terreno é uma atividade bem recente, visto os fragmentos não terem sido dispersos. O material lítico é caracterizado por grandes lascas de arenito silicificado, algumas retocadas no bordo ativo à guisa de raspadores, ocorreu uma peça de aspecto plano convexo; havia lascas menores e estilhas de silexito e quartzo. Entre os artefatos brutos destacaram-se bigornas de basalto e um abrasador plano de arenito. Ocorreu um artefato polido de basalto, quiçá uma lâmina de machado em elaboração. Aparentemente o material cerâmico lembra a Tradição Tupiguarani ou</p>	Aratu/Tupiguarani	<p>Avaliação arqueológica rápida (AAR)/ vistoria Não interventiva. Novas Áreas de Expansão de Lavoura (Complemento de RAP), Usina Buriti Irmãos Biagi S/A - Açúcar e Alcool</p>	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						Sistema Regional Tupi, porém, é importante avaliar a possibilidade do sítio conter indícios que, o associem as outras indústrias ceramistas já consagradas em literatura arqueológica, visto que alguns fragmentos cerâmicos lembram a Tradição Aratu (fragmentos de bordas inclinadas internamente, pertencentes a vasilhames globulares, além de um fragmento de alça). Neste caso, o sítio pode pertencer a um período de integração entre grupos ceramistas diferenciados			
	Macedônia								
156	Meridiano		Meridiano	São José dos Dourados	22K 585503 7741480	Sítio lito-cerâmico tupi: 40 peças líticas lascadas, 01 peça lítica polida (tembetá em quartzo polido) e 830 fragmentos de cerâmica	Tupiguarani	Faccio, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.	380 ± 75 TL Laboratório de Datação, Comércios e Serviços Ltda.
	Mesópolis								
157	Miguelópolis	SP01081	Miguelópolis	Rio Sapucaí-Mirim	22K 798123 7756641	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 20 fragmentos cerâmicos em superfície, as peças encontravam-se distribuídas em meia encosta a cerca de 120 m do rio Sapucaí-Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Sebastião, Municípios de Guairá, Miguelópolis e Ipuã, Estado de São Paulo	
158	Miguelópolis	SP01082	Cafundó	Córrego Cafundó	22K 801598 7752793	Sítio cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 20 fragmentos cerâmicos em superfície, as evidências encontram-se em topo e meia encosta a cerca de 250m do rio	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH São Sebastião, Municípios de Guairá, Miguelópolis e	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						Sapuçaí-Mirim e do Córrego do Cafundó		Ipuã, Estado de São Paulo	
159	Miguelópolis		Capão Escuro	Córrego Sem Nome	22K 800056 7761245	Sítio lito-cerâmico com baixa densidade artefactual, localizado em média vertente.	Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	460 ± 75 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
160	Miguelópolis		Santana do Figueirão	Rio Grande	22K 788702 7769559	Sítio lítico com alta frequência de arenito silicificado lascado e instrumentos formais, conhecidos na literatura como plano-convexos ou lesmas - sobre suportes de seixo ou lascas unipolares	Lítico	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	
161	Miguelópolis		Santana do Figueirão 2	Rio Grande	22K 787753 7769372	Sítio lítico que parece estar associado ao Santana do Figueirão, mesmo padrão artefactual	Lítico	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	
162	Miguelópolis		Água Azul	Rio Grande	22K 774472 7772086	Sítio em palimpsesto multicomponencial. Alta frequência de arenito silicificado e sílexito, presença de instrumentos formais plano-convexos	Lítico e Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp, Presidente Prudente, SP. 264p.	
163	Miguelópolis		Água Azul 2	Rio Grande	22K 774401 7770211	Sítio em palimpsesto multicomponencial. Indústria lítica reduzida, com presença predominante de arenito silicificado e quartzo, instrumentos expeditos manufaturados sobre	Lítico e Aratu	Luz Zago, J.A.R. Arqueologia da Paisagem: Estudo de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado de São Paulo. Tese. Geografia FCT Unesp,	465 ± 65 (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						suportes de seixo, especialmente		Presidente Prudente, SP. 264p.	
164	Mira Estrela		Aroeira	Rio Grande	22K 589052 7796544	Sítio Lito-cerâmico	Sem definição	AES Tietê	
	Mirassol								
	Mirassolândia								
165	Monte Alto	SP00321	Água Limpa	Córrego Água Limpa	22K 754021 7645322	Sítio lito-cerâmico colinar a céu aberto. Localizado entre 3 minifúndios, sítio Lito-Cerâmico colinar a céu aberto. Ficha MAE de cadastro de sítio, muito antiga sem muitas informações. (sítio já existente, anterior a pesquisa); Dissertação (mestrado), Bélo (2007): foram encontrados sepultamentos no sítio associados a rituais funerários. Quatro deles foram datados indo de 1342 ± 201 a 725 ± 121 anos AP; Dissertação (mestrado), Fernandes (2001): O sítio foi localizado em 1992, durante prospecções. Em 1993, a profa. Márcia Angelina Alves (MAE) criou o "Projeto Turvo", com vistas a explorar o potencial arqueológico do vale do rio Turvo. O apoio da prefeitura municipal de Monte Alto levou à criação do Museu Municipal de Arqueologia de Monte Alto, onde se desenvolvem várias atividades junto à comunidade. Assim, o projeto adquiriu um caráter a mais: o da arqueologia social	Aratu	Projeto de pesquisa arqueológica "Turvo"; Estudo tecnológico das cadeias operatórias da cultura material lítica e cerâmica, coletada nos anos 1995, 1996 e 2000, no sítio Água Limpa, município de Monte Alto, SP. Dissertação (mestrado); Estudo tecnopológico da cultura material das populações pré-históricas do Vale do Rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a tradição Aratu-Sapucai. Dissertação (Mestrado)	TL na USP: na Zona 1, as datas vão de 1524 +- 212 a 460 +- 50 anos AP. A média das 10 datas seria 1035 +-148 anos AP

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
166	Monte Alto	SP00319	Anhumas	Córrego Anhumas	21°15'40" 48°29'47"	Sítio lito-cerâmico colinar a céu aberto	Sem definição	Projeto de pesquisa Arqueológica "Turvo". Estudo de populações pré-coloniais no município de Monte alto	
167	Monte Alto	SP00320	Anhumas 2	Córrego Anhumas		Sítio lito-cerâmico colinar a céu aberto	Sem definição	Projeto de pesquisa Arqueológica "Turvo". Estudo de populações pré-coloniais no município de Monte alto	
168	Monte Alto	SP01122	Monte Alto 1	Córrego Sem Nome	22K 743679 7651567	Sítio lito-cerâmico pré-colonial a céu aberto	Sem definição	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
169	Monte Alto	SP01123	Monte Alto 2	Ribeirão da Onça	22K 742633 7651126	Sítio lítico a céu aberto	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
170	Monte Alto	SP01124	Monte Alto 3	Ribeirão da Onça	22K 739274 7651970	Sítio lítico a céu aberto	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
171	Monte Alto	SP01125	Monte Alto 4	Córrego Sem Nome	22K 740246 7652440	Sítio Histórico - Séc. XIX (?)	Histórico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
	Monte Azul Paulista								
172	Morro Agudo		Morro Agudo 1	Ribeirão do Agudo	22K 805244 7702005	Sítio cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
173	Morro Agudo		Morro Agudo 2	Ribeirão do Agudo	22K 801186 7701769	Sítio lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
174	Morro Agudo		Morro Agudo 3	Ribeirão do Agudo	22K 801468 7701957	Sítio cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
								Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
175	Morro Agudo		Morro Agudo 4	Ribeirão do Agudo	22K 799778 7701531	Sítio lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
176	Morro Agudo		Pontal 4	Córrego das Pedras	22K 796037 7688421	Sítio lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
177	Morro Agudo		Santo Inácio 1	Córrego Santo Inácio	22K 787062 7717767	Sítio lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
178	Morro Agudo		Santo Inácio 2	Córrego Santo Inácio	22K 787474 7717953	Sítio cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa de Prospecções Arqueológicas - Área de ampliação do plantio de cana-de-açúcar do empreendimento Usina Bela Vista, região de Pontal, estado de São Paulo - Relatório Final	
	Nova Granada								
	Novais								

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
179	Nuporanga	SP01083	Sarandi	Rio Sapucaí-Mirim	23K 211593 7720112	Sítio lítico pré-colonial. Foram identificadas cerca de 30 peças líticas em topo e meia encosta a cerca de 80 metros do rio Sapucaí-Mirim	Lítico	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Santa Rita, Municípios de Guará, Bela Vista e Nuporanga, Estado de São Paulo	
180	Nuporanga	SP01084	Nuporanga	Rio Sapucaí-Mirim	23K 213335 7720063	Sítio lítico pré-colonial. Foram identificadas cerca de 15 peças líticas em meia encosta a cerca de 120 metros do rio Sapucaí-Mirim	Lítico	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Santa Rita, Municípios de Guará, Bela Vista e Nuporanga, Estado de São Paulo	
181	Olímpia	SP00445	Cemitério Maranata	Córrego Olhos D'Água	22K 718394 7703283	Sítio cemitério - quatro urnas funerárias evidenciadas por trabalho de trator. Na ficha da Iphan a tradição aparece como Tupiguarani	Aratu/Uru	Prospecção Arqueológica no Sítio Maranata	
182	Olímpia	SP01154	Olímpia 1	Córrego da Olaria	22K 698947 7715296	Sítio lito-cerâmico implantado em meia encosta a cerca de 150 metros do Córrego da Olaria	Aratu/Uru	Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III)	
183	Olímpia	SP01155	Olímpia 2	Córrego da Olaria	22K 699009 7715020	Sítio lítico implantado em meia encosta a cerca de 100 metros do Córrego da Olaria	Sem definição	Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III)	
184	Olímpia	SP01156	Olímpia 3	Córrego Sem Nome	22K 699065 7716409	Sítio cerâmico implantado em meia encosta a cerca de 170 metros de córrego afluente do Córrego da Olaria	Tupiguarani	Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III)	
185	Olímpia	SP01157	Olímpia 4	Córrego do Paiolinho	22K 700533 7717054	Sítio lito-cerâmico implantado em meia encosta em área onde se dá o encaixe de contributário esquerdo do Córrego do Paiolinho, distando deste último cerca de 140 metros. O material cerâmico apresenta	Tupiguarani	Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III)	340 ± 80 (TL)

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						características da Tradição Tupiguarani			
186	Olímpia	SP01158	Olímpia 5	Córrego do Paiolinho	22K 701968 7716272	Sítio lítico implantado em topo de vertente, a 300 metros do Córrego do Paiolinho. Foi encontrado apenas um fragmento cerâmico	Aratu/Uru	Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III)	
187	Olímpia	SP01159	Olímpia 6	Córrego do Paiolinho	22K 702543 7715147	Sítio cerâmico implantado em média e baixa vertente a 150 metros do Córrego do Paiolinho, o material lítico é representado apenas por uma lasca	Aratu	Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III)	
188	Olímpia	SP01160	Olímpia 7	Córrego Sem Nome	22K 700871 7715882	Sítio lito-cerâmico implantado em meia encosta a cerca de 120 metros de contributário esquerdo do Córrego do Paiolinho, distando deste último cerca de 750 metros. O material cerâmico apresenta características da denominada Tradição Uru	Aratu/Uru	Programa de Diagnóstico Arqueológico Usina Guarani S/A - Açúcar e Alcool (Usina Cruz Alta - Unidade III)	360 ± 80 (TL) 490 ± 110 (TL)
189	Olímpia	SP01184	RPMA 2	Córrego Sem Nome	22 K 722967 7716551	O Sítio é caracterizado pela presença de uma estrutura de moradia histórica, que provavelmente é uma das primeiras habitações do período histórico na região	Histórico	Projeto de Prospeção Arqueológica LT 500kW RPTE	
190	Olímpia	SP01230	Rio Cachoeirinha 1	Córrego da Turquia ou Pereira	22K 720757 7713811	Sítio multicomponencial lito-cerâmico a céu aberto e histórico	Sem definição e Histórico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos. Etapa de Prospeções Interventivas e Extensivas nas Áreas de Expansão Canaveira da Unidade Severínia	
191	Olímpia	SP01231	Rio Cachoeirinha 2	Córrego dos Pretos	22K 720718 7707887	Sítio arqueológico lito-cerâmico a céu aberto	Sem definição	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos. Etapa de Prospeções Interventivas e Extensivas nas Áreas de Expansão Canaveira da Unidade Severínia	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
192	Olímpia	SP01218	Limoeiro	Córrego sem nome	22K 720436 7724263	Sítio lito-cerâmico pré-colonial e histórico situado a 150 metros de afluente na margem direita do córrego Limoeiro em meia encosta de colina apresentando média/alta dissecação	Sem definição e Histórico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Unidade Industrial Cruz Alta	
	Onda Verde								
193	Orindiúva		Porto Velho 1	Rio Grande	22K 682020 7760081	Sítio lito-cerâmico com baixa densidade artefactual. O Sítio Arqueológico Porto Velho I apresentou em sua coleção: 39 fragmentos de cerâmica, um lítico lascado e um lítico polido	Aratu	Pereira, D.L.T. Arqueologia da Paisagem aplicada ao Estudo dos Sítios Arqueológicos na Bacia do Rio Turvo-Grande, Região Norte do Estado de São Paulo, Tese, MAE USP, São Paulo, SP 2018, 218p.	
194	Orlândia		Porto Velho 2	Rio Grande	22K 681017 7762268	Sítio lito-cerâmico com baixa densidade artefactual. O Sítio Arqueológico Porto Velho I apresentou em sua coleção: 30 fragmentos de cerâmica, um lítico lascado e um lítico polido	Aratu	Pereira, D.L.T. Arqueologia da Paisagem aplicada ao Estudo dos Sítios Arqueológicos na Bacia do Rio Turvo-Grande, Região Norte do Estado de São Paulo, Tese, MAE USP, São Paulo, SP 2018, 218p.	
195	Ouroeste	SP00554	Cachoeirinha do Veloso	Rio Santa Rita	22K 557240 7797372	Terreno localizado em Planície de inundação, próximo ao Rio Santa Rita, sítio oficina lítica, unicomponental, encontrados estruturas de lascamento. Terreno de propriedade privada, agricultura mecanizada	Lítico	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR)	
196	Ouroeste	SP00555	Cachoeira da Jandaia	Rio Formoso	22K 569085 7799664	Oficina lítica com baixa densidade de material, lascamento rudimentar em basalto e arenito, em volta de afloramentos e matações na mata ciliar e pasto próximos à cachoeira	Lítico	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR)	
197	Ouroeste	SP00561	Água Vermelha 1 / UHE Água Vermelha	Rio Grande	22K 566801 7803980	Cemitério a céu aberto. Ocorrência de sepultamentos (material ósseo, humano e animal) e material lítico lascado e cerâmico	Tupiguarani/Uru	Programa Arqueológico Água Vermelha/ Salvamento arqueológico do Sítio Água Vermelha	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
198	Ouroeste	SP00562	Água Vermelha 2	Rio Grande	22K 567325 7802213	Sítio lito-cerâmico a céu aberto (aldeia de grupos ceramistas)	Aratu	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR). Programa Arqueológico Água Vermelha/ Salvamento arqueológico do Sítio Água Vermelha	700 ± 70 A.P. 1010 - 50 A.P. Beta Analytic C14
199	Ouroeste	SP00558	Limoeiro	Rio Limoeiro	22K 559111 7808185	Sítio cerâmico a céu aberto associado à mancha de Bacuri (provável fitoindicador). Sítio cerâmico unicomponencial de habitação localizado à meia encosta, próximo ao Rio Limoeiro. hoje há estruturas de fazenda no local (pasto, plantio), terra privada	Sem definição	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR)	
200	Ouroeste	SP00557	Olaria	Córrego do Cavalo	22K 561321 7807962	Sítio cerâmico a céu aberto, associado à mancha de Bacuri (arredondada); baixa densidade de material. Com lítico lascado e quartzo	Sem definição	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR)	
201	Ouroeste	SP00556	Pasto da Seva do Piau	Rio Grande	22K 560891 7809900	Sítio lito-cerâmico a céu aberto - c/ presença de quartzo - distribuição de material linear - baixa densidade - s/ estratigrafia - residual	Sem definição	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR)	
202	Ouroeste	SP00563	Água Vermelha 3	Rio Grande	22K 567190 7803366	Sítio lítico a céu aberto. Ocorrência de fogueira c/ argila queimada	Lítico	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR). Programa Arqueológico Água Vermelha/ Salvamento arqueológico do Sítio Água Vermelha	9.000 - 3.300 BP C-14

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
203	Ouroeste	SP00564	Água Vermelha 4	Rio Grande	22K 566586 7803814	Sítio multicomponential lítico e cerâmico. Terreno de propriedade da AES Tietê - S.A., Área bastante ocupada (casa, roças), sítio lítico, multicomponential, foram escavados cerca de 7 m², foram encontrados artefatos lascados, percutores, fragmentos e núcleos. Sítio localizado em meia encosta de pequena colina, próximo ao Rio Grande, margem esquerda	Lítico e Sem definição	Preservação e Pesquisa em Ouroeste-SP. Levantamento de Patrimônio Arqueológico. 15 a 25 de outubro de 1997. (Relatório Técnico, arq. 9ª CR). Programa Arqueológico Água Vermelha/ Salvamento arqueológico do Sítio Água Vermelha	
205	Palestina		Córrego do Mangue	Córrego do Mangue	22K 651937 7740769	Sítio lítico em meia encosta de colina suave recortada por curvas de nível e leiras de plantio de cana	Lítico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos. Programa de Prospecções Arqueológicas, Usina Tanabi Ltda	
206	Palmares Paulista	SP01050	Palmares Paulista 1	Córrego do Laranjal	22K 722011 7667753	Sítio lito-cerâmico pré-colonial a céu aberto	Sem definição	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
	Paraíso								
	Paranapuã								
	Parisi								
207	Patrocínio Paulista	SP01085	Patrocínio Paulista 1	Córrego Sem Nome	23K 247891 7700975	Sítio cerâmico pré-colonial. Foram identificados fragmentos cerâmicos em superfície de topo e meia encosta a cerca de 60 metros de córrego sem nome e a 600m do rio Sapucaí Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo) PCH Sapucaí, Municípios de Patrocínio Paulista, Batatais e Altinópolis, Estado de São Paulo	
208	Patrocínio Paulista	SP01086	Patrocínio Paulista 2	Rio Sapucaí-Mirim	23K 246877 7699035	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificadas cerca de 40 peças entre cerâmicas e líticos lascados em superfície de meia encosta a cerca de 190 metros do rio Sapucaí Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo) PCH Sapucaí, Municípios de Patrocínio Paulista, Batatais e Altinópolis, Estado de São Paulo	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
209	Patrocínio Paulista		RPES 4		23K 258553 7722475	Presença de lascas e grandes núcleos de arenito. Área do sítio: 438m2.	Lítico	Projeto de Salvamento arqueológico, monitoramento arqueológico e educação patrimonial da área abrangida pelas linhas de transmissão 500 kV Ribeirão Preto - Poços de Caldas e Ribeirão Preto - Estreito - Jaguará (SP-MG)	
210	Paulo de Faria		Jacu 1	Rio Grande	22K 647173 7795553	Sítio localizado em baixa vertente de ampla colina que tem base suave e declividade mais acentuada em sua alta vertente até o topo. Área total de 40 x 35 metros de baixa densidade	Lítico	Monitoramento UHE Água Vermelha	
211	Paulo de Faria		Barra de Ouro	Córrego da Mandioca	22K 677017 7774666	Sítio lito-cerâmico de baixa densidade artefactual. O Sítio Arqueológico Barra de Ouro apresentou em sua coleção: dois fragmentos de cerâmica, 68 líticos lascados e um lítico polido	Sem definição	Pereira, D.L.T. Arqueologia da Paisagem aplicada ao Estudo dos Sítios Arqueológicos na Bacia do Rio Turvo-Grande, Região Norte do Estado de São Paulo, Tese, MAE USP, São Paulo, SP 2018, 218p.	
212	Paulo de Faria		Santa Filomena	Turvo	22K 655944/7765188	Sítio histórico. 01 moeda de cobre com padrão monetário em Réis, 125 fragmentos de materiais vítreos e 08 fragmentos de cerâmica contemporânea	Histórico	Pereira, D.L.T. Arqueologia da Paisagem aplicada ao Estudo dos Sítios Arqueológicos na Bacia do Rio Turvo-Grande, Região Norte do Estado de São Paulo, Tese, MAE USP, São Paulo, SP 2018, 218p.	
213	Paulo de Faria		Baixadão	Córrego Pouso Alegre	22K 653053 779243	Sítio cerâmico. Foram coletados apenas seis fragmentos. Todas as peças possuem manufatura roletada e antiplástico majoritariamente mineral (grãos de quartzo), com a presença minoritária de hematita. Dentre as bordas, duas chamaram a atenção por serem diagnósticas. A primeira possui decoração plástica externa na forma de uma linha incisa paralela	Aratu	Penin, A.; De Blasis, P.A. Sítio Baixadão: um novo sítio Aratu no norte paulista. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 449-453, 2005-2006	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						à borda; a segunda corresponde à "forma dupla", fragmento de uma pequena tigela geminada para provável uso cerimonial bastante característico da chamada Tradição Aratu			
214	Pedranópolis	SP01051	Marinheiro	Ribeirão Marinheiro	22K 601269 7767628	Sítio ceramista localizado em meia encosta e base de vertente adjacente ao córrego do Marinheiro	Aratu	ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Programa de Prospeções e Resgate Arqueológico - Área destinada à instalação de planta industrial da Usina Guarani S/A, Unidade Pedranópolis, 2007.	1100 ± 150 A.P. (TL), 930 ± 40 A.P. C14
215	Pedranópolis		Marinheiro 1	Ribeirão Marinheiro	22K 600321 7776402	Sítio Lito-cerâmico	Sem definição	AES Tietê	
	Pedregulho								
216	Pindorama		Pindorama		22K 714160 7655964	Sítio Multicomponencial pré-histórico cerâmico com vestígios superficiais e esparsos, e histórico com 11 edificações e estruturas anexas (vinculadas ao ciclo do café, fim do séc. XIX até 1950) localizado em base de vertente à 100m do córrego da lagoa, hoje há atividade agrícola na Área	Sem definição e Histórico	RAP - Aterro de Resíduos Sólidos Industriais Pindorama	
217	Pirangi	SP01199	Pirangi 1	Córrego Figueira ou Barrinha	22K 742779 7660192	Sítio lito-cerâmico pré-colonial em topo de colina	Sem definição	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
218	Pirangi	SP01200	Pirangi 2	Córrego Figueira ou Barrinha	22K 742649 7660504	Sítio lítico pré-colonial em baixa colina	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
219	Pirangi	SP01198	Pirangi 3	Rio Turvo/Grande	22K 750097 7669304	Sítio lito-cerâmico pré-colonial a céu aberto associado à Tradição Tupiguarani	Tupiguarani	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
220	Pontes Gestal		Turvo 3	Rio Turvo/Grande	22K 631202 7776178	O sítio está posicionado à margem esquerda do Rio Turvo, a 100 metros da água e próximo ao Córrego da Onça. O relevo dessa área é suavemente inclinado e os artefatos estão localizados em baixa vertente, próximo a planície aluvial ou área de inundação do Rio Turvo	Aratu/Tupiguarani	Relatório do Resgate Arqueológico e do Programa de Educação Patrimonial Usina Guariroba, Pontes Gestal, SP.	740 ± 95 A.P. (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
221	Pontes Gestal		Turvo 4	Córrego da Onça	22K 631006 7775612	O sítio está localizado à margem esquerda do Córrego da Onça, muito próximo a água (20 metros) em baixa vertente, distante 300 metros do Sítio Turvo III. O material arqueológico estava espalhado entre as plantas de cana-de-açúcar	Aratu/Tupiguarani	Relatório do Resgate Arqueológico e do Programa de Educação Patrimonial Usina Guariroba, Pontes Gestal, SP.	375 ± 40 A.P. (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
222	Pontes Gestal		Turvo 5-A	Córrego do Anil	22K 631770 7774403	O Sítio Turvo V-A está localizado na margem direita do Córrego do Anil, distante cerca de 800 metros do seu encontro com o Rio Turvo. O sítio está numa colina ampla de vertente levemente acentuada e topo aplainado e fica localizado na baixa vertente. A princípio, acreditávamos que o material arqueológico presente na margem direita do córrego do Anil fizesse parte do Sítio Arqueológico Turvo V-B. Com os resultados da datação por termoluminescência verificou-se que as áreas se tratavam de sítios diferentes, por isso denominamos a área a direita do córrego do Anil de Sítio Arqueológico Turvo V-A	Aratu/Tupiguarani	Relatório do Resgate Arqueológico e do Programa de Educação Patrimonial Usina Guariroba, Pontes Gestal, SP.	375 ± 40 A.P. (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
223	Pontes Gestal		Turvo 5-B	Córrego do Anil	22K 632070 7774898	O Sítio Turvo V-B está localizado na margem esquerda do Córrego do Anil, distante cerca de 800 metros do seu encontro com o Rio Turvo. O sítio está numa colina ampla de vertente levemente acentuada e topo aplainado e fica localizado na baixa vertente	Aratu/Tupiguarani	Relatório do Resgate Arqueológico e do Programa de Educação Patrimonial Usina Guariroba, Pontes Gestal, SP.	600 ± 100 A.P. (TL) Datação Comércio e Prestação de Serviços, Ltda.
224	Populina	SP01252	Populina		22K 554499 7804974	Sítio cerâmico a céu aberto, com ocorrência também de material lítico	Sem definição	Prospecção e Salvamento na LT 600kV Porto Velho/RO-Araraquara/SP N2	
	Restinga								
	Ribeirão Corrente								
225	Rifaina	SP01016	Rio Branco	Córrego do Boqueirão	23K 237827 7786592	Dista 1750m a sul da margem esquerda do Rio Grande e 300m a sudeste do córrego do Boqueirão. O sítio é constituído por duas áreas com cerâmica localizadas nas porções mediana e inferior de uma vertente longa e suave	Aratu	UHE Igarapava Projeto Básico - Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
226	Rifaina		JAES 1		23K 245142 7785734	Lascas e micro lascas de quartzo, quartzito e sílex. Área do sítio: 59.605m2	Lítico	Projeto de Salvamento arqueológico, monitoramento arqueológico e educação patrimonial da área abrangida pelas linhas de transmissão 500 kV Ribeirão Preto - Poços de Caldas e Ribeirão Preto - Estreito - Jaguará (SP-MG)	
227	Riolândia		Córrego do Balsámo	Córrego do Balsámo	22K 643309 7794761	Sítio Cerâmico	Sem definição	Monitoramento UHE Água Vermelha	
228	Riolândia		Jacu 2	Rio Grande	22K 644747 7795461	Sítio Cerâmico	Aratu	Monitoramento UHE Água Vermelha	
229	Riolândia		Jacu 3	Rio Grande	22K 645107 7795434	Sítio Cerâmico	Sem definição	Monitoramento UHE Água Vermelha	
230	Riolândia		Jacu 4	Rio Grande	22K 644163 7795451	Sítio Cerâmico	Sem definição	Monitoramento UHE Água Vermelha	
231	Riolândia		Turvo	Rio Turvo	22K 623931 7780695	Sítio Cerâmico	Aratu	Monitoramento UHE Água Vermelha	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
	Santa Adélia								
	Santa Albertina								
	Santa Clara d'Oeste								
	Santa Rita d'Oeste								
	Santo Antônio da Alegria								
	São Joaquim da Barra								
232	São José da Bela Vista	SP01093	Salgado 1	Córrego do Salgado	23K 218316 7719587	Sítio lito-cerâmico pré-colonial. Foram identificadas cerca de 20 peças em superfície, em topo de vertente distante cerca de 90 metros do Córrego do Salgado e 2 km do rio Sapucaí Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Santa Rita, Municípios de Guará, Bela Vista e Nuporanga, Estado de São Paulo	
233	São José da Bela Vista	SP01094	Salgado 2	Córrego do Salgado	23K 218475 7719648	Sítio cerâmico pré-colonial. Foram identificados cerca de 20 fragmentos cerâmicos em superfície, em meia encosta distante cerca de 80 metros do Córrego do Salgado e 2 km do rio Sapucaí Mirim	Sem definição	Avaliação Arqueológica Rápida/ AAR (Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo), PCH Santa Rita, Municípios de Guará, Bela Vista e Nuporanga, Estado de São Paulo	
234	São José do Rio Preto		Barro Preto				Aratu	SCIENTIA CONSULTORIA. Diagnóstico Arqueológico e Histórico Cultural: Área de Ampliação do Processo Produtivo Industrial e Agrícola da Companhia Energética São José, Colina, SP. 2006.	
235	São José do Rio Preto		Boiadeira				Aratu	SCIENTIA CONSULTORIA. Diagnóstico Arqueológico e Histórico Cultural: Área de Ampliação do Processo Produtivo Industrial e Agrícola da Companhia Energética	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
								São José, Colina, SP. 2006.	
236	São José do Rio Preto		Cipó				Aratu		
237	São José do Rio Preto		Santo Antônio				Aratu		
238	Severinia	SP01229	Pimenta	Córrego do Baixão	22K 727651 7701433	Sítio arqueológico lito-cerâmico pré-colonial situado em meia encosta na margem esquerda do córrego do Baixão, na bacia do Rio Grande	Sem definição	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Unidade Industrial Severinia.	
	Tabapuã								
239	Taiacu	SP01097	Taiacu 1	Rio Turvo/Grande	22K 761760 7656895	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto	Sem definição	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
240	Taiacu	SP01098	Taiacu 2	Rio Turvo/Grande	22K 755401 7666005	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
	Taiúva								
241	Tanabi			Fazenda Nova 1	22K 639847 7747595	Sítio Lítico	Lítico	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Tanabi Ltda.	
242	Tanabi			Fazenda Nova 2	22K 641516 7748935	Sítio cerâmico	Tupiguarani	Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Programa de Prospecções Arqueológicas Usina Tanabi Ltda.	
	Terra Roxa								
	Turmalina								
	Uchôa								
	Urânia								

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
243	Valentim Gentil		Ararinha	São José dos Dourados	22K 591071 7743763	Sítio lito-cerâmico tupi: 314 fragmentos de cerâmica e 63 peças líticas lascadas	Tupiguarani	Faccio, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.	175 ± 30 TL. Laboratório de Datação, Comércio e Serviços Ltda.
244	Valentim Gentil		Santa Cruz	São José dos Dourados	22K 587006 7740463	Tupiguarani (pintado e corrugado) e Uru (cariapé)	Tupiguarani/Uru	Faccio, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.	205 ± 25 TL. Laboratório de Datação, Comércio e Serviços Ltda.
245	Valentim Gentil		Viradouro	São José dos Dourados	22K 588117 7732705	Sítio lito-cerâmico tupi: 447 fragmentos cerâmicos e 26 peças líticas lascadas	Tupiguarani	Faccio, N.B. Relatório de Resgate. Sítios Usina UNP, 2011.	265 ± 45 TL. Laboratório de Datação, Comércio e Serviços Ltda.
	Viradouro								
246	Vista Alegre do Alto	SP01034	Córrego do Queiroz	Córrego do Queiroz	22K 740894 7657008	Sítio histórico associado a uma colônia de fazendo do segundo quartel do século XX. Zanettini Arqueologia (2006): O local é caracterizado por uma meia encosta de declive suave ocupada por plantio de cana (ainda baixa na ocasião da vistoria), recortada por curvas de nível e leiras de arado recentes. Este sítio distanciava-se 170 m a SE de uma ocorrência pré-colonial lítica, a qual foi classificada durante a vistoria como OC-02	Histórico	Avaliação Arqueológica Rápida / AAR (Vistoria Não Interventiva) - Subestação e Linha de Subtransmissão de 69 kV - Nardini Agroindustrial Ltda	
247	Vista Alegre do Alto	SP01099	Vista Alegre do Alto 1	Córrego Sem Nome	22K 740778 7657394	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	
248	Vista Alegre do Alto	SP01100	Vista Alegre do Alto 2	Córrego Sem Nome	22K 740392 7659413	Sítio lítico pré-colonial a céu aberto	Lítico	Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos Nardini	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / SP	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
	Vitória Brasil								
	Votuporanga								

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
	Água Comprida								
	Campina Verde								
	Campo Florido								
	Carneirinho								
	Comendador Gomes								
	Conceição das Alagoas								
249	Conquista	MG0039 2	Ribalta	Córrego do Funil	23K 214500 7790250	Foram encontrados fragmentos cerâmicos e um machado polido no local onde foram feitas escavações para a construção de quatro silos subterrâneos, próximo à sede	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
250	Conquista	MG0039 4	Santa Cecília	Córrego do Funil		O sítio corresponde a duas concentrações de fragmentos cerâmicos, que distam 300m entre si. Na área intermediária, onde hoje é o pomar, o proprietário disse ter encontrado também vários fragmentos	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
251	Conquista	MG0039 3	Santo Inácio	Córrego Sem Nome	23K 214800 7789500	O sítio corresponde a 3 concentrações de fragmentos cerâmicos localizados dentro de 2 lavours de milho e um cafezal	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
252	Conquista	MG0039 5	Califórnia	Córrego Barra Rica	23K 217000 7789000	Entre 1976 e 1973, quando da primeira aração do terreno, foram encontradas urnas funerárias contendo restos esqueléticos	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
253	Conquista	MG0039 6	Poçãozinho	Córrego Poçãozinho	23K 219000 7787000	O sítio encontra-se dentro do canal. Os poucos fragmentos cerâmicos coletados foram encontrados em um dos carregadores	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
254	Conquista	MG0039 7	Santa Cruz	Córrego Cardoso ou Lopes	23K 220550 7786500	O proprietário indicou a casa do vaqueiro como sendo a área onde foram encontrados os cacos cerâmicos. O terreno atualmente está bastante compacto e varrido, não tendo possibilitado a coleta de material	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
255	Conquista	MG0039 8	Mandioca	Córrego Barrinha	23K 213000 7788000	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
256	Conquista	MG0039 9	Coqueiros	Córrego da Conquista	23K 234500 7790000	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto. No local foram plantados, por 3 anos, milho e arroz e deverá ser empastado. Os vestígios foram encontrados apenas na estrada que corta o campo	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
257	Conquista	MG0040 0	Basílio	Córrego Poçãozinho	23K 220250 7788500	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
258	Conquista	MG0040 1	Jatobá	Córrego da Conquista	23K 235200 7789150	Sítio cerâmico formando um arco, que segue de NW para E, descendo a vertente em direção ao córrego	Aratu	UHE Igarapava / 1997	
259	Conquista	MG0040 2	Aldeia dos Dourados	Córrego Água Santa	47° 36' 51" 19° 55' 30"	Sítio cerâmico pré-colonial a céu aberto	Aratu	Paulo Junqueira e Ione Malta / 1989	
260	Conquista	MG0040 3	Escolinha	Córrego Barra Rica	23K 217250 7791500	Sítio cerâmico a céu aberto. Tratam-se de duas concentrações dispersas por 150m lineares, de NE para SW	Aratu	Paulo Junqueira e Ione Malta / 1989	
261	Conquista	MG0099 4	Muchoco	Córrego Barra Rica	23K 217500 7790000	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, situado na Fazenda Califórnia, área de plantação de cana de	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						açúcar. Apresenta estruturas funerárias			
262	Conquista	MG0099 9	Retiro	Rio Grande	23K 220500 7785500	Sítio cerâmico, situado na fazenda Santa Cruz	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
263	Conquista	MG0100 0	Rio Grande	Córrego Sem Nome	23K 217300 7784500	Sítio situado na fazenda Rio Grande, com solo marrom avermelhado, na área de plantação de cana de açúcar.	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
264	Conquista	MG0100 3	Usina Mendonça	Córrego Sem Nome	23K 233100 7782500	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, situado dentro das terras da Usina Mendonça, de solo vermelho	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
265	Conquista	MG0100 4	Turma 3	Rio Grande	23K 238000 7789500	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, situado na Fazenda Turma 3	Aratu	Consórcio da UHE de Igarapava - Projeto executivo - Relatório Final	
266	Conquista		Fazenda Lajeado			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava. Projeto Básico. Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
267	Conquista		Fazenda Boa Fé			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava. Projeto Básico. Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
268	Conquista		Córrego Dourados			Aldeamento	Aratu	UHE Igarapava. Projeto Básico. Relatório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas durante o ano de 1988 na Área de Influência da UHE Igarapava	
269	Delta		Vinhoto	Rio Grande	23K 211351 7793073	Sítio lito-cerâmico em meia encosta	Sem definição		

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
270	Fronteira	MG0253 2	T12	Rio Grande	22K 684834 7754462	Sítio cerâmico a céu aberto, muito alterado, possivelmente relacionado ao sítio Icém 1	Sem definição	Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial da Linha de Transmissão 500 kV Marimbondo II - Assis, localizada no corredor entre os municípios de Fronteira/MG e Assis/SP	
271	Frutal	MG0110 2	Mass 1a	Córrego Sem Nome		É caracterizado pela presença de material lítico lascado sobre um afloramento de basalto, mas a principal fonte de matéria-prima são pequenos seixos de quartzo e arenito, que afloram no local. Oficina lítica	Lítico	Projeto de Prospeção Arqueológica LT 500kW RPTE	
272	Frutal	MG0110 3	Mass 1b	Córrego Sem Nome		É caracterizado pela presença de material lítico lascado, cujo principal matéria-prima é quartzo hialino que aflora na forma de seixos e veios no local. Oficina lítica	Lítico	Projeto de Prospeção Arqueológica LT 500kW RPTE	
273	Frutal	MG0110 4	Mass 2	Arroio		É caracterizado pela presença de material lítico lascado, cujo principal matéria-prima é quartzo hialino que aflora na forma de seixos e veios no local, juntamente com basalto. Oficina lítica.	Lítico	Projeto de Prospeção Arqueológica LT 500kW RPTE	
274	Frutal	MG0110 5	Mass 3	Arroio		É caracterizado pela presença de material lítico lascado, cujo principal matéria-prima é base quartzo hialino que aflora na forma de seixos e veios no local, juntamente com basalto. Oficina lítica	Lítico	Projeto de Prospeção Arqueológica LT 500kW RPTE	
275	Frutal		Sítio 6 Marimbondo		22K 693 691 7790302	Este sítio arqueológico histórico, construído no início do século XX, apresenta um conjunto de edificações composto por sede e unidade de	Histórico	Scientia Consultoria. Diagnóstico Avaliação de Impactos. Linha de Transmissão 500 kV Itumbiara-GO - Marimbondo-MG. 2003	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						geração de energia elétrica (hoje desativada), além das demais estruturas de fazenda, como curral e paiol			
276	Frutal		Guaraciaba		22K 679513 7768024	Sítio cerâmico. A Fazenda Guaraciaba localiza-se na margem direita do rio Grande, tendo sido indicada por três dos entrevistados na localidade de Aparecida de Minas, distrito de Frutal, como tendo grande quantidade de material cerâmico, inclusive nos arredores das moradias atuais	Sem definição	Scientia Consultoria. Diagnóstico Avaliação de Impactos. Linha de Transmissão 500 kV Itumbiara-GO - Marimondo-MG. 2003	
277	Frutal		Rodrigues			Material arqueológico (cerâmica) próximo a região de Aparecida de Minas, na Fazenda do Sr. João Aguiar Rodrigues ("Joãozinho")	Sem definição	Scientia Consultoria. Diagnóstico Avaliação de Impactos. Linha de Transmissão 500 kV Itumbiara-GO - Marimondo-MG. 2003	
278	Itapagipe	MG01109	Mass 7	Antiga Nascente	22K 647338 7823315	É caracterizado pela presença de material lítico lascado, cujo principal matéria-prima é o arenito silicificado aflora no local. Quanto a geomorfologia o sítio está localizado em um pequeno topo de interflúvio, junto a antigas nascente	Lítico	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	
279	Itapagipe	MG01106	Mass 4	Arroio Pai João	22K 671869 7805358	É caracterizado pela presença de material lítico lascado, cujo principal matéria-prima é pequenos seixos de quartzos e arenito, trazidos ao local. Também foi constatada a presença de cerâmica, cuja características apontam para tradição Tupiguarani	Tupiguarani	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	
280	Itapagipe	MG01107	Mass 5	Antiga Nascente	22K 650927 7821217	É caracterizado pela presença de material lítico lascado, cujo principal matéria-prima é pequenos seixos de quartzo,	Lítico	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
						presentes no local devido a existência de um grande pavimento detrítico, e arenito silicificado, oriundo de outros locais			
281	Itapagipe	MG01108	Mass 6		22K 648141 7823339	É caracterizado pela presença de material lítico lascado, cujo principal matéria-prima é quartzo hialino que aflora no local, juntamente com o basalto, lascado em menor quantidade, como também o arenito provindo de outras áreas	Lítico	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	
282	Itapagipe	MG01110	Mass 8	Arroio	22K 645305 7825215	O sítio é caracterizado pela presença de material lítico lascado, cujo principal matéria-prima é o arenito silicificado, que aflora no local. Ainda existem peças arqueológicas confeccionadas em quartzo	Lítico	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	
283	Itapagipe	MG01111	Mass 9	Arroio	22K 619054 7847081	O sítio é caracterizado pela presença de material lítico lascado de matéria-prima diversas, como arenito, quartzo e calcedônia, que formam um pavimento detrítico sobre o arenito Botucatu	Lítico	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	
284	Itapagipe	MG01112	Mass 10	Arroio	22K 618331 7847564	O sítio é caracterizado pela presença de material lítico lascado, cuja principal matéria-prima é o sílex, oriundo de outros locais. O material arqueológico encontrado pertence a "Tradição Itaparica"	Lítico	Projeto de Prospecção Arqueológica LT 500kW RPTE	
	Iturama								
285	Prata	MG01871	Capão Seco		22K 693520 7904054		Aratu	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
286	Prata	MG01872	Dois Irmãos		22K 694818 7903703		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
287	Prata	MG01873	Guigó 1		22K 693638 7904332		Aratu	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
288	Prata	MG01874	Guigó 2		22K 693892 7904284		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
289	Prata	MG01875	Hildo		22K 695425 7901758		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
290	Prata	MG01876	Neto 1		22K 695290 7903329		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
291	Prata	MG01877	Neto 2		22K 695478 7902883		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
292	Prata	MG01878	Neto 4		22K 695456 7902726		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
293	Prata	MG01879	Neto 5		22K 695497 7902451	Sítio lito-cerâmico	Sem definição	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
294	Prata	MG01880	Neto 6		22K 695191 7903097	Sítio lito-cerâmico	Sem definição	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
295	Prata	MG01881	Neto 7		22K 695191 7903098		Aratu	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
296	Prata	MG01882	Neto 8		22K 695378 7902996		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
297	Prata	MG01883	Perdigueiro		22K 707174 7895315		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
298	Prata	MG01884	Três Barras 1		22K 699290 7901060		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
299	Prata	MG01885	Três Barras 2		22K 699558 7900599		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
300	Prata	MG02169	Neto 3		22K 695478 7902883		Lítico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	
301	Prata	MG01886	Três Barras 3		22K 699430 7900920	Sítio multicomponencial	Lítico e Histórico	PCH Cruz Velha. Zanettini Arqueologia	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
302	Prata		Sítio 3 Vera Cruz	Rio Prata	22K 724098 7872737	Trata-se de um sítio pré-colonial com alta densidade de material cerâmico, ocorrendo também material lítico polido e lascado (quartzo). Os fragmentos cerâmicos apresentam espessuras variadas, antiplástico mineral (areia) e não apresentam nenhum tipo de decoração plástica ou pintura, tratando-se provavelmente de cerâmica da Tradição Aratu	Aratu	Scientia Consultoria. Diagnóstico Avaliação de Impactos. Linha de Transmissão 500 kV Itumbiara-GO - Marimbondo-MG. 2003	
303	Prata		Sítio 4 Boa Vista		22K 683971 7844933	Sede de fazenda histórica. Antiga sede encontra-se em ruínas, construída sobre um porão de aroeira, com vigas de sustentação de madeira e alvenaria de tijolos não revestidos, coberta com telhas capa-canal	Histórico	Scientia Consultoria. Diagnóstico Avaliação de Impactos. Linha de Transmissão 500 kV Itumbiara-GO - Marimbondo-MG. 2003	
304	Prata		Sítio 5 Salto	Rio Prata	22K 685112 7843687	Sítio com arte rupestre. painel de aproximadamente 2x3m, com elementos zoomorfos pintados em cor amarela e vermelha, sobrepostos, alguns preenchidos e outros somente com o contorno delineado. O painel situa-se na porção elevada da Serra da Boa Vista, interflúvio entre o rio Verde e o rio da Prata.	Sem definição		
	Pirajuba								
	Planura								
305	Sacramento	MG0059 6	Sítio Cafundó	Ribeirão Borá		Sítio lito-cerâmico.	Sem definição		
306	Sacramento	MG0273 9	Fazenda Velha Caxambu		23K 274883 7793287	Sítio arqueológico de natureza histórica composto por estruturas de fazenda (muros de pedra, canais de água, casa sede, paiol, curral, muros de divisa)	Histórico	Prospecção LT Xingú-Estrito	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
307	Sacramento	MG0097 3	Antônio de Paula	Rio Araguari	23K 272100 7806100	Sítio lítico de superfície, com aproximadamente 250 m de comprimento e 120 de largura. Trata-se de uma área em topo de vertente, onde aflora grande quantidade de quartzito utilizado pelo homem pré-histórico para fabricar seus utensílios	Lítico	LT Araxá 2 - Jaguará	
308	Sacramento	MG0097 5	Paula Sobrinho	Córrego do Salto	23K 255750 7796750	Sítio lito-cerâmico situado no médio topo de uma pequena colina, com pouca declividade, a aproximadamente 80 metros de um córrego. Material lítico em pequenas quantidades e grandes concentrações cerâmicas bem preservadas foram depositadas a cerca de 30 cm.	Sem definição	Projeto de Salvamento Arqueológico da LT Araxá 2 - Jaguará	
309	Sacramento	MG0274 0	Quenta Sol 1		23K 274035 7770096	Sítio arqueológico de natureza pré-colonial composto por vestígios líticos em superfície de estrada de fazenda em meia encosta de colina onde se forma um pequeno patamar na direção norte onde há um córrego	Lítico	Prospecção LT Xingú-Estrito	
310	Sacramento	MG0097 4	José Francisco	Rio Grande	23K 246700 7787100	Sítio lito-cerâmico situado em uma antiga planície aluvial do Rio Grande com pouca declividade, a aproximadamente 100 metros da margem. Apresentou fragmentos cerâmicos de pequena dimensão, além de estilhas de quartzo	Sem definição	Prospecção LT Xingú-Estrito	
311	Sacramento	MG0190 0	NPES 3		23K 250476 7802775	Sítio lito-cerâmico.	Sem definição	Pecuária, L.T.500KV Emborc. - Ponte Nova-Itumb.	
	São Francisco de Sales								

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
312	Uberaba	MG0079 3	Catitu	Córrego Catitu		Oficina lítica localizada no terço médio da vertente, em área de declividade entre 2 e 5°, no médio baixo curso do córrego Catitu	Lítico		
313	Uberaba	MG0215 4	Fazenda Cascata	Rio Jataí	22K 806649 7819408	Sítio Histórico que se caracteriza por um conjunto de edificações (sede da fazenda com área de administração e senzala; silo; terreiro) e de ruínas (de muro de arrimo, edificação e usina hidroelétrica) de meados do século XIX ao início do século XX	Histórico	Diagnóstico Arqueológico Interventivo para o Projeto Logum - Trecho Itumbiara-Uberaba (Sistema de Transporte e Armazenamento de Etanol - Dutovia Itumbiara/GO - Uberaba/MG)	
314	Uberaba	MG0284 1	Uberaba	Rio Uberaba	22K 806451 7816955	Situado em média vertente, levemente inclinada em direção à parte externa de um meandro do Rio Uberaba, ocorrem diversos fragmentos cerâmicos, atestando 13 ocorrências, observadas ao longo do caminhamento. Sítio lito-cerâmico	Sem definição	Diagnóstico Arqueológico da Usina Águas Claras	
315	Uberaba	MG0260 4	Uberaba 2		23K 220621 7821474	Sítio arqueológico com material lítico lascado em superfície, dentro de uma caixa de empréstimo com cerca de 1,80cm de profundidade	Lítico	Prospecção Arqueológica para Regularização e Duplicação das Rodovias Federais BR-153/MG e BR-262/MG.	
316	Uberaba	MG0260 5	Uberaba 3		23K 217429 7818917	Sítio arqueológico lítico a céu aberto com material lítico a cerca de 1,70m de profundidade, a área onde o material foi encontrado corresponde a uma caixa de empréstimo	Lítico	Prospecção Arqueológica para Regularização e Duplicação das Rodovias Federais BR-153/MG e BR-262/MG.	
317	Uberaba	MG0260 7	Uberaba 1		23K 217686 7818955	Sítio arqueológico a céu aberto, com vestígios líticos em superfície e subsuperfície (10cm), em área de cascalho, com duas áreas de concentração distando 280m	Lítico	Prospecção Arqueológica para Regularização e Duplicação das Rodovias Federais BR-153/MG e BR-262/MG.	

ID Sítios	MUNICÍPIOS / MG	CNSA	NOME DO SÍTIO	HIDROGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	TIPO / TRADIÇÃO	FONTE	DATAÇÃO
318	Uberaba	MG0279 1	Fornos do Rincão	Córrego do Rincão	22K 801170 7845431	Consiste em uma bateria composta aparentemente por 13 fornos de carvão, que outrora poderiam ter sido 16, devido ao espaçamento existente	Histórico	Diagnostico Arqueológico Usina Vale do Tijuco	
319	Uberaba	MG0194 8	Encruzilhada		23K 223312 7809383	Sítio histórico	Histórico		
320	Uberaba	MG0194 9	Ponte Alta		23K 223584 7808951	Sítio histórico	Histórico		
321	Uberaba	MG0195 0	Varjão		23K 219993 7796722	Sítio histórico	Histórico		
	União de Minas								
	Veríssimo								

Fonte: IPHAN (2018); Schlobach (2000); Rasteiro (2015); Zanettini Arqueologia (2010); Fagundes (2015); L. Zago (2017); Pereira (2018).